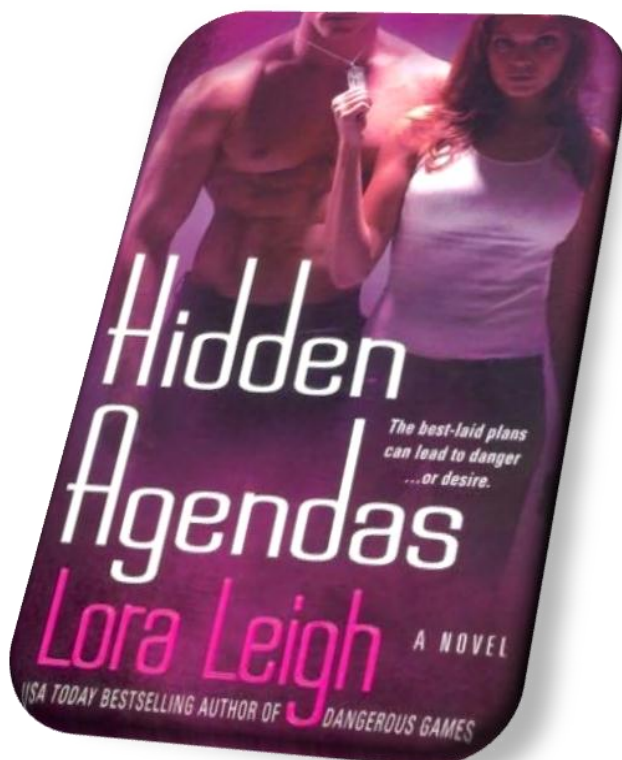




Tiamat-World apresenta:



Agendas Escondidas

Tempting Seals 04

Lora Leigh

Salvar vidas é a missão dele.

Resistente como aço, o Navy SEAL¹ Kell Kreiger é o melhor quando a questão é buscar, salvar e não pegar prisioneiros... ainda assim o ímpeto das missões eternamente perigosas não é o bastante para satisfazê-lo. Atormentado por um passado torturado, Kell busca a distração em um mundo secreto de intimidades sombrias. Mas quando Emily Stanton, um raio da luz na existência sombria de Kell, é perseguida por um cruel chefe das drogas, as regras do jogo repentinamente se modificam— e Kell terá de ir mais fundo do que alguma vez já houvesse imaginado...

Salvá-la é sua paixão.

Emily ama Kell desde que o pai dela, um político proeminente, o resgatou de uma vida brutal nas ruas. Eles eram crianças então, muito jovens para fazer algo com o sentimento que crescia entre eles... mas agora que Emily está pronta, o belo e forte SEAL decidiu que não é bom o suficiente para ela. Depois que ele a salvou de Diego Fuentes, o único dever de Kell é manter Emily segura. Mas Fuentes ainda não terminou com Emily - ou Kell. E para proteger Emily, Kell não terá escolha além de se despir de seus: corpo, alma e segredos; e lutar contra o mal com todo seu coração.

¹ O United States Navy Sea, Air and Land, mais conhecidos como US NAVY SEALs, é uma Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos especializada na guerra não convencional, ação direta, antiterrorismo e reconhecimento de terreno.





*Para todos os nossos homens e mulheres nas Forças Armadas.
Nós apenas podemos imaginar o perigo e a escuridão que vocês vivem.
Mas conhecemos a liberdade que vocês nos garantem.
E agradecemos.
Pensamos em vocês.*

Elogios a Agendas Escondidas

"Infidelidade e intriga se combinam com a quente sensualidade neste capítulo da saga dos SEALs da Leigh. O título deste livro em particular é adequado, já que muitos dos personagens não são o que parecem, e a traição pode ter consequências mortais. Os livros da Leigh podem chamuscar a tinta da página".

—Romantic Times

"Uma leitura evocativa e cativante".

—Romance Junkies



Prólogo

Diego Fuentes olhava o vasto panorama de precipícios e oceano além da casa emprestada em que estava, e refletia sobre o destino. O destino de um homem e o que ele constrói durante a vida, e como seu legado continuaria. O destino de um homem nascido para o poder, mas cuja grandeza é frequentemente diminuída por aqueles que ele ama.



O destino de um homem determinado a proteger e nutrir o último recurso que guiaria seu império no futuro.

Ao lado dele estava o relatório contrabandeado dos escritórios de Segurança Interna dos Estados Unidos. Páginas detalhadas com os relatórios dos homens que ele buscava. Suas forças e fraquezas, codinomes e localizações. A condição operacional e o fato de que cada homem era parte do golpe altamente organizado que tinha matado seu filho mais jovem e a esposa puta que ele tinha até dezoito meses antes.

As informações sobre o filho mais velho dele ainda estavam lá também. Um homem forte, orgulhoso, e um dos que estiveram envolvidos na mesma operação.

Havia linhas e laços, lealdades e amizades, entre os cinco homens. Cinco agora. Uma vez houvera seis. E cada um deles era outro vínculo na cadeia que o levava a seu filho.

Ele não podia matá-los, amarrá-los e alcançar seus objetivos. Por mais que ele quisesse matar todos, menos um deles, as mãos dele estavam atadas.

Este jogo tinha que ser jogado cuidadosamente; o sacrifício do sobrinho e do tio na operação contra o DEA² vários meses antes tinha sido lamentável, mas eles sabiam dos riscos e falharam. O fracasso não era aceitável. Agora, ele deveria decidir como se mover na batalha delicada entre ele mesmo e o filho que ele lentamente cortejava há muitos meses.

Os dedos dele batiam contra o braço da cadeira de couro enquanto encarava a distante linha do céu com os olhos estreitados.

Junto com os relatórios vieram informações sobre os senadores dos Estados Unidos encabeçando um comitê para vigiar a execução de leis de drogas da América e aconselhar certas operações sendo executadas.

Uma dessas operações era a Varredura Profunda, uma força tarefa multiagência instalada para tirar o espião que Diego tinha infiltrado no meio deles.

Um sorriso brotou nos lábios de Diego. Ele não era nenhum tolo, apesar de mostrar essa aparência ultimamente. Ele via os riscos, aceitava os sacrifícios, e permitia a ilusão de sua própria humildade para um fim. Para testar o garoto que eventualmente iria herdar tudo o que Diego havia construído.

Agora, outro movimento deveria ser feito.

Ele girou, abrindo os braços na escrivaninha para juntar os arquivos e relatórios espalhados diante de

² DEA – (Drug Enforcement Administration) ou Força Administrativa de Narcóticos é um órgão da polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos.



si. Através da escrivadinha, o velho conselheiro de seu pai, Saul, esperava pacientemente, a expressão cheia com tristeza por causa das notícias que tinham chegado dizendo que Santiago e Manuê tinham sido presos e estavam agora em uma prisão Americana para aguardar o julgamento.

"Você verificou o conforto para os meus tios e sobrinho?", ele perguntou a Saul então.

Saul pacientemente concordou a cabeça. "O dinheiro será passado de hoje em diante para as mãos adequadas. Todas as necessidades deles serão cuidadas".

Diego concordou com a cabeça enquanto se debruçava de volta na cadeira e considerava Saul zombeteiramente. "E nosso espião, Sr. White? O que você descobriu?".

Saul suspirou fortemente. "Como eu te adverti, meu amigo, este homem é ganancioso e está ficando mais poderoso, e é comprovado por sua nova associação com o terrorista europeu Sorrell, que deseja fazer uso do seu cartel. Juntos, eles se moverão contra você quando acreditarem que está na hora certa. Eles evidentemente decidiram que a hora ainda não chegou".

Diego concordou com a cabeça. Isto ele sabia também. Ele já tinha percebido isso nos últimos anos com as informações cuidadosas que tinha recebido de seu espião. Poder significava tudo para alguns homens. Para este homem especialmente. E ele acreditava que sua associação com a célula terrorista de Sorrell o traria esse grande poder.

Diego o mostraria o erro de seus caminhos. Eventualmente.

"Os relatórios dele são precisos?", Diego perguntou.

"São precisos, mas ele negligenciou mencionar importantes fatores-chave relativos a cada um deles. Ele está retendo informações, salvando-as para seus próprios objetivos, ou para um tempo em que isso puder trazer recompensas a ele".

"Como informações desse homem?", Diego ergueu um arquivo e o jogou para Saul.

A foto na capa da pasta com papéis era severa. Talvez fosse por causa da luz baixa ou algo dentro do homem mesmo. Feições selvagens, olhos de esmeralda perfurantes, e uma expressão chocante e perigosa. Esse era um homem que outros sempre ficavam cautelosos.

"Kell Kreiger. Ele é o neto de uma família Louisiana muito proeminente. O que o nosso amigo se esqueceu de mencionar é que o Sr. Kreiger cruzou o nosso caminho uma vez antes em Nova Orleans, quase quinze anos atrás. Nós fizemos um exemplo de vingança com sua esposa em retaliação ao seu trabalho com um detetive de Nova Orleans. Ele matou dois dos nossos melhores homens, de mãos nuas".

"Interessante que o nosso amigo não tenha mencionado isto", Diego meditou.

Diego realmente se lembrava do incidente, mas não se lembrava do nome. Deserdado por ter se casado com a namorada grávida, uma mulher nascida nas ruas com nada além de seu nome e as roupas.



Kreiger tinha se apaixonado por ela na tenra idade de dezessete anos. Ele se casou antes de fazer dezoito. Seis meses mais tarde, tinha deixado Nova Orleans e se juntado a Navy, um viúvo.

Para sustentar a jovem esposa Kell trabalhou em um bar local em Nova Orleans, um estabelecimento onde dois altos fornecedores dentro do cartel de Diego frequentavam. Kreiger estava espiando os membros do cartel para um investigador da polícia local. Isso tinha resultado na prisão deles durante um negócio de drogas particularmente importante.

Eles tinham advertido o jovem, Diego pensou com remorso. Eles o tinham advertido a não testemunhar contra os fornecedores, mas ele não tinha escutado a advertência. A esposa e a criança tinham pagado o preço. Mas Diego não sabia na hora da gravidez da esposa. Talvez ele tivesse parado a mão se tivesse sabido. Permitido à esposa viver em vez de dar a ordem de sua morte. Mas isso já tinha sido há muito tempo, e durante um tempo em que Diego acreditava que poder só vinha com sangue.

Ah, os enganos que ele tinha feito na mocidade. O sangue que ele tinha derramado naquele tempo teria sido mais bem utilizado se ele tivesse permitido clemência. Tais enganos fizeram um homem, mas ainda mais, eles lembravam a um homem, quando a idade começava a avançar, de sua própria mortalidade.

"E quanto a este aqui?", vendo linhas e conexões, Diego lançou outro arquivo em direção a Saul.

"Senador Richard Stanton e sua filha, Emily. O senador é um antigo Navy, um SEAL. De conhecimento bastante público. O que o seu espião não disse é que foi ele quem ajudou no planejamento e ataque da sua propriedade na América do Sul - que resultou nas mortes de sua esposa e do seu filho, Roberto. Claro, nós sequestramos a filha dele junto com as outras meninas que foram trazidas de lá. A filha dele, Emily, é professora em uma escola de Atlanta. Outra pequena informação não foi dada é que ela apreciava um passatempo bastante excêntrico. Ela escreve livros de romance, mas ainda não publicou nada do que já escreveu. Os esforços dela de pesquisas eu incluí no meu relatório anexo".

A garota apreciava alguns modos sem iguais de pesquisa, Diego pensou com um sorriso escondido. Ela era tão selvagem quanto o vento e quase tão inocente quanto à neve que acabou de cair. Pela inocência ele não esperava, mas os registros do médico dela confirmaram.

"Você foi, como sempre, completo". Diego bateu os dedos contra a escrivaninha. "Creio que está na hora de mostrar ao nosso amigável espião que seus esforços de me derrotar não terão sucesso. Eu tenho um joguinho particular em mente para isso".

"De que modo?", Saul perguntou, debruçando-se adiante agora com interesse.

"Ele solicitou que nós cuidamos de um certo problema para ele", Diego meditou. "Este senador Stanton o preocupa, e ele deseja que cuidemos dele assim como sua filha. Parece que ele teme que a



menina se lembre de algo se ela ficar aqui, especialmente daqueles eventos que ela compartilhou com as outras duas meninas que foram sequestradas com ela. Diga a ele que nós faremos isto. Então, envie uma mensagem para Judas e o informe que esta ação acontecerá e que o time de SEALs, Durango, é a única força que eu temo agora. Afinal, dois de seus membros já me derrotaram. Talvez eu me preocupe, tarde na noite, que estes homens são muito poderosos para que eu os derrote". Os lábios dele se curvaram com o pensamento.

"Judas Ele não é tão fácil de enganar, Diego".

Diego agitou a cabeça. "Quando você der as informações, diga a ele também que nós descobrimos um rumor de que o SEAL desaparecido que ele está procurando foi preso pelo mesmo homem que o senador procura e que existe a chance de nós podermos negociar sua soltura. Diga a ele, então, que todas as coisas vêm com um preço, e ele deve decidir se é um preço que ele pode pagar".

"Você quer o menino quando o chantageia para ir para os seus braços, Diego?", Saul perguntou suavemente.

O punho de Diego bateu violentamente sobre a escrivaninha de madeira. "Eu tomarei meu filho do jeito que puder!", ele grunhiu. Então, com força de vontade ele recuperou o controle, a mandíbula apertando com o esforço necessário. "Eu não terei que chantagear. Ele é um homem de palavra e é leal. Eu tive que retroceder todas as vezes que encontrei os homens dele. Eu dou a ele coisas que ele precisa para salvar aqueles que ama. Eu mostrei a ele minha lealdade, agora ele deve me mostrar a dele. Diga isso a ele. Esta mulher está em perigo". Ele apontou para o arquivo. "Ela está em perigo por causa das investigações do pai para identificar o espião do governo. Um espião que também conhece o local do irmão SEAL desaparecido. Este time será atribuído para a proteção dela. Eu sei disto. E eu terei então a chave final para as correntes que amarrarão meu filho a mim. O homem que nós mantemos não será mais útil para nós sem a droga que estamos usando para fazê-lo perfeito. Com a morte do cientista, o ganho financeiro não será mais uma opção. Mas a segurança dele será de suma importância para o menino".

Saul o encarou por longos momentos antes de perceber que começava a amanhecer. "Ele terá que se comprometer aos olhos das pessoas a salvar o amigo. Ele não terá mais a confiança deles".

Diego concordou com a cabeça devagar. "Aquele chamado Macey, trabalha diligentemente para descobrir a identidade de Judas. Descobrir esta informação é muito importante para ele. Nós daremos a Macey a chave final para descobrir quem é Judas se ele não vier até nós de boa vontade antes disso".

Saul inclinou a cabeça em aprovação. Desconcertantemente, Diego sentiu um pouco de orgulho na resposta do idoso. Esse era o mais próximo de um pai que ele pudesse vir a ser, e sua aprovação era quase como uma bênção para ele.



"Eu começarei o plano". Saul ficou de pé lentamente, a idade embarçando os movimentos que um dia tinham sido macios e poderosos. "Você terá o seu filho logo, meu amigo".

Diego anuiu com a cabeça de acordo, mas em seu coração ele não acreditava que seria fácil com o seu menino. O filho tinha sido criado com ódio pelo pai que nunca tinha conhecido. O filho o temia quando criança, e a mãe que o havia criado tinha ficado apavorada pela vida dele por causa de vingatividade de Carmelita.

Uma criança que ele não conhecia até a morte da cadela. Os times de assassinos enviados para persegui-lo e matá-lo, a ameaça constante de morte ou sequestro, haviam resultado em uma criança quem conhecia apenas o desejo sangrento de vingança.

Derrotar a luxúria de sangue tinha sido a batalha mais dura. Tinham sido necessários quase dois anos de cuidadosas manobras antes que o filho aceitasse a verdade. E agora, agora, Diego estava tão perto de atraí-lo, ganhar a lealdade de um homem conhecido entre seus pares como um homem em quem se podia sempre confiar. Ele era um homem de palavra, e de armas. Ele era o homem a levar o cartel de Fuentes para o futuro.

Mas, primeiro, mais um joguinho. Era necessária mais uma tacada sutil para atraí-lo. Esta mulher, Emily Stanton, teria a opção de apenas dois protetores. Diego sabia qual seria, Judas nunca daria seu coração para uma coisa tão tenra até a morte de Diego ou seu encarceramento.

Isso deixava Kreiger. Ele tinha aprendido muito a respeito desse time SEAL nos últimos dezoito meses. Dois eram casados, e ferozmente dedicados às esposas. Eles também eram os oficiais seniores do time. A proteção da garota iria para um de grau menor enquanto os superiores defenderiam o senador e este Macey trabalharia com os computadores para buscar informações.

Cada um deles tinha seus papéis, separados, mas trabalhando juntos em todas as operações que empreendiam. Disciplinados e no controle, eram guerreiros poderosos. E quando o filho dele aceitasse seu legítimo lugar, então ele traria esta disciplina e controle para os homens abaixo dele.

Diego sorriu. Um cartel de homens treinado com o mesmo grau de precisão que um Navy SEAL por um homem dedicado ao futuro do cartel, e o poder dos Fuentes aumentaria em dez vezes.

E esse era o sonho dele. Um dia deitar seguramente na cama, saído desta terra porque a idade não podia ser negada, e sabendo que seu legado, o legado de seu pai e avô, prosperaria pelo sangue dos Fuentes. Um sonho que agora ele podia ver que iria dar frutos.



Na idade Média Emily Stanton teria sido amarrada a uma estaca e queimada por bruxaria. Ou acorrentada e presa em um pequeno buraco escuro onde não pudesse enlouquecer os homens, Kell Kreiger pensou com um sorriso enquanto mantinha distância cuidadosa entre si mesmo e a caminhonete Trailblazer de Emily enquanto eles atravessavam o fluxo do tráfego de Atlanta que estava ficando pesado.

Se fosse na Idade Média, ele a teria salvo do buraco escuro ou da estaca, vestido-a com roupa de couro, dado a ela uma espada e seguido-a para a batalha. Porque com toda certeza, qualquer homem que a visse vindo em sua direção ficaria abobalhado por tempo o suficiente para um guerreiro forte arrancar sua cabeça dos ombros.

Mas ele não estava na Idade Média, o tráfego de Atlanta não era realmente uma zona de guerra, apesar de às vezes parecer. Como agora, logo antes da hora do rush, quando motoristas lutavam para escapar dos engarrafamentos enlouquecedores como estudantes kamikazes³ sem medo da morte.

Emily certamente não tinha medo nenhum. Mas, novamente, ele não podia se lembrar de um tempo em que ela tivesse conhecido o medo. Até mesmo quando deveria ter, a hora em que foi amarrada e jogada em uma choça suja onde encarou os homens de Fuentes com ódio.

O que ela fazia na auto-estrada significava experiência. Alguém havia ensinado a ela técnicas de direção agressivas que teriam deixado um SEAL orgulhoso. Inferno, ela tinha perdido a traseira que estava certo de ter logo à frente quilômetros atrás.

Pesquisa. Ele apostava que ela tinha feito algum tipo de lições com o pretexto de pesquisa para os livros que nunca eram publicados e histórias que sempre estavam apenas na metade para terminar.

E ele teve que sorrir ao pensar nisto. Ela estava deixando o pai louco com a tal pesquisa, e ao longo dos anos ela tinha dado a Kell diversão sem fim enquanto escutava o delírio do senador e falava com entusiasmo sobre suas façanhas nas raras ocasiões em que Kell tinha conseguido se encontrar com ele ao longo dos anos.

Mas agora, o perigo em que ela estava envolvida fazia o senador suar, especialmente depois do sequestro dela por Fuentes há quase dois anos.

Ela não estava segura. E com o modo como ela mantinha os guarda-costas nas palmas das mãos, eles não seriam de nenhuma ajuda quando Fuentes decidisse levá-la novamente, como as informações

³ Kamikazes - Em Japonês o nome "kamikaze" é apenas usado para designar o tufão que se diz ter salvo o Japão em 1281 de ser invadido por uma frota liderada por Kublai Khan, conquistador do Império Mongol, e neste caso, pode ser traduzido como: "Vento de Deus em prol do Japão" - 神風. Na língua inglesa, contudo, refere-se habitualmente a um ataque suicida usado pelos pilotos japoneses que combateram na Segunda Guerra Mundial.



sugeriam que ele iria. Ela não estava segura, mas achava que podia se proteger. Ela era apenas esperta o suficiente para ser perigosa para si mesma, e muito gentil para ser um perigo para o mal que a perseguia.

Eles pensavam que ela estava segura. Deus o ajudasse, ele acreditava que Fuentes aderiria às regras do jogo e a deixaria em paz após o salvamento dela do primeiro sequestro. E talvez ele tivesse deixado, se o espião com o codinome Sr. White não tivesse ficado mais preocupado com os esforços do pai dela de persegui-lo.

Agora, aqui estava Emily, lutando para achar uma vida apesar da super proteção do pai e a sombra do perigo. Por sete anos ela tinha vivido com um guarda-costas atrás do outro, suportado o amor super protetor do pai, e tentava equilibrar suas necessidades contra seus medos.

Mas, pelo jeito, ela estava ficando cansada da batalha.

Hoje, ela estava usando o disfarce que tinha usado na última semana antes de seguir para o seu condomínio nos subúrbios de Atlanta para o clube de strip, do outro lado da cidade grande.

A longa peruca marrom e a maquiagem apenas enganariam alguém que realmente não a conhecesse. Kell a teria reconhecido em um segundo, não importava qual seu disfarce.

A conversa dele pela manhã com o pai dela quando ele tinha dado o relatório oral tinha mostrado muita coisa. O guarda-costas Dyson estava pronto para cair fora, se o relatório que ele tinha enviado na noite anterior fosse alguma indicação.

Chet Dyson tinha advertido o senador de que a situação não estava dando certo e que a filha dele estava se tornando muito confrontante para que ele pudesse eficazmente protegê-la, especialmente considerando que o senador tinha se recusado permitir a Dyson contar a ela sobre a ameaça renovada. Dyson estava ficando nervoso. Estava na hora de cair fora.

Maldição, ela era boa neste tráfego. Ela entrou na frente de um caminhão de dezoito rodas com bastante espaço de sobra mas com um movimento que quase o pegou de guarda baixa e o impediu de avançar com ela.

Buzinas berraram e ele estava certo de que havia homens a amaldiçoando de uma pista a outra. Homens ficam nervosos quando uma mulher dirige assim. Era impossível de se predizer. Poucos homens podiam lidar com uma mulher agressiva e impossível de predizer. Kell amava isto. O desafio queimava em seu sangue e fazia seus lábios curvarem com um sorriso de antecipação. Ele nunca tinha encontrado uma mulher que achasse excitante fora da cama. Mas esta aqui, ela manteria um homem aos seus pés bem além da idade onde deveria ser possível. E ele sabia disso desde a noite em que ela tinha celebrado dezoito anos e tinha virado o mundo dele de cabeça para baixo com um sorriso.

Ela era uma mulher que apreciava a vida. Faiscava em seus olhos e ficava claro no sorriso. Era uma



mulher que, com toda certeza, o deixaria louco e ele não era nem oficialmente seu guarda-costas ainda. Ele era apenas o otário encarregado de segui-la junto com o atual guarda-costas até que os equipamentos estivessem a postos e o time Durango pudesse ser reunido de seus vários locais e posto em ação. Deus o ajudasse quando ele tivesse que ficar na casa dela sob o disfarce que o chefe dele o havia informado que ele usaria.

Porque ele tinha desejado a Senhorita Emily Stanton por sete anos. A única coisa que a havia salvado era o fato de que ele raramente estava ao redor dela. Viver em sua casa, dormir sob o mesmo teto com ela, fingir ser seu amante iria acabar com ele e ele sabia disso. Logo, ele a teria em sua cama; a única batalha seria mantê-la fora de seu coração.

Enquanto ele lutava para acompanhar o tráfego, Kell se viu xingando junto com todos os outros homens nos carros ao redor. Se ele não tivesse tentado segui-la, ele teria reconhecido a esperteza e ousadia dela. Mas ele estava tentando segui-la, e ela estava deixando isso muito difícil de fazer.

Acontecia todas as vezes que ele a seguia para qualquer lugar. Ele a estava maldizendo por horas. Jurou que iria amarrá-la e colocá-la em um armário. Que acharia uma pequena e boa ilha desabitada para levá-la para que ela não pudesse se arriscar ou arriscar aos outros.

Um homem ficava contente por ter um testamento, ainda que não tivesse um herdeiro.

Quem sabia que uma caminhonete poderia se mover assim? Ele estava em sua Harley e não podia ganhar o impulso que ela estava usando na interestadual com quatro pistas cheias na hora do rush.

Ele estava recitando cada xingamento que tinha aprendido, em árabe, em uma prisão do Oriente Médio três anos antes. Então ele tinha tentado as versões russas que tinha aprendido em uma pequena e fria prisão em alguma província em montanhas escondidas que ele não queria nem pensar.

Mas ele conseguiu, a apenas centímetros de sobra entre o pneu da parte de trás de sua preciosa Harley e uma picape 4x4 tão larga quanto um celeiro.

Mas ele estava de volta na traseira dela, e grunhindo enquanto ela fechava e costura no tráfego do centro da cidade.

Porque era óbvio que o guarda-costas não podia fazer nada com ela. Ele não era nem esperto o suficiente para chamar um auxílio para contê-la. Como se auxílio pudesse fazer qualquer coisa com uma pequena e escorregadia raposa, ele pensou com um misto de diversão.

Mantendo uma distância cuidadosa entre sua Harley e a caminhonete dela, ele afinou os lábios uma vez mais e prometeu a si mesmo que no minuto em que assumisse o comando da segurança dela, ele iria trancá-la em um quarto sem rotas de fuga e jogar a maldita chave fora.

Então os lábios dele se curvaram em diversão. Inferno, não, ele não a trancaria. A primeira coisa que



ele iria fazer era ver o quão rápido ele conseguiria ter todo aquele fogo e paixão entre os lençóis.

Ele tinha esperado por muito tempo por ela. Ela estava mais velha agora, amadurecida. Ela poderia ir para a cama com ele e não seria destruída quando estivesse na hora de ele ir embora.

Enquanto ela entrava nos fundos de um clube de strip, ele emendou a ideia prévia. Ele não a trancaria em um quarto. Um quarto seria bom demais para ela pelo inferno que ela o estava fazendo passar assim que ele a arrancasse da boate do Timbo. Ele acharia correntes e um buraco fundo o suficiente para conter sua pequena bruxa. Porque com toda a certeza, se ele a arrastasse para fora deste lugar, ele acabaria ficando puto. Contundido, sangrando, e talvez com alguns ossos quebrados. E por causa disto, ele iria exigir um pouco de satisfação.

Não, não apenas um pouco. Muito. E provavelmente mais do que ambos precisavam. Definitivamente mais do que ele deveria estar pensando. Porque ele continuava a imaginar, não em um buraco, mas em uma cama, os braços dela estirados sobre a cabeça, as pernas bem abertas e convidativas. E aquele pequeno corpo luxuriante ansiando por ele.

Maldição, uma ereção dura como aço não era o que ele precisava agora.

Ele colocou a Harley em uma ruela ao lado do estacionamento da parte de trás, escondendo-a atrás das árvores que lutavam para viver no meio da podridão e decadência que as cercavam, e assistiu enquanto Emily e seu guarda-costas se moviam do veículo.

Ele acabaria em uma briga antes que isso terminasse.

Não que Kell se importasse de lutar. Inferno, ele amava lutar. Mas ele não achava que o senador apreciaria que os pés de sua garotinha estivessem em um clube de strip, não com o perigo que ela enfrentava agora. E o senador não ficaria muito feliz.

Kell se questionou quanto a óbvia falta de sanidade do atual guarda-costas de Emily.

Chet Dyson era um antigo marine⁴, duro, supostamente destemido, mas era temor o que Kell via em seu rosto. Desespero. Ele estava procurando uma rota de fuga, não um atacante, mesmo enquanto discutia com sua função.

Kell agitou a cabeça. Ele ouviu o outro homem discutir com ela à medida que eles partiam, exigindo as chaves, ameaçando chamar o pai, amaldiçoando. Mas o imbecil estava acomodado no lado do passageiro de qualquer maneira e deixado Emily fazer o que quisesse.

⁴ Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (em inglês: United States Marine Corps; abreviação oficial: USMC) é um ramo das Forças Armadas dos Estados Unidos. Embora o Corpo de Fuzileiros Navais inicialmente servisse somente na segurança de navios da Marinha americana e em táticas anfíbias de guerra, o Corpo de Fuzileiros Navais evoluiu gradualmente até se tornar numa força militar individualizada, com múltiplos objetivos nas forças armadas americanas.



Eles desapareceram na porta de trás do clube de strip e Kell suspirou exausto. Ele teria que entrar lá e descobrir o que diabo ela estava aprontando. Isso era algo que ele tinha desejado adiar, porque tendo descoberto os hábitos de pesquisas até agora, tinha o pressentimento de que isso poderia destruir seu controle. Era sorte dele que ela estivesse pesquisando o criminoso no ventre de Atlanta, um movimento que com certeza conseguir que a linda cabecinha dela fosse arrancada dos ombros.

Agitando a cabeça, ele ligou a Harley e a colocou ao redor do lote dianteiro onde estacionou embaixo do olhar de águia do porteiro da boate do Timbo. Kell bufou com o título. Tiny⁵ não era a ideia de ninguém de um porteiro. Ele tinha dois metros e treze centímetros de músculos grosseiros e uma expressão que faria um urso pardo parecer bonzinho. Os olhos pretos estreitados assistiam-no calado enquanto ele saía da Harley e poderosos braços negros cruzavam sobre o tórax largo.

"Que tipo de problema você está querendo aprontar aqui, Kreiger?", Tiny perguntou suspeitosamente enquanto ele se aproximava da porta.

"Nada muito sujo, Tiny". Kell sorriu amplamente. "Deixe-me entrar para uma bebida. Minha pomba acabou de entrar pela porta dos fundos e eu preciso vigiá-la".

A diversão chamejou nos olhos de Tiny. "Aquela pequena para qual Cherry está dando lições de dança?", se Kell não estava enganado havia uma ponta de afeto na voz do homenzarrão. Isso era assustador. Previsível, mas mesmo assim assustador. Ela tinha um jeito de atrair as pessoas, de fazê-las se importarem quer elas quisessem ou não.

Ele com toda a certeza não queria. Mas desde o momento em que a havia encontrado quinze anos antes, apenas semanas depois da morte de sua jovem esposa e o filho que não nascera, ele se percebeu examinando o olhar muito perceptivo dela e sabendo que se ele não fosse cuidadoso, ela o faria se importar.

"Sim", Kell disse lentamente, estreitando os olhos. "Por quê?".

"Ela vai fazer uma lap dance⁶ esta tarde. Para mim".

Todos os ossos e músculos no corpo de Kell se apertaram enquanto a ira chamejava através de seus sentidos.

"Ela vai fazer o quê?".

Tiny sorriu amplamente para ele. "Ela tem recebido lições de Cherry esta semana. Hoje é o dia do teste. Ela vai fazer os movimentos e Timbo disse que ela poderia fazer para mim".

⁵ Tiny = minúsculo.

⁶ Lap dance = dança feita, especialmente, nos colos dos clientes por stripers.



Que inferno. Enquanto Kell o encarava ele moveu a mão para a carteira, pegou-a, e soube que estava afundado em merda quando Tiny a olhou com satisfação.

"Agora, por que será que eu sabia que você não gostaria disso?", a voz do homem estava cheia de presunção. "Garoto, você tem o olhar de um homem que está se preparando para se afogar. Talvez eu devesse te salvar de si mesmo".

"Quanto?".

"Eu gosto de você, Kreiger". Ele agitou a cabeça. "Mas ela é muito bonita".

Kell puxou cem.

"E eu sei que Cherry a está ensinando". O sorriso de Tiny ficou mais largo.

Kell puxou mais uma de cem.

"E ela é o mais lindo docinho".

Kell puxou a faca da bota com um movimento tão rápido que Tiny apenas teve tempo de piscar antes da ponta estar apertada contra sua garganta.

Ele tragou firmemente. "Mas ela não é assim tão doce". Ele pegou as duas notas de Kell e com a mão fez um movimento convidativo. "Melhor você do que eu. Aquela mulher é problema".

Os lábios de Kell se afinaram, enquanto ele abaixava a faca e a deslizava de volta na lateral da bota.

"Não admita ninguém mais", ele ordenou.

"Eu não deveria admitir você", Tiny grunhiu.

Kell deu a ele um olhar cortante, assassino.

"Mas, ei, cara, eu conheço você e essa faca". Ele sorriu amplamente. "Eu mantereí o lugar limpo. Essas eram as ordens de qualquer maneira. Melhor se apressar, o show vai começar logo. É garantido que será de matar".

Não, merda. Kell estava começando a achar que Emily Stanton estava envolvida, então não importava o que fosse, tinha o potencial de matar.

O pai dela, um antigo SEAL, tinha feito um grave erro tático ao dar a ela um gostinho de excitação quando criança antes de tirar dela e tentar casá-la com um homem determinado a controlá-la.

Kell a estava assistindo ao longo dos anos, nunca interferindo, apesar de sua discordância com o senador. Ele tinha visto a série de homens que tinham sido enviados para guardar aquele corpo deleitável com aspirações de casamento. Essas aspirações nunca duravam muito. Algumas semanas ou alguns meses. Eles se esquivaram da vida dela com o rabo entre as pernas.

Até dois anos antes. Quando ela tinha batido o pé pela primeira vez e recusado outra presença masculina na casa. Três meses mais tarde, Fuentes a tinha pego. E ela apenas tinha se tornado mais



determinada desde então a aprender como se proteger.

Essa não era uma mulher que aceitava limites, a menos que fossem dela mesma. Ela fazia as próprias regras. E Kell entendia isso. Respeitava. Ainda que ele estivesse determinado que antes de tudo estivesse terminado, ela formaria as regras não apenas para adaptar não só as necessidades dela, mas as dele também.

Ele tinha achado uma raposa. Domesticá-la não estava no programa de trabalho, mas tocá-la, prová-la, seria necessário planejamento cuidadoso. Porque raposas não cediam facilmente.

Não havia nada fácil em Emily. Mas tudo bem, porque não havia nada de fácil nele também.

Capítulo Dois

Emily verificou se a peruca longa, marrom escura, estava firmemente no lugar, as mechas de cabelo não mostrando que, de fato, era realmente uma peruca. A maquilagem exagerava o arco das sobrancelhas e as pálpebras e as roupas atrevidas não eram nada como as roupas soltas e confortáveis que ela normalmente usava.

Não que ela achasse que Cherry, a stripper, tivesse sido enganada. Ela sabia que Emily estava disfarçada. Mas ela não sabia quem Emily era e isso era tudo que importava. Quando a filha de um senador saía para pesquisa, tinha que pelo menos tentar manter um pouco de decoro. Especialmente quando a dita filha do senador tinha estragado tudo antes e sido sequestrada.

O pai dela ainda não a havia deixado esquecer isso, e provavelmente não esqueceria isto durante algum tempo. Ela provavelmente não se esqueceria também, os pesadelos a asseguravam disto. Isso não significava que ela tinha a intenção de enterrar a cabeça em um buraco de avestruz do pai e se esquecer de viver.

Se ela fizesse isto, então Fuentes e o monstro que assombrava os pesadelos dela teriam ganho. Ela não iria permitir que isso acontecesse.

"Então, qual a roupa?", a stripper que Emily tinha contratado para ensinar os movimentos da dança indicava uma fila de roupas ostentosas e cintilantes para escolher.

Emily deu uma olhada rápida para a fila de roupas nas prateleiras enquanto a dançarina acenava na direção delas negligentemente. Cherry Layne era alta, pelo menos um metro e setenta e cinco centímetros sem os saltos altos, e muito magra. Droga, Emily odiava mulheres esbeltas.

Os cachos cor de ouro avermelhado cascadeavam pelos ombros esbeltos de Cherry e emolduravam o



rosto travesso que mantinha um sorriso frequentemente.

"Que tal o uniforme de estudante?", Cherry indicou a pequena saia pregada e o top branco que estavam na prateleira. "Os homens ficam selvagens com essa roupa".

"Ei, Cherry. Não, isto é errado". Ela não podia usar isso. Ela era uma professora, pelo amor de Deus. Pelo menos, ela voltaria a ser professora depois das férias de verão. Isso já era o suficiente.

O sorriso de Cherry era travesso. "Menina, você não sabe as fantasias que está perdendo".

Emily estremeceu e agitou a cabeça com uma careta. "Não eu. Não, obrigada".

A stripper apenas riu e colocou a mão em outra roupa.

"Líder de torcida?".

"Ugh". Emily fez uma careta. "Continue".

"Não há muito aqui que servirá para você". Cherry franzia o cenho enquanto Emily dava a ela um clarão zombeteiro.

"Você não tem que mencionar isso constantemente". Ela suspirou.

"Doçura, você tem curvas", Cherry disse. "Eu adoraria ter curvas, mas alguns destas roupas horríveis deixam o corpo reto".

Ela ergueu uma tanguinha e um sutiã delgado como exemplo. "Não é exatamente um material curvo". Ela riu.

"Não é exatamente meu tipo de material também". Emily agitou a cabeça. "Vamos fazer simples".

Muito simples. Ela não queria exibir cada centímetro de pele, apenas sentir como era sensual dançar. Kira tinha jurado que acordaria hormônios que ela nem sabia que tinha. Cherry tinha prometido que faria com ela parecesse quente e desejável.

"Hmm. Que tal este aqui? Fica perfeito com a sua forma e também com a sua personalidade. Agradável e doce por fora e toda imoral por dentro".

"Imoral?", Emily ergueu as sobrancelhas, sem saber se deveria ficar ofendida ou divertida.

Ela nunca tinha sido considerada imoral em toda a vida. Pudica. Rainha do gelo. Frígida. Mas nunca uma mulher imoral. Talvez ela devesse levar como um elogio, ela pensou divertida.

"Pelo lado de dentro, doçura". Os olhos de Cherry faiscavam com riso. "Os homens amam a boa menina na vida pública e a prostituta na vida privada. Você ainda não tinha percebido isso?".

Não. Ela não tinha. Mas admitia que sua educação tinha sido carente.

"Interessante", ela murmurou, perguntando-se se tinha conseguido esconder o fato de não ter a mínima ideia do que a stripper estava falando.

"Mas, alguns dos tipos intelectuais gostam de fingir que não querem isto". Cherry encolheu os



ombros. "Os homens assim vêm aqui. Eles se casam com suas pequenas madonas⁷, e têm suas amantes fogosas por fora. Mas alguns homens, homens que sabem como tratar uma mulher, entendem isto".

E onde ela deveria achar um assim?

"Aqui, experimente isto". Cherry deu a roupa a ela.

Não era exatamente uma fantasia; parecia mais com uma simples saia de negócios e uma blusa de algodão branco. Mas daria certo.

"Você comprou a lingerie sensual que eu te disse para trazer?", Cherry perguntou enquanto colocava a saia e a blusa na cadeira ao lado de Emily.

"Estou usando agora". Emily sorriu amplamente ao pensar na roupa íntima sensual de renda que estava usando. "Tem certeza de que vai funcionar?".

"Perfeitamente". Cherry acenou com uma mão negligentemente em resposta à pergunta de Emily. O dono deveria organizar para que um dos seguranças estivesse disponível para a lap dance. "Timbo não engana seus clientes. Ele terá alguém lá fora e você poderá arrebenhá-lo de pancada se não tiver".

Qual seria exatamente o sentido de ter toda a dificuldade para aprender os passos da dança exótica e, especificamente, a lap dance se ela não pudesse experimentar em alguém? A pesquisa que ela precisava era específica. E se ela não achasse um jeito de convencer sua agente de que seus personagens poderiam e ficariam sórdidos, então sua carreira literária estava terminada antes mesmo de verdadeiramente começar.

"Seja quente!", Cicily disse a ela. "Seja devassa. Mostre aos editores que as mulheres sabem como serem mulheres e que seus homens sabem amá-las, ou você não vai vender".

Ela revirou os olhos com o pensamento enquanto vestia a saia e a blusa curta. Ficar quente. Devassa. Ela precisava ter sexo antes de secar completamente e se transformar em uma uva passa.

Os heróis malvados dela não eram tão ruins e as mulheres que amavam não eram personagens superficiais. Talvez ela fosse o problema. A escritora superficial. Como escrever coisas quentes quando ela nunca tivera um homem desejável o suficiente para ficar quente por ele?

Mordendo o lábio, ela encarou a mulher através do espelho de maquiagem. Ela mesma. Ela podia fazer isto. Sua amiga Kira tinha dito que dançar para um homem a faria parecer quente. Que tentá-lo, seduzi-lo, era uma grande excitação. Infelizmente, até agora, tinha sido apenas trabalho.

"Pronta?", Cherry balançou a cabeça para o lado, o longo cabelo vermelho caindo sobre o ombro,

⁷ Madona (do italiano *Madonna*) é o nome dado à representação artística da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, em pinturas e esculturas.



enquanto ela dava a Emily um olhar encorajador.

Tão pronta quanto poderia estar depois de quase uma semana de instrução pela sargenta que Cherry mostrou ser.

"Pronta". Sim. Ela podia fazer isto.

Emily deslizou os pés nas sandálias pretas ridiculamente altas que Cherry tinha colocado no chão diante dela e pressionou a mão contra a barriga antes de seguir a outra mulher para o quarto de vestir.

"Eu estarei te assistindo", Cherry a assegurou. "E lembre-se, o sujeito que Timbo escolheu para você praticar a lap dance não tem permissão de te tocar. Estarei assistindo, assim como David. Se ele tentar algo, ele é carne de hambúrguer. Certo?".

David era um segurança ridiculamente grande que adorava Cherry. Eles eram o casal mais estranho, mas Emily tinha que admitir que eles pareciam combinar.

Ela pausou ao lado do palco de dança enquanto Cherry se movia para detrás dela, as pernas longas engolindo a pequena distância até que ela entrou no cubículo de som. Segundos mais tarde, a música começou.

Emily passeou pelo palco, movendo-se no ritmo da música, os quadris balançando, contando as batidas do movimento, se perguntando se era essa a adrenalina pulsante que Cherry tinha falado. A necessidade de parecer sensual. A necessidade...

Oh. Meu. Deus.

Ela parou no meio do palco.

Lá veio o sangue. Rápido para a cabeça, correndo pelo corpo, e fazendo os sentidos entrarem em sobrecarga. Ela tinha visto os homens que vinham para o estabelecimento pelos últimos dois meses, vários deles, e nenhum deles eram assim.

Esse era um chocolate masculino. Uma montanha de chocolate. Um homem extremamente malvado e uma grande tentação. Inclinado para trás em uma cadeira, os braços musculosos cruzados acima do tórax largo, uma camiseta cinza escura para dentro da calça jeans que era coberta por uma apertada chaparreira de couro. Óculos escuros cobriam os olhos, e a expressão era francamente sensual.

O cabelo preto caía apenas um pouco acima do colarinho, bagunçado pelo vento e meio desgrenhado, e emoldurava o rosto que a princípio fez sua boca secar, e então encher d'água com a necessidade de saborear completamente aqueles lábios. Saborear, tocar. Ele era alto, firme, musculoso e mau.

Se o dicionário tivesse a descrição de um menino mau, seria este homem. Ele era a luxúria encarnada. Era puro calor erótico e fome sexual.



Ele era um fabricante de nata na calcinha.

Ela tinha encontrado poucos daquele ao longo dos anos. Por mais longe que as aparências fossem, eles podiam fazer exatamente o que estava fazendo com ela agora. Fazendo a nata dela brotar. Mas ela nunca tinha conseguido chegar perto de um. Bem, exceto um. Mas apenas alguns metros. Ela definitivamente nunca tinha ficado tão perto quanto uma lap dance iria exigir.

Ela tremia enquanto o encarava, os lábios abertos enquanto lutava para puxar o ar, os membros agitando com nervoso súbito. Ela estava louca para fazer isto agora, hoje. Quando ela estava fraca. Quando estava inquieta. Quando a consciência de perder a hora, perder a oportunidade de ter a última aventura, estava tão clara na mente. Quando a própria independência estava em risco. Numa hora em que os hormônios estavam em ebulição.

Eles faziam isto às vezes. Estavam fazendo agora.

Eles a estavam lembrando da maldita intimidade, que ela precisava ser tocada. Ela precisava ser abraçada. Mas precisava mais do que apenas uma transa de uma noite.

Então aqueles lábios deliciosos se ergueram em um sorriso zombeteiro. Atrevido e cínico, fazendo os olhos estreitarem e chacoalhar os sentidos dela. Ela ouviu a música então, a batida sexual, as meias-vozes eróticas, e o núcleo sensual e sexual de sua alma despertando.

Ela imaginou o único cara malvado que tinha fantasiado durante anos enquanto deixava o cara malvado que a assistia trazerem as faíscas da memória da primeira vez.

Kell. Alto. Largo. Malvado. Ela se lembrava. Olhos tão verdes quanto esmeraldas. O semblante sério, um ar malvado de conhecimento. O modo como ele a fazia ficar molhada só com um olhar.

Assim como o menino mau através do salão a estava fazendo ficar molhada. Fazendo-a sentir. Assegurando-a de que ela estava viva.

Emily começou a se mover. Segurando a barra de pole dance, ela encarou a arrogância na expressão do homem, a curva zombeteira dos lábios que ela se lembrava, mas sabia que não eram os mesmos. Os contornos cheios que ela queria morder, e queria seduzir—uma memória...

Aquela não era uma professora de jardim de infância. Não era a garota de dezoito anos com a qual ele tinha dançado ou a jovem da qual ele tinha ficado cuidadosamente longe das vistas ao longo dos anos. Mas era definitivamente Emily Stanton.

Quando ela saiu do palco, a respiração dele prendeu no peito com uma força que o deixou



atordoado. Ela estava vestida como uma professora. A saia preta e a blusa branca abotoada modestamente. Os saltos deixavam-na mais alta e as pernas mais sensuais. Pernas que podiam envolver um homem e segurá-lo no lugar enquanto ela se arqueava para ele. Pernas que faziam as costas dele doerem de desejo de senti-las as apertando.

Enquanto ela esteve lá, parada como uma corça assustada, os lábios dele ergueram em um sorriso zombeteiro. A inocência era um maldito de bom efeito. Quase bom o suficiente para acreditar.

O estreitamento dos olhos o surpreendeu, mas os movimentos dela o chocaram. Com habilidade sedutora, o braço erguido, a mão presa no metal ao lado do corpo, o corpo dela começou a balançar no ritmo da música.

Sob a calça jeans, o membro dele pulsava com alegria enquanto ela começava a se mover contra o símbolo fálico que agarrava. Inclinando as costas contra a barra, as feições coradas, os olhos cintilando com consciência sensual, uma mão erguida para o primeiro botão da blusa.

A boca dele secou ao ver o início dos seios. Seios em que um homem poderia se perder. Encher as mãos. As mãos dele coçavam com a necessidade de serem cheias.

A dura batida tecno da música pulsava com sexo. Pulsava e batia ao redor deles, balançado com o corpo e acariciando as terminações nervosas. Pelo amor de Deus, ele estava quase arquejando.

Ela deveria ser uma garota afetada e a adequada pequena dama social. A filha de um senador dos Estados Unidos. Uma professora de jardim de infância.

Ela era uma provocativa pequena desordeira que sabia como ficar safada. Ela estava deixando-o louco.

Ele se mexeu na cadeira, tentando dar espaço ao cume duro do membro enquanto ele inchava até preencher a calça jeans e exigir mais espaço. Se ele pudesse uivar, traria o prédio abaixo com o som de sua fome.

Os dentes cerraram enquanto ele se forçava a ficar quieto, parecer relaxado. Ele estava qualquer coisa exceto relaxado.

O segundo botão abriu e a boca encheu d'água. Os dedos tocaram o terceiro, e quando ele pensava que veria a carne tentadora abaixo, ela girou e deu as costas para ele, se debruçado contra a barra e ondulando o corpo. Dos tornozelos até os ombros ela se moveu contra a barra e o abdômen dele apertou.

Merda. Ele iria gozar dentro da calça jeans.

Ela girou, e o botão estava livre. Abaixo, ele teve o vislumbre de um pecaminoso sutiã de renda vermelha.

Tire, querida. Vamos, apenas um gostinho.



Ela brincou com o próximo botão, soltou-o enquanto mantinha as pernas separadas, e deixava a mão deslizar além das extremidades da camisa enquanto agarrava a barra atrás de si e curvava as costas para ele.

Oh, tenha dó, apenas mais um pouco, sim?

O último botão ficou livre, mas a pequena provocadora girou novamente, dançando em torno da barra, o suor brotando na testa enquanto os dedos iam ao botão na lateral da saia.

Ele se forçou a continuar com os óculos escuros. Para não se debruçar adiante. Não abrir as calças e mostrar o quanto ele a apreciava enquanto ela começava a desembulhar todos os presentes de aniversário e de Natal que ele já pudesse ter desejado.

Essa era sua maior fantasia. Inocente, adequada, os olhos cintilando de volta para ele com fome, o rosto corado com desejo úmido, e ele apostava que a buceta dela estava molhada. Ele apostava seu último centavo nisto. Os mamilos dela estavam duros como pedras.

"Tenha piedade...", ele respirou enquanto a saia caía devagar pelas curvas das coxas, deixando-a vestida em uma tanguinha de seda e um sutiã que mais fingia do que realmente cobria.

E os mamilos estavam duros. Cumes duros. Faziam a língua dele doer de desejo de lambê-los; a boca enchia d'água com o pensamento de chupá-los.

Ela se debruçou na barra novamente, os braços esticando, as pernas abrindo, roçando o traseiro contra o metal enquanto algo tão duro quanto o metal batia na calça jeans dele. Oh sim, ela podia se esfregar contra ele a qualquer hora.

Então ela estava se movendo novamente, um deslizar sensual de carne, um mover de quadris, as mãos movendo pela cabeça enquanto ela balançava e devagar descia os degraus que levavam até o palco.

Na direção dele.

Chegando mais perto.

A blusa aberta deslizou sobre os ombros, acariciando a carne que ele queria tocar, tocando-a, indo pelos braços até que se soltou, e caiu esquecida atrás dela.

Os braços dele apertados sobre o peito enquanto ele lutava contra o desejo de saltar, jogá-la sobre o ombro, e dar o fora de lá.

"Toque nela, cara, e eu te farei sentir dor".

Atrás do ombro dele, o segurança monstro David murmurou ameaçadoramente. Os lábios de Kell se separaram em diversão mas os olhos nunca desviaram da generosidade que vinha em sua direção.

Lap dance.

Timbo tinha sido firme quando tinha percebido que Kell iria tomar o lugar de Tiny. Ele tinha que fazer



sua parte ou estava fora de lá. A garota tinha pagado para aprender a dançar, e evidentemente, tinha pagado bastante.

Ele era o público dela. E ser o público dela valia a pena. Os homens criariam um tumulto para poder ver isso. Lotariam a casa, arrebantariam o palco e exigiriam tocar. Apenas um toque naquela suave seda úmida que ela chamava de pele.

Enquanto ela se aproximava, ele viu a luxúria pura iluminar os olhos dela e teve que friccionar os dentes para ficar sentado quieto. Foda, mamilos duros, e por piedade, aquela pequena sombra na junção das coxas tinha que ser umidade. Sua doce buceta estava cremosa e a boca dele não estava lá para saboreá-la.

Ele lambeu os lábios.

Os olhos dela chamejaram para os lábios dele, e ficaram lá, e a dança se tornou uma tentação de voo livre, um lento e desejoso balançar de quadris, os seios cheios, a carne rosada.

Ela deu as costas para ele, puxando uma cadeira graciosamente na frente dela, enchendo sua vista com o mais deleitável traseiro que ele já tinha colocado os olhos.

O laço vermelho da tanguinha dela separava as nádegas, curvas deliciosas, enquanto as coxas apertavam, os quadris giravam, e o traseiro dela se apertava diante dele.

Ele fechou os punhos com força, mais incerto do próprio controle do que jamais tinha sido. Ele a assistiu se mover enquanto girava, o olhar dele subindo para o rosto dela, vendo a promessa abafada e a inocência erótica batalhando nos ferozes olhos azuis dela.

Ele se sentou de volta na cadeira, forçando a controlar os músculos quando não queria nada além de tocá-la, saboreá-la, devorá-la.

Especialmente quando ela veio mais perto, quando as pernas suaves se abriram ao redor dos joelhos dele, e o odor suave, de pêssego e creme assaltou seus sentidos. E embaixo dele... Ahhh, Deus, ele era homem o suficiente para conhecer o odor. O calor da excitação, de uma mulher molhando a renda sobre sua buceta obviamente nua. Não havia um único cacho suave para se ter um vislumbre sob aquela calcinha.

Os seios estavam no rosto dele, os mamilos duros apertando contra a frágil renda vermelha. Um poço de umidade sobre os montículos ligeiramente bronzeados não mais cobertos por um laço, que havia prendido o tecido, desaparecido.

As coxas apertavam a calça jeans dele, então ela ergueu, ficou totalmente de pé, ela não era muito alta para início da conversa, e o odor da excitação quase o fez gozar na calça jeans.

Ele podia cheirar. Ele quase podia saborear. Ele estava morrendo por ela.



Enquanto a música começava a alcançar seu crescendo ela agarrou de volta a cadeira que tinha colocado de lado, uma perna esbelta se ergueu bem alto, um salto se moveu para detrás da cadeira dele, e a carne suave de sua buceta estava tão perto que ele poderia tê-la saboreado. Podia ter lambido sobre a renda suave. E ele a teria saboreado. Teria saboreado a essência da fome dela no material úmido de sua calcinha.

Em vez disso, ele exalou roucamente, a respiração apontada para as dobras tentadoras, quase escondidas.

E apenas por absoluta força de vontade ele conteve sua liberação, porque ela perdeu a dela. Ele viu as coxas dela apertarem, ouviu sua exclamação, e diante dos olhos dele, a umidade na calcinha escureceu.

Os olhos dele foram para os dela.

Ela gozou? Emily havia gozado?

A perna dela puxou à medida que ela tropeçava, o rosto empalidecendo, os olhos alargando enquanto os lábios se separavam em choque.

Ela tinha gozado?

Então ela girou e, antes que ele pudesse mover, ela chutou as sandálias do pé e correu.

"Merda". Ele se ergueu da cadeira, querendo segui-la. O membro doendo como uma ferida aberta e só Deus sabia o que aconteceria se ele conseguisse colocar as mãos nela.

Em vez disso, garras grossas apertaram seus ombros, com nada além da intenção de empurrá-lo de volta na cadeira. Antes que ele pudesse pensar, Kell agarrou um pulso, torceu-o e pegou a lâmina mortal que carregava ao lado da bota.

"Para trás, cara", Kell sibilou, a extremidade da faca contra a veia inchada do pescoço. "Não me faça te cortar".

"Fica frio". Os olhos do segurança se alargaram. "Eu não posso te deixar tê-la, cara".

Os olhos de Kell estreitaram.

"Ela é amiga da minha Cherry. Eu não posso te deixar tê-la".

Determinação de aço enchia os olhos escuros que o encaravam. O homem urso claramente morreria pela mulher que provavelmente já tinha escapado pela porta de trás.

"Quem é ela?", eles não sabiam quem ela era?

"Ela não disse, e eu não perguntei". O pescoço espesso se esticou como que querendo escapar do aço contra sua jugular. "Ela pagou a Timbó, mas a minha garota disse que eu tinha que cuidar dela. Eu faço o que minha garota diz".

O som da arma de fogo clicando o fez girar o suficiente para ver a forma esbelta da garota que Timbo



chamava de Cherry, segurando uma calibre .45 com distância suficiente para assegurá-la de que ela pudesse atirar antes que ele pudesse desarmá-la.

"Para trás, imbecil", ela grunhiu. "Você o machuca e eu descarrego esta arma no seu couro".

Foda.

Ele abaixou a faca, o olhar conectando com o do gigante e esperando não menos do que um punho por seus esforços. Em vez disso, um sorriso se arrastou nos lábios pesados.

"Timbo disse que você conhece Reno e Clint", ele grunhiu. "Eu não devia ter agarrado você. Mas a menina queria ir".

Kell voltou a cabeça lentamente para a mulher. A arma estava fixa; o gatilho estava puxado para trás, o brilho nos olhos o assegurando de que ela não estava tão confiante.

"A menina já foi". Ele inclinou a cabeça lentamente. "Se você não se importar...", ele acenou a mão para a mulher.

"Deixe-o ir, Cherry meu anjo", David disse e suspirou. "Reno e Clint o conhecem. E Timbo está assustado com ele. Não acho que ele possa pegá-la agora de qualquer maneira".

A arma foi abaixada. Relutantemente.

"Você a conhece?", ele perguntou à garota então.

"Ela não deu o nome, e eu não perguntei", a mulher retrucou.

"O que ela estava fazendo aqui?".

Ela encolheu os ombros como se responder a ele não importasse. "Ela chamava de pesquisa. Ela pagou para aprender a dançar e eu a ensinei. Dinheiro fala, eu não questiono".

Dinheiro não compra lealdade, e era claro que a stripper parecia leal com a dinamite que tinha acabado de escapar.

"Ela nunca esteve aqui", ele disse suavemente. "Você nunca a viu. Você nunca a ensinou merda nenhuma. E se Timbo até mesmo agir como se estivesse pensando em se lembrar da presença dela, diga a ele que eu o matarei".

Os olhos dela arregalaram.

Embainhando a faca, ele marchou para a saída e bateu com força a palma da mão na porta e esta bateu com estrondo. O som de pneus na parte de trás do lote o assegurou que a Senhorita Emily Stanton e seu absurdo, inútil e peso morto guarda-costas estavam definitivamente escapando. Mas tudo bem, porque ele sabia exatamente onde a achar.



Capítulo Três

OH. MEU. DEUS. O que ela tinha feito? Isso nunca tinha acontecido. Nunca. Apesar do clímax ter sido leve, diabo, ela podia fazer melhor sozinha. Talvez. Mas além da força do orgasmo, ela o tinha alcançado com nada além de um sopro de ar.

"O que diabo aconteceu lá atrás?", o guarda-costas, Dyson, estava com suspeitas. Claro, por que ele não ficaria? Ela havia saído correndo pela porta dos fundos do clube com nada além de um casaco longo sobre a roupa de baixo e mergulhou na Trailblazer como se os cães do inferno estivessem atrás dela.

Bem que poderia ser eles. No minuto em que Dyson tinha saltado no banco do passageiro ela tinha saído de lá cantando os pneus e saído com a Trailblazer de tal forma que um carro de alta velocidade teria ficado orgulhoso.

Ela tinha perdido a cabeça.

Era exatamente isso o que tinha acontecido. Ela tinha perdido a cabeça. Por um segundo impossivelmente longo, ela tinha ficado louca de pedra.

"Eu deveria ter imaginado". Dyson estava grunhindo novamente, os olhos castanhos furiosos. "Você foi atacada?"

Apenas pela própria luxúria.

Emily ergueu a mão tremendo para a bochecha corada enquanto respirava roucamente e lutava para afastar o pé fundo no acelerador. Ela queria estar em casa. Agora. Mas ela não precisava de uma multa. Deus, se a parassem com essa roupa, ela provavelmente seria presa.

"Eu não fui atacada".

"Então por que você está correndo como uma galinha assustada com nada além da roupa íntima e uma porcaria de casacão? Estou com você há quatro semanas e nunca te vi correr".

Ele era muito familiar. Dois meses na casa dela parecia ser o prazo limite para os guarda-costas dela. Este estava ficando mais frustrado a cada dia.

"Eu não estou correndo".

Claro que ela estava correndo. Pra cacete. Como um dinossauro lutando pela sobrevivência.

Ela ainda podia sentir o corpo incendiando, o calor nas coxas, subindo pelo abdômen até os seios e o rosto, mesmo enquanto escutava Dyson enchendo o saco e gemendo. Ela se sentia como se estivesse queimando, como se as terminações nervosas que nunca tinha conhecido de repente estivessem ganhando vida.

Ela teve um orgasmo.



Vergonhosamente. Sem aviso prévio. Sem controle. Ela teve um orgasmo no rosto de um estranho.

E que estranho... Quanto mais ela se aproximava dele, mais sensual se tornava. Esse era um homem que fazia uma mulher querer baixar o nível e ser suja. Fazia com que elas quisessem mostrar a mulher imoral escondida do lado de dentro.

Ela quase morreu de vergonha com o pensamento. Certo, então para o homem certo, talvez Cherry estivesse certa, ela podia descer e ser sórdida.

Por aquele homem.

Oh, cara... Ele estava tão quente e duro. O abdômen ondulava sob a camiseta apertada. A mandíbula cerrava enquanto ela descia sobre o colo dele. A expressão perdida em assombro quando percebeu o que ela tinha feito.

Oh, Deus. Ela tinha gozado lá mesmo, bem na frente do rosto dele.

Ela abanou o próprio rosto.

Claro, ele não tinha aparecido nada ofendido. Ele tinha parecido... faminto. Muito faminto. Totalmente. Um macho muito delicioso. Inegavelmente macho. Preparando-se-para-agarrá-la-e-fazê-la-sua-fêmea.

Ele era um homem de uma noite esperando para acontecer, porque ele não era do tipo "felizes para sempre".

Ela exalou o ar roucamente. Tinha que ser sua semelhança com Kell, isso era tudo. Ela não o via há anos. O pai dela tinha jurado que ele tinha sido parte do grupo que a havia salvado do grupo de Fuentes quase dois anos antes, mas ela não o havia visto. Tudo o que ela tinha visto eram as máscaras pretas que cobriam os rostos de seus salvadores.

Ela não tinha reconhecido Kell em nenhum deles.

Mas neste homem, ela podia ter imaginado a linha do queixo de Kell. O traço reto do nariz. O nariz de Kell não era quebrado, ela se lembrava, mas este estranho tinha sim o nariz quebrado.

Havia uma cicatriz no pescoço do estranho; Kell não tinha uma. Isso ela se lembrava. Deus, fazia tanto anos desde que ela o havia visto. Anos. Anos desde que ela tinha até pensado nele.

Até agora.

Ela estremeceu.

Ela devia ter estremecido com repulsão. De qualquer maneira, que tipo de homem ia para uma boate de strip para se satisfazer? Apenas o tipo mais baixo. O tipo que não podia conseguir uma mulher de algum outro modo, talvez?

Mas aquele homem facilmente podia conseguir uma mulher. Inferno, ele quase podia tê-la tomado.



Ela mal tinha conseguido conter o gemido de mortificação, ciente de que Dyson já a estava assistindo com uma extremidade de violência na expressão.

E até então ela tinha tal orgulho com o fato que diferentemente de suas amigas, ela não era governada pelos hormônios. Que ela não tinha necessidade de desejos aborrecidos. Ela controlava as próprias necessidades, não o contrário.

Bem, hoje ela com certeza estava sendo controlada pelos desejos.

E os desejos aborrecidos? Eles a estavam torturando, molhando sua calcinha de renda francesa cara e fazendo o clitóris pulsar e implorar por mais. Apenas mais uma respiração funda. Apenas mais um pulsar daqueles, o calor irradiando com os pequenos clímaxes que apenas a deixaram mais faminta.

Ela apertou as coxas juntas, estremecendo com a incrível sensibilidade do clitóris inchado. Exatamente onde ele tinha respirado nela. Onde a respiração a havia tocado. Poderiam ter sido os dedos, o resultado tinha sido tão devastador.

Ele era malvado até os ossos. Ela tinha visto isso no pouco da expressão que tinha sido visível. Os olhos estavam escondidos pelos óculos escuros, mas os lábios... Ela lambeu os próprios lábios. Aqueles lábios tinham sido expressivos. Cheios de fome sensual, mas com uma aparência contida, tensa que sugeria controle absoluto acima de si mesmo e do ambiente. Os músculos estavam tensos, o corpo contido. Como uma pantera encolhida e pronta para saltar.

Ela podia ter jurado que o tinha ouvido rosnar uma hora.

Oh, Deus, isto não era bom. Nada bom, ela pensou enquanto puxava a jaqueta longa que tinha literalmente roubado do quarto de vestir. Ela teria que enviá-la de volta para Cherry. Mas ela não tinha tempo para achar as roupas. Para se vestir. Ele teria saltado para ela, começado a persegui-la. Apenas não tinha havido tempo.

Ela ligou o ar-condicionado adicional, desejando aliviar um pouco do calor que queimava dentro do corpo, e apagar o remorso que sentia rasgá-la enquanto ignorava o murmúrio de Dyson.

O último garoto malvado. O homem de suas fantasias sexuais, e ela não tinha nenhuma escolha a não ser correr dele.

Esse era um sinal de alerta. Uma advertência, ela decidiu. O destino estava dizendo a ela para se cuidar porque ela estava começando a andar em terreno perigoso. Aquela imoral que tinha tentado ganhar vida dentro dela precisava ser segurada antes que ela bagunçasse com tudo sem qualquer chance de possível conserto.

Porque Deus a ajudasse se ela realmente fosse para a cama com um homem assim. O coração era a menor coisa que poderia ser partido.



Respirando profundamente, ela forçosamente teve que se lembrar de que estava segura. Os hormônios de repente traiçoeiros podiam estar ficando loucos, mas não havia nenhum modo do garoto malvado com respiração chiando poder achá-la.

Cherry não sabia seu nome verdadeiro. Nem o dono do clube. Ela estava confiante de que não havia nenhuma chance de que ela o encontrasse novamente.

Ela ignorava o uivo de remorso dos hormônios. Eles tinham que esfriar e esquecer isto. Ela podia sonhar com garotos malvados. Podia escrever sobre eles. Bem, tentar escrever sobre eles de qualquer maneira. Mas na vida real... Bem, uma pessoa tinha que perceber que a realidade começava em algum lugar. Certo?

Ela enxugou o suor da testa enquanto virava o olhar para Dyson. Ele estava pegando o celular.

"O que você está fazendo?".

"Ligando para o seu pai". Pela primeira vez desde que ele tinha entrado na casa dela, sua expressão era quase interessante. Estava marcada com arrogância e comando. Um pouco tarde, mas estava lá.

"Por quê?".

"Porque ele precisa ter uma conversa com você. Eu já tive o suficiente—", ele congelou quando a Trailblazer se moveu sinuosamente, e então breiou firme, o olhar estreito nela.

"Nada aconteceu", ela declarou calmamente. "Eu fiquei assustada. Isto é tudo".

"Assustada tendo aulas de dança?", ele retrucou.

"Não, assustada fazendo uma lap dance", ela declarou calmamente.

O silêncio que encheu a Trailblazer foi assustador. Ela arriscou outro olhar para ele. Ele a estava encarando, um olhar frio, avaliador.

"Não havia ninguém lá além do dono do clube, aquela dançarina, e dois seguranças", ele disse com força de controle óbvia. "Eu verifiquei".

"Bem, ele deve ter entrado depois que você verificou". Ela traguei firmemente.

Ele inalou severamente. "E você não me deixou saber?".

"Hmm, eu não sabia até que estava dançando".

Ele girou a cabeça para a janela da parte de trás, assistiu, voltou, e olhou para ela com desprezo severo. Ela quase vacilou sob o olhar antes de virar os olhos de volta para a estrada.

"Por que você tem um guarda-costas, Sra. Stanton?", ele finalmente perguntou.

"Bem, porque papai ficou estressado depois daquele último sequestro?", ela perguntou com falsa inocência, contendo o próprio estremecimento de repúdio com as palavras que deslizaram sarcasticamente dos lábios.



Certo, então ela tinha sido sequestrada antes por causa de seu trabalho contra aquele maldito cartel de droga. Mas ele tinha dito a ela, que contanto que ela mantivesse os guarda-costas, não aconteceria novamente. Que ela estaria segura.

"Ocorre a você que você possa estar em perigo?".

"Estou certa de que estaria se não tivesse um grande e duro marine me vigiando", ela disse, tentando aplacá-lo.

"Não me venha com as suas besteiras", ele sibilou. "Isto vai entrar no meu relatório. Vá em frente e estrague a maldita caminhonete, veja se eu ligo. Os danos não seriam nada comparados ao que seu pai fará quando descobrir que eu te deixei fugir de mim. Eu teria vergonha de mim mesmo se não estivesse bastante certo de que ele vai me matar".

Ele soava repugnado consigo mesmo e com ela.

Emily estremeceu. "Eu não direi nada se você não disser".

"Esqueça".

"Eu prometo ser boa. Não mais de clubes de strip. Juro".

A expressão dele não oscilou. "Não na sua vida. Não na minha vida. Desculpe, criança, sua apresentação acabou".

Certo, então talvez ele não fosse o fraco que ela pensava que fosse afinal.

As mãos dela apertaram no volante enquanto ela percebia que teria que suportar outras das conferências do pai. Enquanto ela tinha que ser cuidadosa para ficar segura. Ele era um senador. Ele fazia inimigos.

Sim, ele era um senador, e ela era problematicamente orgulhosa de tudo que ele já tinha feito e fazia. Ele a tinha criado sozinho desde que ela tinha cinco anos, desde a morte da mãe dela, e ele tinha ensinado a ela que fosse cuidadosa. Mas ele também a havia ensinado sobre aventura. Como atirar, como caçar. Como ser forte e como procurar por força.

Até que ela fez dezoito anos. De repente, ele a queria usando vestidos e maquilagem, casando e tendo bebês. Ele não entendia que tinha criado na alma dela um traço de aventura que não tinha mais aonde ir.

Ela tinha desistido da ideia de se juntar às forças armadas no dia em que ele tinha empalidecido quando ela tinha mencionado. As mãos realmente tremiam enquanto ele as deslizava pelo cabelo curto e a encarava com horror.

Ela não queria que o pai ficasse com medo por ela. Ela não queria preocupá-lo. Então ela tentou sossegar, tentou ignorar sua necessidade de aventura.



Ela foi para a faculdade e procurou por um marido.

Ela se formou e achou trabalho em uma escola particular muito exclusiva, e começou a desejar apenas um amante. Inferno, um coração partido seria suportável se ela pudesse achar um homem que valesse a pena deixar partir seu coração. E ela gostava dos candidatos que ele tinha enviado na forma de guarda-costas. Ela realmente gostava. Mas ela estava cansada deles. E infelizmente a única vez que ela tinha recusado ter um, foi na época em que foi realmente sequestrada. Quem diria.

"Emily, seu pai não está brincando de joguinhos com você", Dyson disse longos momentos mais tarde, a voz séria, cheia de advertência. "Ele não te faz aceitar ter um guarda-costas só porque ele quer".

Ela piscou de volta com o súbito arder atrás dos olhos.

"Eu sou a filhinha dele. Seu único filho. Ele se preocupa".

"Você já considerou que ele se preocupa por boas razões? Você já foi sequestrada. Você entende o esforço que foi necessário para te salvar junto com as outras meninas?".

Ela apertou as mãos no volante antes de relampejar a ele um olhar bravo. "Você já considerou que eu tento não criar problemas? Que eu tento ser agradável, afetada, adequada e todas as coisas que ele quer em uma filha? Que eu tento ficar segura?", ela riu zombeteiramente. "Esqueça, Dyson. Você não entenderia".

"Você não é um homem, Emily. Você tem peito, admito, mas nunca vai fazer ele te ver como qualquer coisa diferente de sua garotinha". Talvez ele entendesse mais do que ela tinha dado crédito.

"Eu me conformo com isto", ela sussurrou. "Cansa ser a égua parideira que ele continua desejando que eu me torne para algum macho estúpido com menos senso do que moral. E isso nem importa mais. Diga a ele o que quiser. Eu não dou a mínima. Mas não pense que estará me machucando quando fizer isso. Porque eu te prometo, a menos que você seja um doador de esperma para os netos que ele quer, então ele apenas te substituirá como faz com todo mundo".

Da mesma maneira que ele sempre tinha feito. Mesmo quando ela era uma criança. Assim que ela tinha começado a se acostumar com uma empregada ou babá, elas eram substituídas. Assim que ela achava alguém com quem pudesse conversar, elas iam embora. Ela tinha parado de tentar se importar há anos. Ela não iria se importar agora.

Estranhamente, Dyson não disse mais nada. Ela notou que ele continuava olhando para trás deles, continuava falando ao celular, mas tinha ficado mudo dela. E então ela também ficou. Ela tinha parado de se explicar há anos. E até que o pai desse a ela uma razão melhor do que ele tinha dado ao longo dos anos para se certificar de que ela não tivesse uma vida, então ela iria fazer exatamente isto. Ter uma vida.

Assim que ela parasse de tremer. Assim que ela parasse de se lembrar de um garoto malvado de



couro que não havia nenhuma chance de que ela pudesse levar ao pai. Os lábios deliciosos, o corpo duro e a respiração de luxúria que vibrava no clitóris dela.

Inferno, esquecer esse levaria algum tempo.

* * *

O avião privado do senador aterrissou e entrou no hangar do aeroporto de Atlanta enquanto o time de Durango se movia para a limusine o aguardando e esperavam pacientemente enquanto o senador desembarcava.

A viagem fora do programa de D.C.⁸ tinha vindo como uma surpresa enquanto os membros do time finalmente retornavam à base naval e se preparavam para a operação com o senador. As informações de que Diego Fuentes tinha como alvo ele e a filha mais uma vez tinha vindo como uma surpresa para todos, considerando o fato de que Fuentes normalmente jogava com regras diferentes. Melhor ele em um de seus jogos do que fugindo. Ele não retaliava e normalmente não atacava novamente. A menos que, aparentemente, alguém tivesse fugido com memórias que não deveria ter, como Fuentes suspeitava que a filha do senador tinha feito. Acrescentando a investigação do senador sobre o informante do governo conhecido apenas como Sr. White, e isso colocou Emily e o senador na mira de Fuentes uma vez mais. O time de Durango estava atrás de Diego Fuentes há mais de três anos, desde então seu nome tinha sido conectado com o enganoso Sorrell, o terrorista negociante de armas que eles tinham enfrentado no Oriente Médio.

Enquanto o senador saía do avião, Kell o assistia cuidadosamente. O senador o havia tomado sob suas asas quase quinze anos antes. Ele tinha ajudado a treiná-lo. Tinha ajudado Kell a alcançar as metas que tinha fixado por si mesmo. Esse era o homem cuja filha era um demônio das ruas de Atlanta e dançava como um maldito sonho molhado. Ele não podia ver nada da impulsividade selvagem dela na expressão fechada e olhos cinza de Richard Stanton, mas ele sabia que estava lá. Quando jovem, o senador tinha sido da mesma maneira selvagem, mas com um controle de aço que apenas um Navy SEAL possui.

Stanton tinha quase um metro e oitenta, e ainda era um homem poderoso na idade de cinquenta e cinco. A voz profunda e a presença dominante conseguiam fazer as coisas andarem na capital. Ele estava fazendo seu primeiro mandato, e fazendo um nome por si mesmo lá da mesma maneira que tinha feito junto aos SEALs. Era um homem que se podia depender, mas não era um homem para se cruzar o

⁸ D.C. = Distrito de Columbia. Onde fica Washington, capital dos Estados Unidos.



caminho.

"Kell, é bom te ver novamente, filho". O senador se virou para saudá-lo depressa antes de virar o olhar para o resto do time.

"Chavez. Homens. Obrigado por me encontrarem aqui. Se entrarem comigo, então meu assistente vai dirigir".

Ele acenou com a cabeça para o interior da limusine.

Minutos mais tarde, os cinco homens do Time Durango estavam na limusine, esperando calados enquanto o senador tirava uma garrafa com água da geladeira minúscula e dava uma golada longo antes de alfinetar Kell com um olhar fixo e acusatório.

"Aquela menina vai me deixar louco", ele murmurou enquanto fechava a garrafa e girava o olhar para Reno. "Você sabe o que ela estava fazendo?".

Reno virou o olhar para Kell. "Sim, senhor. O tenente Kreiger a estava seguindo esta tarde e reportou seu paradeiro. Parece que o seu guarda-costas está sendo um pouco subjugado por ela".

"Um pouco?", o senador Stanton perguntou rudemente. "Chet Dyson, lembra dele?".

"Sim, senhor", Reno respondeu severamente, mas Kell pegou o cintilar de diversão nos olhos.

Todos tinham lido os registros de Dyson. Ele era um dos marines⁹ mais difíceis que o corpo de exército já teve um dia. Ainda estaria lá se sua rótula não tivesse sido arrebatada anos antes em uma missão em Bagdá.

"Ele pediu demissão". O senador fez uma carranca.

Kell não ficou ao menos surpreso.

"Desculpe, não entendi direito", Reno o encarou surpreso.

"Dyson me ligou há uma hora de seu celular e me deu vinte e quatro horas para achar um substituto. Ele a chamou de perigo para si mesma e para todos os homens de sã consciência". A mandíbula dele trabalhava furiosamente. "Eu tive que esperar por aquele menino. Ele teria feito um belo de um genro".

Uma vez mais, o senador alfinetou Kell com um olhar que gritava em acusação.

Kell curvou a sobrancelha em questionamento. Ele estava ciente dos outros assistindo o senador com choque escondido. Kell o assistia com diversão muda. Inferno, todo mundo que conhecia Emily sabia que o pai dela selecionava os guarda-costas cuidadosamente. Ele queria um genro, e estava determinado a ser a

⁹ Marines: Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (em inglês: United States Marine Corps; abreviação oficial: USMC) é um ramo das Forças Armadas dos Estados Unidos. Embora o Corpo de Fuzileiros Navais inicialmente servisse somente na segurança de navios da Marinha americana e em táticas anfíbias de guerra, o Corpo de Fuzileiros Navais evoluiu gradualmente até se tornar numa força militar individualizada, com múltiplos objetivos nas forças armadas americanas.



pessoa a escolhê-lo.

O senador estava tentando guiar a vida da filha do mesmo modo que tinha dirigido seu time de SEALs quando ainda estava na Navy. Alguém precisava lembrá-lo de que ele não era mais um SEAL ativo, mas um senador, e a filha dele não teria nenhum problema para achar seu próprio homem.

Inferno, não. Tudo que ela tinha que fazer era colocar metade do esforço que tinha usado naquela dança para Kell e eles estariam fazendo fila na porta da casa dela.

Depois que a carreira SEAL dele tinha terminado, cortesia de uma missão que tinha ido pelo ralo e quase o matou junto com o time que tinha levado, o Capitão Stanton tinha retornado para casa e entrado na política. Com o apoio de uma fortuna pessoal, cortesia dos pais e herança da esposa, ele se moveu depressa na escada política e começou a cuidar da filha com uma provisão fixa de guarda-costas no dia em que ela tinha feito dezoito.

Genros potenciais.

Não era nenhuma maravilha que a filha fosse uma criança selvagem procurando fuga.

"Ela estava envolvida em alguma relação com Dyson?", Reno perguntou.

"Não!", o senador retrucou. "A garota é muito exigente para ir tão longe". Ele suspirou então. "Isto foge da questão. Ele me enviou faxes com os relatórios que ela tinha tentado convencê-lo a não os enviar enquanto estávamos ao telefone". Ele correu a mão pelo rosto. "Deus ajude aquela criança, ela vai se matar. Os homens de Fuentes não terão nem que erguer uma mão para machucá-la, ela fará isto sozinha".

Ela não era tão ruim, Kell pensou consigo mesmo. Ele a tinha observado por dias. Ela era impulsiva, inteligente. E assustada. Ele tinha visto o rosto dela quando ela pensava que ninguém a estava assistindo, no meio da noite quando ela tinha ido ao pequeno santuário no pátio fora de seu condomínio. Ela tinha parecido sozinha. Perdida.

"Ela vai ser um problema?", Reno perguntou. "A cobertura do tenente Kreiger depende da cooperação dela. Sem isto, ele não será mais do que outro guarda-costas que eles esperarão cair fora".

"Ela troca de guarda-costas como quem troca de roupa", Stanton continuou. "Dois meses no máximo e ela os tem na palma da mão. Eles morreriam por ela, mas o problema é que eles começam a ficar emaranhados em seus pequenos fiascos e aventuras. A garota ainda não percebeu que precisa se aquietar".

"Senhor, a pergunta permanece, ela cooperará?", Reno perguntou novamente.

"Uma coisa sobre Emily Paige é o fato que ela tem o coração de uma aventureira", ele grunhiu. "Ela aceitará e tentará prendê-lo em tantos nós que ele não saberá se está indo ou vindo. Para uma menina que recusa achar um marido ou um amante, ela certamente tem um modo de fazer homens duros se



derreterem como uma poça aos seus pés”. Ele encarou Kell.

Kell se recusou a vacilar. Ele respeitava o senador, e tinha muita cautela do poder do homem, mas ele nunca tinha concordado com ele quando a questão era Emily, e ele não tinha hesitado em informá-lo desse fato várias vezes.

"Você acha que é duro o suficiente para lidar com ela, não é, Kell?", o sorriso do senador era compreensivo, se não fosse desdenhoso. "Você está aí sentado dizendo a si mesmo que é durão o suficiente. Que é firme e tem sangue frio o suficiente. Eu te dou uma semana antes de você suspirar por ela como todos os outros machos que eu coloco perto dela. E como todos os outros, ela acenará com um sorriso quando você sair pela porta”.

Não, ele era esperto o suficiente. Essa era a diferença.

Kell permitiu que o canto dos lábios se movesse com as palavras do senador.

O senador agitou a cabeça com lástima em resposta. "Eu vou te fazer um favor, filho, simplesmente porque odeio ver um bom homem afundar tão rápido e porque eu gosto de você. Faça o que for preciso para mantê-la segura. Eu não me importo se você tiver que trancá-la no maldito closet dela, porque Deus o ajude se você deixar qualquer coisa acontecer a minha filha. Você está me entendendo?”.

"Sem interferência”, Kell disse então, ignorando advertência no olhar do chefe. "Se ela ligar chorando, você não dará para trás. Se ela ficar puta porque não gosta das minhas regras, você não irá mudá-las”.

Os olhos cinza de Stanton estreitaram com o desafio na voz de Kell. Ele o encarou por longos momentos, a expressão pensativa.

"Nada de exageros”, ele finalmente declarou. "Eu não a quero maltratada”.

"Você sabe muito bem, Richard. Ela não será maltratada”. Ele era muitas coisas mas Kell não machucava mulheres.

Stanton o observou por um momento mais longo antes de anuir com a cabeça devagar. "Concordo. Você tem controle”.

Algo que Stanton nunca tinha dado a nenhum de seus guarda-costas. Kell conteve seu sentimento de triunfo mas tinha que admitir uma pontada de cautela com a satisfação que enchia o olhar do senador.

Stanton se sentou de volta na cadeira então, e girou para Reno, e começou a discutir o detalhe da proteção que Reno faria. Não que parecesse que Reno teria muito controle. O senador tinha ideias definidas de como deveria correr o show, mas estava disposto a escutar as sugestões de Reno. Enquanto a limusine fazia sua passagem por Atlanta em direção ao condomínio de Emily Stanton, os planos eram discutidos em uma operação viável.



Ter o trabalho de pegar o espião de Fuentes dentro do comitê que o senador presidia seria lido por Reno, Clint e Macey, enquanto Kell e Ian tinham a responsabilidade de proteger sua filha.

"Emily tem várias funções, caridade e política, que faz ao longo do ano; algumas estão marcadas para as próximas semanas", ele informou Kell. "Ela não pode faltar. Não importa o motivo. Eles são muito importantes. E Emily não deve saber que Ian está envolvido nisso. Ela não deve saber nada além de que ele é seu novo vizinho".

"Por quê?", Kell perguntou. "Saber a extensão total do perigo poderia ajudar a determinar a que distância forçar a própria segurança".

Os olhos de Stanton relampejaram com repreensão.

"Emily é diferente", o senador retrucou. "Uma escritora. Uma sonhadora. Ela nunca entende o quanto a vida está em perigo e não há mais nenhum sentido em tentar explicar, e isso poderia arriscar a cobertura de Ian se ela fizesse algum de seus truques para tentar escapar de você. Não vamos dar a ela mais com o que se preocupar do que precisamos. Você apenas a mantém fora dos clubes de strip e de colos de homens estranhos, se você não se importar".

Kell omitiu o fato de que a dança tinha sido para ele. Mas enquanto escutava a finalização dos planos, ele tinha começado a traçar as próprias conclusões sobre a relação do senador e Emily. Ele apostaria grana que a próxima reunião não ocorreria suavemente.

Emily tinha uma forte antipatia a controle, e o Senador Stanton, antigamente Capitão Richard Stanton dos Navy SEALs, era todo controle. Estava lá na linha fina da boca, o matiz gelado do olhar.

E ele queria a filha controlada. Não importava o que custasse. Não importava quanto fogo queimasse dentro dela com ação. Não importava o pouco da mulher que permanecesse. Até onde o senador estava preocupado, nada importava além de conter a vida dentro dela. Um fogo que Kell pretendia atizar de diferentes modos que a Senhorita Emily Paige Stanton poderia imaginar. Modos em que o pai dela provavelmente o mataria.

Capítulo Quatro

Uma chuva fria não tinha ajudado. Compassar pelo local não tinha ajudado. Mudar da roupa íntima sensual para as calças de algodão e camiseta solta grande demais não tinha ajudado. E escutar Chet Dyson fazer as malas, e assisti-lo colocá-las no carro, com toda a certeza não tinha ajudado.

Porque ela não podia se esquecer de um homem, um sopro de ar, e um medo diferente de qualquer coisa que já tivesse conhecido na vida.

Ela estava mais excitada do que poderia se lembrar. Tudo o que ela podia se lembrar era da sensação



da respiração morna entre as coxas alguns milésimos de segundos antes do prazer perfurar seu clitóris e enviar vibrações em uma corrida de êxtase pelo corpo.

A Pudica Atarracada, como um dos namorados dela havia-a apelidado, não era completamente sem desejo sexual. Ela se masturbava, ela pensou ferozmente. Ela sabia como se soltar, sabia como queria ser tocada, como imaginar ser tocada, sabia como se tocar. Ela apenas não se importava particularmente se qualquer um dos homens que ela realmente conhecia ficasse perto o suficiente para tocá-la. Mas ela sempre tinha sido esperta o suficiente para manter uma distância entre si mesma e o tipo de homem que sabia que a comandaria completamente.

Homens como o pai. Homens fortes, determinados e dominantes que obrigam ter o controle, supostamente para o próprio bem da mulher. Filha ou esposa. Para a própria paz de espírito, tais homens se certificavam de que as mulheres que amavam fossem sufocadas até o limite.

O exato tipo de homem que a excitava mais. Especialmente o tipo cujo olhar assegurava a uma mulher que ele tinha a alma de um garoto malvado. Um homem que podia tornar o quarto em uma aventura. Homens como Kell Kreiger e o estranho no clube de strip.

Por que ela estava pensando em Kreiger agora? Fazia tantos anos desde que ela o tinha visto que ela se perguntava se o reconheceria agora. Ela sabia que o pai se encontrava bastante frequentemente com ele e o contava como amigo. Mas Kell era o um homem que o pai dela nunca sugeria como um de seus guarda-costas.

Claro, Kell não teria sido como os outros homens. Ela não tinha nenhuma dúvida de que ele seria mais aventureiro para uma mulher do que o pai dela julgasse necessário.

Infelizmente, Emily almejava aventura. E não só no quarto. Mas fora dele. Ela almejava um desafio e tinha fome de viver. Se um homem não pudesse fornecer ambos, então para que serviam?

Os homens que o pai dela tinha enviado como candidatos potenciais, leia-se guarda-costas, nunca a tinham realmente tentado. Eles lamentavam demais. Eram muito assustados do pai dela até mesmo para sugerir um pouco de diversão, e tudo o que eles queriam era ligar e perguntar se tinham permissão para o mínimo de aventura.

Ela revirou os olhos com o pensamento. Às vezes, ela se perguntava se o que desejava até mesmo existia. Um homem que fosse forte por dentro e por fora. Um homem que soubesse que o mundo não era justo, e soubesse que tinha que tomar a responsabilidade por sua parte nele. Um homem que soubesse que havia mais no sexo do que o simples ato e que existia mais na mulher do que peitos e coxas e deitar com ela. Um homem que aceitasse o fato de que uma mulher poderia precisar de aventura também.

Era isso o que ela almejava. Um homem no qual ela pudesse confiar o suficiente não apenas para



ceder aos seus desejos, mas aceitar que ela precisava viver também. Um homem que, ainda que não estivesse lá para sempre, ficasse ao menos por tempo o suficiente para se importar em não cumprir apenas os desejos físicos, mas os aventureiros também.

Até agora, sempre que ela pensava no amante perfeito, o rosto de Kell sempre enchia sua imaginação quando fantasiava. Agora, um estranho tinha tomado seu lugar.

Ela estava definitivamente fantasiando agora. Mas para seu próprio descontentamento, se masturbar não tinha ajudado. Ela tinha tentado no momento em que estava nua. Apesar do orgasmo que tinha ondulado por seu corpo no clube, ele ainda chiava com necessidade quando ela tinha retornado para casa. Uma necessidade pouco conhecida, desesperada.

Agora ela sabia como desejar sexo machucava; infelizmente, Emily sabia que estava condenada ao desapontamento. Não havia nenhuma chance de que o seu objeto de luxúria pudesse ser permitido em sua vida. Ela duvidava até que ele quisesse estar.

Homens assim não 'dormiam' com professorinhas sem intenções de entrar para o lado mais sombrio da vida.

Emily não usava drogas e não tinha nenhuma intenção de experimentá-las. Ela não era uma parte do elemento criminoso, como ele seguramente era, e ela não tinha nenhum desejo de se aproximar ao ficar envolvida com alguém assim. A necessidade de aventura ia até aí.

Agora, se ela pudesse convencer o próprio corpo disto, porque ele não estava escutando muito bem. Estava definitivamente interessado, até agora, horas mais tarde.

Ela compassou pela sala de estar, seguindo o caminho através dos tapetes dos espessos que havia entre os móveis muito estofados e a pesada mesa de café castanho clara. O sol do início do anoitecer refletia no chão de taco, e enviava mormaço pelo cômodo enquanto o calor de Atlanta vislumbrava além das portas do pátio.

Do lado de fora, no pátio pequeno, que estava cercado por uma parede de tijolo, que parecia fria e convidativa, mas não tão pacífica quanto um dia tinha sido. A sombra das árvores ornamentais e o florescer do esplendor do verão não podiam extinguir a luxúria que a enchia. Finalmente. Ela não podia negar a própria reação aos eventos do dia, não mais do que podia negar a própria excitação.

Desde que podia se lembrar, a última imagem de fantasia dela tinha sido um motociclista vestido de couro, um garoto malvado. Essa era a fraqueza dela. Quando estava no segundo grau, ela os observava de longe, desejando, sonhado com eles, mas ela sabia muito bem que não deveria se ligar a eles.

Mas hoje, ela quase tinha sucumbido.

Ela torceu os dedos juntos enquanto parava nas portas de vidro corrediço que levavam ao pátio e



franziu o cenho para a própria imagem que refletia borrada.

Ela não era realmente bonita. Era o tipo de garota comum e não o tipo de garota que os garotos malvados notavam. O que tinha sido bom para ela até agora. Com seus cabelos ruivos até o ombro, olhos de um azul sem graça, e menos do que uma forma esbelta, ela não exatamente atraía os homens. Havia muitas mulheres muito mais bonitas do que ela, e muito mais exóticas. Mulheres que conheciam sua própria sexualidade e como satisfazer um homem. Mulheres que não se assustavam quando um homem soprava a carne sensível entre suas coxas.

Ela tinha gozado por um estranho.

Quando o rosto dele tinha corado e a luxúria pesada em sua expressão a tinha atingido, um segundo antes da respiração dele passar rápida sobre seu sexo, ela sabia que tinha cometido um engano horrível. Ela nunca deveria ter se arriscado daquele modo, sua identidade, sua segurança, a reputação do pai.

A própria paz de espírito.

Ela deitou a cabeça contra o vidro frio da porta, os lábios se movendo em um gesto de remorso. Teria sido bom. Tocar aquele corpo duro, sentir os músculos ficando tensos embaixo das pontas dos dedos, sentir as mãos correndo sobre ela.

Ele tinha um cheiro de limpo, tão masculino. Não havia odor de embriaguez ou indolência, apenas um macho limpo. Nenhuma pós-barba ou água-de-colônia forte. Apenas um firme odor de macho primitivo. O tipo de macho que nunca dava a mulheres como ela um segundo olhar.

Foi a roupa íntima de renda, a dança sensual, a natureza opressivamente sexual da atmosfera que o cercava. Ele realmente não tinha ficado excitado pela quietinha, atarracada e paradona Emily Stanton. E era melhor assim, não era?

O toque alto do celular interrompeu seus pensamentos. Girando para o bar que separava a cozinha da sala de estar, Emily pegou o telefone, verificou o número e atendeu depressa, sabendo o que estava por vir.

"Oi, papai". Ela empurrou o pensamento de garotos malvados para os fundos da mente para o homem que gostava dela, estimava-a. E lutava para contê-la.

"Emily, como você está, querida?", o afeto enchia a voz do pai enquanto vinha do outro lado da linha. "Você está ocupada?".

"Não muito", ela respondeu, empurrando para trás o remorso de realmente não estar. Inferno, era sexta-feira, ela deveria ter pelo menos um encontro.

"Você tem um tempo para o seu velho então?", a voz era muito séria; o bom humor comum e a provocação gentil estavam ausentes.



Emily franziu o cenho. "Você vai gritar comigo?".

Ela odiava quando ele sucumbiu à frustração e realmente gritava com ela. Não que isso frequentemente acontecesse, mas tinha acontecido por vezes suficientes para que ela temesse.

"Não vou gritar", ele prometeu tranquilamente. "Estou a mais ou menos cinco minutos de casa. Estou levando alguns amigos comigo. Até logo então".

Amigos. Isso significava guarda-costas e mais do que aquele que normalmente viajava com ele.

Emily respirou cuidadosamente. "Você está bem, papai?".

"Estou bem, querida". Mas o coração dela cerrou com o cavalheirismo da voz. "Apenas nos espere. Estaremos aí logo".

Emily desligou o telefone segundos mais tarde, olhando para ele com uma carranca enquanto mordida o lábio inferior. Os pensamentos de garotos malvados e excitação dissiparam enquanto preocupação começava a enchê-la. O pai dela estava preocupado, preocupado o suficiente para não esconder isso dela.

Algo estava errado, muito errado.

Cinco minutos mais tarde, tempo apenas o suficiente para mudar das roupas desleixadas para uma calça capri branca e uma camiseta de algodão cinza, Emily ouviu um veículo parar na frente do prédio.

Colocando as sandálias confortáveis, ela se moveu para a porta, verificando o olho mágico antes de depressa abrir a porta para o pai.

"Oi, papai". Recuando, ela assistiu enquanto ele entrava e a abraçava rapidamente.

Ele foi seguido por três homens altos, com corpos duros, bonitos o suficiente para fazer uma garota arquejar se não tivesse sido distraída pela carranca feroz no rosto do pai.

Ela deu uma olhada rápida para os três depressa antes de fechar a porta e se mover lentamente na sala de estar atrás deles.

Um dos homens se moveu para a porta corrediça e a puxou antes de ir para as janelas e fechar as cortinas.

"Por que ele está fechando as minhas cortinas?", ela encarava as costas dele. Uma muito boa. Larga e fortemente musculosa sob a camisa de algodão branco que ele usava. A costa larga diminuía até chegar à calça jeans apertada. A calça não fazia nada para esconder um traseiro delicioso.

"Eu sinto muito, neném", o pai dela disse suavemente enquanto ela girava para ele, vendo as linhas pesadas em seu rosto, a preocupação nos olhos azuis claros.

Aos cinquenta e cinco de idade, o pai dela ainda estava bem, era um homem bonito. Ele nunca tinha casado depois dos quase vinte anos da morte da mãe dela, mas ela estava ciente de que ele tinha certas "amizades".



"O que está acontecendo?", ela manteve a atenção nele enquanto os outros três homens começavam a se moverem pela casa. "Olhe, eu sei que Dyson está puto. Sei que você provavelmente também está. Mas era apenas uma pesquisa—"

"Emily, isto não é sobre o clube de strip". Ele agitou a cabeça, mas ela podia ver a linha plana da boca, e soube que o tinha desapontado novamente.

"Não foi tanta coisa assim", ela disse. "Dyson apenas fica muito irritado com pouca coisa, sabe?".

"Homens têm a mania de fazer isto". Ele concordou com a cabeça. "Velocidade. Flertar enquanto ele está ao seu lado. O clube de strip, a tentativa de ataque naquele clube de dança algumas semanas atrás. Querida, eu fiquei com cabelo branco com o relatório que Dyson me mandou antes de eu pousar".

E por que ela tinha imaginado que Dyson não faria isto? Todos eles faziam quando finalmente sucumbiam aos seus medos.

"Eu estava segura". Ela encolheu os ombros. "Os guarda-costas são como carrapatos. Eles sugam toda a diversão de tudo".

Ela ouviu um bufar de riso de um dos homens atrás mas não desviou o olhar do pai para dar uma encarada em quem quer que tivesse rido.

"Emily. Sente comigo". Ele tomou uma das mãos dela e a levou até ao sofá enquanto o coração dela começava a correr com terror.

Ele não estava bravo. Ele não estava gritando com ela. E isso era assustador. Ele tinha a mesma expressão no rosto que tinha na noite em que a tinha acordado para dizer a ela que a mãe dela não voltaria para casa. Que ela nunca mais voltaria para casa.

"O que há de errado?", ela puxou a mão de volta em uma agressão instintiva como sempre sentia quando algo que não gostava estava para acontecer. Ela conhecia esta expressão, conhecia o olhar.

Ele se sentou ao lado dela. "Emily", ele disse. "Fuentes está de volta, querida, e as informações que nós recebemos é que ele vai tentar te sequestrar novamente".

Por um momento, a escuridão quase a subjugou. O odor de vegetação em decomposição e o feder de corpos masculinos não lavados encheu seus sentidos. Ela teve que tragar de volta a bÍlis e o medo, teve que forçar de volta o pânico opressivo. As memórias inconstantes que não eram exatamente memórias sombreadas da mente. Lamúrias de dor, traição.

Enquanto ela encarava o pai, lutando contra o medo, se perguntou de onde o conhecimento de traição tinha vindo. Como ela sabia que eles tinham sido traídos? O que ela tinha visto ou ouvido que não podia se lembrar por causa das drogas que a tinham feito consumir.

"Você está certo?", ela respirou profundamente, retraindo o odor fresco de baunilha que enchia sua



casa.

Essa era uma imposição, nenhuma dúvida sobre isto. Além do fato de que era francamente apavorante. Ela não se lembrava muito do sequestro, mas o que ela se lembrava não era agradável.

"Nós estamos muito certos, Senhorita Stanton". Alto, cabelo negro, olhos tão cinza quanto nuvens de tempestade, um dos homens avançou. "O cartel de Fuentes está sério sobre isso também. Eles parecem acreditar que você pode ter visto ou ouvido algo que possa ameaçá-los. Além disso, seu pai está determinado a pegar o informante de Fuentes dentro do governo, e Fuentes tem que se assegurar de que isso não ocorra".

"Emily, esse é o Comandante Reno Chavez. Ele é o SEAL a cargo da nossa proteção".

"Oi, Sr. Chavez". Ela deu a ele um sorriso trêmulo. "Espero que você esteja vigiando papai direitinho. Ele pode ser difícil de acompanhar".

O sorriso do homem era puro sex appeal. "Estou fazendo o meu melhor, madame". Ele concordou com a cabeça. "Ele está mais preocupado com você agora".

"Atrás de Reno está o Capitão-tenente Clint McIntyre, e saindo do seu quarto", o pai dela jogou ao terceiro homem uma carranca de desaprovação, "você deve se lembrar do Tenente Kell Kreiger".

Olhos de um verde esmeralda, predatórios, quentes, que a fatiaram enquanto Emily finalmente dava ao homem sua atenção total. Ela sentiu a respiração deixar o peito enquanto o choque batia violentamente por seu corpo. Aqueles olhos. Algo sobre eles quase a hipnotizaram, enviado redemoinhos por ela e fazendo-a se encolher com vergonha ao pensar que ele tinha estado em seu quarto.

A roupa íntima de renda vermelha estava abandonada sobre a cama, a calcinha carregando o odor de sua excitação prévia. A mortificação incendiou as bochechas dela enquanto ela lutava para cobrir seu embaraço.

"Sr. McIntyre. Oi, Kell". Ela limpou a garganta enquanto lutava para tragar tentando lidar com os nervos que tomavam seu corpo agora.

"Emily. Eu preciso que você me faça um favor", o pai dela disse então, chamando sua atenção de volta para ele. "Kell ficará aqui com você. Ele será seu guarda-costas pessoal até que esta investigação que eu comecei esteja terminada. Eu preciso que você coopere com ele".

"Eu sempre coopero, papai", ela o lembrou com um sorriso. "Mas eu prometo, desta vez, que farei um esforço extra para não fazê-lo fugir. Eu odiaria fazer isso a um amigo".

Oh, inferno. Maldição. Ela estava em apuros. Kell, em sua casa? Dormindo sob o mesmo teto? Ela já podia sentir o calor opressivo que começava a se formar com intensidade entre as coxas. Era a hora errada para isso. Isto não era bom.



O pai dela estremeceu. "Há mais coisas, querida. Ninguém pode saber que ele é seu guarda-costas. Você acabou de despedir o seu antigo guarda-costas porque seu amante tinha ciúmes dele".

Oh. Merda.

Ela olha de volta para o pai. Ele estava brincando. Ele tinha que estar brincando.

Mas ele não estava. Ela podia ver nos olhos, sentir na tensão que emanava dele.

Os olhos dela foram de volta para Kreiger e ela se sentiu perder o chão. Aquele sorriso zombeteiro. Ela já tinha visto antes. Da mesma maneira como já tinha visto aquele corte particular corte de cabelo, aquele corpo tão duro, musculoso. Sem óculos de sol agora. Nada de chaparreira de couro. E ele tinha feito aquela barba áspera de dois dias do rosto. Mas era ele.

Por Deus. Ela tinha gozado no rosto dela há menos de cinco horas e agora eles teriam que fingir serem amantes?

Ele tinha se disfarçado de quem era. Ele a estava seguindo. Era o amante de fantasia dela desde o princípio e ela tinha gozado no rosto dele.

Isto não era nada bom mesmo. Era Twilight Zone¹⁰. Ela podia ouvir a música tema tocando na própria mente.

"Essa não é uma ideia muito boa". Ela tentou lutar contra o tremor de prazer e destruição iminente enquanto se voltava para o pai. "Por que eu apenas não fico em casa durante algum tempo?"

Essa era a solução perfeita. Ele a tinha desejado de volta em casa desde que ela tinha saído de lá. Ela podia apenas ir para casa. Ela teria que cancelar algumas atividades que tinha planejado, por de lado a pesquisa que ainda tinha que fazer para o novo livro.

E um desses era o show de sexo ao vivo que tinha planejado ver. Mas ela estava certa de que sua agente daria a ela algum tempo extra para este livro. A maior parte era pesquisa de qualquer maneira. Não era como se ela não soubesse o que escrever. Ela apenas não sabia como escrever.

Mas o pai dela estava agitando a cabeça lentamente. Maldição, claro que não podia ser tão fácil.

"Querida, estas pessoas podem chegar a você lá tão facilmente quanto podem aqui. Eu não vou nem ficar em casa. Estou em um apartamento perto do Capitólio¹¹ com os meus próprios cuidados com a segurança. Essa é a única forma".

¹⁰ Twilight Zone – 'Além da imaginação' é uma série de televisão criada por Rod Serling e dirigida por Stuart Rosenberg, apresentando histórias de ficção científica e terror. Ao longo de sua história, teve diversas temporadas e continuações.

¹¹ O Capitólio- localizado na Colina do Capitólio (em inglês Capitol Hill) é o maior bairro histórico residencial de Washington D.C., com um população de cerca de 35 mil pessoas distribuídas numa pequena área de cinco quilômetros quadrados. A denominação Colina do Capitólio também é uma metonímia para o Congresso dos Estados Unidos da América.



Oh, não. Tinha que haver outra resposta. Nunca havia apenas um único jeito de se fazer qualquer coisa. Não era isso que ela tentava colocar nos alunos, a habilidade de tentar novas coisas de modos diferentes? Claro que havia uma resposta para isso, ela tinha apenas que achá-la.

"Eu podia me mudar com você—"

"Isto não é possível, Emily". A voz de Kell era firme, determinada. "Nós precisamos manter a impressão de que o senador não sabe nada sobre esta ameaça por motivos de segurança. Se você vier para D.C. e ficar escondida, eles suspeitarão".

Ela encarou sua Nêmesis¹². O garoto malvado de couro. Deus, ela tinha que se livrar dele. Ela já podia sentir a própria reação por ele florescendo uma vez mais, aquecendo seu corpo, lembrando-a da dança ultrajante que tinha apresentado a ele. Atrevida, sensual. Deixar a mulher imoral dentro dela livre não tinha sido difícil, e ela estava terrivelmente com medo de que não houvesse nenhum modo de mantê-la bloqueada se ela realmente tivesse que viver com ele.

"Emily. Você não pode dizer a ninguém por que ele está aqui". O pai dela suspirou fortemente, trazendo o olhar dela de volta para ele. "Nós temos que manter o segredo das informações. Você tem que convencer todo mundo de que ele é seu amante".

Emily se encolheu. Ele tinha dito novamente. O pai dela tinha dito amante com respeito a ela e um homem? Especialmente este homem.

Com os olhos largos, cheios com choque, ela o encarava.

Os lábios dele crisparam em diversão súbita. "Eu não sou tão velho, garotinha", ele disse a ela. "E sou esperto o suficiente para saber que você provavelmente sabe o que as palavras significam".

Até parece. Putz, como se diz ao pai que ainda se é virgem aos vinte e cinco anos de idade? Especialmente quando ele constantemente estava enviando agentes e guarda-costas altos e musculosos para protegê-la e, com sorte, habitarem sua cama?

Ela sabia por que ele nunca enviava guarda-costas femininos. Da mesma maneira que ela sabia que cada homem que ele tinha enviado era pessoalmente escolhido a dedo como genro potencial.

Pense, Emily. Tem que haver uma resposta aqui. De nenhum modo ela poderia viver com um homem que estava morrendo de vontade de por as mãos. Especialmente este homem. Um que já tinha feito o papel de mais malvados de todos. Um homem que ela sabia que nunca poderia ter e que nunca tinha parado de desejar mesmo assim.

¹² Nêmesis - deusa grega da segunda geração, uma das filhas da deusa Nix (a noite). Pausânias citou-a como filha dos titãs Oceano e Tétis. Personificação da retribuição e da justiça distributiva.



"Eu poderia ficar com a Tia Betha", ela disse então. "Só o diabo para ousar mexer com ela".

A vereadora Betha era uma advogada de Boston com temperamento suficiente até para assustar o pai dela.

Ele estava agitando a cabeça. Certo, não seria bom envolver Betha.

"Você está sério sobre isso", ela disse fraca.

"Eu tenho medo, neném", ele disse. "Mas não se preocupe, Kell é um profissional. Esse não é seu primeiro trabalho em segurança privada. Ele já protegeu presidentes e cidadãos estrangeiros. Estou certo de que ele pode te acompanhar".

Sim, mas como diabo ela deveria acompanhá-lo? Ela girou o olhar de volta para ele, lutando para não revelar o fato de que ela tinha estado bem perto dele e de modos que ela estava certa de que seu pai forçaria o pobre homem a ir para o altar com ela.

Como ela deveria sair disso agora? Ela não podia recusar a proteção. O pai dela nunca teria planejado isto se não estivesse genuinamente seguro de que ela estava em perigo.

"Entendo". Foi tudo o que ela pôde fazer para empurrar as palavras pelos lábios e botar um sorriso amigável no rosto enquanto dava uma olhada rápida de volta para Kell Kreiger. "Se eu me lembro corretamente, ele come muito. Terei que fazer compras".

Emily sorriu. Não era um sorriso de coração, era puro desafio, e esse vislumbre naqueles olhos de esmeralda não era apenas diversão, era calor. Calor sexual. E ela era mulher o suficiente para estremecer até os pés.

"Emily". O pai dela trouxe o olhar dela de volta para ele. "Eu quero que você me prometa que escutará o Kell. Nada de fugir por conta só porque quer. Nada de clube de strip ou de dança. Prometa-me que você o deixará te manter segura".

Ela encontrou o olhar dele diretamente, deixando-o ver a suspeita nos olhos dela que ela podia sentir erguendo dentro de si. Ela não sabia tanto sobre os serviços armados quanto provavelmente deveria, ela admitia, mas algumas coisas não se encaixavam muito bem.

"Por que os Navy SEALs estão envolvidos em vez do Serviço Secreto?", ela finalmente perguntou enquanto ficava de pé e caminhava para o bar que separava a sala de estar da cozinha, então girou para enfrentá-lo. "Eu pensei que os SEALs fossem uma força de ataque".

"Nós somos também", Reno respondeu. "Temos muita experiência com o cartel de Fuentes, como eles atacam, e os homens com os quais eles costumam atacar. Estamos trabalhando com o Serviço Secreto em D.C. com a segurança do seu pai, e haverá dois agentes do Serviço Secreto atribuídos enquanto eu auxilio aqui. Mas essa é uma operação investigativa assim como de proteção, por causa disso é necessária



a história da cobertura”.

Isso fazia sentido. Ela conhecia poucas coisas que tinha escutado do pai quando era mais jovem que um time de SEALs podia seguir uma única investigação por anos. Não era uma ocorrência comum, mas acontecia.

"Desde quando eu já menti para você, Emily?", o pai dela se ergueu do sofá, uma carranca pesada marcando as feições enquanto Reno terminava sua explicação.

"Eu não disse que você estava mentindo para mim, papai". Ela ergueu o queixo desafiadoramente. "Mas nós dois sabemos que você nunca me diz a história inteira ou a verdade sobre o perigo envolvido. De nove em cada dez vezes você coloca aqueles guarda-costas estúpidos na minha casa baseado em nada além de rumor e na esperança de me afastar de fazer qualquer coisa que você tenha ouvido que eu esteja para fazer”.

Ela viu a surpresa chamejar no olhar dele então. Ele pensava que ela era tão idiota a ponto de não ter nenhuma ideia do que ele estava fazendo.

"Você gosta de criar problema”, ele murmurou, dando uma olhada rápida para os três SEALs mal escondendo o desconforto.

Ela odiava aquela acusação.

"Eu não crio problemas, papai”. Emily manteve a voz calma, tranquila. Ela não queria lutar com ele.

"Você faz lap dances para homens estranhos”, ele sibilou. "Do que você chama isto?”.

Ela corou com embaraço. "Diversão”, ela retrucou de volta. "Apenas pense, papai, que esse poderia ter sido o gênero que você está tentando empurrar para mim”.

Ela fechou a boca no minuto em que as palavras deixaram os lábios. Palavras raivosas. Acusações. Droga, os nervos dela estavam quase no limite e ele esperava que ela mantivesse a boca fechada e apenas aceitasse sua condenação uma vez mais. E ele esperava que ela fizesse isso na frente do homem que ele tinha atribuído para protegê-la.

Ela agitou a cabeça abruptamente, dando as costas para ele e erguendo a mão para prevenir a resposta gelada que ela sabia que cortaria sua alma.

"Você terá que sair do seu mundinho e dar tempo a ele primeiro”. As palavras vieram de qualquer maneira. Elas a apunhalaram, fazendo-a vacilar em vergonha porque o homem que ela tinha feito aquela dança a estava assistindo, escutando.

Ela inalou roucamente, piscando de volta as lágrimas, determinada a não se machucar dessa vez.

"Então”. Ela se voltou para ele. "Quanto tempo você vai permitir a Kell ficar?”, ela deu uma olhada rápida com expressão pensativa para Kell, tentando impedir de encontrar seu olhar. "Duas semanas?



Quatro?".

"Desde que ele possa te controlar", ele retrucou de volta.

Os lábios dela afinaram. "Então você pode levá-lo com você quando partir, porque nenhum homem me controla, papai. Você já deveria ter percebido isso por conta própria".

Capítulo Cinco

Na hora em que o pai havia partido, Emily estava exausta. Ela podia sentir o sentimento sufocante que vinha a cada troca de guarda-costas, e o sentimento de impotência que não conseguia evitar.

Mas, era pior dessa vez, porque Kell era mais do que apenas um guarda-costas. Ele era um amigo misterioso, uma parte de sua vida desde que ela tinha dez anos de idade, e uma parte dela sonhava com ele desde que era uma adolescente. Ela tinha estado meio apaixonada por ele desde que podia se lembrar, e agora, ela deveria fingir que ele era seu amante. Que ele a tocava. Que ela conhecia seu beijo e a carícia de suas mãos.

Deus a ajudasse, ela não podia nem escrever sua fantasia com ele. Ela não tinha nenhuma ideia de como se sentiria, mas conhecia o desejo por isso. Uma fome que a deixava tremendo quando entrava nos sonhos dele tocando-a, sempre muito perto e ainda assim nunca realmente em sua carne.

Ela podia sentir agora. Ondulava por sua circulação sanguínea e a lembrava de que Kell era parte da razão pela qual nenhum outro homem nunca tinha estado à altura da ideia de amante que ela procurava. Porque ela queria Kell. Queria com uma teimosia que não deixava espaço para outros homens.

"As regras nesta casa são simples", ela declarou enquanto se forçava a girar e enfrentar o tão desejado visitante.

Ela poderia terminar como tinha a intenção de terminar desde o começo. "Fique fora do meu caminho e eu ficarei fora do seu".

Ele estava diante da porta dela, as sombras da noite enchendo a casa e se juntando ao redor dele como um manto de perigo.

Ele parecia perigoso. Ele era perigoso. Muito mais do que ela se lembrava. Ela tinha o pressentimento de que ainda que ela quisesse envolvê-lo aos poucos como ela tinha feito com os outros, não seria possível.

"Ficar fora do seu caminho?", ele sorriu sugestivamente enquanto seu olhar passava pelo corpo dela. "Eu não acho que será possível. Os guarda-costas têm um propósito, Emily. Eles protegem o corpo. E eu



levo meu trabalho muito seriamente”.

O olhar dele foi para as coxas dela por um longo segundo antes de subirem para seu rosto com um sorriso mau.

"Eu aposto que você leva, mas creio que eu estou segura o suficiente em casa. O sistema de segurança aqui é melhor do que no Forte Knox¹³, então nós não teremos quaisquer problemas se um ficar fora do caminho do outro. Agora, vamos fazer isso?”.

Ela estava tremendo. Tremendo e certa de que ele podia ler seu nervosismo em cada movimento que ela fazia. Ela nunca tinha sido boa em esconder os pensamentos, e esconder os desejos era muito mais difícil.

Cada vez que ele olhava para ela desde que ela tinha virado uma adolescente ela via o conhecimento nos olhos dele. A certeza de que ele conhecia a fome que se formava dentro dela. Claro, era por isso que ela não o havia visto nos últimos cinco anos. Ele a tinha evitado. E isso era tão humilhante.

"Isso não funciona assim”, ele declarou calmamente.

Não havia nenhuma carranca. Não havia nenhum chamejar de cálculo em seu olhar enquanto ele tentava decidir como lidar com ela. Todos eles tinham esse momento de indecisão, como se não estivessem bem certos de como fazer com uma cliente que realmente não os queria lá.

"Por que não?”, ela manteve a voz razoável. "As aulas começarão novamente no mês que vem e eu estarei ocupada com os trabalhos de aula e assim por diante, assim como com o pouco que escrevo. Eu sei como me entreter, e faço isto bastante bem. Espero que você saiba como fazer o mesmo”.

"Algumas coisas são melhores se feitas juntos”, ele assinalou, compassando para mais perto, os olhos esmeralda nos dela e mantendo-os nele contra sua vontade. "Você me fez uma promessa mais cedo, Emily. Você pretende desfazê-la?”.

"Que promessa?”, ela podia sentir o cheiro. Ela queria gemer com o odor, músculos impossivelmente firmes e a sensualidade poderosa enquanto ele começava a invadir o espaço pessoal dela.

Ela devia retroceder. Ir para longe. Mas ela estava presa no lugar, o olhar fixo no dele, sentindo faixas invisíveis de calor envolvendo o corpo.

"Eu não te prometi nada”.

¹³ Fort Knox - pequena cidade estadunidense e base do Exército dos EUA, localizada no estado de Kentucky, ao longo do rio Ohio. Abriga importantes unidades de treinamento e comando de recrutamento do exército, o Museu George S. Patton, em homenagem ao general da II Guerra Mundial e o United States Bullion Depository (Depósito de Ouro dos Estados Unidos), pelo qual o lugar é mais conhecido. A base é usada pelo exército e pelos marines para treinamento em tanques M1 Abrams e treinamento básico de recrutas em simulação de combate real.



"Você prometeu". O sussurro macho e sensual da voz dele fez o útero dela se apertar. "Quando você molhou aquela calcinha que está sobre a sua cama por causa da minha respiração contra a sua doce buceta, você me fez uma promessa muito firme. Uma que eu pretendo cumprir. Um gosto que eu pretendo tomar".

O choque a deixou imóvel.

"Minha calcinha?", ela sussurrou desesperadamente.

"De renda vermelha". A mão dele ergueu, as costas dos dedos acariciando junto à clavícula dela enquanto ela tremia diante dele. "Lá naquela sua enorme cama branca. Ainda molhada e cheirando a pêssego e creme. Você sabe como eu gosto de pêssegos e creme, Emily?".

Emily foi para trás, quase tropeçando contra a parede enquanto ela encarava Kell com choque pasmo. Os olhos pareciam clarear enquanto o rosto dele ficava mais escuro, cheio de intento, sexualmente faminto.

Ela agitou a cabeça desesperadamente. "Não deveria ser você", ela ofegou. "Deveria ser um segurança".

"E eu tive que pagar bem a ele para estar lá", ele murmurou com um sorriso. "Muito bem. E eu pretendo receber isso também. Na sua cama grande, por toda parte do seu corpo como uma chuva de verão. Diga-me, docinho, você já teve algum homem te cobrindo como uma chuva de verão?".

Cajun¹⁴. O suave toque Cajun que deslizava pela voz dele enviou um tremor pela espinha de Emily enquanto ela agitava a cabeça. Um movimento aos arrancos que ela não parecia ter controle.

Isto não estava acontecendo. E ela não estava respondendo. Ela não estava quente. Ela não estava ficando horivelmente molhada entre as coxas. E droga, os mamilos não estavam tão apertados e duros contra a camisa que ela usava.

"Nunca?", a voz dele abaixou enquanto ele se movia adiante novamente, enjaulando-a, contendo-a. O corpo duro dentro da distância da respiração dela e a parede atrás.

"Pare!", ela queria dizer a palavra com força. Deus, ela queria soar tão ofendida e furiosa quanto sabia que devia estar. "Eu não te vi o suficiente nos últimos cinco anos para te reconhecer quando você entra em uma boate e você acha que eu vou apenas saltar na sua cama com você?".

O corpo dela estava mais do que pronto para fazer exatamente isto.

"Parar?", a cabeça dele abaixou, os lábios tocando a sobrancelha dela.

¹⁴ Cajun - membro de um grupo de pessoas com tradição cultural ainda vigente cujos antepassados Católicos franceses estabeleceram comunidades permanentes nos estados de Luisiana e Maine depois de serem expulsos da Acadia (atual Iraque) até o final do século dezoito. Também significa o dialeto francês dos Cajuns.



Ela iria se sufocar sozinha com a respiração. O prazer a inundou tão depressa, uma fraqueza que fez os joelhos dela faltarem e tremores de repente fizeram seu corpo tremer.

"Por favor, pare". Ela fechou os olhos enquanto apertava as mãos contra a parede, usando a última parte de força para se afastar dele. Se ela o tocasse, ela iria se humilhar ainda mais. Ela gemeria e arquearia contra ele. Ela imploraria por coisas que sabia que em última instância destruiriam sua independência.

"Está certa, docinho?", as mãos dele deslizaram levemente pelos braços nus dela. "Você está certa de que é isso que quer? Eu podia te fazer gozar novamente. Em vez de apenas uma pequena ondulação, te farei explodir com prazer. Você não gostaria?".

Ela adoraria. Ela desejava isto. Estava morrendo por isto.

"Não!", em um movimento que não podia acreditar que tinha feito, as mãos bateram violentamente contra o tórax dele, empurrando-o de volta enquanto ela saía da parede, encarando-o em fúria.

Ele estava rindo dela. Estava lá nos olhos, no sorriso. Rindo dela e provocando-a. Tentando controlá-la.

"Seu bastardo", ela sufocou. "Você não tem nenhum direito de me molestar na minha própria casa assim".

"Molestar você?", ele estava claramente rindo agora. A diversão no rosto dele deslizou em seu intestino como uma faca, e queimou sua mente com a realização vergonhosa de que ele poderia estar excitado, mas nada como ela estava. Ele estava brincando. Nada mais.

"Que diabo, fique longe de mim", ela ordenou severamente, piscando de volta as lágrimas. "Eu não gosto de seus jogos e eu não gosto das suas malditas mentiras. Posso passar sem isso".

Ela girou, com a intenção de correr para longe dele, se trancar no banheiro e tentando lavar o embaraço vergonhoso de sua mente.

"Pode segurar aqui, docinho?", a mão dele desceu pelo braço dela, girando-a para ele firmemente enquanto ele franzia o cenho de volta para ela. "Nada disso é nenhum jogo. E isso com toda a certeza não é".

Antes que ela pudesse pará-lo, ele forçou a palma dela contra a protuberância sob a calça jeans, e apertou-a, o olhar chamejado com brilho novamente. "Eu posso gostar de brincar um pouco com você, mas confie em mim, eu sei como estou sério em te tocar. E estarei naquela cama com você, a única questão é quando".

"Quando o inferno congelar".

"Sério?", o sorriso dele era mais gentil agora, mas ainda assim cheio com humor. "Eu ouvi dizer que o



aquecimento global está vindo rápido, docinho. Você tem certeza de que ele já não está congelado?"

"Estou bastante certa", ela grunhiu de volta. "Porque se ele não estivesse, com toda a certeza nós não estaríamos de pé aqui e o seu chefe já teria te chamado de volta. Agora me deixe ir!"

Ele a soltou, mas a diversão dele a fez ir para trás com um grito estrangulado entre os dentes. Ela girou para longe dele, marchou para o quarto, e bateu violentamente a porta com força suficiente para sacudir a armação.

Tremendo de ira ela pisou ao lado da cama. Arrancando o telefone da base, ela discou o número do celular do pai com golpes dos dedos.

"Emily?", a voz veio através da linha, preocupada, questionadora.

"Ele está despedido!", a voz dela estava tremendo. O coração estava correndo o suficiente para sufocá-la. "Você me entendeu? Agora mesmo. Volte aqui e o despeça, ele já era".

O silêncio encheu a linha por longos momentos.

"Ele machucou você, Emily?", ele perguntou tranquilamente.

Ela queria mentir. Pela primeira vez em mais tempo do que se lembrava, ela queria mentir para o pai.

"Ele é louco", ela sibilou ao invés. "De carteirinha. Eu não ficarei aqui com ele".

"Ele te machucou, Emily?", a demanda na voz do pai ficou mais forte, mais firme.

"Não, ele não me machucou", ela clamou. "Mas se você não vier para pegar o seu buldogue, eu juro que vou machucá-lo".

Silêncio novamente. Ela odiava silêncios.

"Papai, eu nunca te pedi para fazer isto", ela sussurrou de repente. "Eu sempre deixei os seus garotos ficarem. Eu sempre os deixei me seguirem como os cachorros de guarda que são. Estou te pedindo dessa vez, por favor, pegue outra pessoa".

Ela não tinha implorado ao pai nada nos últimos anos. Ela tinha tentado ser independente, tentado ser auto-suficiente e razoavelmente responsável.

Ela o ouviu suspirar exausto. "Eu não posso fazer isto, Em. Sua vida é mais importante para mim agora do que o quê você quer. Ele fica".

Choque correu pelo corpo dela, aumentando o tremor do corpo, o medo que começava a nublar sua mente.

"Você não pode querer dizer isto", ela sussurrou.

"Se ele não te machucou, se você não está assustada por ele pessoalmente, então sim, estou falando sério. Agora, eu vou te pergunta mais uma vez, ele te machucou? Você tem medo de que ele vá te machucar?"



Ele iria partir o coração dela. Ele iria rasgar a alma do corpo.

"Eu sinto muito por ter te aborrecido". Como ela tinha conseguido controlar a voz que tremia, ela não sabia. Mas tinha feito. O orgulho a havia firmado, gelado, e mantido-a de pé enquanto encarava a parede à frente.

"Emily—"

"Adeus, papai". Ela desligou o telefone o mais suavemente que podia enquanto piscava de volta as lágrimas e percebia que nunca deveria tê-lo ligado para começar.

"Assustada, Emily?".

Ela se virou e ele estava lá. Ele tinha aberto a porta silenciosamente e agora se debruçava preguiçosamente contra a armação, um tornozelo cruzado acima do outro, um antebraço largo debruçando contra o umbral da porta.

"De você?", ela perguntou zombando. "Não mesmo, Kell. Nunca. Agora se você me dá licença, eu preciso de um banho". Ela começou a se mover em torno da cama quando viu a calcinha, amassada no final da cama em vez de no meio onde a tinha jogado.

Ela a pegou cuidadosamente, encarando-o e então girou e jogou-a para ele friamente. E claro, ele a pegou, com uma mão, sem esforço.

"Você pode ficar com ela", ela declarou severamente. "E aproveite, porque será o mais perto que você chegará dessa parte em particular do meu corpo novamente".

Virando sobre o calcanhar, ela se forçou a se mover devagar para o banheiro, entrar nele e fechar a porta suavemente antes de se encostar à porta e engolir um grito de fúria.

Kell Kreiger não era o tipo de homem que uma mulher brincasse. Um pouco de provocação leve, beijos inocentes, ou sussurros no escuro. Ele era um animal, macho no sentido mais verdadeiro da palavra, e ela de repente se sentia impotente, como uma presa.

O que ela tinha desejado antes? Um homem que ela não pudesse controlar? Um homem que não lamentasse e tentasse tomar as rédeas?

Ela deveria estar louca.

Kell encarou a porta do banheiro fechada e deixou uma carranca se formar entre as sobrancelhas. Ela estava assustada. Ele tinha visto nos olhos quando ela tinha fugido dele, ouvido na voz. Mas não era o medo de uma mulher que sentia perigo físico, era o medo de uma mulher enfrentando algo desconhecido, algo incerto.

Ele agitou a cabeça, os lábios apertando com a memória da voz dela quando tinha implorado ao senador para que o tirasse da tarefa. O grito de uma criança ao pai, um apelo por compreensão, e



evidentemente o senador não tinha se preocupado em dar atenção ao grito.

O senador nunca tinha ligado para os gritos. Ele sempre tinha dito a ela "mexa-se", encorajando-a a secar as lágrimas e trabalhar mais duro. Ele se orgulhava dela. Ficava confuso por ela. Mas no fim, ele fazia como queria, não como Emily precisava.

Aagitando a cabeça, ele andou de volta até a entrada, fechando a porta suavemente atrás de si enquanto as mãos cerravam em torno da seda da calcinha de renda. Ele tinha que lutar para se impedir de trazer o material suave até o rosto, se conter para não cheirar o odor de pêssegos e creme de sua cabeça. Se ela pensava que iria consegui-la de volta, estava errada. Mas ele a veria nela novamente. E ele prometeu a si mesmo que a tiraria com nada além dos dentes e devoraria a carne doce e sedosa que ela cobriria.

Enquanto ele se movia pela sala de estar o celular tocou exigentemente a canção do AC/DC "Hells Bells"¹⁵. Sorrindo amplamente, ele verificou o número que o chamava e abriu o flap. "Boa noite, Senador", ele respondeu. "Que diabo está acontecendo?", o outro homem grunhiu ao telefone. "Você não está a sós com ela há uma hora e ela já me ligou quase em lágrimas pedindo a sua substituição. Que diabo você fez a ela?".

"Nós estamos estabelecendo as nossas regras, Richard", ele assegurou o senador calmamente. "Ela está um pouco chateada com isto".

"Não venha com esse monte de besteiras, filho, eu não sou um tolo".

"Não, você não é", Kell respondeu firmemente. "Você é um pai respondendo pela raiva da filha. Se me quiser fora desta tarefa, eu entendo". Até parece. "Mas já que eu estou nisto, então eu a protegerei como achar que é o melhor ajuste".

"Você a machucou?".

"Você realmente precisa me perguntar isso?".

Ele podia ouvir o silêncio no fundo, ele quase podia ouvir a mente do senador trabalhando.

"Emily é uma mulher inteligente, esperta. Nós dois sabemos disso", Kell disse então. "Ela deixa os guarda-costas na palma da mão facilmente. Ela é assustadoramente valente, como provou hoje no clube de strip e nas excursões para as quais ela arrasta os guarda-costas. Eu não serei trapaceado, enrolado ou convencido a deixá-la se arriscar desnecessariamente. Vamos levar alguns dias para estabelecer as regras base, mas assim que conseguirmos, ela se adaptará bem".

Essa era sua história e ele iria se agarrar a ela.

¹⁵ Hells Bells = sinos do inferno.



O senador permaneceu mudo. Kell seguiu a estratégia. Ele verificou as fechaduras da porta do pátio, então as janelas, indo pela casa e para o quarto para o qual tinha sido designado.

"Ela é uma boa menina", o senador finalmente disse suavemente. "Ela se fere facilmente. Não seja grosseiro com ela, Kell. Você poderá machucá-la mais do que qualquer outro. Ela sempre foi apaixonada por você".

E por incrível que parecesse, o senador nunca tinha incentivado aquela paixonite e ele nunca tinha empurrado Kell para ela.

"Eu não atropelo ninguém, Richard. Eu simplesmente os convenço do meu modo".

O senador Stanton grunhiu com o comentário. "Se ela me chamar novamente, eu considerarei o pedido. O que quer que seja que você está fazendo, conserte".

"Você prometeu nenhuma interferência", Kell o lembrou.

"Isso foi depois da mulher que já é meio apaixonada por você ter ligado, quase em lágrimas, pedindo por algo que ela nunca tinha implorado antes. Conserte isto, Kreiger, e faça suavemente. Ou nós trocaremos algumas palavras. E você não vai querer isto".

Ele preferiria evitar, mas poderia lidar com isto.

"A escolha é sua, Richard", ele finalmente respondeu tão educadamente quanto podia. "Apenas deixe-me saber quando eu precisarei fazer as malas e eu estarei pronto para me mandar. Até lá, por favor, abstenha-se de me ligar por causa da raiva da sua filha. É prejudicial à tarefa e cria tensão desnecessária entre nós".

"Tenente Kreiger, você está abusando da minha paciência".

"E você deve se lembrar de como eu me supero em testar a paciência de todo mundo", ele assinalou. "Acho que você terá que me perdoar por isto de novo".

"Melhor que você espere que eu perdoe", ele retrucou. "Agora conserte isto. E essa é uma maldita ordem".

O telefonema foi desligado enquanto Kell agitava a cabeça com um sorriso torto. Lidar com o pai poderia se tornar mais difícil do que lidar com a filha.

Ele colocou a calcinha de renda na cômoda ao lado da porta, girou para a sacola de acampamento, e começou a desempacotar as coisas. As armas ficaram perto da cama, com o respaldo do coldre, a arma amarrada com correia no topo da bota de trabalho de cadarço com a calça jeans a cobrindo.



A Glock¹⁶ que ele normalmente carregava no cinto estava dobrada na mesa ao lado da cama, o rifle automático e munição extra colocados embaixo da cama.

As roupas estavam penduradas no armário e enfiadas na cômoda. Dentro de minutos ele tinha arrumado tudo e olhava o quarto com uma sensação vaga de descontentamento.

O que havia em Emily Stanton que sempre o atraía? No dia em que ele tinha percebido em que beleza ela estava se tornando e como o fogo estava apenas mal contido dentro dela, ela o tinha deixado duro. Duro o suficiente para doer. Duro o suficiente para assustá-lo completamente e fazê-lo correr na direção oposta nos últimos cinco anos. Havia algo de vivo nela, algo selvagem e indomável. Mas estava contido. Guardado e chiando abaixo da superfície enquanto ela lutava para sobreviver no meio da vida do pai, amando como ele era, e tentando forçá-la a aceitar. Emily nunca daria ao pai o que ele precisava dela. O senador Stanton queria uma linda bonequinha que seguisse seus comandos e nunca pensasse em questioná-los ou a própria felicidade.

O problema como Kell tinha visto, era que os dois eram muito parecidos. Se Emily tivesse nascido homem, ela teria sido um Navy SEAL dos diabos. Mas ela não tinha nascido homem. Tinha nascido suave e gentil, fácil de quebrar e fácil de ferir.

Ele sabia exatamente como era fácil quebrar algo tão suave e delicado. Fuentes já tinha destruído uma mulher aos cuidados de Kell. Ele não deixaria que o senhor das drogas destruísse outra.

Ele sentiu algo se contorcer por dentro ao pensar na esposa, Tansy, e o filho que ele nunca tinha conhecido. Tansy não tinha sido uma selvagem. Ela tinha sido gentil, etérea, como se seu corpo soubesse que ela estava nesta terra apenas por pouco tempo.

Ela o fazia rir. Ela o tinha feito se ver como algo diferente do herdeiro das fortunas dos Kreiger e dos Beaulaine combinadas. Ela tinha aberto os olhos dele e o ensinado a começar a amadurecer quando a família dele teria continuado a convencê-lo de que ele era a perfeição e de que tudo em sua vida tinha que ser do mesmo jeito.

Ele mal podia se lembrar de seu rosto agora. Ele não sonhava com ela há anos, e a lança em chamas de dor tinha diminuído ao longo dos anos. Ele sentia remorso. Fúria pelo demônio que a havia tomado dele e o conhecimento de que Emily tinha o poder de segurá-lo agora com uma força que ele sabia que nem Tansy teria conseguido.

Ele amava Tansy quando um garoto. Se Emily roubasse seu coração de homem, então o risco para

¹⁶ Glock - empresa austríaca fabricante de armas e materiais de cutelaria. É preferida por policiais em grande parte pelo marketing e grande aceitação entre forças paramilitares e policiais no mundo. Arma tática tipo pistola, leve, segura e com boa precisão, fabricada em liga de polímero e podendo ser adaptada para atirar embaixo d'água.



sua alma poderia ser maior.

Ele nunca sobreviveria se viesse a perdê-la.

Ela era como a pequena raposa com a qual ele sempre a havia comparado. Inquisitiva. Teimosa. Sensual.

Ela era determinada. Ela não poderia sempre saber o que procurava, mas estava fazendo seu caminho, e Kell tinha a intenção de se tornar o que ela procurava. Todos aqueles impulsos selvagens. Toda aquela fome que a aquecia, seria dele.

Um homem aprendia ainda jovem que não podia domesticar o vento, então ao invés disso, ele aprenderia a se tornar parte dele, canalizá-lo. Essa era a chave para Emily. Canalizar toda aquela frustração e necessidade retida para aventura. Como uma raposa, como o vento, não havia como domesticá-la. Mas ele poderia apreciar. E ele definitivamente tinha a intenção de fazer isso.

Capítulo Seis

“Você não me disse que o enganoso Kell Kreiger era seu amante, por quê?”.

Emily conteve um suspiro enquanto encarava no dia seguinte, através da pequena mesa do pátio, sua melhor amiga, Kira Porter, e mediu a suspeita em seus olhos.

Suspeita pesada. Ela não enganaria Kira nem um pouquinho, e ela certamente não poderia dizer a verdade a ela.

Ela tinha pisado em ovos ao redor de Kell na noite anterior, observado-o cautelosamente, tentando ter uma ideia do melhor jeito de lidar com ele. Ela não tinha conseguido pensar em nada ainda. Claro, teria ajudado se ela realmente soubesse um pouco mais sobre ele do que sabia. Ela sabia que ele não a machucaria. Sabia que poderia confiar nele, depender dele. Ele era um amigo do pai dela, e no fundo ela sempre soube que poderia ligar para ele se precisasse.

Mas ela nunca tinha feito.

"Ele pode te ouvir, Kira", ela assinalou com uma carranca. "Baixe a voz".

O outro lado da moeda era que ele de fato não a conhecia tão bem quanto imaginava. Ela não precisava dar a ele quaisquer informações adicionais.

"Emily, o homem apenas te arrancou da cama, fez café para você, e de alguma maneira obteve pãezinhos de canela antes que você despertasse, tudo sem um beijo ou uma única luta. Ele é outro guarda costas, não é, e você está apenas muito envergonhada para admitir que cedeu ao seu papai novamente,



não é?”.

"Ele não é um guarda-costas". Emily manteve a voz firme e livre da frustração com esforço. "Realmente, Kira, você está fazendo muito estardalhaço. Eu não te conto tudo”.

"Quando a questão é sobre homens, você diz sim". Kira bufou. "Eu já te escutei delirar por horas”.

"Apenas quando eles falham em me agradar”, Emily assinalou com um sorriso. "Talvez Kell me agrade”.

Emily manteve o sorriso satisfeito consigo mesma no rosto enquanto se sentava de volta e saboreava o café que Kell tinha feito. Estava excelente, maldito. E de alguma maneira, ele tinha conseguido pãozinhos frescos de canela sem deixar a casa.

"Sim. Certo”. Kira escorou o queixo na mão, os olhos cinza encarando-a através da mesa zombeteiramente enquanto o cabelo preto até o ombro caía adiante e dava ao rosto uma aparência exótica.

Kira era simplesmente magnífica. Feições perfeitas, lábios atraentes, olhos oblíquos e sedutores, e sobrancelhas perfeitamente curvas. Ela se considerava a última sedutora com diversão apenas o suficiente para assegurar uma pessoa de que ela não estava levando a sério.

Mais de um dos guarda-costas de Emily tinha ficado apaixonado por ela, enquanto os outros tinham arquejado como lobos atrás de um filé mignon.

"Sim, certo”. Emily concordou com a cabeça, desejando que a amiga mudasse de assunto, e muito ciente de Kell sentado na sala de estar logo depois da porta, fingindo assistir o canal CNN¹⁷.

"Então, ele te aliviou desse problema sórdido da virgindade que você tem, assim como um pouco de amor? Ele devia ser felicitado”.

Emily sufocou com o café, quase o regurgitando no rosto divertido de Kira enquanto encarava a amiga com horror. Oh, Deus, ela iria matar Kira. Ela iria amarrá-la. Iria fechar a porta da frente e nunca, jamais permitira a ela entrar em sua casa novamente. Pelo menos, não até que Kell Kreiger tivesse ido embora.

Ela se sentiu mortificada por se precipitar, queimando as bochechas antes de espalhar pelo resto do rosto.

Não havia nenhuma chance que Kell não tivesse ouvido isso.

"Talvez eu prefira esconder o meu amor, Sra. Porter”. Uma voz soou detrás delas, tranquila,

¹⁷ CNN (Cable News Network) - rede de televisão norte-americana pertencente ao grupo Time Warner especializada na transmissão de notícias vinte e quatro horas por dia. Possui base na cidade de Atlanta, emitindo também de Londres e Hong Kong.



controlada, descontente. "E eu nunca considereei a virgindade de Emily um pequeno problema sórdido".

Emily escorou as mãos na mesa, cobrindo o rosto, e teve vontade de afundar no chão embaixo do corpo.

"Eu não preciso de você aqui fora". Ela friccionou os dentes enquanto se forçava a abaixar as mãos e girar a cabeça para dar um clarão nele.

O canto dos lábios dele ergueu em um sorriso, os olhos verdes a varreram como se ele possuísse o corpo dela e conhecesse cada polegada melhor do que ela mesma.

Ele se debruçou casualmente contra o umbral da porta, olhando para ela com arrogância e diversão zombeteira. "Nós precisamos ir para o supermercado, docinho", ele disse a ela como se ela já não soubesse disso. "Aquele pão de canela está acabando e eu vou precisar de comida. É necessário ter bastante energia para te acompanhar".

Kira bufou. Emily se sentiu querendo rosar.

"Eu me desculpo então". Kira se endireitou da cadeira, a pele bronzeada macia e lustrosa revelada pelo decote da camisa que usava e um short branco curto e apertado.

Ela parecia uma deusa do sexo que desce de um pedestal e concede aos meros mortais o vislumbre mais breve de seu abdômen perfeitamente liso.

Emily se lembrou que detestava mulheres magras. Sentada lá, ainda usando a camisa de dormir e calças de algodão soltas que usava na cama, ela se sentia como uma sem-sal.

O cabelo estava apenas escovado, sem maquilagem, e ela se sentia como se tivesse lutado contra a cama a noite toda. Ela apenas tinha lutado com os cobertores e a própria excitação.

"Apareça um pouco mais tarde amanhã de manhã, Kira", Emily disse enquanto se erguia da própria cadeira, determinada a ignorar a falta de educação e o efeito menos do que glamoroso de fazer isso.

"Ela poderia estar ocupada", Kell murmurou.

"Hm-hmm". O riso silencioso de Kira não foi menos cruel. Foi agradável, mas isso não diminuía a descrença. "Sempre me espanta como Emily consegue trazer os guarda-costas em qualquer esquema que decide criar". Ela olha cuidadosamente para Kell. "Mas eu tenho que admitir, ela fez muito bem desta vez".

"Vá para o inferno, Kira". Não era a primeira vez que ela tinha enviado a amiga para aquelas profundidades ígneas.

"Eles estão cansados de mim lá". Kira riu. "Acho que em vez disso irei fazer compras. Tio Cheio da Grana mandou para mim um cartão de presente pelo meu aniversário e eu pretendo fazer um bom uso dele". O tio de Kira sempre mandava cartões a ela de presente, veículos e convites para as melhores festas. A outra mulher era um pouco mimada, mas agradável. O problema com Kira era que ela nunca deixava



Emily cair fora com a menor das mentiras. Ela parecia ver direto através dela.

Emily seguiu a amiga pela casa e assistia enquanto ela partia, dando um aceno animado antes de girar devagar para Kell enquanto ele fechava as portas do pátio.

"Isto não vai dar certo", ela retrucou. "As pessoas me conhecem, Kell. Eu não presto para mentir e o meu pai sabe disso.

"Agora você sabe disso. Revise o seu pequeno jogo e veja como consertá-lo".

"Estou ficando um pouco cansada das pessoas dizerem que eu devo consertar os problemas delas", ele grunhiu, o olhar firme enquanto a encarava. "Por que você não me disse antes que era uma virgem?", ela iria queimar e virar cinzas pelo modo como estava corando. Emily o encarou de volta enquanto friccionava os molares em frustração.

"Porque não é da sua conta?", ela o questionou docemente.

"Tudo o que você faz é da minha conta", ele a informou. "Acostume-se a isto. Agora, vamos ver o que temos que fazer para convencer a sua amiga muito suspeita de que eu já estou fazendo uma deliciosa refeição do seu corpinho".

Ela se derreteu na hora.

Oh, Deus, ela odiava quando isso acontecia. Mas podia sentir. Sentir o calor bater violenta e imediatamente no útero, queimando sua buceta então seu clitóris, inchando-os, fazendo a umidade tomar outra calcinha.

A expressão dele imediatamente ficou mais escura, perigosa, sensual.

"Você devia ter dado os detalhes a ela", ele disse então.

"Detalhes?", ela foi para longe dele apesar de ele não ter se movido. "Que tipo de detalhes você queria que eu desse a ela?".

"Você sabe onde eu daria a mordida perfeita de amor?", ele perguntou suavemente, movendo-se então, indo para mais perto dela enquanto ela sentia a respiração fugir dos pulmões.

"Onde?", a pergunta foi ofegante, cheia com uma consciência sexual animal de repente compassando sempre mais perto.

Ela se sentia perseguida. A virgindade dela estava na lista de espécies em extinção e o último caçador estava agora marchando implacavelmente para ela.

Era muito sensual.

Era muito perigoso.

Ele parou diante dela, olhando os seios dela enquanto eles erguiam e desciam severamente, os mamilos duros e urgentes contra o tecido fina da camisa de dormir que perguntava "eu já estou



desperta?".

"Eu devia te dizer ou te mostrar?".

Mostre-me. Mostre-me.

"Dizer já seria o suficiente". Ela foi para trás novamente. Apenas para ir contra o braço baixo do sofá e perceber que ele a havia manobrado muito nitidamente.

"Eu prefiro te mostrar". A cabeça dele abaixou.

Emily gemeu.

Ela encarava os olhos esmeralda escuros, hipnotizada, assistindo enquanto a luxúria, calor e provocação os enchia e ela se sentia afundar sob uma onda de excitação sensual, sexual.

A onda se tornou uma fúria de prazer um segundo mais tarde. Os lábios tocaram os dela, um beijo que fez as mãos dela alcançá-lo, de repente desesperada por mais. Ela não podia imaginar sentir não mais do que este sussurro de êxtase.

Os lábios eram perfeitos para beijar. Como um veludo áspero acariciando os lábios dela um segundo antes da língua deslizar sobre as curvas e os dentes beliscarem a curva da parte inferior.

"Você vai se abrir para mim?", ele perguntou enquanto as mãos deslizavam firmemente nos quadris dela. "Ou eu terei que tomar?".

A excitação abriu um caminho destruidor pelos sentidos dela enquanto ela vacilava embaixo do chicote de calor sensual.

Emily inalou roucamente. "Se você tem que pedir, então você não precisa. Não é?".

Errado!

Tão logo as palavras tinham deixado os lábios dela e seus sentidos estavam gritando. Com um grunhido faminto ele tomou o beijo. Os lábios sobre os dela, a língua passando entre eles, lambendo-os, deixando-a louca com a necessidade de tocar enquanto se sentia empurrar contra ele.

No próximo momento o mundo dela balançou. Ela se virou estirada sob ele, uma mão arrastando sobre uma das coxas dela enquanto a outra enroscava o cabelo dela e a segurava para ele.

Oh, Deus. Ela estava aberta. Podia sentir o membro dele entre suas coxas, roçando contra ela enquanto os lábios e a língua destruíam sua mente.

As mãos dela se enterraram no cabelo dele, segurando-o para ela, tentando devorá-lo enquanto o prazer se tornava uma força que ela não podia lutar.

Ela sempre tinha lutado antes. Ela sabia como lutar contra o desejo sexual. Ela sabia como lutar contra a atração dos doadores de netos potenciais e guarda-costas do pai. Mas ela não podia lutar contra isto.



Ela sentiu o movimento da mão dele no quadril, arrastando a camiseta para cima no corpo, mas ela não podia pará-lo. Ela estava muito ocupada tentando segurar aquele beijo.

Os lábios se separaram e ele a forçou a seguir. Inclinando sobre ela e arrancando um grito faminto da garganta dela. Os lábios dela não podiam aguentar o pensamento de nunca beijá-lo novamente.

O beijo dele era como uma tempestade de fogo, queimando objeções e suspeitas para longe e deixando-a sentir o maior prazer que jamais poderia ter imaginado.

Ela nunca soubera que o prazer poderia ser tão bom. Tão quente. Essa dominação apesar do fato de que ela estava em cima. Ela não deveria estar no controle?

"Isso, docinho", ele sussurrou contra os lábios dela enquanto recuava novamente, forçando-a a abrir os olhos enquanto ela beliscava de volta os lábios dele em vingança.

"Não pare. Por favor, Kell...", oh inferno, ela estava implorando.

Os lábios mergulharam nos dela, a língua arrastando sobre a mandíbula antes de a bochecha deslizar contra o pescoço. Emily não podia parar tremer em reação. A lixa de uma barba recentemente crescente enviou uma corrida de tremor por ela enquanto o prazer a inundava.

Era tão bom. Tão certo, ela moveu a cabeça, virando o pescoço para a bochecha dele para sentir mais perto, mais áspero.

"Assim?", ele sussurrou enquanto as mãos se moviam embaixo da camisa dela, os dedos calejado e quente nas costas enquanto os dentes de repente deslizavam pelo pescoço.

Assim? Não, ela não gostava disto. Estava destruindo-a, roubando sua força e seu bom senso e deixando-a fraca sob o toque dele.

"Sim", ela arquejou.

"Assim?", ele se estirou embaixo dela então, os quadris rolando e erguendo, empurrando o cume duro do membro mais fundo entre as coxas dela enquanto fogos de artifício ricochetavam na mente dela e uma sensação primorosa a fazia vacilar.

As mãos dele agarraram o cabelo dela mais enquanto ela lutava para manter o controle. Inferno, agora mesmo, ela apenas queria ficar consciente enquanto os lábios dele voltavam para os dela e as mãos se moviam, abaixavam e empurravam sob as calças e a faixa de renda da calcinha que começava a descer pelas nádegas dela e apertar.

Ela estava perdida.

"Oh, merda! Cara, eu estava errada!".

Kell se moveu abruptamente embaixo de Emily, prendendo-a e empurrando-a para o lado distante da porta enquanto seu olhar cortante ia para a mulher de pé ao lado da entrada.



Ele esperava isto. Antes de se juntar a Emily e Kira no pátio ele tinha contatado Ian e o tinha colocado assistindo a porta da frente, apenas numa possibilidade remota de que não fosse Kira a abrir a porta destrancada mais tarde.

A mulher estava olhando para eles em choque, os olhos cinza largos e cheios com diversão surpresa e uma sugestão de reconhecimento zombeteiro.

"Deus, eu não fechei a porta", Emily murmurou ao lado dele, lutando para endireitar as roupas enquanto Kell ficava de pé.

"Você se esqueceu que se deve bater, Sra. Porter?", ele perguntou a ela preguiçosamente, notando a compreensão que enchia os olhos enquanto ela reconhecia o tom na voz dele.

"Eu nunca bato a menos que a porta esteja trancada". Kira empurrou a pergunta para longe. "Emily sempre deixa a porta destrancada para mim".

Kell girou para encarar Emily abaixo.

"Eu era um pouco distraída se você lembra", ela murmurou, o rubor nas bochechas amedrontadoramente amável enquanto ele olhava para ela.

Ele se voltou para Kira. "As portas serão trancadas de agora em diante", ele a informou. "Você esqueceu algo?".

Ela ergueu um quadril, escorou a mão nele, e observou-o friamente. "Nada em particular. Eu apenas queria ver se a Emily queria fazer algumas compras mais tarde".

"Ela estará comigo", ele respondeu por Emily enquanto ela se erguia do sofá atrás dele.

"Ele precisa ir fazer compras no supermercado", Emily retrucou enquanto obviamente recuperava o controle. "Talvez outra vez, Kira".

"Compras de supermercado". O olhar de Kira desceu sobre ele. "Bem, querido, uma coisa sobre isto, eu não acho que você tenha que se preocupar em comprar bife enquanto está fora. Parece que você já tem bastante em casa". Ela lutou contra o riso enquanto balançava os dedos para eles e então girava e partia, fechando a porta atrás de si.

Kell se moveu para a porta, trancou-a cuidadosamente, e então se voltou para Emily.

"Feche as portas de agora em diante", ele ordenou.

"Claro". Ela respirou roucamente então, olhando em torno do quarto por longos segundos antes de se voltar para ele. "Isso não pode acontecer novamente".

"O que não pode acontecer novamente?", ele perguntou a ela suspeitosamente.

"Naquele sofá". A mão dela acenou trêmula para a mobília. "Não pode acontecer de novo".

"Certo. Nós iremos diretamente para a cama da próxima vez". Não havia dúvida na mente dele agora



de onde exatamente isto estava levando.

Um franzido surgiu entre as sobrancelhas dela.

"Eu quero dizer que isto não pode acontecer novamente", ela retrucou. "Nunca".

Nem mesmo em seu pior pesadelo isto aconteceria novamente. Kell a encarou, lembrando-se do calor de sua buceta por duas camadas de roupas, a fome nos lábios exploradores enquanto os quadris se moviam, chocando com seu membro com uma sensualidade inata que ainda o fazia friccionar os dentes em desejo.

"Você está enganando a si mesma, Emily", ele disse suavemente. "Eu não achava que você fosse uma mulher que negasse o óbvio. Vai acontecer novamente. E frequentemente. Não duvide disso".

Ela lambeu os lábios; as curvas mal humoradas estavam inchadas do beijo dele, mas contidas. Apertado com o esforço que custava a ela controlar as necessidades que cresciam dentro do corpo.

"Eu não me deixarei ter você, Kell. Não se engane. Isto". Ela acenou para o sofá novamente. "Foi um lapso temporário de julgamento. Nada mais".

"E por que você não se deixará, docinho?", ele perguntou a ela suavemente, vendo as sombras nos olhos, a dor afiada que vazava nas profundidades azuis.

Os lábios dela curvaram cinicamente. "Eu já tenho um pai que sente a necessidade de me controlar, Kell. Eu não preciso de um amante fazendo a mesma coisa. E com toda a certeza eu não pretendo dar ao meu pai o genro que ele sonha ao dar a ele a oportunidade de te forçar em um casamento que nenhum de nós quer. Então desista. Ache alguém para ser minha babá, saia e pague pelo que quiser na rua antes de voltar a trabalhar. Apenas como os outros fizeram. Não se preocupe, eu não te denunciarei. Diferentemente dos meus guarda-costas, eu sei como manter a maldita boca fechada".

Inferno, não era nenhuma maravilha que ela não tivesse deixado qualquer um daqueles tolos que o pai tinha contratado tocá-la. Não que ele culpasse completamente os guarda-costas, vivendo na mesma casa com ela, sabendo que ela não queria nada a ver com eles, isso era uma droga. Eles teriam que achar alívio em algum lugar.

"E o que você faz, Emily?", ele perguntou a ela então. "Quando precisa ser tocada? Se segura?".

"O que eu faço, Kell, eu apenas me lembro do preço". Ela zombou. "Minha liberdade. No dia em que eu coloquei tudo em perspectiva, foi realmente muito fácil. Eu perdi a independência o suficiente desde que alcancei a idade em que meu pai achou que poderia me casar. Eu realmente não quero perder mais se for a mesma coisa com você".

"E como você perderia sua independência comigo, Emily?".

Aceitação sombria encheu o olhar dela naquele ponto.



"Eu não faço controle da natalidade, Kell. Não posso suportar. Pílula, injeção, DIU, adesivos. Já tentei todos. Meu corpo sempre os rejeita. Isso deixa apenas o preservativo. Preservativos estouram. Os bebês são feitos, e uma vez que forem feitos, se você não se casar comigo, meu pai destruirá você. Carreira, vida, pessoal e profissionalmente. E eu não me casarei com você. Porque eu sei que tipo de homem você é".

"Sabe?".

O riso dela foi zombador. "Sua esposa ficará em casa, terá bebês, e se conformará enquanto você se vai. Você fará seus jogos de guerra com os amigos, ver jogos na televisão com eles quando estiver em casa, e encherá a sua esposa quando não tiver nada melhor para fazer. Obrigada, mas eu não quero. Ser uma virgem por toda a vida soa mais doce do que o inferno de se casar com um grande e duro Alfa imbecil com mais da maldita testosterona do que bom senso quando o assunto é a esposa".

Kell escutou a voz dela erguer a cada oração. Quando ela terminou, os dentes dela apertaram, os lábios comprimiram, e ela virou as costas para ele enquanto os dedos corriam furiosamente pelo cabelo.

"Seu pai fazia isso?".

O riso dela foi amargo agora. "Mamãe o estava deixando quando foi morta. Porque ele a amava demais, ela disse. Eu não entendi. O papai nos amava. O que se deveria odiar quanto a isto?", ela agitou a cabeça enquanto Kell sentia a impotência fluir dela. "Depois que ela morreu, ele se dedicou a mim. Ele me ensinou como lutar, como caçar e rastrear, e ele me ensinou a escalar montanhas. Então eu fiz dezoito".

"E ele decidiu te casar", Kell terminou.

Ela se virou para ele. "Como você bem sabe. Inferno, você tem estado ao redor por tempo o suficiente para saber sobre as brigas que nós tivemos sobre isto".

"Então por que você não dormiu com um dos garotos do colégio? Inferno, acho que eu teria meio que entendido se você tivesse escolhido um homem casado. Por que ficar uma virgem, Emily?".

A expressão dela ficou séria. Não havia escárnio, nenhum cinismo. "Porque não seria o suficiente", ela sussurrou tristemente. "Se sente falta mais do que já se teve do que o que nunca se teve. Eu não quero sentir mais falta do que já sinto".

"Por que, Emily?", ele sibilou novamente. "Se você vai até estes extremos para impedir que o seu pai ganhe, apesar do seu amor por ele, então por que desistir? Por que não viver como quer e o mandar para o inferno?".

"Porque ele não me disse para ir ao inferno", ela sussurrou miseravelmente. "Eu não posso machucar meu pai assim, Kell. Eu o amo demais".

"Para mim, Emily, parece que ele não se importa de te machucar ou usar o senso de responsabilidade que você tem contra si mesma", ele assinalou. "O que você se esquece é do fato de que tem uma



responsabilidade consigo mesma também. Eu vou acabar na cama com você. Eu te protegerei o melhor que puder, mas se a camisinha estourar e você ficar grávida, seu pai não terá que me ameaçar para eu cuidar do meu filho ou da minha mulher. Eu não sou mais uma criança. Sei agora como as coisas devem ser feitas. Acho que é apenas com você decidir se vai tomar o que quer, ou se será a garotinha do papai para sempre”.

Capítulo Sete

Ele iria acabar se apaixonando por ela. Kell aceitou a verdade na hora em que eles estavam andando pelo mercado e ele pegou Emily olhando os pepinos apenas um pouco atentamente demais antes de tentar mover furtivamente um olhar para as coxas dele.

Comparando os tamanhos. A pequena raposa estava tentando compreender o tamanho comparando a protuberância com os pepinos.

Ele escondeu o sorriso antes de escolher dois dos legumes cilíndricos e colocá-los no carrinho. Então ele escolheu o resto dos vegetais da salada antes de ir rumo às frutas.

"Alguma preferência?", ele perguntou enquanto ela parava próxima a ele, o rosto ainda corado.

"Melancia". Ela olhava para uma com particular interesse.

Kell deixou as pálpebras abaixarem enquanto ele a olhava. Ele sabia como comer melancia. Pelo menos, como pretendia comer com ela. Ele a pôs no carro antes de eles se moverem para a seção de carne fresca.

Ela o deixou escolher, assistindo o carrinho cautelosamente antes de eles se dirigirem para a seção de comidas enlatadas, farinha e açúcar. Na hora em que ele empurrou o carrinho para a saída ele podia ver a preocupação no rosto dela.

"Eu não posso pagar por tudo isso", ela finalmente murmurou enquanto ele jogava algumas barras de chocolate no carrinho. "Eu sou uma professora. Nós ganho uma nota preta”.

Ele fez uma carranca para ela abaixo. “Os mantimentos vão no meu cartão e serão contados como despesa. Será pago pelo seu pai no fim do mês”.

"Garoto, você terá uma surpresa então”. Ela suspirou. "Apenas me dê a conta depois que pagar. Pegarei algum dinheiro no banco 24 horas. Sei que não tenho dinheiro suficiente e não trouxe o meu cartão de crédito”.

Ela estava mastigando o lábio inferior enquanto encarava a comida. "Você come muito”.



Ele empurrou o carrinho e colocou as coisas no balcão enquanto a caixa começava a puxar os produtos em sua direção e começava a passá-los no scanner.

Ela não tinha pagado a comida dos guarda-costas, tinha?

"Oi, Senhorita Stanton". A caixa relampejou a Emily um sorriso que cintilava com aparelho. "Está tendo um bom verão?", ela deslizou um olhar de esguelha para Kell.

"Tudo tranquilo, Kimmy", Emily respondeu. "Como seu irmão está aproveitando as férias?".

"Está indo muito bem. Mamãe me disse para te agradecer pela aula particular que deu a ele depois de ele ter saído da escola. Mark está lendo muito melhor agora. Ele deve estar bom o suficiente para ir para o primeiro ano".

Emily concordou a cabeça com um pequeno sorriso. "Ele é uma criança esperta. Apenas precisava de alguma ajuda extra".

"Bom, ele está começando a gostar de ler, isso eu sei". A garota riu enquanto esquadrinhava os artigos depressa enquanto conversava. "Eu o levei para a biblioteca outro dia e o deixei lá. Esse é o seu novo guarda-costas?", ela acenou com a cabeça para Kell.

Os ombros de Emily afundaram com resignação. "Não, Kimmy, isto é meu, hmm, amigo". Ela limpou a garganta enquanto Kimmy pausava suas ações.

Ela piscou para Emily, então girou e encarou Kell em assombro. Ela corou quando ele piscou devagar e sorriu amplamente de volta para ela.

"Uau", ela suspirou com admiração óbvia. "Senhorita Stanton, isto é tão legal. E ele é um arraso, sabe? Ele tem alguns irmãos?".

"Vamos desejar que não", ela murmurou, alto apenas o suficiente para Kell ouvir antes de forçar um sorriso e responder a menina com um rápido "não".

"Que pena". Kimmy moveu furtivamente outro olhar na direção dele. "Real e verdadeiramente um arraso, Senhorita Stanton".

"Obrigada, Kimmy", ela disse enquanto a venda terminava.

Kell sentiu uma extremidade de raiva quando o rosto dela empalideceu apenas ligeiramente com o valor. Retirando a carteira, ele deu a menina seu cartão de crédito, mas ele queria bater em algo ao invés. Era mais do que óbvio que ela tinha pagado pela comida que os convidados em sua casa consumiam. E homens, sendo homens, especialmente os homens que Kell sabia que Stanton tinha contratado, comiam muito.

"Este aqui paga também". Kimmy olhou de volta para ele com novo respeito. "Eu o manteria durante algum tempo se fosse você, Senhorita Stanton".



Emily não disse nada mas quando Kimmy deu o recibo na direção dele, ela o agarrou. Kell pegou dela, sorrindo com triunfo enquanto tirava o recibo do alcance dela.

"Lá vai você, mostre a ela como um homem de verdade cuida". Kimmy pelo menos pareceu estar se divertindo.

"Estou tentando, Kimmy". Ele piscou novamente. "Mas ela é teimosa".

"Sim, ela é bem dura". Kimmy concordou com a cabeça. "Mas ela é muito maneira, cara. Não se esqueça disto".

"Kell. Kell Kreiger". Ele estendeu a mão para ela, vendo-a corar lindamente e aceitar o aperto de mão.

"Kimberly Aikens", ela gritou. "E você é tão demais". Ela suspirou com hormônios adolescentes e prazer óbvio.

"Assim como você", ele disse, rindo enquanto o menino de bolsa o dava um clarão e Emily franzia o cenho para ele em desaprovação. "Adeus, Kimmy".

"Adeus", ela respirou saudosamente. "E, por favor, não deixe de voltar logo".

Ele ergueu a mão em despedida enquanto Emily atirava a ele outro olhar enfadado.

"Pare de paquerar com as meninas dos caixas", ela silvou. "É infame".

"Você não paquera comigo". Ele sorriu amplamente. "É um impulso do ego".

"Você está tão errado", ela retrucou fora. "E eu quero aquele recibo".

"Esqueça".

"Agora".

Ele parou ao lado da Trailblazer. "Isso vai te custar caro", ele murmurou enquanto tirava as chaves do bolso da calça jeans e sorria para ela com satisfação. "Você está certa de que quer pagar?".

"Você está despedido!", ela retrucou.

Kell apertou o botão do alarme e deu uma olhada rápida para o menino das sacolas enquanto ele começava a carregar as compras. Ele se debruçou, assistindo os olhos dela enquanto deixava os lábios tocarem sua orelha.

"Covarde", ele respirou suavemente contra a orelha dela.

Emily foi para trás, encarando-o enquanto juntava os dentes como aborrecimento óbvio. Ela estava indo em direção a um acesso de raiva enorme que acabaria com toda a impotência que ele tinha visto nela mais cedo. Ela era como um pássaro enjaulado. As barras eram feitas de amor, culpa e responsabilidade. Ela se sentia responsável pela mãe ter partido, pela sua morte, e pela preocupação do pai.

Havia uma mulher dentro dela, cheia de força e vida, arranhando seu caminho em direção à liberdade sem ideia de que direção tomar.



"Eu não sou covarde", ela disse sufocada.

"Prove, Emily", ele a provocou enquanto a cabeça erguia e ele se movia de volta para a Trailblazer, o suficiente para permitir a ela se erguer para o banco. "Prove para nós dois".

Ele fechou a porta antes que ela pudesse discutir e se moveu para onde o garoto terminava de carregar os mantimentos. Ele era uma criança em corpo de homem, todo braços e pernas e músculos ainda pouco conhecidos crescendo em seu corpo desengonçado. Olhos castanhos encaravam Kell com antipatia enquanto uma boca surpreendentemente firme afinava com raiva.

"Fazer beicinho não te dará o que você quer", ele disse ao garoto, doendo com a realização de que a essa idade já tinha perdido a esposa e um filho. Ele já tinha conhecido o horror de ser deserdado, apenas para enfrentar a oferta dos pais de reintroduzi-lo na família agora porque o lixo com o qual tinha casado não existia mais.

"O que você quer dizer?", o jovem retrucou.

Kell o encarou, silenciosamente mostrando sua força no olhar, no rosto. O olhar do garoto desviou.

"Seja um homem, filho", ele grunhiu. "Se não souber como, então aprenda como. E não culpe a sua namorada por ficar impressionada. Eu sou um homem, não uma criança".

O garoto o encarou de volta, mas Kell podia ver a mente do garoto girando, e às vezes era tudo o que era necessário.

"Essa é a sua gorjeta de hoje", ele o informou. "Porque você bateu o carrinho em todos os redutores de velocidade a caminho daqui. Pense sobre isto. Melhor ainda, pratique".

Ele se moveu em torno da Trailblazer então, abriu a porta do motorista, e entrou no veículo.

"Você não verificou se havia uma bomba", foram as primeiras palavras que saíram dos lábios dela. "Se eu estou em perigo, como você sabe que Fuentes não colocou nada na Trailblazer e irá explodir no minuto em que você acionar o motor?".

Ele deitou os braços sobre o volante e a encarou com descrença.

"Ou você assiste televisão demais ou lê muitos livros. Eu ainda não me decidi qual".

Ela fungou desdenhosamente. "Meu pai era um Navy SEAL. Ou você já esqueceu?".

"Isso seria muito difícil de esquecer", ele a assegurou, sorrindo enquanto girava a chave e a única coisa que acendeu foi o motor.

Ela o encarava com descrença antes de girar a cabeça e vasculhar o estacionamento.

"Onde está seu auxílio?".

Um sorriso se abriu nos lábios dele. Ela era rápida demais, e ele gostava disso nela.

"Nós temos dois agentes do Serviço Secretos nos seguindo". Ele não mencionou Ian. O Serviço



Secreto era bom, mas Kell não confiava em ninguém fora de seu grupo, achava que não tinham valor.

"Papai sempre me disse que você deveria verificar as coisas por si mesmo", ela declarou. "Eu não te vi se agachando e verificando a subestrutura".

Os ombros dele ergueram desdenhosamente. "Eu tenho um pouco de dificuldade em compreender exatamente como reconhecer um problema. Mas estou trabalhando nisto".

Os olhos dele se estreitaram enquanto ele dava uma olhada rápida de volta para ela. "Você está tentando compreender como dizer se um veículo foi telegrafado?".

"Parece um bom passatempo". Ela cruzou os braços sobre os seios. "Eu adoro aprender sobre as coisas. Pesquisa, sabe".

Luxúria bateu violentamente no intestino dele. Pesquisa. Ele nunca mais ouviria aquela palavra novamente sem se lembrar do pequeno corpo sinuoso dela sobre seu colo e a visão da calcinha molhada com necessidade.

"Sim, pesquisa". Ele podia sentir o suor brotar na testa agora. "Nós precisamos fazer algo sobre esse seu passatempo, Emily".

Ela respirou profundamente. "É o que eu vivo ouvindo, Kell. É o que eu vivo ouvindo".

Os mantimentos foram colocados nos lugares, e não havia nada de espaço sobrando na geladeira ou nos armários na hora em que eles terminaram.

Tanto coisa para a dieta dela. Os quilinhos extras com os quais ela tinha lutado quando era adolescente estavam apenas condenados a ficar no lugar.

Eles pararam para o almoço, um bom e pequeno local italiano com várias calorias, sobremesas pecaminosamente ricas, e um vinho tão suave e delicioso que ela teve que se forçar a não comprar uma garrafa.

Ela já teria muita dificuldade em pagar pelos mantimentos.

Talvez ela devesse deixar o orgulho de lado nesta instância e dizer ao pai para reembolsá-la pela máquina de comer que tinha agora vivendo em sua casa. O bom senador a devia pelo menos isso. O problema era que ela odiava pedir dinheiro a ele. Odiava.

Durante algum tempo, ele tinha depositado dinheiro na conta dela para cuidar das necessidades de alimentos de seus capachos, mas na última discussão que eles tiveram sobre a quantia que ele estava depositando resultou nele depositando nada. E ela tinha sido muito teimosa para fazer qualquer coisa



sobre isto.

Agora, ela estava presa com o objeto de todas as fantasias sexuais que já tinha conhecido, e estaria ferrada se soubesse o que fazer com ele. Ela sabia o que queria fazer, queria lambar cada centímetro de seu corpo. Ela queria se jogar sobre ele e se tornar uma parte de sua maldita pele.

E isso era tão errado. Porque nenhum homem deveria ser tão sensual, tão áspero e pronto que a deixava molhando a calcinha só de olhar para ele.

Depois que os últimos mantimentos estavam no lugar, Emily se moveu em torno da casa, olhando para as cortinas fechadas, as janelas trancadas, e tentando lutar contra a excitação que se formava dentro dela.

Inferno, ela já tinha gozado no rosto dele. Não era como simular que ele era seu prazer favorito que precisava ser lambido fosse machucar o bom status dela de "virgem".

"Eu posso cuidar da cozinha se você não gosta de cozinhar".

Ela girou depressa, olhando-o através do cômodo enquanto ele se movia da despensa até o pequeno freezer armazenado lá.

A calça jeans estava abaixo dos quadris, um cinto de couro largo o encilhando. As pernas musculosas e longas encaixadas no jeans que atraíam seus olhos, e a protuberância entre elas que fez a boca encher d'água antes que ela se virasse para os olhos verdes divertidos dele.

"Eu não me importo de cozinhar". Ela enfiou as mãos nos bolsos de sua calça capri enquanto o assistia se mover pela cozinha.

Os músculos ondulavam em seus braços e tórax, enfatizando a camiseta justa e a calça jeans que parecia ter sido lavada muitas vezes. Elas seguravam o traseiro e a forquilha como luvas. Do mesmo modo que ela queria segurá-los.

Ela girou para longe e marchou em direção às portas do pátio só para voltar quando percebeu que elas estavam bloqueadas. Ela estava em perigo. Ela não podia apenas ir para fora porque estava irritada.

Ela fechou os olhos enquanto algo sussurrava por sua mente. Uma sombra de memória, talvez? Uma voz que ela sabia que deveria se lembrar daquela vez em que Fuentes a havia mantido em cativeiro.

"Você acha que pode pegá-lo?", ela perguntou. "Fuentes, quero dizer".

"Nós iremos pegá-lo". A confiança suprema enchia a expressão dele e reluzida nos olhos de gato enquanto a assistia. "Ele e seu espião".

"Papai não me disse muito sobre o espião".

"Fuentes tem um espião, muito alto no governo, e o abastece com informações. Se nós pegarmos o espião, Fuentes vai tirar o chapéu em um jogo bem ensaiado e deixará você e seu pai em paz".



"Ele vai?", ela perguntou suspeitosamente. "Por que será que eu tenho dificuldade em acreditar nisto? Isso era o que ele deveria ter feito quando você e o seu time nos salvaram depois do sequestro".

Das três, Emily tinha se saído melhor. Uma das garotas, a mais jovem, ainda estava em um estado próximo do catatônico por causa das drogas que tinha recebido. A outra, filha do senador Bridgeport, tinha morrido dentro de dias.

"Circunstâncias atenuantes. Nossas informações sugerem que o espião de Fuentes tinha exigido este golpe". Kell abriu o congelador e tirou uma cerveja que tinha colocado lá mais cedo. "Tudo o que nós temos que fazer é manter você e o seu pai seguros até que o resto do time pegue o espião, então você ficará bem".

"Eu não me lembro de você ter estado lá". Ela esfregou a testa, franzindo enquanto tentava cavar no espaço escuro em que essas memórias deveriam estar. "Eu deveria me lembrar de você ter estado lá".

Ele torceu a tampinha da cerveja e a jogou no lixo com um estalar de dedos enquanto os lábios afinavam furiosamente.

"Você estava drogada, Emily. O pó das prostitutas afeta a memória. Foi criado para fazer isto".

"Faz a vítima implorar por sexo". Ela apertou os punhos nos bolsos enquanto o enfrentava. "Eu te implorei por sexo. Kell?".

Ele a encarava com olhos tranquilos.

"Alguém mais me viu?", ela sussurrou preocupadamente. "Eu envergonhei você?", ou a si mesma.

A cabeça dele agitou enquanto um sorriso torto se arrastava nos lábios. "Você não me envergonhou, Em. E você não me implorou por sexo. Seu pai não te disse o que eu coloquei no meu relatório?".

Ele não tinha dito.

"Ele apenas disse que eu fui valente". Ela encolheu os ombros desamparada. "Eu me perguntei o que ele queria dizer com isto".

"Exatamente o que ele disse", Kell disse a ela suavemente, o olhar abrandando com aprovação. "Você foi muito valente. Você reuniu as outras garotas onde eu te disse, e confiou em mim para te tirar de lá. Você me deixou fazer o meu trabalho".

Um inchar de orgulho surgiu nela. Ele não estava mentindo para ela. Ela podia ver nos olhos dele. Pela primeira vez em dois anos algo dentro dela tinha se soltado, relaxado.

"Obrigada". Ela limpou a garganta desconfortavelmente então, de repente incerta no meio da tensão que enchia o local. "Eu não podia pedir a papai—"

Ele concordou a cabeça depressa antes de erguer a cerveja e dar um gole lento, como se precisasse de algo para se distrair.



"Richard deveria ter te dado o meu relatório", ele disse enquanto abaixava a cerveja.

Ela cruzou os braços acima dos seios, preparando-se contra o frio que parecia invadi-la com a realização de que seu pai tinha escondido muito mais dela do que ela tinha percebido.

"Eu disse a papai, quando ele aceitou aquela posição no comitê de omissões, que não seria seguro para qualquer um de nós".

"O que ele te disse?".

"Que me protegeria". Emily revirou os olhos.

"E ele está tendo a certeza de que você esteja protegida", ele disse suavemente, a expressão com muita intenção, o olhar sondando enquanto trazia a cerveja para os lábios novamente e bebia.

Era sensual, assistir os lábios dele puxando o líquido da garrafa de vidro, o modo como a língua sacudia sobre o lábio inferior quando ele tinha acabado.

Ele não tinha se barbeado naquela manhã, então as bochechas ainda estavam cobertas com os pelos da barba que haviam crescido durante a noite. Dava a ele uma aparência depravada, de pirata que o fazia parecer mais sombrio e perigoso do que nunca. Mais sensual. Mais primitivo.

"Oh, sim". Os lábios dela trançaram zombeteiramente. "Ele está se certificando de que eu estou protegida". Ela cruzou os braços acima dos seios agora. "Diga-me, Kell, o que você vai fazer se acabar na minha cama e o meu pai descobrir? Quando ele te colocar de lado e te der as regras deste joguinho. Você se casará com a filha dele, e a manterá longe de problemas, ou a sua carreira e todos os seus sonhos serão atirados no inferno".

"Não acontecerá. Ele apenas te deixa pensar que isso acontecerá".

Os olhos dela se alargaram em assombro. "Eu pensei que você conhecesse meu pai melhor do que isto, Kell. Você evidentemente não tem nenhuma ideia de como ele me quer casada e presa".

"Oh, eu posso seguramente te dizer que conheço os planos do seu pai como qualquer um". Ele sorriu ampla e zombeteiramente. "Mas eu sei como ser cuidadoso, Emily".

"Você é exatamente como ele". Ela podia ver a mesma arrogância, a mesma determinação nas feições que ela frequentemente via no pai. "Tão certo está de que pode ter o que quer e do modo que quer. Eu não sou um prêmio, Kell, e não serei um brinquedo para aliviar o seu tédio".

O sorriso dele era de confiança descarada e intento sexual.

"Não, você está tão acostumada a ser uma virgem que está muito assustada para tomar o que quer". Ele ergueu a cerveja, bebeu novamente, e os olhos cintilaram com certeza divertida.

"Você está louco?".

"Eu estou excitado". Ele encolheu os ombros. "Louco para ter o gosto daquela doçura que você roçou



no meu rosto naquele clube de strip, que eu mal posso esquecer”.

"Isso faz tudo ficar bem?”.

"Isso faz mais do que bem, docinho. Isso dá uma certeza. Porque eu posso estar mais duro do que uma pedra, mas agora mesmo, eu aposto com você que a sua calcinha está molhada novamente. Nós devemos fazer o teste?”.

Ele era insano. Louco. Era o homem mais impossivelmente confiante que ela já tinha colocado os olhos. Ele era totalmente diferentemente dos guarda-costas. Ele não se preocupava em esconder a luxúria e não dava a mínima para o que as pessoas pensassem disto.

O olhar dela vagou pelo corpo alto e musculoso. Ela pausou nas coxas, vendo o comprimento da ereção sob a calça jeans. A protuberância impressionante era uma tentação por si só.

"Você pensa que pode lidar comigo”. Ela sorriu devagar. "Posso ver no seu rosto. Pensa que tudo que tem que fazer é me deixar viciada no seu toque, a tocar você, e que tudo mais será moleza”.

Os lábios dele se moveram de forma peculiar em resposta.

"Você está tão iludido”. Ela soltou os braços e se moveu para mais perto, assistindo os olhos dele se estreitarem enquanto ela roçava contra ele, parando bem perto de seu tórax duro enquanto ela deixava uma mão descer pelo abdome apertado.

"Estou?”.

"Está”. Os dedos dela deslizaram sobre o cinto dele antes de ela começar a soltá-lo devagar. "Eu podia ficar viciada, Kell. Tão facilmente”. Os olhos dele se estreitavam enquanto o cinto era solto e os dedos dela se arrastavam pelo botão de metal que segurava a calça jeans. "Eu podia fazer todas as coisas que já pesquisei, desejei, sonhei”. O segundo botão soltou. "Eu podia ficar louca com você na minha cama”. O terceiro botão, o quarto.

A calça jeans se separou sob os dedos dela, revelando o calção branco apertado que ele usava e o cume pesado da carne abaixo.

"Provocando, docinho?”, ele a atçou. A voz. Os olhos. Enviavam um desafio que ela não podia resistir.

Cuidadosamente ela tirou o tecido sobre a carne dura, a respiração virando um gemido mudo enquanto a espessa e pesada carne era revelada. Escura, pulsando com sangue e força, a cabeça vermelha, quase purpúrea, com excitação e calor enquanto uma gota cremosa de líquido enfeitava a cabeça vermelha.

"Eu não provoco”, ela sussurrou.

Ela sabia o que queria quando tinha ido até ele, e estava certa de que ele não permitiria. Que ele



roubaria o controle, que ele a levaria aonde queria, não como ela queria.

Mas ele não se moveu, o corpo foi ficando mais tenso a cada segundo.

Emily podia sentir a fome que erguia dentro dela agora, batendo em seu cérebro, chamuscando por sua circulação sanguínea. A boca enchia d'água com a necessidade de saboreá-lo, pôr em prática toda a pesquisa que ela tinha feito em como agradar um homem.

"Tire sua camisa". Ela tinha a intenção de sussurrar as palavras, mas saíram como um comando.

Mas a camisa saiu. Lentamente. Muito lentamente. Mostrando mais do que abdômen firme, um tórax forte e braços poderosos.

Ela tinha que tocá-lo. Ela não tinha escolha. A carne bronzeada encheu sua vista enquanto as mãos, pálidas contra sua pele, apertavam a barriga e subiam, passando sobre o pelo negro que havia lá. Sentindo o calor da carne dele, a batida de seu coração. A sensação dos pelos crespos contra as palmas era elétrico.

"Quanto tempo desde que você tocou um homem, Emily?", ele perguntou a ela então. "Quanto tempo desde que deixou seus sentidos serem capturados?"

Ela agitou a cabeça lentamente, ofuscada, hipnotizada pelo prazer se formando nas palmas e passando pelo corpo.

"Muito tempo". Ela mal podia respirar, o que dirá se lembrar. "Muito tempo".

Os dedos dela se enrolaram contra o tórax dele enquanto sua cabeça abaixava. Ela queria saboreá-lo. A língua dela tocou a carne e ele se remexeu sob a carícia. Mas ele não a tocou. Ele não a segurou. Ele não a forçou a fazer o que ele queria.

O gosto da carne dele explodiu pelos sentidos dela. Escuro, macho, limpo. Não havia nada artificial. Apenas macho. Ligeiramente salgado. Uma sugestão de almíscar. Viciante. Tão viciante que fez os dentes dela agarrarem a carne acima do esterno enquanto ela o lambia novamente.

"Eu apenas quero te tocar", ela gemeu, tremendo agora com o poder que parecia chicotear ao seu redor. "Apenas uma vez. Apenas essa vez". Ela estava fora de controle. Os lábios deslizavam pelo tórax dele, a língua deslizava, os dentes mordiscavam, e os sentidos ficavam drogados, ofuscados, debilitados pela incrível liberdade que podia sentir movendo pelo corpo. "Eu sonhei em te tocar, Kell. Por tanto tempo".

"Toque-me, docinho". A voz dele era como uma brisa, uma lima sonhadora sobre seus sentidos tão persuadidos, encorajadora, que a dava licença para fazer o que precisasse. Como sonhasse. "Você pode me tocar como quiser".

Liberdade. Surgiu por ela, arqueando por seu corpo até que nada mais importava, nada mais fazia sentido além do gosto dele. Senti-lo. A sensação travessa de liberação de manter as rédeas de sua



poderosa besta sexual.

Capítulo Oito

Quando um homem descia domesticar uma raposa, ele não a agarrava. Ele não a maltratava. Esse era um caminho certo para se perder um dedo. E a raposa. Ela era esperta, manhosa e tão livre quanto o vento. Mas ela amava tocar. Era afetuosa e brincalhona, tentadora e provocante, mas queria ser acariciada e se sentir segura.

O homem que estivesse determinado a capturar uma raposa era instruído a ter paciência cedo. Ele aprendia controle. E aprendia a deixar a raposa fixar as regras. A princípio.

Os dedos de Kell se apertaram ao lado do bar enquanto a pequena língua quente de Emily deslizava em seu tórax. O prazer era primoroso. Pequenos e aquecidos choques elétricos corriam sobre sua carne e faziam seus músculos se contraírem. Olhando-a fixamente, ele ficou absorvido com os pequenos vislumbres de sua expressão, a imersão lenta e fixa de seus sentidos na liberdade de toque que ele estava dando a ela.

Ele estava caçando uma raposa. Para seduzi-la. Para acariciá-la. Para controlá-la. Apesar de parecer árido, ele tinha achado a isca perfeita. Algo que ela nunca tivera antes, um banquete particular para uma mulher excitada que alisava sua carne, a língua deslizando, saboreando. A ilusão de controle.

Seria tortura. A tortura de sentir um prazer tão extremo, tão quente, era tudo que ele podia fazer para manter as mãos para si mesmo, se impedir de pegar a raposa em seu aperto.

Mas algumas coisas eram muito melhor se esperadas.

"Beije-me, Kell". Ela ergueu a cabeça, olhando-o com olhos azuis cintilantes, fome incendiando em suas profundidades enquanto a cabeça dele abaixava. "Eu sonhei com você me beijando".

"Beije-me você", ele sugeriu sendo atrevido. "Mostre-me o que você sabe, docinho".

Ele deixou os lábios tocarem os dela, e esperou hesitação. Ele não esperava que os dentes dela belicassem seu lábio inferior antes de entrar entre eles, a quente e pequena língua acariciando como uma lambida de fogo.

Ela sorriu com o gemido involuntário que veio do tórax dele. Dedos esbeltos subiram de seu braço para a nuca, então para o cabelo. Eles se enroscaram nas mechas longas e o puxaram para ela, os lábios se ajustando contra os dele, primeiro em um sussurro de necessidade, então com uma demanda ígnea.

A língua era sedosa e úmida, acariciando contra a dele enquanto ela se erguia contra ele, os mamilos



dela apertando através do sutiã e da camisa queimando o tórax dele.

Ele estava morrendo para tocá-la. As mãos coçavam para tocá-la. Mas ele mantinha uma segurando o armário e a outra ao lado do corpo. E ele pensou na raposa e em sua necessidade de segurá-la.

"Emily". Ele sussurrou o nome dela suavemente enquanto os lábios dela se moviam dos dele, então para seu pescoço e para seu tórax uma vez mais. Ele começou a se mover, indo devagar para o sofá.

"Fique. Não vá". A mão dela agarrou sua cintura enquanto ele continuava a ir para trás.

"Deixe-me sentar, docinho", ele sussurrou, vendo o efeito da voz nos sentidos dela. A expressão dela perdida em um olhar de preocupação, sensualidade a tomando de novo enquanto eles alcançavam o sofá.

"Apenas deixe-me sentar aqui, e você poderá ter o que quiser".

Se ele não se sentasse, deitasse ou achasse um jeito de não ficar só sobre os pés, então quando a boca completasse seu caminho para o sul, ele desmoronaria no chão. Maldita, ela estava deixando os joelhos dele fracos. Ela estava deixando o membro dele mais duro do que nunca.

Ela o seguiu enquanto ele se sentava cuidadosamente e então lentamente se encostou à lateral do sofá. O joelho estava na almofada ao lado, a outra entre as coxas. A boca estava ardendo em uma combustão até os abdomens dele enquanto os dedos esbeltos dela se moviam para a calça jeans e o calção e tocavam a ponta sensível de seu membro.

Os quadris dele empurraram e curvaram. Os dedos fecharam em punho sobre a cabeça enquanto ele friccionava os dentes contra a necessidade de agarrá-la, rolá-la para debaixo dele e rasgar as roupas de seu corpo.

"Emily". O nome saiu por entre os dentes dele.

"Apenas um minuto", ela sussurrou sem ar. "Eu sei como fazer isto. Eu sei. Eu leio sobre isto. Eu sei como".

Ah, merda. A voz dela tinha se perdido, tão cheia com excitação que saiu tremendo dos lábios enquanto os dedos tentavam fechar ao redor de sua ereção.

"Docinho, há mais do que isso", ele sibilou.

"Eu tenho filmes", ela o assegurou. "E livros. Eu sei como fazer isto".

A pesquisa dela iria matá-lo.

A boca cercou ao redor da cabeça, a língua dobrou contra a carne ultra-sensitiva embaixo da cabeça, e ela começou a chupar.

"Por Deus, tenha clemência!", o corpo dele se contorceu como se um chicote tivesse passado por suas bolas.

O prazer rasgou por ele. Não era insípido, não era uma queimadura lenta. Era duro, chamuscante,



rasgando através das terminações nervosas enquanto ele trincava os dentes em um prazer doloroso e dava um rosnado em fome voraz.

E ele a assistia. Viu a vacilação inicial, sentiu no movimento dos lábios até que ela achou a posição exata que estava procurando para rasgar a alma dele do corpo.

Cachos ruivos caíam como chamas para acariciar as coxas dele enquanto ela começava a mover a boca acima do membro. Tomando tanto quanto podia, chupando profundamente, a língua esfolando a carne muito sensível enquanto a boca apertava e trabalhava sobre a cabeça do membro espesso e chupava contra o céu da boca.

Oh, Deus. A porra da pesquisa dela iria enlouquecê-lo. Que diabo ele estava pensando? Os dedos se abriram, os braços ergueram; o único pensamento que importava era agarrar o cabelo dela e forçar a boca a se mover como ele queria.

Então ela gemeu. Um som de prazer absoluto, de tentação selvagem. Kell forçou as mãos para trás, tentando respirar através do prazer que sentia e o suor que se formava na testa.

Ele estava louco. Ele não tinha tentado domesticar uma raposa desde que era um adolescente e não tinha conseguido sucesso então. Por que diabo ele achava que poderia fazer isto agora? Especialmente com esta raposa em particular.

Mas ele nunca esqueceria o rosto dela, a expressão, neste momento, enquanto vivesse. As pestanas se moviam acima dos olhos, mostrando apenas um vislumbre de seu olhar azul escuro. Um rubor escurecia suas bochechas e os lábios curvos estavam esticados ao longo de seu membro engolindo-o enquanto os dedos esbeltos envolviam a base.

Não era o primeiro boquete que ele recebia, mas ele estava ferrado se esse não fosse o mais sensual. Os lábios subiam e desciam pela cabeça pulsante, os dedos acariciando a vara, a língua lambendo e saboreando, e ele jurou que ela estava roubando sua alma com a gula delicada de sua boca sugadora.

"Ah, docinho". Ele estremeceu com o sotaque Cajun que pensou ter derrotado há anos. "Sua boca é perfeita. Tão doce e quente".

O gemido apaixonado dela vibrou em sua carne, fazendo-o se esticar, empurrar contra os lábios dela. Inferno, se conter o estava matando. Ele podia sentir a necessidade de se liberar apertando suas bolas e formigando em sua espinha.

"Tão gulosa", ele grunhiu enquanto a língua lambia sobre a fenda pequena, sondou e trouxe um pouco de sêmen que tinha deslizado além do controle dele. "Isso mesmo. Chupe-me com vontade, docinho".

Os dedos dele estavam cravando na almofada do sofá, os dentes trincados enquanto ele lutava



contra o prazer. Apenas um minuto, ele jurou. Mais um minuto.

Os sons da sucção suave perfuravam sua cabeça enquanto ela o levava mais fundo em sua boca. Lentamente, oh, inferno, tão lentamente, trazendo-o para sua garganta. Parou e o soltou. Trouxe-o de volta e soltou. Puxou e tragou, o movimento reflexo apertando e acariciando a cabeça do membro em um movimento que o fez grunhir, puxando os quadris para baixo, tentando forçá-la a soltá-lo.

A pressão aliviou, mas por um segundo somente. Retornou enquanto ele assistia a umidade vazar do canto dos olhos dela com o esforço de levá-lo até lá, segurá-lo, tragar e retroceder.

"Emily". Ele grunhiu o nome dela ferozmente, olhando-a fixamente em desespero enquanto as pestanas dela se erguiam e ele teve um vislumbre do prazer incrível que os enchia. "Pare, raposa. Chega".

Ela se abaixou novamente enquanto ele quase se movia abruptamente para se sentar apenas para ter a mão dela apertando imperativamente contra seu abdome.

"Você sabe o que está vindo?", ele grunhiu, tirando o suor dos olhos enquanto a encarava. "Eu encherei sua boca, docinho. Facilmente. Você não vai querer isto na primeira vez".

Uma virgem. Deus, tenha clemência, uma raposa virgem estava destruindo seu controle. Roubando-o. Os olhos cintilaram com satisfação e a boca afundou no membro novamente, levando-o fundo e tragando.

Kell jogou a cabeça para trás, as mãos saindo das almofadas para o cabelo dela, agarrando as mechas, mantendo-a quieta e enchendo sua boca. Ele sentiu as ejaculações duras, violentas esporeando em jatos firmes enquanto o prazer e o êxtase rasgavam por seu corpo e o fazia se apertar a ponto de doer. Cada osso e músculo se esticavam enquanto um gemido severo rasgava repetidamente seu tórax.

Era rapto. Não era nada que ele conhecesse. Ela podia dar lições de boquete. Ela podia destruir um homem com aquela boca, e o estava destruindo enquanto consumia cada gota de paixão que despejava dele.

"Venha para mim", ele grunhiu enquanto ela se erguia, uma última lambida prolongada da língua no membro enquanto a cabeça começava a se erguer.

As mãos dele ainda estavam enroscadas no cabelo dela enquanto a visão dos lábios rosa e úmidos dela cintilando com umidade ficava marcava no cérebro dele.

"Kell". Ela disse com a voz cheia de necessidade dolorida enquanto ele a trazia sobre seu corpo, puxando-a para ele.

"Venha para a minha boca, Emily", ele ordenou roucamente. "Venha, docinho. Aqui em cima. Deixe-me saborear essa doce buceta. Deixe-me te mostrar o que você me deu".

Ela estava tremendo, estremecendo contra ele, enquanto ele a puxava para ele. Ela ainda estava



usando roupas. De nenhum modo ele daria a ela tempo para pensar enquanto removia as roupas. Enquanto ela se movia sobre ele, as mãos dele foram para os joelhos dela e os apoiaram sobre as almofadas e ele abaixou o corpo. Até que os lábios dele estavam embaixo dos dela, os dedos segurando o algodão suave da calça capri de cada lado da costura e puxando.

Abriu, o som do pano rasgando a fez arfar e uma tensão de advertência veio ao corpo. Uma tensão que Kell não permitiu durar muito. Enquanto o tecido se separava, os lábios estavam lá. Os dentes pegaram a extremidade do triângulo de seda que cobria a pele, puxou para o lado e então o pegou com os dedos de uma mão.

Então a língua estava livre para tocá-la. Livre para deslizar pela racha suculenta, saborear a ambrosia, o néctar dos deuses, um xarope aquecido e doce que ele sabia que seria sua queda.

Emily sabia que tinha cometido um engano sério. Um erro tático, e não podia parar. Ela estava perdida. No minuto em que tinha ouvido o tecido de sua calça capri rasgando, ela sabia que nada mais poderia parar isto. Definitivamente não ela. Ela não podia parar qualquer coisa, e estava muito perdida naquela primeira lambida nas dobras de seu sexo e muito desesperada por mais.

Então ele a beijou. Ele cobriu os lábios de sua buceta com os lábios, e deu nela um beijo que quase a destruiu.

A lixa de sua pequena barba crescendo chiou através de sua carne. A ligeira aspereza da língua, o chamejar das sensações que colidiam por seu útero, fazendo o corpo se apertar.

"Oh, Deus. Kell. Kell". A cabeça estava nadando enquanto os lábios dele criavam a luz, o beijo sugando ao redor do clitóris, acima dele, então abaixo, puxando as dobras inchadas de sua buceta entre os lábios e beijando-as com fervor aquecido.

Raios colidiam dentro do corpo dela, sua mente. Pontos brilhantes de luz explodiam atrás das pálpebras fechadas enquanto ela começava a agitar.

"Kell—tão bom. Tão gostoso".

Ele lambeu novamente, pintando a entrada do canal atormentado com lambidas aquecidas e sensação ígnea. O prazer ofuscante a encheu, o mundo se estreitou para nada além do toque de Kell, sua boca, sua língua. Para a corrida de sensações incríveis por ela com uma velocidade que a fez ofegar para respirar.

Ela estava correndo em direção a algo. Algo que ela apenas tinha lido, apenas sonhado. Algo que ela



nunca tinha acreditado que experimentaria.

Ansiando por respirar, ela tentou mover os quadris contra a língua dele, tentada a alcançar o pináculo de prazer que podia sentir que a esperava. Mas as mãos de Kell estavam firmes agora, exigentes. Elas agarraram os quadris dela e a mantiveram no lugar, segurando-a enquanto ele a deixava rapidamente louca com cada beijo, cada lambida.

Uma mão apertou o cabelo dele, a outra a almofada detrás do sofá, enquanto ela jogava a cabeça para trás, forçando os olhos a ficarem abertos. Ele escolheu aquele momento para apertar a língua dentro dela.

Uma punhalada dura, uma lambida rápida e outra punhalada, e Emily estava gritando. Era demais. As chamas rasgaram seu corpo enquanto ela sentia algo se libertar em sua alma. Sensação e emoção a envolviam, amarrando-a com uma corda apertada, então a atirou em um êxtase tão intenso, tão violento, que cada músculo de seu corpo começou a tremer em resposta.

Era tão bom. Bom demais. Trouxe lágrimas aos olhos enquanto seus próprios gritos e gemidos ecoavam ao redor. E ele não parou. Ele lambeu e gemeu contra a carne, continuando a consumir o fluxo suave da liberação dela enquanto ela se acalmava sobre ele, muito fraca, muito confusa pelo prazer ofuscante, para se manter erguida por mais tempo.

"Isso, minha coisa doce", ele sussurrou enquanto a erguia, sustentando o peso dela enquanto ele se erguia, deixando-a deslizar embaixo do tórax dele enquanto os braços dele envolviam-na.

Emily gemeu quando se achou deitando de volta no sofá, Kell subindo entre suas coxas enquanto ele rasgava o remanescente das calças de seu corpo.

"Eu te comprarei outra", ele prometeu enquanto jogava o resto da roupa no chão. "Eu preciso te ver. Nua e selvagem embaixo de mim".

As mãos agarraram a bainha da camisa dela, puxando-a depressa do corpo e enviando-a para onde a calça capri rasgada estava enquanto ele a encarava embaixo ferozmente. O olhar dele queimava-a enquanto suas mãos grandes e mornas desciam pela barriga dela, então subiam para os montículos inchados de seus seios cobertos de renda.

Dar fim ao sutiã tomou apenas poucos segundos. Um estalido dos dedos no gancho dianteiro e ele abriu mostrando os montículos inchados e sensíveis com um grunhido de prazer.

Dedos calejados seguraram as curvas, pesando-os, provocando-os enquanto os dedos polegares raspavam sobre os mamilos dolorosamente duros.

Respirar era impossível. Emily nunca tinha sentido tal prazer, nunca tinha conhecido tal intensidade de sensação. Dava espasmos por seu útero, explodia em sua circulação sanguínea e a deixava impotente



sob a dor que invadia seu sistema.

Desejo marcava a expressão de Kell. Os olhos verdes estavam escuros, um tom esmeralda ardendo nas profundidades enquanto ele a olhava.

"Tão incrivelmente linda", ele grunhiu.

Ele abaixou mais a calça jeans nos quadris, uma mão segurava seu membro enquanto ele começava a se abaixar até ela.

Ela não podia protestar. Ela sabia que deveria protestar. Ela sabia que deveria gritar para ele parar, pensar, mas era tão bom. Tão quente, desesperado e cheio com o som de "Hells Bells".

Os dois congelaram.

O olhar de Emily foi para o celular ainda preso na calça jeans dele enquanto uma maldição passava pelos lábios de Kell.

"Hells Bells" ecoava ao redor deles novamente enquanto ele pegava o celular e abria seu flap.

"Senador. Em que posso ajudar?".

Emily encarou Kell com sensação de horror. Ela olhou para a ereção dele a apenas poucos centímetros de sua própria carne e então voltou para o olhar dele. Havia diversão zombeteira lá, e aceitação torta.

Ela começou a se ajeitar, sentando no sofá enquanto pegava a camisa do chão e então começava a colocá-la pela cabeça.

Ela se sentia a deriva. Como se algo a tivesse arrancado de uma corda inconsciente e agora ela estivesse lutando para recuperar o equilíbrio. Arrastando-se do sofá, ela passou os dedos agitadamente pelo cabelo e assistia enquanto ele falava com o pai dela.

A voz dele estava calma, não tanto quanto a sugestão de paixão de antes, enquanto ele se erguia do sofá, arrumava a calça jeans, e discutia sobre uma festa que ela teria que ir no dia seguinte.

Ela não tinha nenhum desejo de frequentar outras das funções políticas que o pai organizava e especialmente não tinha nenhum desejo de frequentar a festa com Kell.

Não agora. Não enquanto seu corpo estava corado e queimando com necessidade e ele estava conversando com o pai dela com a voz fria enquanto dava as costas a ela.

Ela atirou a ele um clarão enquanto ele se movia através do cômodo, pegando a camisa do chão, e colocou-a de volta sem uma única interrupção na conversa.

Ele era muito alto. Muito largo. E seu toque era muito conhecedor. Como se instintivamente ele conhecesse a fraqueza dela, a necessidade dela de explorar e tocar. De ser tocada.

As mãos dela ainda formigavam com essa necessidade. O corpo queimava por isto. E ela não tinha



nenhuma ideia de como lutar contra isto.

Ela tinha conhecido desejo sexual no passado. Momentos em que ela tinha considerado jogar a precaução para o espaço por um toque particular, mas ela sempre tinha conseguido manter o controlar e ir embora. Ela não tinha mantido o controle dessa vez. Ela não tinha ido embora, ela tinha ofegado, implorado por mais. Se não tivesse sido pelo telefonema em má hora do pai, então ela estaria gemendo embaixo da possessão de Kell agora mesmo.

Ela mordeu o lábio, deu uma olhada rápida para ele sob as pestanas enquanto ele se debruçava contra o contador e conversava, o tom baixo e áspero enquanto o olhar rastreava cada movimento dela.

De repente, ela se sentiu mais contida do que nunca. As paredes estavam se aproximando dela, o ar tinha diminuído, sufocando-a, cheio com o odor de sexo e seu próprio remorso.

Balançando a cabeça ferozmente com o pensamento, ela girou e marchou de volta para seu quarto, batendo a porta atrás de si em frustração antes de ir rumo ao chuveiro.

Um banho frio.

Ela tinha que achar o autocontrole. De alguma maneira, ele tinha fugido dela a cada toque lento de cada vez, uma descoberta erótica depois da outra. E ela não tinha nenhuma ideia de como recapturá-lo. Ou como salvar seu coração.

Porque ela sabia que Kell Kreiger o estava roubando. Roubando seu coração e arriscando sua alma a cada beijo, cada toque. Deixá-lo ir a quebraria. E mantê-lo não era uma opção.

O pai dela sonhava com tal combinação. E era o maior pesadelo dela. Um homem que a podia encarcerar com seu amor, com seus medos por ela. Que poderia minar todos os sonhos que a enchia e a deixar com nada além de remorso.

Era assim que tinha acontecido com a mãe dela? Ela se perguntou enquanto entrava no chuveiro. Tinha o pai dela encurralado-a tão firmemente que nada mais importava além de fugir? Será que ela tinha se lamentado por isso quando estava no hospital morrendo por causa dos danos do acidente? Ela tinha sabido? Tinha lamentado? Ela tinha pensado no marido e na criança que estava deixando para trás e o horror que sua escolha traria para eles?

Emily tinha jurado anos antes que não deixaria que isso acontecesse a ela. Ela não seria fraca. Não se casaria com um homem determinado a controlá-la. Não cederia a amar um homem forte até que pudesse aprender como ficar firme contra as demandas do pai.

Se uma mulher não podia fazer frente ao pai, então como poderia ter alguma esperança de se erguer para um amante ou um marido?

E será que alguma mulher teria a chance de se erguer contra o Tenente Kell Kreiger? Ela tinha o



pressentimento de que ele seria a última montanha a escalar, assim como a mais perigosa. A mais desafiadora. E certamente a mais tentadora.

Ela teria que ser muito cuidadosa. Ele estava se tornando uma fraqueza, e agora mesmo, Emily sabia que não poderia dispor desta fraqueza em particular.

Capítulo Nove

Kell desconectou o telefone com o senador e encarou meditativamente o celular na mão por longos segundos. Ele tinha que dar crédito ao homem. O tempo dele tinha sido exato. Mais um minuto e o telefonema teria sido ignorado pelo prazer absoluto que ele teria achado ao dar a Emily o primeiro passeio apaixonado.

Ou a loucura absoluta o faria perder a cabeça. Apenas depois de ouvir o telefone tocar a música especial que ele havia percebido que não tinha colocado sua masculinidade em um preservativo.

Tolo. Estúpido. E ele a havia assegurado de que sabia se proteger, assim como a ela.

Mas também foi o maior prazer que ele jurava já haver conhecido.

Ele deveria estar tremendo com a ideia de tomar uma virgem. Especialmente uma virgem cujo pai estava ativamente buscando um tipo particular de marido para ela. Uma virgem que havia corroído seu bom senso e auto-preservação. Aquela que estava tentando seus sonhos há anos. Ele deveria ter sentido o laço apertando ao redor do pescoço no minuto em que aqueles lábios quentes tocaram sua carne.

Mas havia algo de certo no toque dela. Algo que o chamava apesar de seus pressentimentos. E ele tinha muitos pressentimentos, o pai dela sendo um dos seus chefes por exemplo.

Agitando a cabeça, ele abriu o telefone novamente, apertou o botão de discagem rápida de Reno e esperou.

"Eu tenho cinco minutos", Reno disse tranquilamente. "O senador tem uma reunião na colina do capitólio e nós o estamos escoltando".

"Ele está te mantendo ocupado, é?", Kell sorriu com afetação.

"Olhe o que diz, Tenente, eu posso fazer Macey trocar de lugar com você e te deixar como ajudante do senador".

Não nesta vida. "Não, obrigado, Chefe. Irei direto ao ponto. A festa que nós iremos depois de amanhã. O senador não mencionou Ian. Eu o quero no lugar. Se o nosso informante está no governo e é próximo o suficiente dos Stantons para se preocupar com a investigação do senador, então nós poderemos



ter problemas”.

Reno ficou mudo por longos momentos. "Você será seguido pelo Serviço Secreto. Eu examinei cuidadosamente os arquivos dos agentes, eles são bons homens”.

"Minhas entranhas estão revirando aqui, Reno. Eu preciso de Ian no lugar”.

Ele podia sentir a sensação vaga de perigo se movendo. Tinha começado no minuto em que o senador tinha começado a falar sobre a festa política que exigia que Emily frequentasse.

"Você o terá”. Reno tomou a decisão depressa. “Suas roupas estarão esperando quando você chegar à casa do senador amanhã à tarde. Eu organizarei para que Ian tenha liberação no voo. Nós deixaremos um dos agentes do serviço secreto no condomínio que Ian está usando para vigiar a casa da Senhorita Stanton enquanto você não está”.

Kell concordou com a cabeça com a mudança no turno do pessoal. "Nós devemos chegar em D.C. pelo final da tarde de acordo com o itinerário do senador”.

"Clint estará esperando na casa com o plano de segurança da mansão onde será a festa e a rota que ele terá do caminho até lá”.

"Você e Macey estarão em posição?”.

"Somente por quanto tempo o senador ficar na festa”, Reno respondeu. "E outra nota, cuide do seu traseiro. O senador está um pouco contente demais com algo que acontecerá lá. Se você estiver dançando tango com a filha do senador então ele pode se tornar um péssimo inimigo se as coisas ficarem azedas”.

"Alguma ideia do que ele suspeita?”.

"Nenhuma, mas ele recebeu um telefonema ontem à noite e o sorriso do homem ficou positivamente satisfeito consigo mesmo. Quando ele terminou, parou no seu arquivo e passou várias horas o lendo. Então se cuide, meu amigo”.

Poucas coisas poderiam ser piores do que um antigo SEAL conspirando a queda de outro SEAL através de um anel de casamento. O que preocupava Kell era quem teria ligado para assegurar o senador de que algo estava acontecendo. Apenas uma pessoa os havia visto juntos, se tocando, e a investigação dos antecedentes dela tinha revelado nada além de uma garota mimada, entediada e rica. Evidentemente a pequena garota rica era mais do que permitia aos outros verem.

"Manterei os olhos abertos—"

"E a calça jeans bem fechada”, Reno o lembrou. "Eu sei muito bem o que estava acontecendo depois que você viu aquele strip que ela fez”.

"Foi uma lap dance”. Kell fez uma careta com a satisfação na própria voz.

Reno bufou. "Fique certo de que eu receba um convite para o casamento. Isto quase valerá a pena



assistir”.

"Nos seus sonhos", Kell grunhiu. "Vou desligar aqui”.

"Cuide das costas, amigo”, Reno o lembrou novamente. "Estarei te esperando quando você aparecer em D.C”.

Kell desligou o telefone, o olhar erguendo enquanto Emily saía do quarto. O cabelo ainda estava úmido, o rosto ainda livre de maquilagem, e em vez de outra calça capri, ela estava usando calça jeans, uma camiseta por dentro da cintura baixa, e um cinto largo firmemente ao redor dos quadris.

A expressão estava rebelde, a linguagem corporal o assegurando de que ele a havia ofendido no pior modo possível. Ele era bom em ler essa mensagem em particular, apenas nunca tinha sido bom em compreender como conseguia esse efeito.

"Meu pai deveria cancelar essa festa”, ela anunciou enquanto marchava para a geladeira e retirava uma garrafa com água. "É um desperdício de tempo. Uma desculpa de um grupo de intelectuais para se vestir bem e ficar bebendo champanhe de outra pessoa”.

"Um agradecimento pelas contribuições e conselho políticos na eleição que colocaram seu pai no gabinete”, Kell terminou por ela. "Você é a anfitriã. Você tem feito as festas até agora, ninguém mais pode ocupar o seu lugar”.

Ela não precisava que ele dissesse isso a ela. Emily podia sentir a frustração furiosa se formar no corpo, a irritabilidade que se originava de desejos não extintos que corriam por ela, o medo do passo que ela quase tinha tomado.

"Ele organizou o meu voo para D.C.?", ela perguntou finalmente. "Espero que ele tenha dito a você, porque ele certamente não me disse”.

Havia um machão na casa, então o pai dela não se preocupava em notificá-la de quaisquer planos. Típico. Exasperante.

"Sairemos de manhã para a base naval. Pegaremos um helicóptero da Navy com rumo a Annapolis. O carro do seu pai nos pegará lá, e nos levará para sua casa na cidade”.

"Então para a Mansão Dunmore na noite da festa”, ela terminou para ele. "Eu sei como ele trabalha”.

Os Dunmores eram aliados políticos do pai, e muito influentes dentro de seu círculo político.

"Então você sabe que não pode sair disto”. Ele encolheu os ombros, o olhar se movendo sobre ela novamente, pausando nos seios, nas coxas. "Por que você foi se vestir?”.

Emily congelou. Ela não esperava que ele fosse tão cego em relação à completa falta de sanidade dela mais cedo.

"Porque eu achei que era melhor aceitar a minha quase fuga enquanto tivesse a chance”.



Os olhos dele escureceram com diversão enquanto os lábios se moviam de forma peculiar. Os braços poderosos cruzaram sobre o tórax enquanto ele a assistia atentamente, recusando deixá-la ignorar a luxúria que enchia sua expressão.

"Quase fuga. Esse é um modo interessante de se descrever".

"Você não estava nem usando um preservativo", ela sibilou.

"Eu não estava usando quando tive meu pau enterrado na sua garganta também", ele a lembrou. "Isso não te parou".

A resposta dele apenas abanou as chamas da raiva que a enchia até a borda por dentro. Ele a estava contornando. Controlando. Ela podia sentir, da mesma maneira que sempre sentia o pai fazer.

"Isso não me fará engravidar. O que você está tentando fazer, Kell? Entrar nas boas graças com o meu pai, me amarrando e dando a ele o genro que ele quer? Você decidiu que o dinheiro dos Stanton e poder podem ser incentivos suficientes?".

"Eu não preciso do dinheiro do seu pai, tolinha", ele disse com um sorriso. O sorriso presunçoso que não deveria ter feito o coração dela bater mais rápido e com toda a certeza não deveria fazê-la se lembrar de como era sentir o beijo dele. "E te amarrar não é exatamente o meu plano de jogo. Te deixar quente, molhada e cheia de mim é tudo o que me importa neste momento".

O queixo dela quase caiu. Ela piscou.

"Seu cachorro!".

Os olhos cintilavam de volta para ela, cheios com riso e luxúria enquanto ele preguiçosamente arranhava a bochecha.

"Eu não sou um cachorro", ele a assegurou. "Prometo, não é qualquer uma que serve, Emily Paige. Decidi que estarei dentro da sua calcinha antes que a missão termine. E vou fazer de tal forma, tão duro e fundo que você nunca se esqueça de que eu estive lá".

Emily ofegou. "Você é louco".

"Não é a primeira vez que ouço essa acusação", ele a assegurou, a expressão supremamente confiante.

Ela teve que lutar para se impedir de fechar os dedos em punho. Para manter o pé no chão em vez de batê-lo na canela dele.

"Você é pior do que um chute na bunda!", ela retrucou.

"Não ainda". Ele piscou. "Mas me dê um tempo, docinho, e eu chegarei lá. Mas enquanto você está pensando nisto, veja se não pode fazer as malas para nossa viagem de amanhã. E lembre-se de colocar poucas coisas, aqueles helicópteros Navy no qual iremos normalmente não tem muito espaço disponível".



Ela estava certa, Kell admitiu enquanto via a expressão dela ir de choque a assombro, ele era louco. Ele deveria estar correndo desta mulher tão forte e rápido quanto possível. Ao invés disso, ele estava de pé aqui parado, olhando-a fixamente, assistindo as chamas de raiva chiarem nos olhos azuis enquanto o temperamento que ele tinha esperado começava a subir à superfície.

Aquele cabelo vermelho mostrava que ela era uma desordeira e ele sabia disto. Ele não a deveria estar encorajando—desordeiras podiam ficar perigosas— mas maldito fosse se ele não estava antecipando os fogos de artifício.

"Você sabe o que eu realmente, realmente odeio nos SEALs?", ela grunhiu de repente, estreitando os olhos, um pequeno tremor de raiva passando pelo corpo.

Kell curvou uma sobrancelha zombeteiramente. "Nós estamos sempre certos?".

"Você são sempre tão egoístas. Você acha que está tão certo. Tão no controle. Você acha que o mundo inteiro gira na porcaria do seu redor, não é, Kell?".

"Este sim", ele emendou. Ele tinha se certificado disto. "É chamado de treinamento, tolinha".

Ele não esperava o brilho de dor que viu nos olhos dela quando disse isto.

"Sim, é chamado de treinamento", ela sibilou. "É chamado ser livre, Kell. É chamado dar e receber controle".

"Você quer controle, Emily?", ele agitou a cabeça. "Eu não acho que seja algo que você queira. Porque se você quisesse, teria tomado há anos. Deixe-me te dar uma pista dos SEALs, neném. Nós sabemos como ler força, mas também sabemos como ler fraqueza. Se o seu papai controla você, então é apenas porque isso é o que você quer. Você quer controle? Então mostre quem é a chefe. Seja uma mulher que pode dar a volta em um SEAL, docinho, e ele dará a você o respeito que você está procurando".

Emily o encarava em choque. Ele não tinha nenhuma ideia do que acontecia entre ela e o pai.

"Você não entende—"

"Eu não tenho que entender, apenas você tem". Ele agitou a cabeça firmemente. "Você é mulher o suficiente para se erguer contra qualquer SEAL. Apenas porque isso não é o que o seu pai quer, não significa que você não possa ter".

Ela estava pronta para gritar. Estava pronta para jogar algo nele. Onde em nome de Deus tinha o pai dela achado o único homem que a faria querer matar?

"Eu nunca imaginei que fosse assim", ela retrucou, um rubor do pescoço ao rosto, a cor escura até a raiz do cabelo e fazendo um contraste interessante com o cabelo ruivo, criando uma imagem ígnea enquanto os olhos reluziam com um azul furioso. Ele nunca tinha visto qualquer coisa tão magnífica em toda sua maldita vida.



"Então, nós iremos fazer uso daquela cama ou faremos uso do fogão? Eu posso estar ficando faminto".

O olhar dele assegurava-a de que a fome poderia ir de uma ponta a outra. Impossivelmente, ela sentiu a raiva faiscando com o desejo enquanto a luxúria batia em um ritmo duro em seu útero e a raiva surgia por sua cabeça.

"Nós vamos fazer uso da sua arma", ela disse sufocada e furiosamente. "Um bom, pequeno e limpo buraco no meio da sua testa vazia".

Kell suspirou. "Vamos esperar até depois do jantar. Eu odiaria morrer de estômago vazio".

"Você pensa que sabe tanto!", ela teve que lutar para se impedir de gritar, conter a ira interna de ir adiante. "Você acha que sabe todas as merdas das respostas, não é, Kell?".

"Não, Emily, eu não sei", ele respondeu forçosamente, odiando a dor que via no olhar dela agora. "Eu não tenho todas as respostas. Eu apenas tenho o que vejo e o que aprendi daquelas porcarias de guarda-costas que você teve no passado. Você sabe o que eu vejo?".

Ela vacilou. "Eu não me importo com o que você vê".

"Eu vejo uma mulher que ama ferozmente. Uma que está muito ciente da dor e da aflição dos outros, e que não exige o mesmo respeito daqueles que ama. Vejo uma mulher que permaneceu uma virgem, uma virgem, Emily. Uma mulher incrivelmente apaixonada morrendo para tocar e ser tocada, e está ficando sem isto para que não tenha que machucar o pai. Então ela não terá que explicar para ele que com quem ela casa e como ela casa é da conta dela e não dele".

Não havia nenhuma censura no tom dele; se existisse, ela poderia ter lutado. Poderia ter ralhado de volta por sua vez.

"Você está errado", ela sussurrou. "Eu permaneci uma virgem não porque não queria lutar. Porque eu não queria que os outros pagassem por minha briga com ele. Se você não acredita em mim, ligue para Charlie Benson. Tenho o número dele se você precisar. Ele é um graduado de Annapolis e foi o meu primeiro namorado depois que eu fiz dezoito anos. Quando papai o pegou tentando escapar sorrateiramente do meu quarto e eu me recusei a casar com ele, meu pai destruiu uma carreira naval brilhante. Meu pai destruiu um homem por causa da minha decisão, Kell. E eu não esquecerei isto. Talvez isso seja algo do qual você deva se lembrar".

Não havia nenhuma fuga daqui. Ela não poderia sair, não passaria o resto do verão no quarto. O que sobrava era enfrentá-lo, lutar com ele.

Mas apesar da humilhação que ainda podia sentir ao se lembrar do destino de Charlie, Emily percebeu que gostava de lutar com Kell. Ele não erguia a voz, não gritava, ele se tornava imponente. E essa



força desafiava algo dentro dela, trazia algo e exigia que ela o desafiasse em retorno.

"Benson estava entrando furtivamente no seu quarto, Emily". Kell riu. "Você tinha apenas passado alguns dias do seu aniversário de dezoito anos e ele já estava na casa dos vinte. Ele merecia o que levou".

"Papai o fez ser excluído de Annapolis".

"Ele estava mexendo com a filha do oficial; ele sabia dos riscos".

"Viu?", ela gritou de volta. "Você é exatamente como meu pai. Charlie era jovem. Ele estava sendo romântico".

"Ele estava excitado". Ele cruzou os braços acima do tórax arrogantemente. "Ele era todo pau e nenhum cérebro. Você merecia algo melhor".

"E você tem um cérebro escondido aí nessa sua cabeça?", ela zombou em resposta brava.

"Eu não sou uma criança", ele a assegurou, os olhos verde enchendo com autoconfiança. "O fato de eu saber o que fazer quando coloquei a minha cabeça enterrada entre as suas coxas deveria ter te assegurado disto".

"Isto não é sobre sexo". Ela passou os dedos pelo cabelo, agarrou-o e se perguntou se arrancar algumas mechas acabaria com um pouco de sua frustração.

Ela estava pronta para gritar. Ele era impossível.

"Não, é sobre muito mais que sexo. É sobre nós, Emily, e o seu precioso pai não dá palpite aqui. Você pode falar para ele se manter de fora ou eu irei"

"Você não faria isso!".

"Ele não me pegará escapando da janela do seu quarto. Ele fará suas manobras normais e me pegará na sua cama. Você pode lidar com ele antes que isso aconteça, ou depois. A escolha é sua. Eu sou um oficial, docinho, e ele não é mais um Navy. Ele não pode me tocar".

"Você não vai entrar na minha cama!", ela gritou. Ela não podia evitar. Ele era ultrajante. Demente.

"Docinho, um beijo". Ele ergueu um dedo. "Dê-me um beijo para provar o contrário. Eu terei você deitada e te penetrarei antes que você saiba o que está acontecendo. Teste o beijo para ter certeza. Melhor ainda". A expressão dele mudou, ficou faminta, sexual. "Teste a mim".

Oh, meu Deus! Ela perdeu a respiração. Ela estava certa de que tinha perdido o útero também, porque as mini explosões que haviam detonado não poderiam ser boas. E então havia a sensação de algo derretendo em sua vagina, o calor e o prazer da contração que prendiam sua respiração.

"Não na sua vida. Desculpe, Kell, mas eu cortei SEALs da minha lista há anos. Eu apenas continuarei olhando para ver se é o mesmo com você".

Ela girou para ir para seu último refúgio, seu único refúgio, seu quarto.



E ela quase fez isto. Ela estava na porta quando ele a pegou, virando-a e jogando-a contra a parede enquanto ela o encarava com surpresa

Surpresa, porque a expressão dele não era mais brincalhona. Não estava mais cheia com diversão e luxúria. Era luxúria pura. Era pesada como chumbo, luxúria má, escura e sensual.

"Os cortou da sua lista é, chère¹⁸?", o sotaque Cajun estava pesado agora, condimentado com sexo e rico com fome. "Então é melhor você colocar esse SEAL no topo dos candidatos, porque eu te prometo, minha pequena raposa, este SEAL vai ter a linda cereja que você está guardando. E ele vai apreciar com gosto, cada grito, cada estocada. Pode contar com isto, sim".

Emily o encarava em choque. Isto não era o frio, calmo e confiante ao extremo Kell Kreiger que ela conhecia, mas algo ainda estava lá.

Essa era um homem selvagem. Essa era um homem que sabia o sabor do sexo e mostrava em sua expressão, nas brilhantes profundidades dos olhos. Ecoava por todo o corpo, queimando-a com a memória dos lábios em sua buceta, a língua empurrando e lambendo dentro dela.

Ela tentou respirar uniformemente. Tentando empurrar de volta a resposta que surgiu dentro do corpo, tão instintiva quanto respirar, tão antiga quanto a própria luxúria.

Os pulsos dele agarravam suas mãos, apertavam contra a parede, contendo-a com a força dos braços musculosos. Os quadris apertavam os dela, o membro espesso e duro sob a calça jeans, a intenção clara, da mesma maneira que ele tinha declarado. Ele tinha a intenção de tomá-la.

"Não em uma aposta". Ela quase estremeceu com a própria voz ofegante. Era esfumada, sensual. Um acenar ousado.

"Nós trataremos disto". O sotaque tinha se dissipado, amaciando a voz enquanto o sorriso de não-dou-a-mínima retornava. "Isto, querida, nós teremos que ver".

Capítulo Dez

Ele estava se perdendo para ela, Kell podia sentir. Ele tinha forçado de volta a luxúria, a fome que não tinha nenhum lugar na missão que estava cumprindo. Ele tinha que colocar distância entre si mesmo e a mulher ígnea que roubava a razão de sua mente.

¹⁸ Chère – 'querida' em francês.



Ele era a pessoa que foi para o quarto, guardando cuidadosamente as coisas para a viagem para D.C. no dia seguinte. Uma bolsa pequena com as armas, munição extra, e uma muda de roupas casuais. Dentro do pacote, almofadado na parte inferior, em uma bolsa impermeável, havia uma identidade, cartões de crédito em uma identidade diferente e dinheiro suficiente para passar pela maioria das situações em que ele poderia se ver. Dobrado na sacola havia também ferramentas que abririam praticamente qualquer porta bloqueada e vários sistemas de segurança.

Ele estava preparado.

Ele colocou as outras armas, o rifle, dois revólveres substitutos, munição, e um punhal na parte detrás na sacola maior para armazenar no condomínio de Ian até que eles retornassem.

Havia mais armas escondidas ao redor de Atlanta e nas áreas periféricas. Duas casas seguras, um ponto de ônibus seguro. Ele era um homem que tinha aprendido o caminho duro para se preparar para qualquer coisa.

E por essa razão sozinha, ele deveria ter imaginado que não poderia apenas entrar na vida de Emily com nada além de luxúria. Ela era problema com P maiúsculo, e estava abrindo caminho até seu coração. Da mesma maneira que ele sempre tinha sentido que faria. Inferno, ele a havia evitado pelos últimos cinco anos por uma razão, não é?

Não era?

Ele não tinha exatamente se ausentado. Ele tinha deslizado para dentro e fora de suas proximidades, verificando seus guarda-costas, verificando-a quando ele estava na cidade. Quando ele tinha descoberto sobre o sequestro dela, ele tinha acabado uma tarefa correndo para outra com um pequeno ferimento de tiro e mais dias sem dormir do que um homem deveria ser capaz de suportar.

No minuto em que tinha conseguido permissão, ele tinha feito as malas e tinha seguido seu caminho para o voo que levaria Reno e seus homens para o salvamento.

Ele tinha chegado na hora certa para se juntar ao time, movendo os pauzinhos com o senador e Reno para entrar na posição de proteger Emily e as garotas enquanto a batalha acontecia entre os componentes.

E por Deus, ele a havia protegido. Mesmo drogada, com a cabeça perdida na excitação da droga de estupro, ela tinha lutado. Ela tinha mantido as outras duas garotas no canto distante da choça, abaixadas no chão, e o observado com fome e desejo.

E era a memória dos olhos quando ela tinha percebido quem ele era que o atormentava. Esperança e fome. O modo como ela tinha sussurrado seu nome. O modo como ela tinha lutado para ficar de pé e fazer o que fosse necessário para ajudar em seu salvamento.

Ele não podia parar. Não queria parar. Ele queria deixá-la fora de sua cabeça e de seu coração,



erradicar a luxúria e a necessidade e retornar a ser o homem que tinha sido até aquela noite. Antes de olhar naqueles olhos azuis selvagens e ver a necessidade que ecoava em sua própria alma. Antes disso, ficar longe dela não tinha sido duro. Depois disto, ele se viu incapaz de se afastar.

Ela era uma mulher morrendo de desejo de estar livre. Como um pássaro em uma linda gaiola. Uma feita de barras de culpa e trancada com o conhecimento de uma indiscrição da juventude. Isto, e a determinação do pai de ver a filha casada com um homem capaz de defendê-la.

Stanton poderia fazer as coisas do modo errado, e Kell não tinha nenhuma dúvida de que era verdade, mas ele podia ver o amor do senador pela filha. Da mesma maneira que tinha visto o amor de Emily pelo pai.

Estava lá quinze anos antes quando Richard tinha sido trazido pela primeira vez na casa para jantar. Algumas semanas depois da morte de Tansy. Richard Stanton e o detetive Kell tinham sido amigos de escola e amigos na Navy até que o detetive tinha optado pelo trabalho civil. Um telefonema e o então Chefe Stanton tinha vindo diretamente de Louisiana e assumido a posição.

Aquele amor entre pai e filha apenas tinha crescido.

O que ele também tinha visto era o fato do amor de Emily pelo pai ser tão manchado pelo passado e a consciência da dor dele por ela, que ela recuava ao invés de lutar pelo que procurava. E Richard tomava total vantagem disto.

Isso teria que parar. Quando ele finalmente colocasse seu anel no dedo de Emily, seria porque ela o queria lá, não porque o pai a tinha feito aceitá-lo por causa da culpa.

Ele congelou com o pensamento. Inferno, ele estava ferrado agora e com toda a certeza sabia disso. Ele iria casar com a maldita pequena raposa. Ele não era um homem propenso a voos à toa. No dia em que desejasse isso, seguiria em frente. Da mesma maneira que sabia que um dia daria aos avós o que eles sonhavam. Uma neta que eles aprovariam. E por anos ele tinha achado esse pensamento tão inaceitável.

Ele compassou pelo quarto, o banheiro pequeno, e encarou no espelho o homem que tinha se tornado. Era algo que ele tinha evitado por anos, encarar a si mesmo bem nos olhos. Porque todas as vezes que tinha feito isso, tinha visto o próprio fracasso de proteger aqueles que tinham dependido dele há tanto tempo.

Ele tinha visto o ódio por si mesmo. A fúria. A culpa inútil que colocava sobre as cabeças dos pais e avós.

Um dia, ele tinha se perguntado se conseguiria perdoá-los. Se poderia pensar na família que tinha perdido com algo diferente de uma dor violenta.

Tansy estava no sétimo mês de gravidez quando morreu. O filho tinha morrido no útero. Os pais de



Kell, os avós, nem tinham ido ao enterro deles. Ele tinha ficado de pé ao lado do caixão com o detetive para o qual tinha trabalhado e se enfurece, completamente só.

Ele chorou. De joelhos, o final da sua mocidade tinha sido drenado dele com as lágrimas amargas que tinha derramado.

Ele se encarava agora, e tinha visto o homem que tinha se tornado. Reno tinha jurado que ele nunca tinha sido são. Kell se arriscava de forma que outros homens não ousavam, nem mesmo os SEALs. E ele tinha visto o mundo de modos tão diferentes para se sentir confortável com os outros.

Ele não era mais o garoto que tinha perdido um sonho. Era um homem agora. A emoção construindo dentro dele quando a questão era Emily era do amor de um homem por uma mulher. Um homem que finalmente tinha aceitado que nenhum homem ou mulher eram completamente seguros e que muitos tomavam sua segurança como garantida. Emily seria a mulher que poderia ficar ao lado dele e ajudá-lo a ajudá-la se proteger.

Ele era homem o suficiente para saber que não podia continuar com a solidão que comia sua alma. Ele precisava de um lar, amor, uma mulher da qual pudesse depender, uma forte o suficiente para entender os perigos que ela sempre enfrentaria.

E Emily era essa mulher.

Ele não podia ter imaginado querer mais do que um caso uma semana antes.

Mas agora, ele queria isso e mais.

Capítulo Onze

Ela podia se apaixonar por Kell Kreiger.

Emily admitiu isto quando acordou para o café e os pãozinhos de canela antes que o sol tivesse se erguido na manhã seguinte. Ela estava muita louca com ele, o sono tinha sido inquieto, a cabeça cheia com a discussão deles na noite anterior, mas uma coisa tinha sido enraizada na mente dela.

Kell estava abrindo um caminho para seu coração. E ele não deveria. Ela deveria estar cautelosa com ele como tinha sido com todos os outros homens que o pai tinha mandado para ela. Ela sabia que ele era um SEAL. Sabia que ele era dominador, sempre no controle, e que ele tinha o tipo de personalidade que a faria roer as unhas sempre.

Mas ele estava na fantasia dela há tanto tempo.

Isto, e ele não tentava contê-la.



Não que ela tivesse realmente tentado fazer qualquer coisa que ele pudesse protestar. Ainda. Mas ele não tinha dado uma chance ao desassossego pegá-la também. Ele a desafiava, confrontava, e ele a fazia pensar.

Ele a fazia pensar sobre si mesma, sua vida, e a relação entre ela e o pai que ela admitia estar rapidamente deteriorando.

Ele a fez perceber que ela tinha tanta culpa quanto o pai dela.

A única pergunta que permanecia agora era: ela poderia sobreviver sem assassinar o homem durante o sono com o passar do tempo? O único jeito de responder à questão era realmente ir para a cama com ele.

O pensamento fez o sangue dela pulsar pelo corpo enquanto ela tomava banho e então bebia a primeira xícara de café do dia com ele. E ela percebeu que estava confortável.

"Vamos encontrar o helicóptero da Navy em algumas horas". Ele verificou o relógio do pulso enquanto escrevia algo no pequeno caderno que carregava.

Ele era canhoto, ela percebeu. Isso não deveria ser sensual.

"E vamos voar para Annapolis antes de ir para D.C.". Ela concordou com a cabeça.

"Quero que você me dê uma muda extra de roupas. Calça jeans, camiseta, e uma camisa de manga longa assim como roupas de baixo. Quero que elas sejam guardadas para uma emergência caso algo dê errado".

Ela o encarava surpresa enquanto ele continuava a fazer anotações.

"Por quê?".

A cabeça dele ergueu, os olhos verdes cheios com intento. Não frio, mas focado.

"Eu acabei de te dizer, no caso de qualquer coisa dar errado".

"Você está esperando que alguma coisa dê errado?", ela não sentia medo. O olhar dele não permitia isto.

"Eu sempre espero que algo dê errado", ele disse a ela antes de retornar ao bloco de anotações. "É chamado de preparação".

"É só uma festa. O que poderia dar errado?".

"Vigias. Assassinos escondidos ou posando de amigos. Um milhão de coisas pode dar errado, Emily. A chave para sobreviver está em estar preparado para isto".

"Papai me disse que há segurança aos montes em torno da mansão", ela assinalou. "Como eles poderiam passar pelos guardas de James Dunmore? Eles são homens bons".

A cabeça dele ergueu novamente; desta vez o olhar estava perfurante.



"Você conhece todos esses homens pessoalmente? Bem o suficiente para no fundo da alma acreditar que eles não piscarão ou que não aceitarão suborno?".

"Não", ela respondeu devagar.

"Então você não confia sua segurança a eles. Você confia a mim".

"E quando você tiver ido embora?", ela perguntou zombeteiramente. Todos os guarda-costas dela tinham ido embora em certo ponto.

"Então você usará o exemplo que estou te dando e o treinamento que receberá de mim". A cabeça dele estava abaixada, perdendo o olhar de surpresa dela. "Sempre esteja preparada, Emily. Sempre questione os acordos dos outros de sua segurança e sempre, sempre, confie nos seus instintos". A cabeça dele ergueu novamente, o olhar sondando, antes que ele abaixasse e fizesse outra nota.

"Por que você está me dizendo isso?".

Ela assistiu o mover dos lábios dele mas os olhos não se ergueram novamente.

"Considere isto como minha pequena contribuição a sua pesquisa".

Os olhos dela se estreitaram com a resposta.

"Isto não é bom o suficiente".

"Vai ter que ser". Ele ficou de pé, fechou o caderno, então a arrastou da cadeira antes que ela pudesse fazer mais do que arfar.

Ela não teve tempo de lutar, ainda que quisesse, antes que o braço dele fechasse ao redor de seus quadris, empurrou-a contra sua ereção, e os lábios roubaram o beijo que ele muito obviamente procurava.

Ela derreteu. Por que lutar? Ela tinha aceitado na noite anterior que ela acabaria na cama com ele. Ela estava arquejando para entrar na cama, morrendo por mais do prazer que ela apenas achava nos braços dele.

Ela estava nos braços dele agora. Enroscada ao redor de seu pescoço, os dedos enroscando no cabelo enquanto ele fazia o mesmo com o dela com uma mão antes de jogar a cabeça dela para trás.

Gemidos deixaram a garganta dela enquanto estouros coloridos de sensação explodiam atrás das pálpebras fechadas. O braço ao redor dos quadris erguendo-a para mais perto enquanto ele curvava os joelhos e a trazia para sua ereção entre as coxas. E ela estava perdida a partir daí.

Os lábios dele desceram sobre os dela e os lábios dela se separaram mais para ele. A língua dela acariciando contra a dele agressivamente, não contente em deixá-lo estabelecer a velocidade desta primeira aceitação, a introdução preliminar para a decisão que ela tinha feito na noite anterior bem tarde.

Ele não era domesticável. Ele provavelmente terminaria indo para longe antes que ela estivesse pronta para considerar deixá-lo ir. Mas enquanto ela pudesse segurá-lo, ele seria dela.



"Jesus, você tem gosto bom", ele grunhiu enquanto beliscava os lábios inferiores antes de ir para trás e a encarar abaixo.

"Você tem gosto melhor". Ela lambeu a curva inferior dos lábios dele, observando enquanto os olhos dele chamejavam e luxúria os enchia.

"Você escolheu justo esta manhã para ficar toda doce e suave nos meus braços", ele a agarrou, antes soltá-la com um suspiro. "Pegue suas coisas, eu porei nossos pratos na pia. Nós temos que sair daqui".

"Nós devíamos pegar a Harley", ela sugeriu.

Poderia haver vantagens, ela pensou de repente, em deixá-lo ir para sua cama. A vida poderia ficar mais excitante.

"Não na sua vida". Ele dispensou a ideia dela depressa. "Nós iremos no Bronco. É seguro".

"Não pode manobrar os caras maus na sua moto, é? Entendo".

"Não, eu não posso manobrar melhor as balas quando não sei de qual direção elas poderiam vir", ele a informou. "A Harley é para horas em que se está seguro o suficiente para renunciar proteção. Você não está lá ainda".

Emily pausou e o encarou surpresa.

"Não vou discutir com você, Emily. Eu sempre tenho uma razão para dizer não. Perceba agora. Porque pode chegar o dia em que eu não tenha tempo para explicações". Um sorriso se arrastou nos lábios dela enquanto ela o assistia atentamente.

"Tentarei fazer isto". Ela finalmente concordou com a cabeça enquanto se perguntava o que diabo era Kell Kreiger, e por que ele era tão diferente dos guarda-costas que o pai dela normalmente adquiria.

"Faça mais do que tentar. Ache controle o suficiente para fazer acontecer. Eu tenho que poder confiar em você quando as coisas forem do céu ao inferno, querida. Vamos fazer um esforço para que eu fique seguro de que posso ter essa confiança em você na hora em que for preciso".

Ela o assistiu atentamente então. Vendo mais do que o homem com o qual ela queria dormir, vendo mais do que os músculos contratados pelo pai para protegê-la. Ela viu um homem. Viu sombras nos olhos e percebeu com que frequência ela pegava o vislumbre de demônios escondidos espreitando embaixo da superfície.

O que o fazia um homem forte o suficiente para perceber que ela não queria ser acariciada na cabeça e colocada numa estante?

"Eu farei isto", ela finalmente respondeu. "Farei o esforço".

Ele concordou com a cabeça abruptamente. "Isto é tudo o que eu peço. Agora pegue suas roupas e vamos pegar a estrada. O piloto que nos levará a Annapolis tem seu próprio horário que não pode divergir.



Então nós precisamos ajudá-lo”.

Ela já estava se movendo, indo para o quarto para a grande bolsa que tinha lotado durante a noite com uma muda de roupa. Enquanto estava lá ela pegou outra muda de roupas que ele tinha solicitado antes de tirar a bolsa da cômoda e voltar para a sala de estar.

Ele estava esperando por ela. Ele pegou a muda de roupas, colocou-as na sacola plástica e então a fechou com a fita impermeável antes de colocá-la na sacola preta que carregava junto com uma sacola de acampamento de tamanho regular.

"Seu vizinho, Ian Richards, vai conosco”, ele anunciou enquanto ia para a porta.

"Meu vizinho Ian?", ela parou e o encarou em confusão. "O loiro atrás do condomínio? A pessoa que gosta de mostrar o abdome duro para Kira? Deixe-me adivinhar. Ele é seu parceiro?"

"Esse mesmo”. A voz dele saiu grossa com uma sugestão de desgosto. "Você não deveria notar o abdome duro do meu parceiro”.

"Seria muito difícil não perceber”.

Os olhos dele escureceram, as sobrancelhas abaixaram enquanto ele desativava o alarme e destrancava a porta. Ele parecia... com ciúme. Emily sentiu uma onda de excitação com a ideia. Ela não tinha imaginado isto.

"Então, o seu companheiro foi ideia do meu pai também? E foi ideia dele não me dizer que ele estava lá?”.

"Ele é proteção adicional, nada mais”. Ele encolheu os ombros.

Emily suspirou. "Pelo menos ele tem uma boa aparência. Se eu tiver que receber treino de escolta, ajudará se eles forem bons para os olhos”.

"Bons para os olhos, é?”, ele murmurou enquanto a levava para fora. "Eu terei que quebrar o rosto dele um pouco para consertar isto”.

Emily olhou para o rosto em questão, atado a um corpo duro usando calça jeans e uma camisa de algodão, e virou para sorrir afetadamente de volta para Kell.

"Que vergonha você”, ela disse, baixando a voz o suficiente para que apenas ele pudesse ouvi-la. "Te prometo que eu não o molestarei. Você não tem a mesma promessa”.

"Raposa”, ele a acusou roucamente enquanto reajustava o alarme e fechava a porta à medida que saía. Fechando-a depressa, ele se voltou para ela, deixando o olhar quente correr por ela. "Eu deveria te bater por ser tão insolente”.

Ela sorriu amplamente enquanto colocava a bolsa de noite sobre o ombro e piscava de volta para ele sugestivamente.



"Surras só me fazem pior".

"É isso o que eu estou desejando". Ele sorriu amplamente presunçoso. "Isso apenas faz ser muito melhor, amor. Não sabia disso?".

"Perverso". Ela riu, sentindo algo iluminar dentro de si enquanto se dirigia ao Bronco onde o outro SEAL a esperava.

"Abusada".

Isto seria divertido.

Mas horas mais tarde, ela se perguntou se seria tão divertido quanto o voo de Atlanta até Annapolis tinha sido. Ela tinha ido em um Black Hawk¹⁹. Não qualquer Black Hawk, mas o modelo mais novo, do qual o pai dela tinha informado ser radicalmente mais eficiente e militarmente progressivo.

Ela ainda estava voando quando eles aterrissaram e o piloto mostrou a ela o dedo polegar.

"Madame, obrigado por fornecer suporte". Ele relampejou a ela um sorriso brilhante enquanto ela se sentava na cadeira do co-piloto, e ela teve que se impedir de saltar. "Eu te devolverei ao Tenente Kreiger agora".

A porta ao lado foi aberta, e Kell a encarou com seu sorriso quase escondido, a expressão sentida enquanto ele agarrava sua cintura e a erguia para o macadame.

"Você me viu?", ela guinchou, saltando, certa de que ainda estava voando enquanto as mãos agarravam os ombros dele e ela ria com uma vibração que não sentia há anos. "Foi muito legal, Kell. Ele até respondeu todas as minhas perguntas sobre os instrumentos e tudo. Acredita que ele me deixou sentar lá?".

Ela o abraçou. Ela não pôde evitar. Mas os braços dele retornaram o abraço, braços fortes, poderosos, que a cercaram com calor e aprovação.

"Eu vi, pequena garota voadora", ele disse, rindo de volta. "Vamos, a limusine está esperando e o Tenente Greary tem lugares para ir".

Ele saudou o piloto antes de fechar a porta do co-piloto e a manobrou de forma que ele e Ian a cercassem até a limusine.

Ian se moveu na frente com o chofer enquanto Kell abria a porta de trás e a ajudava a entrar,

¹⁹ Black Hawk – (em português, falcão negro) helicóptero de médio porte, bimotor, de transporte utilitário e de assalto.



olhando ao redor da Navy com olhos estreitados.

Entrando na limusine, ele fechou a porta, levantou a divisória entre o motorista e a parte de trás, e assistiu Emily com uma fome que imediatamente fez a respiração dela apertar no peito.

Ela estava alegre do voo mas o olhar de Kell a fez trocar a excitação por uma súbita e subjugante fome que quase foi impossível resistir.

"Nós temos aproximadamente quarenta e cinco minutos antes de eu ter que explicar ao seu pai o que você estava fazendo na cabine do piloto do mais novo neném da Navy em vez do transporte que ele tinha ordenado", ele grunhiu. "Quero o pagamento antes que eu ouça a enchecção que está para vir".

Enquanto ele falava, se moveu para perto dela, cercando-a, forçando-a a se deitar contra o banco de couro enquanto ele ia sobre ela como um predador faminto determinado a devorar uma refeição.

E ele estava com um humor voraz. Humor faminto. Os lábios dele não pegaram os dela primeiro como ela tinha esperado. Em disse disso, seus dentes juntaram sobre o pescoço enquanto ele separava as coxas dela e apertava a protuberância espessa de seu membro entre elas.

Os quadris dela empurraram enquanto o prazer a inundava. Determinada a manter a fome incontrolável sob controle—afinal, o pai estava esperando por ela na casa da cidade—os dedos cravaram nos bíceps duros e ela girou a cabeça para o lado.

Mas o prazer apenas cresceu. Os lábios, dentes e a língua formavam um fogo que começou a chicotear pela circulação sanguínea. Picadas ásperas, aveludadas e aquecidas resultavam dos beijos picantes, até que ela estava desesperada para sentir nos lábios. Para consumi-los. Saboreá-los.

"Oh, Deus, Kell, eu não posso aguentar", ela gemeu enquanto ele prendia os dedos no cabelo dela e a segurava no lugar, os lábios arrastando pelo pescoço até a clavícula enquanto os dedos da outra mão se arrastavam do decote solto de sua camiseta de verão.

As linhas elásticas e suaves desceram facilmente, revelando um monte inchado, e a renda sensual de seu sutiã meia-taça.

"Deus, eu amo os seus seios", ele disse rouco enquanto os lábios seguiam os dedos.

Emily teria gritado com o prazer incrível da língua que batia sobre o mamilo se estivesse respirando. Em vez disso, ela ofegou, ficando completamente quieta embaixo dele para fazer sentido das sensações incríveis que chicoteavam por ela.

A língua dele tocou o mamilo lentamente antes de lambê-lo. Isso a deixou quente. Incrivelmente quente. Então, os lábios cercaram o cume, trazendo-o para a boca, e começou a sugar.

Os quadris empurraram com o soco poderoso de prazer que foi do mamilo até o útero. A buceta indo para o cume duro do membro, então ela parou de se contorcer. Não que ela pudesse evitar se contorcer. A



pressão no clitóris era incrível, quase o suficiente. Se ela pudesse apenas se movimentar na posição certa, se ela pudesse apenas achar o ritmo certo—

"Isso mesmo, amor". A mão bateu no quadril, e enquanto os lábios retornavam ao mamilo, os quadris começaram a se mover.

Era incrível. Um choque de calor cada vez que ele empurrava contra ela, mas nunca era o suficiente. O clitóris se tornou um nó duro, inchado com sensação. Os mamilos começavam a queimar e ela não podia tocá-lo o suficiente.

Segurando-se na camisa que ele usava, ela lutou para alcançar a pele nua, então desistiu e em vez disso empurrou o decote, arrastando-o para o lado para que os lábios pudessem se mover pelo pescoço dele. Estando lá, ela provou que podia ser uma aluna hábil.

Ela pegou a carne dele, mordiscou e deslizou a língua sobre a carne dura pulsando com vida antes que ela arrastasse os dentes sobre as veias. As carícias eram instintivas. Porque a boca dele firme e aquecida em seu mamilo era tão bom, muito bom para pensar. Ela podia apenas sentir. E queimar.

"Kell. É tão bom", ela gemeu contra o pescoço dele enquanto ele puxava a blusa dela para trás mostrando o outro seio.

"Muito bom", ele murmurou contra o montículo corado. "Tão bom que eu deveria levar um tiro por começar a fazer isto aqui".

A cabeça dela caiu para trás com um grito enquanto os dentes dele juntavam sobre um mamilo e as mãos puxavam sua camisa, passando o tecido por ambos os seios enquanto ele a encarava com olhos malvados, sabedores.

"Diga-me o que você quer", ele gemeu.

Os lábios se separaram em um arfar. "O quê?".

"Onde você quer a minha boca? Diga-me, Emily".

"Dizer a você? Eu quero a sua boca em todos os lugares, Kell", ela clamou ferozmente. "Eu não me importo de onde você a coloca. Apenas a ponha em algum lugar".

Ela não conseguia ter o suficiente de seus beijos selvagens, suas carícias, ou do roçar do membro entre as coxas, a meta atrapalhada pela calça jeans que ambos vestiam.

"Diga-me onde, Emily", ele comandou então, a voz mais escura com paixão agora. "Diga-me o que você quer".

O que ela desejava. A língua dela tocou os lábios enquanto ela tentava puxar ar suficiente. Ela não conseguia puxar oxigênio suficiente para o cérebro. Apenas o suficiente para passar pela névoa de fome.

"Eu quero que você me tome", ela sussurrou.



Os olhos dele chamejavam enquanto uma careta marcava suas feições.

"Não em uma porra de limusine", ele gemeu. "Inferno, eu preciso de mais tempo do que tenho aqui".

A cabeça dele baixou entre os seios dela, movendo os lábios entre eles, a língua acariciando levemente o colo fazendo-a segurar a cabeça dele para ela, precisando de mais.

"Kell?", ela o sentiu abrir a calça jeans dela, os dedos abrindo a roupa.

"Eu tenho que sentir você". Os dedos dele deslizaram para o lado de dentro. "Apenas por um minuto".

A pele calejada deslizou sobre ela, deslizou para baixo da faixa da calcinha, e antes que ela pudesse se preparar, ele tocava as dobras nuas de sua buceta.

"Deus, eu amo a sua linda buceta depilada". Ele beliscou delicadamente na lateral do seio dela enquanto ela arqueava e clamava seu nome novamente.

Os dedos deslizaram pela carne fortemente saturada, correndo eroticamente ao redor de seu clitóris enquanto ela arqueava e clamava sem ar.

O choque de prazer roubou o que tinha sobrado de respiração nos pulmões. Então os dedos dele deslizaram mais, achando a entrada para a carne desesperadamente dolorida embaixo enquanto o dedo polegar achava o clitóris novamente, e sensações começaram a explodir junto às terminações nervosas dela.

Ela mal podia se segurar. Os lábios dele se moveram além dos seios, tocando e beijando seu estômago, seu abdômen, então se movendo para a pele entre a calça jeans aberta enquanto a mão a deixava louca.

Ela queria tocá-lo, mas ela não conseguia juntar os sentidos o suficiente para compreender como. Ela precisava gritar, mas não podia puxar ar suficiente para os pulmões.

Tudo o que ela podia fazer era se contorcer embaixo dos dedos suavemente sondadores dele, apertando contra a entrada e enviando choque de calor e prazer explodindo por seu sistema.

Quando eles deslizaram para o lado de dentro, estirando-a, enchendo sua entrada, o útero dela teve um espasmo com o orgasmo iminente.

"Kell". Ela se contorceu embaixo dele desesperadamente. "Oh, Deus. Mais".

"Mais", ele murmurou contra a carne acima de seu montículo. "Deus, sim, mais. O odor de sua buceta está me deixando louco. Emily".

Ele estava empurrando, arrastando a calça jeans, o dedo polegar correndo sobre o clitóris só para ser substituído pela boca que sugava e a língua deslizando.

Os dedos de Emily prenderam no cabelo de Kell. Os quadris de curvaram enquanto ela sentia a língua



dele se movendo lentamente, muito lentamente, ao redor de seu clitóris e ela começou a implorar.

"Eu preciso gozar, Kell".

Ele deu uma lambida lenta e longa no clitóris.

"Oh, Deus. Mais. Mais duro".

Os lábios dele enrugaram e ele a beijou suavemente, quase a levando acima do limite.

"Por favor, não me provoque—por favor".

Ele lambeu ao redor, fazendo-o se apertar mais, pulsar em necessidade. O sangue estava correndo por suas veias agora, transpiração banhando seu corpo enquanto ela se contorcia embaixo dele. Ela estava morrendo por mais, alcançando, pressionado contra a boca dele enquanto as mãos se apertavam no cabelo para arrastá-lo para mais perto.

Ela queria ser libertada da calça jeans. Ela queria ficar nua nos braços dele e ser coberta por seu peso. Em vez disso, a calça ao redor das coxas a mantinha fixa no lugar enquanto a boca dele atormentava-a. Torturava-a. Enquanto os dedos dele acariciavam, estiravam a abertura, e a fazia se erguer, tentando forçá-lo a ir mais fundo.

Ela o precisava mais fundo. Uma fome agonizante ressonava nas profundidades de sua buceta, apertando os músculos, fazendo-os ter um espasmo com uma força que a fez voar mais alto. Mais rápido, do que ela tinha feito no Black Hawk.

"Kell, por favor", ela tentou gritar o nome dele. "Por favor. Eu estou morrendo—eu preciso—de mais".

O gemido que deixou a garganta dela foi de uma agonia primorosa. Um prazer muito afiado, muito feroz para ser suportado. Ainda assim ela suportou. O êxtase a tomou, perfurando sua circulação sanguínea e queimando seu corpo com uma força que a apertou totalmente e deixou estremecendo com o resultado.

Capítulo Doze

No dia em que ele conseguisse meter seu pau dentro dela, iria matar a ambos antes de conseguir satisfazer a fome que arranhava suas bolas.

Kell arrumou as roupas dela depressa, e a sentou no banco, e deu uma respiração trêmula enquanto



se movia para a cadeira oposta e a encarava de volta.

Pelo menos o painel entre o motorista e os bancos era à prova de som. Maldição, aquele grito que tinha vindo dela quase o fez gozar em sua calça jeans. Longo, prolongado, dolorido com prazer e necessidade combinados.

Examinando as janelas, ele depressa estimou quanto tempo faltava antes que eles chegassem na casa então correu os dedos pelo cabelo, tentando restabelecer algum tipo de ordem para si enquanto Emily tirava um pente da bolsa e depressa se endireitava.

"Quer que eu arrume o seu?", ela relampejou um sorriso insolente enquanto segurava o pente.

"Vá em frente". Ele amava quando ela o provocava.

O sorriso que curvou os lábios dela fez as entranhas dele se apertarem e os dedos cravarem no banco embaixo enquanto ela se movia pela curta distância e abria as pernas dele antes de se sentar em seu colo.

"Garota valente", ele grunhiu brincando. "É tudo o que eu posso fazer para não rasgar essa calça jeans e te mostrar como é tênue o meu controle agora mesmo".

"Hmm". Ela passou o pente pelo cabelo dele, usando a mão livre para deslizar sobre as mechas à medida que ela trabalhava. "Apenas imagine a surpresa que o mordomo de papai terá quando abrir a porta para nós".

Kell fez uma careta. Ele conhecia o mordomo. O marinheiro Rogers tinha sido um SEAL do time do senador no momento em que o senador tinha sido ferido. Vários anos depois Rogers tinha sido tomado cativo. Antes que o time dele pudesse salvá-lo, ambas as pernas tinham sido quebradas, várias costelas rachadas, e os dedos de uma mão quase pulverizados.

Assim que ele se curou e foi dispensado, Stanton o contratou. O homem estava com o senador desde então. Quase doze anos agora. A esposa mantinha a casa na cidade pronta para ocupação e os dois adoravam o senador e sua filha.

"Isso, agora você está todo limpo e arrumado. Se não fosse por esse chupão no seu pescoço, papai nunca saberia que eu te molestei na limusine".

O olhar dele prendeu o dela. Havia uma sugestão de medo nos olhos.

"Eu não queria ter feito isto", ela sussurrou enquanto recuava para seu próprio banco e esfregava as mãos nervosamente nas coxas. "Talvez ele não note".

"Provavelmente não". Besteira. Kell sabia que seria a primeira coisa que o pai dela notaria. "Mas isto não é tanto um problema quanto o que há no seu pescoço. E eu queria fazer isso".

A mão dela voou para o pescoço então ela revirou a bolsa, puxado um espelho, e olhado para ele em choque.



Não era descaradamente óbvio. Era pequeno, a mais leve arruinada de sua carne cremosa com uma mordida dos dentes. Sairia em horas. Mas eles não tinham horas.

"Nós estamos mortos". Ela tragou firmemente. "Isto é mau, Kell. Muito mau".

"É, nós burlamos várias leis", ele concordou zombeteiramente. "Olhe por este modo, pelo menos ele não pode dizer que eu tive a minha boca enterrada na sua buceta".

"Pare de tentar me chocar". Ela fechou o espelho e o colocou de volta na bolsa. "Qual é o seu problema? Por que você insiste tanto que ele saiba que nós temos algo acontecendo entre nós? Isto é loucura".

"Por que eu gostaria de esconder isto?", ele cruzou os braços sobre o tórax e a olhou pensativamente.

A cabeça dela foi para trás contra o banco enquanto ela encarava o teto atapetado.

"Nós estamos tão ferrados. Ele vai exigir que você se case comigo, eu recusarei, e ele vai te remanejar para um navio removedor de cracas ou algo do tipo.

Os lábios dele crispavam. "Eu acho que é difícil. Ele é um senador, não um almirante".

A cabeça dela ergueu lentamente. "Você esquece, meu padrinho é um almirante, Kell", ela sussurrou em horror. "E ele estará na casa".

"Almirante Holloran". Ele concordou com a cabeça. "Não se preocupe, ele gosta do meu senso de humor atrevido".

"Você realmente devia estar mais preocupado sobre isso".

"Eu não estou preocupado, Emily". Porque ele tinha toda a intenção de se casar com ela, assim que ela percebesse que o fato iria acontecer.

Um homem não forçava uma mulher como Emily, ele a levava suavemente. Como a raposa que era, ela tamparia o nariz e a boca e obstinadamente se recusaria a respirar se alguém fosse tentar forçá-la a fazer isto.

Não havia nenhuma dúvida de que ele e o senador, e mais provável o almirante, teriam uma conversa dos infernos mais tarde.

"Eu não vou me casar com você!", ela retrucou. "Eu não conheço você. Eu nem sei se gosto de você".

"Mas você irá para a cama comigo?", ele arqueou a sobrancelha zombeteiramente.

A pergunta a fez pausar. "Bem, eu gosto de você quando está me beijando em vez de fazer seus jogos comigo. Não pense que me engana, Kell. Qualquer que seja a sua agenda de trabalho, eu vou descobrir. Eu sempre descubro".

Ele não tinha nenhuma dúvida de que ela não iria.



"Sem agendas escondidas, docinho". Ele sorriu, sem se preocupar em esconder o fato de que ele estava se divertido pelos apuros em que ela se encontrava.

Inferno, ela deveria ter o pai na mão há anos. Ela tinha habilidade para fazer isto. E se ela não aprendesse agora como, então Kell teria que fazer. Então ele teria que acalmar os sentimentos dela e do senador. E seria um inferno muito maior acalmar o senador do que ela.

Eram apenas onze da manhã quando a limusine parou na frente da casa da cidade. Ian e o motorista saíram primeiro, flanqueando a porta enquanto Kell a abria e saía.

"Tudo limpo", Ian murmurou, tocando o comunicador que usava.

Kell concordou com a cabeça então segurou o braço de Emily e a ajudou a sair da limusine antes de se mover atrás dela e seguiu-a para a casa do senador abastado.

A porta abriu imediatamente e a forma alta e imponente de Rogeres entrou na visão. Ele protegia a lateral de Emily enquanto ela ia rápido para casa, entrando no hall de entrada grande e olhando ao redor com sensação de remorso.

Ela tinha deixado esse local cinco anos antes e se mudado para Atlanta para sair da atmosfera sufocante do pai e de sua super proteção. Agora, ela estava retornando, e a sensação sufocante que a tinha mandado embora estava voltando com ímpeto.

"Emily". O pai dele vinha da outra extremidade do hall de entrada, um sorriso dividindo o rosto enquanto ele se movia na direção dela. Atrás dele, o Comodoro Samuel Tiberian Holloran entrava na visão, trazendo um sorriso ao rosto de Emily.

Tio Sam. Ele não era realmente seu tio, mas seu padrinho, o melhor amigo de seu pai, e um aliado que ela sabia que podia contar.

Atrás dela, Kell e Ian vieram para a atenção, apenas relaxando um pouco quando o pai dela e o almirante retornaram suas saudações.

"Oi, papai. Eu pensei que você não estivesse ficando aqui", ela encarava em torno do hall de entrada.

Quando o pai dela não estava em residência semipermanente, então Fay não vinha da pequena casa que eles viviam atrás da casa. Mas ela estava aí, o avental branco brilhante contra a calça comprida e blusa azul escura.

"Eu não estou, Emily", ele a assegurou. "Mas pensei que você poderia precisar da ajuda da Fay enquanto estiver aqui".



Ele agarrou os ombros dela firmemente, plantou um beijo em sua sobrancelha então recuou com uma carranca, o olhar indo para o pescoço dela antes de olhar de volta para ela.

"Diga uma palavra e eu sairei", ela o informou tranquilamente, apenas impedindo a voz de tremer. "Se você começar uma briga na frente do Tio Sam, eu nunca te perdoarei".

Ele olhou de volta para nela, os olhos estreitando enquanto os lábios se apertavam com raiva.

Ela podia sentir a marca queimar no pescoço. Era uma declaração. Mesmo enquanto ela tinha verificado na limusine ela sabia o que Kell pretendia que fosse. Uma declaração de propriedade. Uma marca masculina de possessão.

"Estou falando sério, papai". Ela o encarava firmemente, sentindo o medo que começava a brotar no corpo. "Eu não perdoarei".

"Emily Paige, garota, você é tão bonita quanto uma pintura". O almirante parou ao lado do pai dela, dando a ambos um olhar duro antes de puxar Emily em seus braços para um abraço rápido.

"E você está tão bonito quanto sempre, Tio Sam". Ela tentou sorrir de volta.

Ele era uma figura arrojada para um homem que tinha acabado de celebrar seu aniversário de cinquenta e cinco. Ele era elegante, os olhos castanhos mais afiados do que nunca, mas o cabelo castanho escuro estava agora completamente cinza.

"Claro que eu estou tão bonito quanto sempre, diferentemente do seu velho aqui". Ele apontou com o dedo polegar sobre o ombro para o pai dela. "Estou apenas melhorando com a idade".

Os lábios de Emily crispavam antes de ela ver os olhos do pai.

"Meu vestido chegou?", ela girou para Fay para fazer a pergunta.

"Tudo chegou ontem, Senhorita Emily", ela respondeu, o olhar assistindo o rosto do pai dela também. "Eu coloquei tudo no seu quarto, e as roupas do Tenente Kreiger chegaram também. Elas estão no quarto ao lado do seu".

Emily acenou com a cabeça vivamente. "Preciso ligar para Wilma Dunmore e me certificar de que tudo esteja correndo suavemente. Terei que agradecer a ela por ter cuidado disso para mim".

"Vá em frente e faça isto, neném", o pai disse, a voz apertada. "Eu conversarei com Kreiger sobre as informações que conseguimos até agora".

Ela apenas apostava que era mesmo isso o que ele queria conversar com ele.

"Não me faça partir, papai". Ela não se preocupou em disfarçar a advertência na voz. "Eu não quero te desapontar neste fim de semana, mas poderia".

"Emily". Kell andou para detrás dela, as mãos segurando os ombros em um movimento que ela considerou altamente nada inteligente. E ficou pior quando ele beijou o topo de sua cabeça suavemente.



As sobrancelhas do Comodoro se ergueram enquanto ele dava uma olhada rápida para o pai dela.

"Para um homem esperto, você está começando a me fazer acreditar que tem pouquíssimo senso de auto preservação, Kell", ela retrucou, andando para longe dele. "Se você me dá licença, tenho coisas para cuidar. Se você quer ser estúpido, então pode fazer isso por conta própria".

Indo para longe dele, ela tomou a bolsa para noite e a sacola com o chofer antes de se dirigir para os degraus.

"Papai". Ela pausou no primeiro degrau e o olhou atentamente. "Você me ama?".

Uma carranca escureceu a sobrancelha dele. "Não me venha com essa, Emily. É baixo de sua parte".

"Você me ama, papai?".

"Você sabe que sim". Ele a deu um clarão.

"Então você não me fará ameaças ou exigências, não é?".

A carranca dele escureceu. "Eu nunca faço ameaças".

"Nenhuma demanda ou ultimatos, ou da próxima vez que você tentar colocar um guarda-costas na minha casa, eu chamarei a polícia. Estamos claros?".

A mandíbula dele apertou em frustração. "Estamos claros".

"Bom". Ela acenou com a cabeça vivamente, rezando que o tremor dos joelhos não pudesse ser visto. "Eu cuidarei da festa então. Nós conversaremos novamente antes de eu partir".

Ela ouviu o grunhido irritado dele enquanto ela se movia sem pressa os degraus acima. Alcançando o degrau seguinte, ela o encarou por longos segundos antes de caminhar para seu quarto, entrou e fechou a porta atrás de si.

Lá, ela respirou roucamente e apertou a mão firmemente contra o estômago. Ela estava começando a pensar que poderia ter sido melhor se ela tivesse ficado na casa afinal.

Kell conteve o sorriso enquanto o senador girava o rosto sombrio para ele. Os lábios do almirante estavam tremendo, e se não estivessem, os olhos castanhos estavam em chamas mostrando riso.

"Tenente Kreiger, considere-se em casa". O almirante movimentou a cabeça para a posição "à vontade" de Kell.

"Essa é a minha casa, Sam", o senador rosnou. "Você não tem essa autoridade".

"Eu excedo você em importância", o almirante o lembrou divertido.

"Minha casa!", o senador disse entre os dentes cerrados.

Sam Holloran agitou a cabeça com um sorriso. "Olhe para isto deste modo". Ele indicou o pescoço de Kell. "Ela pode dar melhor do que recebeu. Pare de agir como uma mãe com um filhote, Richard. Ela é uma mulher, não uma aborrecente".



O rosto de Richard corou enquanto ele encarava Kell.

"Eu pretendo me casar com ela, Richard". Kell manteve a voz cuidadosamente baixa, mas não menos firme. Não seria bom se Emily o ouvisse.

Ambos os homens o encararam em surpresa agora.

"Você quer?", o senador perguntou com esperança cautelosa. "Ela sabe disso?".

"Não. Ela não sabe. E eu preferiria que ela não soubesse até ser a hora certa".

Não havia nenhum sentido manter o orgulho inflamado do pai guardando as informações dele. Ela era ainda assim a filha dele, e Kell podia imaginar como teria se sentido se um homem ousasse tocar em sua filha sem o benefício de um compromisso ou um anel de casamento. Inferno, pensando nisso, Kell mal conseguia conter o estremecimento. Seria duro ver tal marca no pescoço da filha se ela fosse casada. Se ele tivesse uma filha.

O senador e o almirante trocaram olhares preocupados.

"No meu escritório". Richard Stanton girou sobre os calcanhares e foi à frente para as portas do escritório aberto. "Se vamos discutir isto, então estarei ferrado se ela ouvir. Eu não gosto daquele olhar dela" Ele murmurou a última oração com uma extremidade de confusão. "Aquela garota nunca tinha falado assim comigo".

"Ela está crescendo, Richard". O olhar do almirante era de aprovação enquanto ele dava a Kell um curto aceno com a cabeça.

"Ela está aprendendo hábitos ruins", o senador retrucou de volta, antes de dar um olhar penetrante para Kell. "E tenho a sensação de que a culpa é sua".

"Não duvido nem um pouco, Senador", Kell concordou não sem uma pontada de orgulho.

Inferno, sim, era sua culpa. Ele não queria uma mulher tão assustada da própria sombra para sobreviver enquanto ele estivesse em uma missão. Mas também não queria uma mulher que não tivesse uma pontada de bom senso e precaução para sua própria defesa.

Emily sempre teria recursos para se apoiar, mas ele queria estar certo de que ela pudesse chegar a esses amigos quando a dificuldade surgisse e ele estivesse fora do país.

Não seria fácil fazer o senador entender que a filha nunca iria permitir que eles a envolvessem em plástico-bolha e a colocasse em uma estante.

Ele queria que ela fosse forte. Ele precisava que ela fosse forte. Para a própria sanidade dele.

Ele estava calado agora enquanto o pai de Emily fechava as portas do escritório cuidadosamente atrás deles, então girava para olhar Kell com intentos olhos estreitos enquanto o almirante caminhava para o bar do outro lado do cômodo.



"Você acha que poderá fazê-la se casar com você?", Stanton perguntou com descrença.

"Eu não terei que forçá-la, Richard".

O senador agitou a cabeça. "Você obviamente não conhece Emily bem o suficiente. Eu te disse, você devia ter passado mais tempo aqui na casa conosco".

Kell considerou, por um breve segundo, mostrar os punhos para o homem. Mas era óbvio que o senador não tinha nenhuma intenção de fazer o mesmo.

"Não, Richard, é óbvio que você não conhece a sua filha", ele disse. "Ela não é uma garotinha tímida. Se você não soltar as rédeas ela se matará tentando ter a liberdade e te satisfazer também. Dê a ela o que ela precisa e ela acomodará. Ela pensará mais da segurança em vez de se certificar de que você não a pegará tendo um pouco de diversão".

"Um pouco diversão?", o senador grunhiu agourentamente. "Você quer dizer, o tipo de diversão que ela achou em um clube de strip, dando a algum homem estranho uma lap dance?".

"Eu não me considero tão estranho", ele disse enquanto cruzava os braços sobre o tórax e deixava o comentário ser entendido.

Não levou muito tempo.

"Você estava lá?", raiva vibrada na voz.

"Eu recebi a dança. E ela estava tão cautelosa para uma mulher que tinha pagado uma boa grana de uma conta bancária que já estava ficando muito baixa de gastar dinheiro para alimentar os seus capachos. Ela foi cuidadosa. E os homens que conseguiram sua pequena gratificação por manter a área limpa enquanto ela estava lá deixaram claro que ela não fosse tocada. Ela se resguardou bem".

"Era uma lap dance", o senador grunhiu.

"Era o trabalho dela", Kell o lembrou. "Não o seu. E eu pensaria sobre isso enquanto você está aqui se preparando para ver apenas em quantos pedaços poderá mastigar o meu traseiro enquanto estamos aqui. Eu não sou Charlie Benson. E você não tem o poder de tirar o meu grau ou a minha posição no meu time. Então não perca seu tempo tentando achar uma brecha aí. Quando a questão é influência política, eu não me importarei nem um pouco de mover os pauzinhos se for para proteger a Emily. Dos seus inimigos, ou de você".

Ele não podia culpar o senador pelo olhar de assombro que rapidamente cruzou seu rosto antes que ele pudesse esconder. Richard sabia exatamente que tipo de influência Kell podia conseguir se quisesse. Da mesma maneira que sabia que Kell nunca tinha ameaçado usar aquela influência nenhuma vez nos quinze anos em que eles se conheciam.

"Richard, você achou um que não pode intimidar", o almirante disse lentamente do bar onde estava



bebendo um copo de uísque. "Deixe o garoto em paz. Nós temos outros assuntos, mais importantes, para discutir".

Kell encarou o almirante, vendo o brilho de raiva que reluziu momentaneamente nos olhos castanhos.

"Algo aconteceu?", o olhar de Kell fatiou o sênior antes de retornar ao almirante.

"Nosso contato com Fuentes nos enviou outra mensagem. A ordem para sequestrar Emily saiu, mas eles enviaram um assassino no lugar do sequestrador. Ele deixou a Base do Fuentes ontem à noite, e está vindo aqui para D.C. Nós precisamos capturar esse assassino, Tenente Kreiger".

A implicação dessa declaração quase fez Kell cambalear. Ele encarava o almirante, então girou para Stanton enquanto seu corpo apertava em fúria.

Eles estavam arriscando Emily ao permitir que a festa fosse adiante e isso o deixava puto.

"Eu não fui informado disso".

Ele deveria ter sido informado no momento em que eles tinham ouvido. A proteção sobre Emily deveria ter sido aumentada. Inferno, ela deveria ter sido colocada em uma casa segura não revelada até que isto estivesse terminado.

"Isso foi minha culpa, Tenente". A voz do almirante endureceu. "Nós não podemos permitir ao informante de Fuentes saber que nós recebemos esta informação. Temos que continuar como estamos. Você e Ian a protegerão, junto com a segurança que nós colocamos na mansão de Dunmore. Não havia necessidade de passar as informações antes que você e Emily chegassem e preocupá-la mais".

Preocupá-la mais? Kell encarou os dois homens, e sentiu como tremia furiosamente. Queria esquecer o fato de que eram ambos eram oficiais superiores; eles estavam guardando informações que poderiam arriscar a vida dela.

"Senhor, poderia te lembrar de que eu estou em cargo da segurança", ele sibilou. "Essa era uma informação que eu deveria ter recebido".

"E você a tem agora". Richard suspirou. "A demora de tempo não importa de uma forma ou de outra".

"A festa deveria ter sido cancelada. Deve ser cancelada agora".

"E se nós a cancelarmos não teremos a mínima esperança de pegar o sequestrador e/ou assassino que Fuentes está enviando atrás da minha filha", Richard declarou, medo relampejando nos olhos então. "É a minha única filha, Kreiger. Ela é a minha vida. Você acha que eu gosto disso mais do que você?".

"Eu não sei, Senador, talvez você prospere nos perigos. Uma coisa é certa. Ela precisa ir para fora de D.C. agora. Ela não tem nada que ficar aqui".



"E então ela vai fugir pelo resto da vida?", Richard gritou de volta, a raiva se formando dentro dele se mostrando pela primeira vez. "Nós temos a hora e o local agora. Se mudarmos nossos movimentos, Fuentes mudará os dele. Se nós pudermos pegar o assassino então nós teremos a chance de ganhar as informações que precisamos do maldito espião que se envolveu com Fuentes para este golpe. É a nossa única chance".

"Então você me mantém no escuro sobre a ameaça adicional, e ainda por cima, você a traz diretamente para a bala do assassino?", Kell ouviu a própria voz subindo, sentiu a raiva se formando dentro de si com uma força que nunca tivera que lidar antes. "Você está se esquecendo, Senador, de que a proteção dela depende de eu saber até da mais minúscula sugestão de perigo vindo em seu caminho?".

"Você tem as informações", Stanton grunhiu em resposta. "Você tem tempo de sobra para o Time Durango a proteger. Eu não me arrisco desnecessariamente com a minha filha, Tenente".

"Isto é exatamente o que você está fazendo, Richard", Kell declarou severamente. "Arriscando desnecessariamente. Sem me dizer a extensão da ameaça envolvida no dia em que ela chega em D.C. Ela não vai a esta festa. Ponto final".

"Quem não vai?".

Kell girou para enfrentar Emily enquanto ela entrava no escritório.

"As vozes estavam alteradas". Ela ergueu o queixo, os olhos reluzindo com desafio enquanto andava no cômodo.

O cabelo ruivo cintilava sob as luzes do teto e os olhos azuis reluziam com desafio enquanto ela olhava primeiro para o pai, então para Kell.

"Emily, isso não te envolve, amor". O pai dela limpou a garganta, dando seu sorriso normalmente reservado para uma criança.

"Sério?", a sobrancelha dela estava curvada, mas o tom de voz fez Kell estremecer. Ele conhecia as mulheres. Ele sabia que esse pequeno som não era seguro.

"Kell e eu cuidaremos disto, docinho".

"Eu não creio". Ela girou o olhar para Kell. "Essa é uma daquelas ocasiões em que eu devo te seguir sem questionar?".

A expressão e o tom dela o asseguravam de que era melhor se não fosse assim.

"Eu desejaria". Mas ele duvidava.

"Continue desejando", ela sugeriu sarcasticamente antes de girar para o pai. "E você pode parar de me proteger a qualquer hora. Essa não é uma das suas tentativas de conseguir um genro. Se eu estiver realmente em perigo então você deve me dizer o que diabo está acontecendo. Porque eu não cooperarei



mais um segundo sem saber de tudo”.

Capítulo Treze

Emily saiu da reunião com o pai, Kell e o almirante com uma sensação de irrealismo. Por anos ela sempre tinha feito o melhor para manter sua relação com o pai de um modo que o deixasse tranquilo.

Ela tinha esquecido as próprias necessidades, tentado limitá-las, continuamente dizendo a si mesma que eventualmente, em um dia breve, ele a veria como uma adulta ao invés da criança. Que ele perceberia que o treinamento que tinha dado a ela quando uma adolescente tinha mostrado a ela uma proteção contra seus medos. Que o treino de autodefesa que ela tinha recebido apenas tinha aprimorado as habilidades antigas.

Ela o tinha deixado sentir a ilusão de protegê-la enquanto ela escondia as próprias necessidades e tentava amansar o desejo que sentia por elas, com as travessuras que deixavam os guarda-costas loucos.

Ela tinha cometido um engano. Ela tinha visto isso enquanto tinha escutado o pai e o homem que ela chamava de Tio Sam explicarem o que estava acontecendo sem o conhecimento dela.

A extensão da ameaça de Fuentes, o perigo que corria agora que estava em D.C.

E ele não tivera a intenção de dizer a ela. Enquanto ela escutava, fazendo perguntas aqui e ali e assistia cada expressão do homem, sentia um pesar se formando dentro de si.

Esse era o quão pouco o pai a conhecia ou entendia. Ele queria protegê-la. Ele não queria que ela se preocupasse. Ele teria preferido que ela entrasse nisto cega e confiante no time que ele tinha trazido para dentro da segurança para se certificar de que ela não fosse prejudicada.

Ela deu uma olhada rápida em Kell, assistindo enquanto ele se sentava preguiçosamente na cadeira que tinha tomado, os olhos verdes nunca deixando o rosto dela. Como se ele estivesse analisando algo, absorvendo tudo para examinar cuidadosamente mais tarde.

Ele se sentava com o cotovelo no braço da cadeira, o dedo deslizando sobre o lábio inferior pensativamente. Era sensual, distraído. E ela tinha a sensação de que era deliberado.

"Kell conseguirá todos os pormenores da festa de hoje à noite com seu oficial comandante", o pai dela terminou, o olhar a sondando enquanto ele a assistia.

"Então é melhor que eu seja incluída na reunião", ela o informou.

"Emily, isto não é necessário, docinho. Eu cuidarei de tudo". Aquele tom 'calmante' de pai estava de volta. Ela não faria nenhum jogo desta vez.



"Estou certo de que você cuidará de tudo". Ela concordou com a cabeça enquanto ficava de pé e dava uma olhada rápida de volta para o almirante e Kell que se erguiam também. "Mas eu vou te ajudar um pouco dessa vez". Ela sorriu firmemente. "Por favor, informe o Chefe Chavez de que eu devo ser notificada do que está acontecendo, e quando está acontecendo. Até lá, eu preciso que Fay saiba se você vai jantar com o resto de nós".

Os olhos dele se estreitaram para ela. "Eu não sou um dos seus alunos, Emily Paige", ele a informou meditativamente enquanto se erguia da cadeira também. "Não fale comigo como se eu fosse um".

"Nem eu sou, papai", ela disse com compostura cuidadosa. "E estou cansada de ser tratada como uma criança. Isso para aqui. E agora".

Ela viu os olhos dele escurecerem, viu a dor enchê-los por segundos antes de ele dar as costas para ela. Perfurou seu coração. Por um momento, ela tinha cinco anos novamente, vendo aquele olhar segundos antes de ele ter que dizer a ela que a mãe tinha tido falecido, e as lágrimas haviam seguido.

"Nós podemos discutir isso mais tarde", ele disse roucamente, limpando a garganta antes de girar para Kell novamente. "Eu retornarei ao hotel em aproximadamente uma hora. Chavez, McIntyre e Macey deverão completar a segurança que estão planejando nos fundos e no resto da casa logo. Eles vão partir comigo, mas sei que o seu chefe vai querer conversar contigo antes de ele partir".

Kell nitidamente concordou a cabeça, o olhar deixando-a apenas no segundo que era exigido.

"Quando você for à reunião, se certificará de que eu esteja também", ela disse com frágil cortesia.

"Não. Eu não irei. Mas me certificarei de que você receberá todas as informações que precisar".

Emily sentiu a raiva aproximando mais da superfície agora, a frustração e a fúria impotente combinando enquanto ela retraía uma respiração funda, dura.

"Isto não é aceitável".

"Terá que ser". O olhar dele era penetrante, alerta. "O chefe não terá tempo para as suas perguntas, mas você poderá me perguntar quando eu te passar as informações. Não há nenhuma razão para que você esteja lá e isso apenas diminuirá o já curto tempo que eu terei para conseguir as minhas informações".

Ela apertou os lábios firmemente. Ele já tinha provado sua vontade de permitir a ela saber o que estava acontecendo. Ele não esconderia as informações dela.

Respirando severamente, ela concordou com cabeça em resposta antes de girar para o pai. "Antes que eu vá para casa, nós vamos conversar".

"Eu não gosto desse tom, Emily".

"Então eu sinto muito, papai. Mas agora mesmo, é o melhor que eu posso fazer. E nós conversaremos. Nós conversaremos ou você poderá levar os seus guarda-costas para Tombuctu ou onde



quer que seja que eu não ligo. Porque não haverá mais nenhum sequer comigo caso contrário. Eu sei como contratar a minha própria proteção”.

"Isso inclui o Tenente Kreiger?", a voz era macia, mas ela percebeu a pontada de escárnio, o conhecimento de que sua relação com Kell ia além daquela que ela tivera com outros guarda-costas.

Os lábios de Kell crisparam enquanto seus olhos cintilavam para ela. Ela tinha a sensação de que ele estaria logo ao lado dela não importando o que ela decidisse.

"Kell é outro caso", ela assegurou o pai enquanto se voltava para ele. "Mas eu não acho que você queira começar esse assunto. Agora, se você me dá licença, eu tenho coisas a fazer”.

Ela acenou para o pai, girou, e se forçou a caminhar descansadamente para a porta. Ela queria gritar. Queria brigar com ele. Queria brigar consigo mesma.

Era culpa dela mesma as coisas ficarem assim, e ela sabia disto. Ela deveria ter lutado mais cedo. Ela deveria ter se mantido firme e tê-lo feito enfrentar o fato de que ela não podia tolerar o controle que ele queria colocar nela. Que ela precisava de aventura. Precisava de excitação. Ela precisava viver, apesar dos medos dele.

E por que ela tinha o pressentimento de que Kell seria tão calmo sobre essa coisa toda de "trabalhar com ela" como ele fingia? Ela ouviu o tom de voz dele quando ele tinha exigido que a festa fosse cancelada. Era áspera, funda, cheia com demanda arrogante.

Aquela atitude preguiçosa não a enganava.

Ele era como uma pantera, assistindo, marchando, esperando. Quando ele a atingisse, seria com resultados devastadores.

Ela já tinha decidido que não estava correndo. Como ela tinha falado com o pai, escutado as informações dadas relutantemente, ela tinha começado a fazer os próprios planos. As próprias decisões. Começaria hoje. No momento em que ela estava do lado de fora do escritório e tinha escutado as vozes alteradas do pai e de Kell, ela tinha decidido que não iria mais permitir que os outros tomassem as decisões por ela.

Ela era uma adulta, e tinha tomado as decisões por si mesma por anos. Ela podia fazer isto. Ela sabia como. E ela deixaria ambos os homens saberem, em termos claros, que ela começaria a exercitar seu direito de fazer exatamente isto.

Mais do que algumas horas mais tarde, Emily desconectou o telefonema que tinha feito para Wilma



Dunmore. A mulher não parecia ter ligado nem um pouco pelo fato de Emily estar perguntando sobre a segurança em torno de sua mansão para a festa. O número de guarda costas, as áreas mais fortemente defendidas, e as fraquezas da segurança. Claro, Wilma Dunmore nunca acreditava que nada fosse garantido. Ela era uma das poucas mulheres que Emily sabia que poderia correr o país todo com pouca ou nenhuma ajuda.

Sentada na escrivaninha ela fez um esboço rápido da mansão de Dunmore, desenhando com as memórias das visitas que tinha feito lá desde que era criança, e adicionou os detalhes de segurança que Wilma tinha dado a ela.

Enquanto trabalhava, ela viu vários pontos que esboçou para discutir com a anfitriã mais tarde naquela noite. Enquanto terminava as últimas notas, a porta do quarto foi aberta e Kell entrou.

Ela podia sentir a raiva que pulsava dele em ondas.

"Eu quero você fora daqui". A voz era escura, perigosa, enquanto ele fechava a porta atrás dele com um estalo. "Você não precisa ir a esta festa. Você não precisa se acenar para a porra do assassino como um pedaço fresco de carne diante de um cachorro faminto".

Emily se debruçou de volta na cadeira enquanto o encarava, assistindo enquanto ele marchava na direção dela, o corpo duro enquanto ele a encarava furiosamente.

Seu olhar era predatório, a expressão feroz. Antes, ela poderia ter hesitado em discutir com ele. Ela conhecia esta expressão. A aparência de macho alfa que dizia que as coisas seriam do jeito dele ou nada.

Neste caso, seria "ou então". Porque ela não iria dar para trás.

"Esse é o melhor jeito?", ela perguntou logicamente. Pelo menos, ela esperava que fosse lógico. "Eu não posso fugir para sempre, Kell, você sabe disso tanto quanto eu".

"Fugir para sempre não é uma opção, apenas até que nós peguemos o bastardo que colocou o Fuentes sobre você". Ele arrastou os dedos pelo cabelo. "Emily, seja razoável sobre isso. Não há nenhum modo de te assegurar, sem sombra de dúvida, de que você não será machucada. Eu não posso fazer isto". Ela viu a expressão firme dele. "Eu não posso te deixar ser machucada".

"Por quê? Eu sou apenas um trabalho, Kell. Quando estiver terminado, você irá embora para o próximo trabalho, e então para outro. Você faz o seu melhor—"

"Isto é tudo o que você pensa que é?".

Antes que Emily pudesse fazer mais do que arfar, ela se achou arrancada da cadeira da escrivaninha. As mãos de Kell estavam em volta de seus braços superiores firmemente, mantendo-a de pé enquanto ele fazia uma carranca para ela.

"O que mais é então?", Emily disse de volta, sentindo o coração correr de repente no peito, uma



sensibilidade passando pelo corpo que não tinha estado lá antes.

Ela podia sentir a força de vontade dele chicotear ao redor dela. Estava feroz no clarão dos olhos, a sugestão de Cajun acentuado na voz, e a sensualidade pesada que de repente havia se formado nos lábios.

"Por que eu não te mostro o que mais é, docinho". Os lábios dele foram para trás, revelando a linha de seus dentes e um grunhido de determinação saiu dos lábios um segundo antes que a cabeça dele abaixasse, os lábios junto dos dela, os dentes separados para permitir que a língua mergulhasse cruelmente em sua boca.

Duro, desesperado. Não havia negação, escapatória, a fome de repente ascendendo dentro dela.

Era um golpe de emoção abastecida com necessidade, fome, uma indagação de direção para a sensualidade que erguia entre eles cada vez que seus olhares se encontravam.

Estava se formando desde aquele primeiro olhar através do palco extravagante onde ela tinha feito o strip para ele. Aquele primeiro olhar, o olhar mesmo através dos óculos escuros prendendo no dela e abrindo uma parte de sua alma que ela não sabia que existia.

Nada mais importava além de seu toque, desde aquele dia. O golpe de sua língua contra a dela enquanto ele tomava o direito de abastecer suas luxúrias e saciá-las. A sensação dos braços de repente a envolvendo, os dedos emaranhando no cabelo enquanto os dela deslizavam nas mechas frescas e sedosas dos dele.

Ela precisava disto. Estava faminta por isto. Estava destruindo seus sentidos, seu controle. O prazer era uma sobrecarga sensorial. Como uma mulher podia aguentar a corrida de eletricidade erótica por suas veias e picando suas terminações nervosas? Fazia com que ela quisesse gritar. Fazia com que ela quisesse esfregar contra cada centímetro dele e sentir mais disto. Como um gato. Como uma gatinha de sexo, ávida por mais.

"Maldição, você! Rouba a minha mente", ele grunhiu, tirando os lábios dos dela apenas para mover junto à mandíbula até a concha delicada da orelha, então a nuca.

"Deixe-me roubar mais", ela gemeu, puxando a camisa dele, desesperada para despir sua carne. "Você não vai me provocar novamente, Kell. Não desta vez. Você tem que terminar isto".

Ela estava desesperada para senti-lo sobre ela, dentro dela. Enquanto a cabeça girava, os lábios buscavam os dela, ela não podia parar o gemido de necessidade que saía de seus lábios.

Mas teve resultado. As mãos dele prenderam na bainha da camisa dela e ele a puxou para cima dos seios antes de parar o beijo para puxá-la para cima da cabeça.

A camisa dele foi em seguida, cortesia das mãos dela segurando as pontas e puxando, empurrando, soltando os botões e deixando o tecido no tórax largo.



"Pequena raposa feroz, não?", foi uma declaração. O tom era de uma excitação erótica com desejo que perfurou seu útero.

"Muito feroz". Ela arquejou, recuando enquanto os dedos iam para a calça jeans e ela tirava o tênis dos pés. "Fique nu, Kell. Agora".

A nudez veio depressa. Ele se sentou na extremidade da cama, assistindo enquanto ela jogava a calça jeans e começava a passá-la pelas pernas.

As botas estavam desamarradas e tinham passado pelos pés em segundos.

Enquanto a calça jeans passava pela renda da calcinha, ele estava puxando a cueca pelos quadris, dando fim a elas enquanto sua roupa íntima e meias caíam no chão.

Antes que a calça dela passasse pelos tornozelos, ele a estava erguendo para ele, levando-a para a cama e lutando com ela pela supremacia de estar por cima enquanto os lábios se reuniam uma vez mais.

Pequenos gritos saíram dos lábios de Emily enquanto ele usava o corpo maior, mais forte para segurá-la no lugar, entre as coxas dela, as mãos segurando os pulsos no colchão enquanto os lábios a extasiavam.

Essa não era a sedução prévia, lenta e determinada que Kell tinha empregado cada vez que a tocava. Como se cada toque tivesse que ser controlado, cada beijo calculado.

Não havia nada calculado aqui. Era fome pura.

"Você fará como eu digo". Ele de repente rasgou os lábios dos dela, a voz rota, determinada. "Prometa-me, Emily. Você me seguirá. Jure para mim".

A cabeça dela afundava na cama.

"Eu não posso te perder. Não você, Em", ele gemeu então. "Eu não poderei viver com isto novamente. Minha querida. Não me deixe".

Antes que ela pudesse questioná-lo, antes que ela pudesse ter mais do que um vislumbre da dor que queimava seus olhos e senti-la ecoando no coração, os lábios dele estava movendo junto à clavícula dela, então para os montículos dos seios subindo além da renda do sutiã.

"Doce êxtase emoldurado por renda macia", ele gemeu enquanto se debruçava para trás para encará-la, o olhar indo para os pontos duros dos mamilos embaixo da renda. "Eu já mencionei, querida, o quanto amo esses seios lindos, esses doces pequenos mamilos?".

"Kell—", ela protestou contra a dor furiosa em sua expressão.

"Eu olho para você e vejo paz. Um pedaço do céu". Ele soltou os pulsos dela, movendo os dedos entre os seios para o fecho que mantinha a renda segura.

O rosto dele estava cheio com fome, e não apenas sexual. Ela podia sentir. Ver. Uma necessidade que



transcendia o sexo e se movia na alma.

Enquanto o sutiã deslizava livre da carne, as pestanas dele abaixaram, os olhos verdes reluziam atrás das pestanas pretas espessas.

"Eu preciso te amar", ele sussurrou então. "Sob luz de vela suave. Sem nenhum perigo. Nenhuma preocupação. Só eu e você".

"Você pode ter isto—agora". A respiração dela prendeu enquanto os nós dos dedos dele alisavam um mamilo túrgido. "Eu não preciso de velas, Kell. Eu preciso apenas de você".

"Eu sei por que o seu pai precisa te proteger". Ele abaixou para ela novamente, os lábios leves como plumas sobre o mamilo. "Você toca o mundo todo, Emily. Você toca o coração do seu pai. A lealdade de um estranho, e a alma que eu nunca soube que tinha. Você a toca, e você nos lembra a inocência que nós perdemos no mundo".

Emily agitou a cabeça. "Eu não sou inocente, Kell. Eu sou apenas uma mulher".

"Doce inocência", ele disse, negando as palavras dela. "Tão pura e brilhante. Como uma chama viva". A cabeça dele ergueu, o olhar penetrando o dela com uma sensação de desespero que ela não podia descrever. "Mantenha-me quente, apenas assim, sempre".

Ela tinha que tocá-lo. As mãos ergueram para o rosto dele, movendo os dedos polegares acima dos lábios enquanto os dedos envolviam suas bochechas. A sensação áspera, a barba crescendo que reaparecia desde que ele tinha se barbeado cedo naquela manhã pinicava em suas palmas. Os lábios se moviam contra os dedos polegares, beijando-os, a língua os acariciando.

"Eu estou aqui", ela sussurrou.

"Sempre esteja aqui, Emily".

"Contanto que você me deixe ficar".

Ela estaria com ele para sempre, se ele ficasse. Se ele a amasse. Como ela o amava.

Ela o amava. Sabia que isso aconteceria. Ela sentia se formar, mas tinha tentado se convencer de que ela poderia conter.

Não havia como se conter. Ele já tinha o coração dela e estava lentamente se movendo irrevogavelmente para a sua alma.

A dor sumiu lentamente dos olhos dele para ser substituída por uma emoção feroz, indomada. Indomada e inextinguível. Ela podia ver, claro até a alma, enquanto a respiração dela prendia.

"Você é minha", ele disse a ela então, a voz forte, áspera. "Minha, Emily".

Os quadris dele se moviam entre as coxas dela, o comprimento pesado de sua ereção apertando contra o tecido fino de renda que cobria sua buceta.



"Sua", ela ofegou. Ela não tinha nenhum argumento quanto a isto. Ela sempre pertenceria a ele. Ela sempre precisaria dele, o desejaria.

Ela tinha sonhado com ele por anos. Um garoto malvado. Zombeteiro. Áspero. Forte e determinado. Kell era isso e mais.

Um gemido fino e baixo veio aos lábios dela enquanto a cabeça dele descia uma vez mais, os lábios cobrindo um mamilo sensível e o trazendo para a boca enquanto a mão se movia para a faixa elástica de sua calcinha.

Enquanto ela arqueava, empurrando o mamilo mais fundo no aperto aquecido dos lábios dele, ela sentiu a faixa arrebentar. A renda se desintegrou embaixo do puxão que ele deu. O outro lado ficou do mesmo jeito, em fragmentos ao redor dela, mas o comprimento aquecido do membro dele agora deslizava contra as dobras lisas da buceta dela.

"Kell. Oh, Deus. Eu não sei se poderei aguentar". O ato de ter as roupas rasgadas do corpo era quase mais do que ela podia aguentar.

Ela estava pronta para gozar agora. Da mesma maneira que estava no dia em que ele tinha rasgado a calça capri para enterrar os lábios entre as suas coxas.

Ele era travesso e impossível de predizer. Sensual e sexual. Ele a estava aquecendo em um ponto que ela podia sentir as chamas chicoteando pelo corpo e chamuscando suas terminações nervosas.

"Ahh, é assim quem eu gosto", ele disse lentamente, os quadris movendo, arrastando a ereção sobre as dobras na qual ele estava apertado.

Emily gemeu ao sentir a dura pulsação da carne contra o clitóris, acariciando-o, raspando através dele.

"Deus! Te sentir". A cabeça dele ergueu do seio dela, os olhos escurecendo na medida em que ele se movia, recuando para sentar sobre os joelhos para a encarar com necessidade furiosa.

A necessidade se erguia dentro de Emily também. Ela não tinha nenhuma ideia de como controlar isto, como fazer qualquer coisa exceto agarrá-lo.

As mãos dela deslizaram pelo tórax dele até seu abdome duro, as unhas arranhando contra a carne enquanto ela assistia os músculos embaixo delas dobrar e ondular.

Mais embaixo, o membro dele apertava entre as coxas dela, subindo para seu montículo, a carne dura brilhando com seus sucos enquanto uma conta cremosa de pré-sêmen brilhava na ponta da cabeça larga.

"Por que você está esperando?", ela perguntou sem ar.

Ele estava respirando severamente, as mãos prendendo nas coxas dela, os dedos apertando e



soltando agitadamente em sua carne.

"Preservativo". A palavra foi empurrada entre os dentes cerrados. "Eu não trouxe um preservativo comigo".

"Sério?", os lábios se separaram em angústia.

"No meu quarto". Ele respirou lenta e cuidadosamente. "Eu deixei na minha bolsa. No meu quarto. O seu mordomo pôs a minha bolsa no outro quarto".

Preservativo. Deus, ela odiava o pensamento de um preservativo, o pensamento de qualquer coisa entre a carne dele e a dela. Mas o pensamento das consequências a fizeram se mover, procurar.

Ela ignorou o grunhido de frustração dele à medida que ela recuava, tirando sua carne da dele enquanto ela girava para o lado e abria a gaveta na mesa ao lado da cama.

A mão apalpou enquanto ela sentia a palma bater levemente na nádega dela. O pequeno bofetão a fez se mover, fez estrelas explodirem diante dos olhos antes que ela pudesse alcançar dentro da gaveta, subindo para a pequena bolsa que ela tinha colocado lá na sua última visita a casa. Uma garota precisa estar sempre preparada.

Isso. Ela pegou um, apenas para desmoronar contra a cama enquanto sentia os lábios dele no seu traseiro, onde a mão tinha aterrissado suavemente sobre a pele enquanto a língua criava uma chama úmida e ígnea através da carne.

Ela deitou ao lado dele, uma perna curvada, a outra esticada no colchão. A mão acariciava a perna, movendo os dedos mais para o alto, para a coxa, então para o centro rico de seu corpo.

"A mais doce buceta no mundo", ele sussurrou roucamente enquanto seus dedos iam rapidamente sobre a carne inchada e seu corpo se movia. "Dê-me essa porra de preservativo, Emily, ou nós vamos fazer mais do que um pouco de amor aqui".

O útero dela apertou com o som da voz dele. Era mais firme, o sotaque mais espesso, o membro cutucando-a enquanto ele erguia a coxa para permitir a carne endurecida separar as dobras molhadas de sua buceta.

Tremendo, ela cravou a cabeça no travesseiro ao sentir o membro apertando contra ela e jogou a mão para trás, segurando o saco plástico fora do alcance dele.

"Eu vou te bater por ter preservativos disponíveis. Lembre-me de fazer isto". Ele o tomou depressa, houve o som do pacote rasgando, e segundos mais tarde, ela o sentiu se movendo, a ereção retrocedendo.

"Eu queria ser uma escoteira", ela gemeu. "Sempre preparada".

"Isto é UM escoteiro", ele grunhiu, apertando as coxas enquanto ela se deitava ao seu lado.

"Assim". Ele deslizou a mão pelo flanco dela. "Eu vou te tomar assim, Emily. Você me se sentirá mais



fundo, mais espesso. Como chamas te incendiando com prazer”.

Ele ergueu a coxa dela, segurando-a contra a dele até que ele foi até ela, cobrindo-a, o membro correndo contra ela enquanto ela sentia a respiração dele contra sua orelha.

"Sinta-me, docinho", ele sussurrou na orelha dela enquanto começava a ir adiante. "Sinta-me te tomar. A distância toda até a sua alma, Emily. Sinta-me te tomar”.

Os dedos de uma mão grande ataram nos dedos menores dela enquanto ela sentia a penetração começar. Ela não esperava que fosse ser fácil. Ela esperava dor. Ela não esperava muito prazer na primeira vez.

Mas estava lá. A sensação pesada de estiramento, um prazer em chamas que roubava sua respiração enquanto ele trabalhava a cabeça de sua ereção dentro e fora, abrindo-a lentamente.

Ela podia sentir o membro dele pulsando. A cabeça era tão espessa, tão pesada dentro dela, estirando o tecido tenro enquanto havia uma explosão de cor atrás de suas pestanas fechadas.

Ela tentou se mover embaixo dele, apertá-lo mais. Ela queria tudo. Ela queria estar cheia dele, ser possuída por ele. "Fácil, pequena", ele sussurrou roucamente na orelha dela. "Lento e fácil”.

Lento e fácil? Ele queria lento e fácil?

"Você me matará esperando", ela clamou sem ar. "Você já me provocou até a morte, Kell. Eu não posso aguentar mais”.

Ela apertou os músculos, ouviu seu gemido roto, e crescente de êxtase.

Ela o apertou novamente, tentando trazê-lo mais fundo, para forçá-lo a tomá-la. A espera não era o que ela procurava.

Capítulo Quatorze

Kell podia sentir o suor banhando a testa, amortecendo o cabelo e os ombros e fazendo pouco para esfriar o fogo furioso de seu corpo.

Deus, ela era quente. Sua buceta estava derretendo ao redor dele, aquecendo-o, trazendo-o mais fundo e chamuscando sua mente. Ele nunca tinha conhecido tanto prazer com outra mulher. Ele nunca tinha sentido o calor ofuscante que o consumia, a perda de controle que o fazia tremer com a necessidade de mergulhar violentamente dentro dela.

Ela era tão apertada. A obstrução de sua inocência era uma lembrança de que ele poderia machucá-la tão facilmente.



Mas ela estava selvagem embaixo dele. Apesar da posição que ele a estava tomando, ao lado dela, enquanto ele se segurava sobre ela, o membro penetrando por detrás enquanto ele empurrava a perna dela dobrada para mais perto de seu estômago.

"Kell". O braço dela se enroscou ao redor dele enquanto ele se segurava no colchão ao lado dela. "Por favor. Pegue-me agora".

Ele estava lutando para respirar, sentindo sua buceta como um punho aquecido, aveludada em torno da cabeça sensível de seu pau.

"Tão lisa e molhada". Ele abaixou a cabeça até que a descansou sobre o ombro dela, a língua deslizando no suor que amaciava a carne enquanto ele retrocedia uma vez mais.

"Se você não me foder, vou atirar em você com a sua própria arma", ela clamou severamente.

As palavras. Doce clemência. A palavra "foder" que tinha saído de sua boca era mais do que ele podia aguentar. Os quadris se juntaram, os joelhos afundando no colchão enquanto os dentes fechavam sobre o ombro, e ele entrou em casa.

Emily gritou. O nome dele. Gritou por clemência e pelo rapto elétrico que ia por sua espinha e explodia em sua cabeça.

Havia dor, mas misturada com prazer, carregando-a para uma sensação ofuscante que ela não podia fazer sentido.

Foi além do prazer. Foi além de qualquer coisa que ela pudesse ter esperado. Os músculos delicados de sua buceta cerravam e ondulavam ao redor dele, estirando e apertando, expondo terminações nervosas escondidas que a fazia sentir o membro dele pulsando contra elas.

Os dentes de Kell ainda estavam bloqueados em seu ombro, outra sensação erótica enquanto a respiração severa dele soava atrás dela. Ele estava parado, quieto, congelado; o único movimento de seu corpo era o dobrar de seu abdômen no quadril dela, o pulsar do membro enterrado dentro dela, e sua respiração severa.

Ele era enorme dentro dela. Pesado. Quente. Ela se moveu embaixo dele, tentando acrescentar às sensações que ondulavam por seu corpo. Ela estava muito perto do orgasmo que era quase agonizante esperar.

"Fique quieta, chère", ele gemeu então, o som rasgando de sua garganta. "Deixe que seu corpo se alivie ao meu redor".

Aliviar ao redor dele? Ele era enorme dentro dela. Um peso espesso penetrando o tecido tenro, cada pular do talo aquecido uma carícia oculta que apenas a fazia mais selvagem.

Os quadris empurravam contra ela, arrancando um grito surpreso dos lábios enquanto explosões de



luz quebravam em sua cabeça. Oh, Deus, ela podia se viciar nisso. Neste prazer. Nas sensações que limitavam a dor, mas tão perfeitamente intensas que seu corpo começou a se revoltar por mais. Cada terminação nervosa, cada célula, cada grito dos lábios enquanto ela começava a se contorcer embaixo dele em demanda, implorando, enquanto a fome dentro dela começava a crescer para um nível frenético.

"Doce. Chère. Espere". Ele enterrou a cabeça no pescoço dela, o corpo maior contendo o dela. "Eu estou muito perto, bébé". O sotaque dele começou a espessar, aprofundar.

"Agora", ela gemeu. "Oh, Deus, Kell. Agora. Por favor. Eu preciso disto. Eu preciso de você".

Ela o apertou novamente, uma memória abstrata de algo que ela tinha lido um dia se distinguindo. Ela lutava para controlar para acariciá-lo como ela nunca tinha acariciado nenhum outro homem, e os resultados eram esmagadores.

Um gemido severo rasgou a garganta dele enquanto ele começava a se mover. O membro recuou e então empurrou adiante com uma estocada longa e lenta que arrancou um gemido dos lábios.

Ela podia sentir cada centímetro que ele estava escavando dentro dela. A cabeça espessa abria o tecido faminto. Veias pesadas pulsavam com calor e fome. E enquanto ele deslizava até o cabo uma vez mais, o controle dele pareceu se quebrar.

Emily lutou para fazer sentido das sensações, mas ela achava que tudo que podia fazer para fazer sentido era respirar enquanto ele começava a se mover.

Ele começava a separar a mente do corpo. A mão agarrou a coxa dela, ergueu-a, expondo mais dela enquanto ele começava a empurrar dentro dela. Mergulhando fundo e duro, ele começou a mover os quadris com ritmo, com um poder que roubou qualquer habilidade dela de pensar.

Os dedos cravaram no colchão enquanto ela se continha embaixo dele. Ela devia lutar pelo controle, mas as sensações nascentes que queimavam dentro dela eram muito intensas. Ela não podia fazer nada além de sentir. E era tão intenso, então se quebrando. O membro se movia dentro dela, quando contundindo em seu alcance, chamuscando com o prazer.

A realidade era coisa do passado. O perigo era inexistente. Havia apenas isso. Apenas as sensações de velocidade rasgando por suas terminações nervosas, a sensação da ereção estirando-a, enchendo-a. Então o momento ofuscante, um orgasmo que partiu sua alma, rasgando por ela com a força de um evento cataclísmico.

Ah, céus, ela era tão apertada; a buceta cerrava ao redor de seu membro com uma força que roubava



sua respiração enquanto o clímax a banhava. Kell foi fundo e duro, pausou, esperando, flexionando dentro dela enquanto ele apreciava o calor e prazer de sua buceta ao seu redor.

Conter sua própria liberação era agonizante. Ele cerrou os dentes, piscou de volta o suor dos olhos, e se forçou a esperar.

Uma vez mais. Ele queria sentir o apertar e o ondular do calor dela enquanto ela explodia ao redor dele apenas uma vez mais.

Enquanto o aperto aliviava, marginalmente, ele começou a se mover novamente. A respiração dela estava quebrada, o nome dele uma litania ofegante nos lábios que pareciam acalmar algo dentro dele.

"Eu me sinto numa porra de um sonho", ele gemeu na orelha dela. "Tão aquecida e apertada. Tanto prazer, chère. Tanto prazer, eu desejava isto. Será que eu verei um dia deixar a sua cama?"

Um gemido fino deixou os lábios dela enquanto ele começava a empurrar dentro dela novamente. Duro e fundo. Os quadris dele marcado um ritmo poderoso que ele sabia que nenhum dos dois poderia se negar por mais tempo.

Ele agarrou o quadril dela, segurando-a na cama enquanto ele começava a se mover mais duro, mais rápido. O membro entrando na mais doce, mais quente buceta que ele já poderia ter imaginado. O prazer era como um fogo queimando dentro dele agora, cada golpe levando as chamas mais alto. O aperto da carne doce ao redor dele, o calor, os gemidos.

Ele sentiu formando dentro dela. O corpo dela começou a tencionar enquanto a mão dele deslizava entre as coxas pela frente, os dedos achando o inchado pequeno clitóris e acariciando, massageando, enquanto as estocadas aumentavam.

Quando ela gozou, não havia como parar a própria liberação. Ele juraria que ela havia arrancado sua alma do corpo, através das pulsações do jato de sêmen no preservativo.

Ele grunhiu com a lembrança de que não a estava enchendo. Que ele não estava atirando tudo dentro dela bem no fundo para que ela nunca se esquecesse, que nem por um momento ela não se lembrasse.

Que ela não saberia que pertencia a ele. Que ela não estava ciente da possessão dele, a marca nela.

A cabeça dele pendeu para o ombro dela, os dentes prendendo nos músculos, a boca atraída pela dela, deixando o único selo de propriedade que ele tinha feito.

Ela era dele. Ele morreria por ela. Ele morreria sem ela.

Enquanto ele desmoronava ao lado dela, a respiração severa, o próprio gemido o surpreendeu enquanto ele tirava o membro com preservativo dentro dela.

Pequenos tremores ondulantes a agitavam enquanto ele soltava os braços ao redor dela e a puxava



para perto do tórax. Ele a faria se levantar em um minuto, arrastar ambos para aquela monstruosa banheira que ele tinha vislumbrado no banheiro.

Ela estaria tenra, dolorida, se ele não cuidasse dela. Tinha sido sua primeira vez, ela merecia ser mimada, cuidada. Querida.

Vinte e cinco anos de idade e ela ainda era inocente. Não importava quais razões ela desse para sua inocência; ele sabia muito bem. Ela tinha esperado. Esperado até que o prazer fosse muito extremo para negar, até que ela achasse um homem que se adaptaria a ela. Um que ela pudesse ser selvagem. Um que ela sabia que permitiria um pouco da liberdade que ela procurava tão desesperadamente.

Assim que tudo terminasse, ele a levaria para um treino especial, onde o Time Durango treinaria no verão. E ele a ensinaria como se proteger, como cuidar das costas, como se proteger. Como se manter segura até que ele pudesse alcançá-la se algo acontecesse enquanto ele estivesse fora do país.

Ele a levaria para casas seguras, iria ensiná-la a como se preparar no caso de ela ter que correr. Ele a treinaria, asseguraria a segurança dela enquanto ele lutasse para assegurar a própria. E ele rezaria.

Porque Deus o ajudasse, ele não podia perdê-la. Ele tinha esperado. Por muitos anos ele tinha suportado a solidão que enchia sua alma até que achou a mulher que poderia aliviar as sombras desertas que o enchia.

Ele era um homem sem uma casa, sem uma família. Um homem que um dia havia conhecido um coração quente e o amor de uma família e então havia experimentado uma traição que quase destruiu sua alma.

Todos aqueles anos atrás, ele tinha escondido Tansy e sua criança por nascer com medo do que estava por vir. Ele a tinha levado para a choça de caça no pântano que a família dele possuía e a havia deixado lá até que ele pudesse achar o detetive com o qual tinha trabalhado para assegurar um local mais seguro.

Ele a havia deixado só, e apenas uma pessoa sabia onde ela estava. A pessoa que o havia pegado entrando furtivamente dentro da casa que ele um dia havia conhecido para roubar a chave do barco velho que ele precisava para chegar à choça.

A mãe o encarava com tal ódio, fúria. Mas nem por um momento tinha acreditado que ela o trairia. Que ela diria aos inimigos onde eles poderiam achar Tansy e o neto dela por nascer.

A mãe o havia traído. E ele nunca a havia perdoado. Da mesma maneira que nunca tinha perdoado o resto da família por terem dado as costas para ele.

Ele tinha vivido com isso eternamente. Diariamente. Até Emily.

Até que o riso dela, a sensação dela de aventura, e sua necessidade por liberdade havia tocado seu



coração. Até que sua lealdade, sua vontade de renunciar aquela necessidade, havia tocado sua alma.

Ela era uma mulher que valia a pena lutar e viver.

Ela era o sonho que ele nunca tinha acreditado que poderia se tornar realidade.

Capítulo Quinze

Havia algo muito natural em acordar nos braços de Kell, Emily pensou na manhã seguinte. Ele estava ao redor dela como um cobertor humano, braços e pernas encaixando, o tórax um calor sólido atrás dela.

Os cobertores estavam no chão, jogadas para lá alguma hora durante a noite enquanto ela fluía para ele, tomando-o novamente, clamando com o prazer e a liberação explosiva que tinha rasgado por ela.

Sim, ela pensou com um sorriso enquanto encarava sonolentemente a parede na frente dela. Liberações. Não apenas duas ou três, mas pulsações climáticas que pareciam fundir, uma na outra, até que ela não tinha mais respirar com o quebrar do êxtase.

Depois da primeira vez, ele os havia submergido na banheira grande, a água soltando vapor com o calor do líquido enquanto ele apenas a beijava. Apenas a abraçava.

Não havia nenhuma demanda, apenas os braços ao redor dela e uma sensação de pertencer que ela se recusava a cavar tão profundamente.

"Você me assusta quando faz isto". A voz sonolenta e crespa dele murmurava atrás dela.

"O quê?", ela sorriu. Ela não podia evitar. Havia algo muito sensual na voz dele pela manhã.

"Pensar". A mão alisava sobre a perna até o quadril enquanto a ereção dele começava a cutucar seu traseiro. "Quando você pensa, as coisas ficam perigosas".

"Bobagem". Ela girou, sorrindo para ele enquanto ele preguiçosamente arrastava os lábios em um beijo nos lábios dele inchados de sono. "Eu nunca sou perigosa".

"Você estava pensando na noite antes de levar aquele chato do Dyson para o clube de strip no primeiro dia", ele assinalou. "Eu pensei que ele ia ter um ataque do coração enquanto te perseguia até a porta dos fundos".

"Você achou?", os olhos dela se estreitaram para ele.

"E no dia em que você o levou para a academia de instrução canina. Emily, como diabo você conseguiu convencê-lo a usar um daqueles blocos e deixar aqueles cachorros o atacarem?".

Os lábios dela crisparam. "Eu era a pessoa que iria fazer isto. Mas isso o fez ficar fulo. Então eu disse a ele que se ele fizesse, ele poderia me dar a opinião precisa e eu me conformaria".



Ele agitou a cabeça. "Você é uma garota malvada".

"Isso significa que você vai me bater mais tarde?", ela se encostou mais perto do tórax dele. "Você podia me espancar agora, apenas para me ensinar uma lição, sabe".

Os olhos verdes dele escureceram, ficaram mais brilhantes, mais sensuais antes de uma extremidade de remorso encher seu olhar e ele dar uma olhada rápida no relógio ao lado da cama.

"Eu estou te esperado acordar há duas horas. Tenho uma reunião com os outros membros do time quando eles chegarem em aproximadamente meia hora. Com o seu pai". Mas ele considerou a sugestão por alguns segundos, antes de agitar a cabeça e soltá-la. "Vamos, raposa. Eu te darei uns tapas mais tarde".

"O que você estava fazendo enquanto eu estava adormecida?", ela deitou de volta na cama, admirando a perfeição magra e musculosa que enchia o olhar dela. Ereção e todo, ele era uma bela visão.

O olhar acariciava as nádegas dele enquanto ele puxava a calça jeans sobre elas, sem se preocupar em puxá-las enquanto arrastava o zíper.

"Eu estava te abraçando". O olhar era francamente possessivo. "Assistindo você dormir".

E ele não estava ao menos envergonhado disto. O que Kira havia dito a ela antes? Que homens nunca ficavam agarradinhos. Que assim que terminavam, estava acabado.

A amargura na voz da amiga quando tinha feito o comentário tinha apertado o coração de Emily. Porque ela queria a ternura que Kell tinha dado a ela. Ela não sabia o quanto precisava disto até que ele tinha dado a ela.

O modo como ele a havia banhado. O fato de que ele a tinha assistido dormir, que ele tinha acabado de abraçá-la.

"Eu gosto de ser abraçada", ela sussurrou enquanto o encarava. "Eu gostei muito".

O sorriso que de repente enviesou os lábios dele, iluminou os olhos. Ele se debruçou através da cama, colocando o peso nos braços enquanto a cabeça abaixava, a barba que tinha crescido durante a noite acariciava a bochecha dela antes dos lábios desceram contra os dela suavemente.

"Levante, docinho", ele disse lentamente, segurando os braços dela e a trazendo para ele. "Você tem um dia cheio pela frente e eu tenho coisas para fazer para o seu bonito e pequeno traseiro ficar seguro para que assim eu possa bater nele mais tarde".

Ela balançou o dito traseiro contra ele, gritando quando ele deu um bofetão nele antes de puxar de volta no último segundo.

"Toma banho comigo?", ela sugeriu, dando um olhar sugestivo sobre o ombro enquanto ela se movia para o banheiro.

Ele agitou a cabeça, retraindo uma respiração funda antes de fazer careta em negação.



"Sem chance. Reno me esfolará vivo se eu me atrasar para esta reunião. Tome banho e eu voltarei para você quando estiver acabado. Quero descer para tomar o café da manhã com você".

Ela pausou. "Você não acha que eu estou segura aqui? Na casa do meu pai?".

"Eu me sinto melhor sabendo que você está segura", ele declarou firmemente. "Vamos passar por isso, Emily. Vamos fazer as leis mais tarde. Certo?".

"As regras estão aumentando rapidamente, Kreiger", ela o informou em advertência. "Estou fazendo uma lista, sabe".

"Estou certo de que está, docinho". Ele riu. "Não tenho nenhuma dúvida. Agora, banho. Voltarei em vinte minutos".

"Quarenta".

"Tente trinta. Estou com fome. Alguém me usou muito ontem à noite e eu preciso restabelecer minha energia".

"Sim, alguém poderia acabar te usando muito novamente hoje à noite", ela sugeriu, o coração correndo com o olhar da lembrança de prazer em sua expressão.

Ele piscou maldosamente, erguendo as botas e então deixou o quarto dela. Antes de fechar a porta ele girou a fechadura na maçaneta e então a puxou com força.

Ela pegou a ideia. Não abra para mais ninguém.

Um sorriso arrastou nos lábios enquanto ela entrava no banheiro e ajustava a água para seu banho. Eles teriam que conversar logo, ela sabia. Havia segredos que Kell estava escondendo, ela podia ver nos olhos dele às vezes, e ouvia na voz. O que quer que fosse o segredo, era cheio com dor.

Enquanto entrava no chuveiro, ela pensou novamente no quão pouco sabia sobre ele. Ela não sabia sobre seu passado, apenas seu presente, mas ele estava se tornando mais importante para ela do que pessoas que ela conhecia a vida inteira.

Ela estava se apaixonando por ele. Inferno, ela estava apaixonada por ele, e essa era a parte assustadora. Ele possuía uma parte dela, ela admitiu. Uma parte dela que ela nunca teria de volta se ele fosse embora.

Respirando profundamente, ela prometeu a si mesma que saborearia cada momento que tivesse com ele. Ela não queria perder isso de forma nenhuma. Essa euforia. A sensação de alguém conhecê-la, assim como seu corpo, se não melhor do que ela mesma. A sensação de que pela primeira vez em sua vida, alguém a entendia. Não tanto entendia, mas compreendia a necessidade dela de viver.

Ela precisava viver. E ela queria fazer isto nos braços de Kell. Mas se ele a deixasse, se ele fosse embora quando toda a situação estivesse terminada, então ele já tinha dado a ela um presente que ela



sabia que ninguém mais daria a ela. Ele tinha olhado além da filhinha de papai, e vista a mulher.

Uma hora mais tarde, depois do café da manhã com Kell, antes de se virar para o pai e os cuidados do almirante, Kell tinha entrado no cômodo pequeno como um ponto de encontro dentro da mansão para Reno e seu time.

"Ei, garotão. Reno me disse que haverá convites de casamento chegando pelo correio logo". Clint McIntyre, o segundo em comando após Reno, ria silenciosamente enquanto Kell entrava e fechava a porta atrás dele.

"Em algumas semanas mais ou menos. Eu gostaria de tirar Fuentes da jogada primeiro", Kell respondeu.

Valia a pena ver as expressões deles. Reno, Clint e Macey o encaravam em choque. Ian, como sempre, era mais duro de ler, mas parecia mais pensativo do que surpreso.

"Inferno, outro bom SEAL perdido". Macey suspirou. "O que há com vocês? É contagioso ou algo assim?", ele olhou de Reno para Clint e depois para Kell.

"Pode ser, Macey. Melhor não ficar muito perto ou vai começar a procurar a cara metade", a voz sombria e áspera de Ian comentou meditativamente.

Macey bufou antes de se voltar para a tela de seu laptop. "Chega dessa besteirada. Vamos começar, garotos. A partir das zero quatrocentas horas²⁰, Judas fez contato novamente. Para um bastardo promíscuo do Diego, ele certamente fica pela internet".

"Não é um bom jeito de falar do nosso contato, Macey", Ian assinalou com uma ponta de diversão.

"Filho da puta", Macey grunhiu. "Eu gostaria de cortar as bolas dele por não ser um pouco mais direto".

Kell se moveu em torno da mesa, olhando sobre o ombro de Macey para ver o e-mail que tinha chegado na conta assegurada que Macey usava.

O assassino e/ou raptor está se movendo. Local, em D.C. e nas proximidades. Senador e/ou filha. O contato enviado ao senador para renunciar foi ignorado. Fuentes contactou exigindo ação. Alerta. Uma vez em D.C., contato será informando da ferramenta ou método para capturador ou matar a filha. O sequestro

²⁰ Zero quatrocentas horas: 4 horas.



é a possibilidade mais alta neste momento para usar como alavanca. Fiquem ligados²¹ enquanto estiverem bebendo em companhia porque outros estarão assistindo também.

Kell estreitou os olhos. Havia algo no e-mail.

"Soa familiar?", Macey perguntou a eles todos, encarando-os.

"Fiquem ligados", Kell murmurou. "Termo militar. Não incomum".

"Há algo muito familiar nisso". Macey agitou a cabeça enquanto se voltava para a tela. "Estou tentando localizar este FDP por anos. É muito estranho. Eu não posso botar a mão nele não importa o quanto eu tente".

"As informações dele sempre foram efetivas", Ian assinalou.

"Efetivas demais. Porra, ele sabe demais", Macey grunhiu. "O fato de ele ter achado este endereço de e-mail para me contatar é o mais inquietante".

O endereço de e-mail tinha sido instalado anos antes como uma conta de socorro. Eles eram um time, não importava o quê. Se um deles estivesse em apuros, então os outros viriam correndo.

"Você o achará, Macey. Apenas precisa de tempo", Ian disse não sem uma pequena nota de diversão. "Minha pergunta é por que o contato ou espião mudou sua demanda para que Fuentes assassinasse a garota para sequestrá-la ao invés".

"Sequestrar dará a ele alavanca, da mesma maneira que o e-mail sugere. Se ele a matar, ele não terá como alavancar. Nada a pechinchar".

"Por que ele quer pechinchar?", Kell perguntou então. "A ideia original era primeiro fazer o senador pagar por sua interferência ao matar sua filha, e então matar Stanton. Por que mudar o meio?".

"O bom ole²² Diego, eu acho", Macey sibilou sarcasticamente. "Aquele bastardo se encanta com sequestro, tortura e partir a alma dos homens. Sem mencionar das mulheres. Ele quer brincar".

"Outro de seus jogos". A mandíbula de Kell apertou com raiva.

"Nosso objetivo principal é manter vivo o senador e sua filha", Reno disse então. "Os objetivos secundários são pegar Diego e/ou seu espião. Eu quero essa porra de espião. Muito. O filho da puta está traindo os agentes a torto e a direito no último ano. Nós perdemos dois agentes de Segurança da Califórnia no começo do ano. Um em D.C. e mais três através do país. Acrescente a isso quatro agentes de fora dos Estados Unidos"

²¹ A expressão original era: 'watch your six', não achei equivalente em português.

²² Ole – termo usado para indicar um sulista branco com uma maneira modesta e atitudes conservadoras ou intolerantes e com sentido forte de coleguismo e lealdade a outros membros de seu grupo.



"Ele é obviamente alguém em uma posição de confiança dentro do governo", Clint declarou. "Alguém com acesso ao nosso Departamento de Defesa e missões em torno do globo. Ele pode ser um oficial eleito, ou um contratado privado".

"Ele pode ser qualquer pessoa", Kell grunhiu.

"Mas ele será alguém na festa de hoje à noite". Macey sorriu amplamente. "Esta frase, fique ligado enquanto estiverem bebendo em companhia porque outros estarão assistindo também'. Nós vamos para festa hoje à noite, meus amigos. Certo?".

Kell encarava o mago dos eletrônicos com olhos estreitados. Macey devia ter sido um linebacker²³ para os Dallas Cowboys²⁴. Era alto, largo e malvado. Em vez disso, os dedos longos e largos se moviam sobre o teclado do laptop com a graça e a facilidade de dedos muito pequenos.

"Aqui está a nossa lista de convidados". Ele pegou o arquivo que o senador tinha fornecido dias antes. "Estou examinando estes nomes em vários programas agora mesmo. Levará tempo, mas há uma chance de que a gente possa conseguir um golpe e uma direção para entrar".

"Antes da festa?", Kell perguntou.

Macey fez uma careta. "Difícilmente".

Kell girou para Reno. "Dê-me um para cobrir Emily".

Reno concordou com a cabeça devagar, mas seu olhar era perfurante.

"Kell, isto está ficando muito pessoal, não? Não arrisque a vida dela porque você tem demais na reta aqui".

Kell encarou Reno friamente, sentindo a extremidade dura de determinação se formar.

"Ela é minha", ele declarou claramente. "Alguém mais protegeria Raven para você? Ou Morganna para Clint?".

Raven, a esposa de Reno, também era irmã de Clint. Uma pequena atrevida de cabelo preto que deixava o marido louco frequentemente. Mas ela não era a pequena dinamite como a irmã de Reno e noiva de Clint, Morganna.

Ambos fizeram careta com a pergunta.

²³ Futebol americano, os linebackers (LB) jogam logo atrás da linha de defesa e avançam para fazer tackles (este ocorre quando um portador da bola, de pé, é simultaneamente agarrado por um ou mais oponentes, derrubado ao solo e/ou a bola toca o solo. A esse jogador se denomina jogador tackleado. A qualquer dos oponentes do jogador tackleado que vá ao solo se denominam tackleadores) e às vezes fazem cobertura em passes curtos.

²⁴ Dallas Cowboys - time de futebol americano da cidade de Dallas, Texas que disputa a NFL na divisão Leste da NFC, junto de New York Giants, Philadelphia Eagles e Washington Redskins.



"Ian, vigie o traseiro dele". Reno suspirou.

"Certo, Chefe". Ian se debruçou contra a parede, assistindo-os atentamente, os olhos castanhos sombrios, a sobrelance abaixando meditativamente.

"O senador vai chegar à casa dos Dunmores mais tarde do que a filha", Reno anunciou então. "Ele tem uma reunião na Colina do Capitólio antes de poder partir. Isso significa que você terá apenas o auxílio de dois agentes do Serviço Secreto que serão atribuídos do lado de fora da mansão. Eu te contatarei enquanto estivermos indo para lá. Você ainda está sob cobertura. Nós não mudamos os parâmetros de missão. Não que eu ache que você terá problema com isto".

Kell deixou um sorriso nos lábios enquanto os outros riam silenciosamente. Quando seu olhar encontrou o de Ian, porém, ele notou o reconhecimento sombrio no olhar do outro homem. Havia poucos homens que sabiam dos detalhes de seu passado. Ian era um desses homens.

Ele anuiu com a cabeça lentamente. Uma promessa. Um voto de ajudar Kell a proteger o que mais significava para ele.

"A limusine vai levar Emily, Kell e Ian para a festa. Nós estaremos na caminhonete segura do senador quando chegarmos. Vamos manter pequeno e bem amarrado, homens, e vejam se nós podemos pegar o nosso espião e resolver tudo sem complicações". O olhar de Reno varreu o cômodo. "Alguma pergunta?".

Eles agitaram as cabeças em resposta.

"Bom. Nós sairemos com o senador dentro de uma hora. Creio que ele esteja encurralando a filha no escritório discutindo sobre seu strip e as chances de isso acontecer novamente. Vamos apostar em quem vai ganhar isso?".

Clint, Reno, Macey e Ian apostaram no senador, um antigo SEAL. Um homem que tinha mantido a filha na linha, de uma forma ou de outra, por vinte e cinco anos.

Quando todos os olhos se viraram para Kell, ele puxou a carteira do bolso da calça jeans, tirou a nota de vinte e a deu para Macey. "Meu dinheiro está na dama", ele disse lentamente. "Não se domestica uma raposa, apenas se segue sua trajetória".

Emily olhava o escritório do pai. As fotos da mãe no lugar de honra no mantel. A pintura que ele tinha encomendado dela com a mãe, logo após o nascimento de Emily, estava na frente de sua escrivaninha.

Ela parecia com a mãe, Emily pensou. O mesmo cabelo ruivo vibrante, olhos azuis e feições inquisitivas. Ela nunca tinha dado muita atenção a isso ao longo dos anos. A própria aparência não a



preocupava muito. Mas enquanto ela encarava o retrato e esperava pelo pai, tinha visto.

A mãe tinha sido mais delicada. Ossos finos, esbelta e graciosa. O cabelo mais longo, quase até a cintura, Emily o mantinha cortado na altura dos ombros.

A mãe amava festas. Emily preferia aventura. Ela queria subir a montanha, saltar de pára-quedas e brincar de jogos de guerra nas montanhas.

A mãe vivia para moda. E Emily preferia calça jeans à seda, mas entendia a necessidade da seda.

Ela não tinha conhecido a mãe por tempo suficiente, ela pensou. Ela não teve a chance de ouvir seu riso frequentemente; ela podia apenas se lembrar das canções que o pai tinha dito que a mãe cantava para ela todas as noites antes da hora de dormir.

"Ela te amava com todo o coração", o pai disse atrás dela enquanto entrava no escritório. "Ela costumava dizer que você tinha as melhores partes de nós dois. Eu sempre concordei com ela".

"Fraqueza?", ela perguntou enquanto girava para enfrentá-lo. "Nunca ouvi dizer que qualquer um de vocês dois fosse fraco, papai".

"Isto é como você vê? A necessidade de ser cuidadosa? Minha necessidade de te proteger? Que você é fraca por me permitir te proteger?".

"Empurrar seus candidatos a genro sobre mim? Me prender com tantas cordas de culpa e amor que na metade do tempo eu não saberia o que era viver?", ela questionou.

Ele fez uma careta com as perguntas dela.

"Eu fiz uma lista do custo dos mantimentos, utilidades, e refeições diárias dos seus garotos durante os últimos sete anos". Ela acenou com a cabeça para o papel que ele segurava na mão. "Percebo que é bem extensa e pode exigir algumas semanas para classificar, mas a quantia final é realmente bastante baixa para a dificuldade que eu fui forçada a tolerar. Eu apreciaria ser reembolsada".

"Tire isto da conta que a sua mãe e eu fizemos para você", ele sugeriu.

"Desculpe, papai, aquele dinheiro está sendo economizado por uma razão. É a economia para um filho que eu possa ter um dia. Apenas faça um cheque quando tiver tempo e envie para mim".

Os olhos dele reluziram com irritação. "Por que agora? Você nunca me disse nada antes".

"Porque você sempre depositou muito mais do que eu exigia. Eu não quero mais do que você me deve, papai. Isso é o que você nunca entendeu. Eu quero o seu respeito. Sua confiança. Não sua caridade".

"Então você pensou que ganharia a minha confiança fazendo strips, indo a bares e ruelas escuras com o pretexto da tal pesquisa e fica batendo na mesma tecla? Eu ainda tenho que ver um livro, Emily Paige. Eu só ouço sobre ele".

Ela respirou cuidadosamente. Ela não iria discutir com ele. "Papai, pare com a palhaçada, e como



“você está nisto, apenas vá em frente e assine meu cheque para que assim eu possa depositar quando retornar para casa”.

Uma carranca enrugou a testa larga dele. “Parar com a palhaçada?”.

“A palhaçada onde você deliberadamente começa uma briga, eu fico chateada e saio como um tufão do escritório. Sabe, a palhaçada onde você se assegura de que ganha qualquer briga que nós tomamos parte”. Ela cruzou os braços sobre os seios e o encarou com determinação. “Não vai acontecer dessa vez”.

“Porque você está dormindo com Kreiger? Diga-me, você pelo menos vai se casar com ele?”, ele grunhiu.

A sobrancelha dela ergueu. “Casamento não foi discutido. Por que você está tão chateado? Essa não é a razão pela qual você continua enviando seus melhores homens para brincar de guarda-costas? Desejando que um deles acabe na minha cama?”.

“Com um anel de casamento teria sido bom”, ele grunhiu. “Eu deveria ter imaginado quando ele tinha exigido ser adicionado ao seu time de salvamento o que diabo estava acontecendo. Pelo menos me diga que ele está usando preservativo, sim? A última coisa que eu preciso é te ver prenha e morta como a última garota pela qual ele se apaixonou”.

Prenha e morta!

Emily o encarou por longos momentos, congelada, sentindo algo frio na alma.

“Sobre o que você está falando?”.

“Ele não te disse sobre a primeira esposa e a criança?”, ele perguntou a ela então, algo indefinido relampejando nos olhos, algo quase semelhante a arrependimento.

“Eu nunca soube—”, ela sussurrou pelos lábios entorpecidos.

“Então pergunte a ele sobre isto”, ele retrucou. “E tenha certeza de que saiba o que está fazendo—”

“Não ouse me dar lições sobre ele”. Emily sentiu a mão subir, o dedo apontando de volta para o pai imperiosamente, enquanto a ira começava a ferver dentro dela. “Você tem enviado homens para a minha cama por anos. Eu finalmente decidi aceitar um deles, e você tem que tentar destruir isto?”.

“Maridos potenciais, garota”, ele retrucou de volta. “Eles sabiam muito bem que não deveriam passar perto da sua cama sem um anel de compromisso. Eu não enviei Kreiger para você como um marido potencial, ele era para proteção. Ele veio com o time”.

“E ele é quem eu escolhi, em vez de você escolher a dedo?”, ela zombou. “Pelo amor de Deus, onde diabo você consegue essas ideias?”.

“No mesmo lugar que ele conseguiu as dele”. O queixo dele ergueu orgulhosamente. “A Navy”.

Emily bufou rudemente. “Por alguma razão, eu não acho. Faça o meu maldito cheque agora. Você



soltou sua pequena bomba e pode ir para a sua preciosa colina do capitólio e fazer qualquer das coisas que decida fazer hoje. Mas a sua interferência com minha vida está acabada. Você me entendeu?"

"Até parece". A voz dele abaixou. "Diga-me, Emily, você acha que ele vai te dar rédea solta? Que ele vai te deixar ter toda a liberdade que deseja? Ele perdeu a esposa e a criança quando estava trabalhando como informante na polícia em Nova Orleans. Ele não tinha nem dezoito. Você acha que ele não se lembra a cada momento disto? Todos os malditos detalhes das mortes? Você acha que eu tento te proteger demais? Apenas espere até que ele coloque a aliança no seu dedo e um bebê em você. Ele nunca te dará um momento de paz".

No passado, o perigoso abaixar da voz sempre tinha indicado que a última medida de sua paciência tinha sido esgotada. Emily sempre tinha fugido ligeiramente em resposta, sem realmente compreender o que aquela meia-voz perigosa queria dizer, mas sem querer descobrir também.

Agora, ela realmente não dava a mínima.

"Você me entendeu?", ela gritou então, sentindo a extremidade das lágrimas dos olhos, a dor brotando no peito enquanto ignorava as revelações sobre o passado do seu amante. "Faça a porra do cheque. E então Deus me ajude, se você enviar outro homem para a minha casa, eu terei que prendê-lo".

Ele estava olhando com choque para ela então.

"Emily—", ele foi em direção a ela, o olhar ficando cauteloso. "Isto está saindo de controle". Ele deslizou a mão pelo rosto dela, a expressão torcida com indecisão.

"Eu nunca te pedi nada", ela disse então, forçando as palavras a passarem pelos lábios, sentindo a garra da dor no estômago.

Kell tinha sido casado antes? Ele tinha perdido a esposa e o filho e ela nem tinha sabido. Ela não queria saber. Ela tinha se afastado dele deliberadamente, mantendo-o longe mesmo quando ela desejava a paixão que era tanto uma parte dele.

"Você nunca me pediu nada", ele concordou. "E talvez esse tenha sido o problema. Você não parece precisar de mim".

"Oh, eu precisei de você", ela sibilou. "Quando tentei te dizer que eu não queria parar de escalar montanhas. Que eu queria treinar nas montanhas novamente. Quando eu tentei te dizer que eu queria me juntar à Navy. Eu precisei de você, papai. Você apenas se recusou a ouvir".

"Era muito perigoso". Ele agitou a cabeça com um puxão afiado. "Você não era mais uma criança. Você não veria que havia limites. Você estava sempre indo além, mais alto".

"Tentando viver. Tentando algo para ser diferente da garotinha do papai?", ela perguntou zombeteiramente. "Perdoe-me, pai, talvez eu devesse apenas ter me curvado aos seus desejos, casado



com o primeiro idiota que você trouxe para casa e ter todos aqueles netos que você deseja. Talvez eu devesse ter achado um jeito de ferrar a minha vida da pior forma possível em vez de tentar me comprometer com você". Ele passou os dedos pelo cabelo, uma careta contorcendo suas feições enquanto tentava compreender como lidar com ela. "Não se preocupe em procurar um limite aqui, Senador Stanton", ela disse a ele roucamente. "Eu te direi como. Você mantém o seu maldito dinheiro. Quando essa história com Fuentes tiver terminado, nós diremos que estamos empatados. E eu deixarei bem certo de que viverei a minha vida então, e você poderá viver a sua".

"Você não quer dizer isto". Ele pegou o braço dela enquanto ela saía de perto dele para ir para a porta. "Emily. Você não pode ir para longe de mim assim".

Ela encarou o retrato dela e da mãe. Em frente à escrivaninha, onde ele podia ver. Onde ele podia lembrar.

"Diferentemente de você, pai, eu não preciso controlar tudo e todo mundo na minha vida", ela disse enquanto girava devagar de volta para ele. "E eu não quero ter que viver somente no passado. Eu não sou mais a sua garotinha. Eu sou a sua filha adulta. Se você puder aceitar isto, talvez possa conseguir uma vida para si mesmo". Ela puxou o braço do aperto dele, deu as costas para a dor que chamejava em seus olhos, e marchou para as portas. Enquanto abria uma, ela o encarava.

"Não interfira com a minha vida novamente. Você não gostará das consequências". Ela saiu, dando de cara com cinco SEALs, cujas expressões—exceto de um— eram brancas, alertas. A exceção era um olhar verde esmeralda escuro, predominante com sombras e dor, enquanto ele a observa atentamente.

"Tenho coisas para fazer antes da festa de hoje à noite", ela disse nitidamente. "Te encontrarei aqui exatamente as cinco horas. Veja se pelo menos não pode me dar o tempo que eu preciso para me preparar antes que nós tenhamos a nossa pequena explosão, hmm? Porque, juro por Deus, se eu tiver que lidar com outro SEAL teimoso e intratável por mais um minuto, eu posso atirar em você com a sua própria arma".

Com isto ela deslizou passando dos cinco homens, recusando olhar para trás, recusando deixar as lágrimas que enchiam seus olhos caírem.

Era a própria culpa dela se ela tinha ido para a cama com um homem que não conhecia. Era culpa dela se ela tinha permitido ao pai ter a munição que precisava para retaliá-la.

O pai odiava perder uma briga com ela. Sempre tinha. Era uma das razões que ela raramente deixava um confronto entre eles evoluir, porque ela era sempre a pessoa que saía machucada.



Precisamente às cinco horas, Kell estava esperando no hall de entrada, usando sua roupa de gala, e assistindo os degraus com uma sensação de irrealismo enquanto Emily descia por eles.

Ela era como uma chama viva. Incandescente, radiante. O longo vestido esmeralda devia ter sido modesto. Nela, era uma declaração de sensualidade. A seda frágil circundava os seios cheios antes de alças finas irem acima dos ombros.

A cintura alta apenas insinuava o corpo bem formado, e a fazia parecer ainda mais desejável. A seda alisava sobre sua barriga e quadril, então caía em um vislumbre de cor até os pés, que estavam em sandálias de salto alto que acrescentavam pelo menos sete centímetros a sua altura.

Havia um xale brilhante ao redor de um ombro, fluindo até o chão atrás dela enquanto ela se movia degraus abaixo tão real quanto uma rainha.

O cabelo ruivo estava preso no alto. Esmeraldas cintilavam nas chamas proibidas e ardilosamente organizadas dos cachos, e a maquilagem dava ao rosto um toque ainda mais exótico.

Ele podia sentir o membro espessando sob a calça comprida. O coração correndo no peito.

Ela era a mais linda criatura viva.

Os olhos azuis estavam protegidos pelas pestanas, recusando-se a deixá-lo ter um vislumbre das emoções que ele sabia que deviam estar furiosas dentro dela.

Ele tinha ouvido a discussão através das portas do escritório. Ele tinha ouvido as informações que o pai dela tinha dado a ela sobre seu passado. Informações que nem mesmo os chefes dele não estavam completamente cientes.

Ela sabia tão pouco, ainda assim era o suficiente para enviar um calafrio terrível abaixo por sua espinha. Ela sabia apenas o suficiente para exigir saber mais, mais tarde.

Inferno, como isso tinha acontecido tão depressa? Parecia que de um momento para o outro sua vida tinha mudado. Ele tinha ido da existência para o viver.

Mas o senador tinha errado em uma coisa. Emily teria sua liberdade. Kell não teria condições de tentar escondê-la; contê-la levaria à loucura. Para começar, ela nunca aceitaria tal vida com o homem que amasse. Ela nunca adoraria um homem que tentasse obrigá-la a isto. Além disso, Kell nunca seria capaz de funcionar sabendo que sua esposa, possivelmente suas crianças, não tivessem nenhum meio de proteção.

"Wilma Dunmore fez um excelente trabalho nesta festa", ela comentou enquanto andava no hall de entrada de mármore. "Eu precisarei gastar apenas alguns minutos examinando cuidadosamente os detalhes com ela quando chegarmos, ver as características e assim por diante". Ela verificava a bolsa à medida que falava. "Eu apreciaria se você não cometesse o mesmo erro dos guarda-costas do meu pai no



passado e que ficavam olhando feio para todo mundo. Isso os deixa desconfortáveis”.

"Sim, madame. Sem fazer cara feia". Ele concordou com a cabeça, contendo o sorriso.

Ela estava pronta para a batalha. Ele podia ver nela, mas ainda que fosse cego como um morcego, teria sentido. Saía dela em ondas.

A raposa estava mostrando as garras e Deus ajudasse a qualquer homem que tentasse entrar no seu caminho a qualquer momento próximo.

"Por que você está carregando essa sacola?", o olhar dela foi para a corrente que oscilava na mão dele.

"Preparação é tudo, docinho". Ele encolheu os ombros.

"Preparação. Isso me lembra algo". Ela abriu sua bolsa da noite novamente e puxou um pedaço de papel dobrado. "Eu estava conversando com a Wilma ontem à noite sobre a segurança que ela tem no lugar para a festa. Eu marquei algumas áreas fracas aqui”.

Ele aceitou o papel lentamente.

"Que tipo de áreas fracas?”.

"Pretendo discutir sobre elas com Wilma antes dos convidados começarem a chegar”, ela declarou. "Mas eu não tinha definido as áreas até que estava olhando para isto mais cedo. Há várias entradas e saídas sobre o piso por uma série do que foram um dia fossos profundos. O pai de James Dunmore, Winchester, as cimentou e cobriu quando eu era criança. Eu costumava brincar lá com os filhos dos Dunmores quando os visitava lá”.

Kell encarou o diagrama esboçado que ela tinha mostrado. Estava surpreendentemente bem feito. Mostrava a mansão, as entradas e saídas da casa principal e o local dos fossos.

"E estes túneis entram na casa?”, ele franziu o cenho de volta para ela.

"Eles vão para os portões de ferro sobre o chão. Eles são grandes o suficiente para um homem passar por eles. Eu queria conferir com ela sobre a segurança ao redor deles. Uma época, havia portões bloqueando as entradas dos túneis, mas vários deles correm vários quilômetros além da casa. Eles podem ter se esquecido sobre eles. Eles nunca pareceram muito preocupados com eles no passado porque as grelhas estavam sempre trancadas. Mas se alguém souber o que está fazendo—”

"Eles poderiam passar pelas grelhas de ferro e entrar na festa”. Kell anuiu com a cabeça devagar. "Não mencione isso a Sra. Dunmore. Deixe-me contatar Reno na limusine e ver como ele quer lidar com isto. Se Fuentes tem um plano simples para chegar a você hoje à noite, isto pode ser parte”.

Emily concordou com a cabeça. Kell tinha enviado Ian para o estúdio onde tinha acabado de fazer as ligações mais cedo, dar a ela as informações que eles tinham recebido por e-mail.



Ela precisava confiar. Enviar Ian para ela em vez de ir ele mesmo tinha sido um risco calculado.

"Aqueles túneis seriam um ponto de entrada perfeita. Eles são largos o suficiente para um homem de seu tamanho dançar neles, e as grelhas de ferro cobrindo as aberturas são ligeiramente mais largas. Winchester Dunmore nunca os considerou uma ameaça, e James e Wilma não viviam lá no momento. Eles podem ter sido apenas esquecidos".

"Vamos, então". Ele estendeu o braço para ela, olhando-a com sensação de possessividade e orgulho. Maldição, ela era esperta. Os fossos coberto com telhas não estavam no esquema de segurança que o time tinha recebido como parte da propriedade, o que significava que elas ou tinham sido esquecidas como ela havia sugerido ou simplesmente não haviam sido mencionadas por razões mais obscuras.

"Eu não poderei ficar em um lugar só ou te manter informado de cada movimento que eu tiver que fazer".

"Estou certo de que posso te acompanhar, Emily". Ele não sorriu, mas teve a sensação de que ela estava se segurando e ele não queria forçá-la a perder as estribeiras antes da maldita festa. A última coisa que ele precisava era permitir a ela entrar nisso com as emoções mais severamente testadas do que já haviam sido.

"Nós estamos terminando". Ele falou no transmissor do colarinho do uniforme, testando a recepção e o par conectado com o de Ian.

"Tudo limpo", Ian respondeu. "Prossiga para a limusine".

O mordomo deu a eles um olhar preocupado enquanto ele abria a porta cautelosamente.

"Seja cuidadosa, Senhorita Emily", ele disse suavemente enquanto eles se aproximavam dele.

"Estou muito bem protegida, Denny", ela prometeu ao homem enquanto eles se moviam em direção à porta. "Nós o veremos hoje à noite".

Kell manteve o olhar se movendo na área exterior, ciente de que Ian estava fazendo o mesmo até que eles tivessem Emily seguramente escondida na limusine. Ian fechou a porta atrás de Emily e então se moveu para o banco da frente da limusine com o agente do Serviço Secreto que tinha sido atribuído como chofer.

Kell apertou o botão que fechava a janela enquanto encarava Emily. Assim que eles estavam envoltos na área escurecida, ele mostrou o pacote.

"Tenho uma arma que quero que você use". Ele puxou o coldre aveludado e a correia para perna de dentro do pacote enquanto Emily começava a erguer a saia do vestido.

A seda e o tafetá sussurraram sobre as pernas enquanto o olhar dele era atraído para elas. As meias-calças pretas encaixadas nas pernas, cada centímetro deleitável revelado até que a saia foi sobre uma



correia de couro fina que segurava uma Beretta Bobcat²⁵ apertada contra o interior da coxa dela.

O membro dele se moveu e ficou tão cheio que ele teve que friccionar os dentes para conter o grunhido que se formava no tórax. Como um animal. Selvagem com a necessidade para acasalar.

A visão daquela arma apertada contra o corpo e cintilando na luz do interior, presa tão intimamente contra sua carne, era como um soco na boca do estômago. Devia ter relampejado uma advertência para seu cérebro super excitado; em vez disso, tudo o que podia ver era a meia-calça de seda preta, a carne pálida e sedosa, e a confiança da mulher em si mesma.

"Você gosta?", ela correu os dedos sobre a arma, acariciando, o tom de pêssego claro nas unhas deslizando ligeiramente sobre o couro fino do coldre.

"Demais". Ele teve que limpar a garganta para falar.

"Então você realmente vai gostar disto". A saia subiu acima da arma, ergueu acima da outra coxa dela, e o fez apertar os punhos para se impedir de tocá-la. Amarrada com correia na coxa oposta, apenas um pouquinho mais alto do que a arma de fogo, estava uma faca pequena, cuidadosamente embainhada mas definitivamente lá, o cabo arredondado apontando para o território que Kell quase não tinha explorado o suficiente na noite anterior.

Ele nem sabia que ela estava usando armas. O local em que os coldres estavam amarrados permitia a ela se mover livremente sem dar nenhum sinal de que estava armada e muito perigosa.

"Seu pai sabe sobre isso?", ele teve que se forçar a respirar contra a luxúria que chicoteava por suas veias.

Agradecidamente, a saia e a anágua de tafetá desceram pelas pernas depressa, brilhando e dançando ao redor dos pés com um sussurro.

"O que você acha?", o olhar dela era ridicularizaste.

Kell franziu os lábios e respirou roucamente. "Muito bom. Um golpe hoje à noite é o suficiente".

Ele podia sentir o suor brotando na testa, o ávido pulsar cheio de desejo do pau, e perguntou-se como diabo ele iria passar pela festa sem achar um canto escuro para foder com ela.

Essa era a melhor proteção, ele pensou barbaramente. Cobrir o corpo dela com o dele e mantê-la penetrada. Ela deixava o corpo dele tão tenso e duro que as balas saltariam para fora do corpo dele como se ele fosse uma porra de um Super-homem.

Na hora em que eles alcançaram a mansão Dunmore, ele estava no controle novamente. Não que Emily ajudasse muito. Ela o assistia atentamente durante o passeio, o olha sombreado pelas pestanas, a

²⁵ Beretta Bobcat - pequena pistola semi-automática de bolso.



expressão pensativa.

Eles teriam que conversar logo, ele sabia, e teria que explicar sobre Tansy para ela. Não era que ele não quisesse explicar o passado, mas suas próprias ações ainda o envergonhavam.

Ele não tinha protegido a esposa e o filho. Por que Emily acreditaria que ele podia protegê-la?

Enquanto a limusine parava nos degraus de cimento da mansão, Kell empurrou de volta a luxúria, a dor e a crescente possessividade que sentia em relação à Emily. Ele saiu da limusine, observando cuidadosamente antes de deixá-la sair.

A calçada ainda estava clara, a festa, marcada para várias horas mais tarde, ainda não havia começado.

* * *

"Emily". Wilma Dunmore se moveu graciosamente além das portas duplas abertas, o rosto firme dobrado em um sorriso de afeto enquanto Kell escoltava Emily até ela. "E quem é o seu jovem dessa vez?", os olhos castanhos cintilavam com interesse enquanto ela encarava Kell e Ian e então deu uma olhada rápida de volta para Emily.

"Wilma, vou te apresentar minha escolta pela noite, Tenente Kell Kreiger. E atrás dele, meu guarda-costas pela noite, Tenente Ian Richards".

Wilma fez uma careta para a palavra "guarda-costas".

"Seu pai ainda está te empurrando os guarda-costas?", ela revirou os olhos com a ideia. "Ele não está melhorando com a idade, não é?".

"Não, Wilma, ele não está". O sorriso dela era apertado. "Mas suportamos o que precisamos".

Wilma riu. Aos sessenta e oito, ela já tinha aprendido há muito tempo que os homens fazem o que for preciso para que as coisas saiam como querem, Emily pensou. O próprio marido dela era uma força de dominação dentro dos negócios bancários internacionais, e paranoico o suficiente para que Wilma tivesse guarda-costas frequentemente.

"Entre. Entre. Eu te conseguirei alguns refrescos e nós poderemos examinar cuidadosamente os planos da noite. Eu mantive tudo simples, como você pediu. Não posso te dizer o quão contente estou por você ter pedido minha ajuda nisso, minha querida. Eu adoro essas festas".

E tinha sido por isso que Emily tinha ido a ela para procurar ajuda. Wilma amava o processo inteiro, considerando que Emily tinha aprendido a tolerá-lo.

Ela deu uma olhada rápida para Kell enquanto eles seguiam a animada senhora pela casa. Ele não



estava agindo como um guarda-costas. Ian estava cuidando disso para ele. Ele estava agindo interessado, apenas chateado o suficiente para provar que era um homem, mas infinitamente cortês enquanto Wilma o levava até o salão de baile onde os convidados seriam escoltados.

Os bailes dos Dunmore eram enormes. Lustres de cristais pendurados do teto alto. O salão era grande o suficiente para manter centenas de convidados, ainda mais com as portas para os jardins dando acesso como estavam agora.

A banda estava posicionada logo fora das portas de vidro abertas ao final do salão de baile. O ar fresco da noite fluía pelo cômodo cavernoso enquanto parecia ecoar com a antecipação que fazia os passos de Wilma vacilar.

A mulher idosa já estava usando seu elegante vestido de festa. A renda e a seda sussurravam enquanto ela caminhava, a figura ainda esbelta mostrando graça e orgulho.

Wilma familiarizou Emily com a instalação com detalhes precisos. Enquanto eles examinavam cuidadosamente os últimos planos, convidados começavam a chegar e a banda começava a se instalar.

A expressão de Kell não mudou, mas Emily sentiu a tensão alerta crescer nele enquanto o salão de baile começava a encher, os fornecedores e garçons começavam a se mover. Às oito horas a festa estava completa.

Ternos de seda, oficiais de uniforme e uma variedade de vestidos de baile desfilavam pelo cômodo. O champanha estava fluindo livremente e o grande pátio de mármore estava começando a encher enquanto eles se moviam aos pares no ritmo da música.

O pai dela ainda não tinha chegado, e Emily estava começando a sentir os efeitos de sorrir para pessoas que mal conhecia, ou conhecia pouco para gostar.

Essa era uma das razões pela que ela odiava estes eventos. Ela conhecia aqueles que apunhalavam pelas costas e os interesseiros e isso a deixava louca.

Enquanto seu olhar varrer pela multidão para um dos menores ajuntamentos que conhecia, e sentiu um sorriso verdadeiro começar a se formar nos lábios enquanto assistia uma forma familiar entrar no salão de baile.

"O que ela está fazendo aqui?", Kell se debruçou adiante curiosamente para perguntar.

"O tio dela é Jason MacLane, o cabeça de uma firma legal multinacional. Ela frequenta algumas das festas a pedido dele, junta as fofocas, e as relata a ele. Em troca, ele a mantém no estilo que ela gosta de ficar acostumada", Emily respondeu. "Kira não é nada além de prática quando a questão é adquirir jóias ostentosas".

"Emily. Querida. Esta festa parece que está bombando". Kira sorriu enquanto beijava a bochecha dela



graciosamente e então recuou. "E esse fortão atrás de você parece tão bom quanto sempre".

O fortão em questão estava assistindo Kira pensativamente, os intensos olhos verdes profundos e considerativos.

Vestida em um longo preto colado que exibia uma quantia provocativa dos seios, Kira parecia fantástica. O cabelo preto, que Emily sempre tinha invejado, fluía pelas costas em cachos ricos e cintilantes com brilho como a asa de um corvo, e os olhos cinza faiscavam com riso.

"O fortão agradece", Kell comentou estranhamente enquanto pegava o quadril de Emily com uma mão e a puxava contra ele.

Ele tinha feito isto a noite toda. Pequenos toques. Olhares suaves. Olhares aquecidos. E mais de uma vez, puramente quentes, sensuais. Mas ele sempre permanecia circunspeto no modo como a tocava ou segurava contra ele.

"Vejo que nosso vizinho meditativo, Ian Richards está aqui também". Kira esquadrinhou o salão de baile, o olhar se movendo depressa para onde Ian permanecia contra a parede ao longe. "Aquele homem não foi feito para ser um excluído, Emily. De nenhuma maneira, forma ou jeito".

Emily estremeceu. Ela conhecia aquele tom. Kira estava interessada.

"Ele tem uma sensualidade sombria e meditativa". Kira suspirou, virando-se para Emily com um reservado e pequeno sorriso. "Você não acha?".

Ele parecia muito perigoso. O tipo de homem que ela não se aproximaria nem por um milhão.

"Ela acha que ele é feio como um rato molhado", Kell disse divertido. "Ela não vê qualquer outro homem além de mim".

O tom dele era provocante mas Emily sentiu um pequeno começo de surpresa. Ele tinha soado como um "amante de verdade". Como um homem com a intenção de ficar durante algum tempo. Um homem que estava investindo em uma relação. Como um homem cujo coração pertencia a ela em vez de uma mulher e um filho que ele tinha perdido anos antes.

"Você é atraente, mas não tanto", Kira o informou com uma enrugada provocante do nariz. "Agora, se vocês dois me dão licença, vou pegar uma taça de champanha e ver se posso convencer aquele corpo duro e firme a se juntar a mim na pista de dança".

"Melhor achar o uísque se você vai tentar alguma coisa". Kell riu. "Ian não é de beber champanha".

Kira ergueu as sobrancelhas, então com um pequeno aceno com os dedos foi através do salão de baile.

"Diga-me, ela tem chance?", Emily perguntou pensativamente enquanto dava uma olhada rápida para Ian. Ele estava assistindo Kira, as sobrancelhas abaixadas, a expressão proibitiva.



"Em que? Sexo ou o amor?", Kell perguntou pensativamente. "Sexo, sim. Amor, sinceramente eu duvido".

"Eu duvido de que ela esteja procurando por amor". Emily suspirou enquanto se voltava para ele. "O que você está procurando, Kell?".

Ela desejou poder voltar com as palavras. Desejou poder apagar a necessidade de saber.

Os lábios dele se abriram em um sorriso preguiçoso enquanto os olhos cintilavam com um conhecimento escondido, uma emoção não pronunciada. "O que eu tenho nos meus braços, Em. O que mais?".

É mesmo, o que mais?

Ela abriu os lábios para falar, sabendo que as palavras trairiam sua própria dor, seu próprio desejo.

"Emily. Querida?".

A voz a fez girar nos braços de Kell, o olhar alargando a vista do homem diante dela.

Ele era mais alto do que ela se lembrava. Definitivamente mais bem construído e mais amadurecido.

"Charlie". Ela riu com encanto, sentindo os braços dele envolverem-na em um abraço rápido antes de ela ir para trás e sentir a mão de Kell apertando seu quadril em advertência.

"Charlie, esse é Kell Kreiger, um amigo meu. Kell, esse é Charlie Benson".

Kell não pareceu contente.

Alto, com cabelo castanho quase raspado e sorridentes olhos castanhos, Charlie definitivamente tinha amadurecido. O terno de seda que ele vestia estava esticado através de seus ombros magros e flexíveis, e apesar de ele não exatamente preencher o terno, ele definitivamente tinha enrijecido.

"É bom te ver, Emily", Charlie disse suavemente, os lábios ainda mantendo o sorriso apesar da carranca que Kell dirigia a ele. "Eu estava desejando que você estivesse aqui".

"Seu nome não estava na lista de convidados". Ela agitou a cabeça em surpresa. "Como entrou?".

"Meu pai mexeu uns pauzinhos no último minuto para que eu pudesse te surpreender". Ele enfiou as mãos na calça comprida e a encarou com aprovação. "Você está bem. Muito bem".

Emily podia sentir Kell ficando tenso atrás dela.

"Kell, Charlie e o pai dele trabalham no processamento de dados e serviço de inteligência no Pentágono".

"É bom ter conhecer, Benson", Kell respondeu, estendendo a palma na direção de Charlie.

Charlie a tomou cautelosamente, estremeando apenas ligeiramente antes que Kell o soltasse. O olhar que ele deu para Emily foi torto. "Navy SEAL, é? Seu pai finalmente te convenceu a um de seus candidatos?".



"Não mesmo, Charlie". Ela manteve a luz do sorriso, mas podia sentir Kell ficando mais tenso a cada segundo. "Papai apenas deseja que eu me torne cooperativa. Kell foi escolha minha".

"Ela é um presente, Kreiger, espero que você perceba isto", Charlie disse então, o tom de advertência. "Se você não perceber, há vários de nós esperando para pegá-la no rebote".

Emily pôde sentir o rubor cobrindo seu rosto então.

"Tem que haver o rebote primeiro", Kell grunhiu. "Se você nos dá licença, ela me prometeu esta dança".

Emily escondeu o sorriso enquanto Kell a levava para longe, mas ela ficou por um bom tempo olhando e acenando de volta para Charlie. A expressão dele era um pouco de remorso, com um cintilar de desejo nos olhos que picava a consciência dela.

Ela o acompanhou ao longo dos anos, mas essa foi a primeira vez que ela se chocou com ele em uma festa.

"Seu gosto para homens é péssimo", Kell observou enquanto a puxava para seus braços uma vez que eles alcançaram o pátio.

Emily conteve outro sorriso. "Eu escolhi você".

"Apenas sob pressão", ele grunhiu. "Eu pensei que Wilma Dunmore tivesse declarado mais cedo que não havia convidados surpresa".

"Sempre há convidados surpresa". Emily se moveu contra ele, a cabeça descansando em seu tórax enquanto ele a levava em torno do salão de dança.

Os braços dele eram mornos e fortes ao redor dela, criando a impressão de segurança, de paz. Ela nunca tivera isto antes, nunca havia descoberto como podia ser calmante.

"Nós precisamos sair logo", ele sussurrou contra a orelha dela então. "Eu não quero ficar muito tempo e dar a alguém a chance de nos pegar com a guarda abaixada".

Ela sentiu a ereção contra o quadril, o calor do corpo balançando com o dela, e deixou os dedos acariciarem o peito dele onde a mão tinha parado sobre o coração.

"Nós não podemos sair ainda. Eu tenho que ficar por pelo menos mais uma hora".

Ela estava ciente dele assistindo o local à medida que eles dançavam, ela podia sentir a tensão em seu corpo no modo como a cabeça dele se movia contra ela.

"Algo não parece certo", ele a advertiu. "A esposa do Dunmore pareceu muito sincera quanto ao fato de não haver nenhum convidado surpresa".

"Mas eu te disse que sempre há convidados surpresa. Não se pode fazer nada, as pessoas sempre dão o convite para um amigo. Alguns bicões, entram de fininho, pega as bebidas livres e come os lanches



do bufê enquanto finge ser parte da multidão. É normal”.

Mas a sensação não parecia normal. Kell podia sentir os cabelos da nuca se erguendo em resposta aos instintos desenvolvidos que o tinham salvado até agora. Se Charlie Benson tinha conseguido entrar, quem mais conseguiria?

O olhar dele perambulou pela pista de dança enquanto ele manobrava Emily até que ele pôde ver o salão de baile uma vez mais. Benson estava de pé nas portas francesas duplas assistindo-a com uma sugestão de desejo. Ele ergueu a taça de champanha para Emily com um ar de resignação então girou para a loira que estava a alguns metros dele.

Ian e Kira estavam logo do lado de fora das portas do pátio, assistindo enquanto ele e Emily se moviam ao longo da área de dança. No olhar de Kira ele viu algo mais duro, algo mais calculista, que ele acreditava que ela queria que ele visse. Havia mais coisas nela, ele podia sentir.

“Eu amo dançar com você, mas até que a sua mente esteja realmente no fato de você estar dançando comigo, eu preferiria achar algum lugar para me sentar por alguns momentos”.

Ele recuou e encarou os olhos azuis suaves. Deus, ele desejava que eles estivessem em qualquer lugar menos aqui. Qualquer lugar exceto sob os olhos de tantos estranhos e em possível perigo. Em algum lugar onde ele pudesse abraçá-la, tocá-la, ele ainda podia ver o desassossego se movendo pela expressão dela.

Ela tinha perguntas e não esperaria muito mais para fazê-las. Ele preferiria que houvesse muito mais tempo antes de ter que respondê-las.

Ele a escoltou para o bar do bufê. Lá, eles encheram dois pratos delicados de porcelana, pegaram uma taça de vinho cada, e retornaram ao pátio para as mesas de ferro forjado e pequenas cadeiras que cercavam a área de dança.

Ele não estava com fome. E não precisava do vinho. O que ele precisava era de uma explicação para a vaga sensação de advertência que continuava o incomodando.

O olhar dele varreu a área novamente, voltando várias vezes para Emily, enquanto os convidados paravam para falar, rir e trazê-la para as fofocas que pareciam ser a especiaria da vida política. Havia tantas pessoas a cercando agora que ele não tinha que se preocupar com a bala de um assassino.

Enquanto o olhar dele recuava para os pares dançando no pátio, ele congelou.

Ele não os via há quinze anos, mas os reconheceria em qualquer lugar. Estavam mais velhos, bem envelhecidos, as fisionomias marcadas com pesar e cansaço, os olhos cheios com tristeza enquanto o assistiam.

Putá que pariu. Ele não precisava disso. Não aqui. Não agora.



"Emily". Ele ficou de pé e estendeu a mão para ela enquanto ela o encarava surpresa. Os convidados a cercando se separaram imediatamente enquanto ela se endireitava da cadeira e ia até ele.

Nenhuma pergunta feita. Ela se moveu para ele.

"Nós precisamos sair agora", ele disse suavemente. "Agora mesmo".

Ela rapidamente anuiu com a cabeça, ergueu a bolsa da mesa e se voltou para ele.

Mas era muito tarde. Droga, era tarde demais.

"Kell". Aaron Beaulaine parou diante dele, sua expressão mudada pelo tempo cheia com determinação e esperança enquanto ele endireitava os ombros e inclinava o braço ao redor da esposa delicada, Patricia.

"Com licença, senhor", ele respondeu friamente. "Nós estávamos partindo".

"Kell. Faz quinze anos", Patricia Beaulaine sussurrou suavemente. "Não podemos ter quinze minutos?".

Ele podia sentir o olhar confuso de Emily enquanto ela o encarava e ao casal mais velho.

"Eu sinto muito", ele respondeu novamente. "Mas nós precisamos ir".

Ele pegou a mão de Emily e ela a puxou de volta. Parando, ele cerrou a mandíbula e deu um olhar duro a ela, sentindo a raiva começar a brotar dentro de si agora.

"Oi". Ela estendeu a mão para Aaron. "Sou Emily Stanton".

"A garotinha de Richard Stanton". O sorriso de Aaron era trêmulo. "É muito bom te encontrar, Senhorita Stanton. Eu sou Aaron Beaulaine e essa é minha esposa, Patricia".

O sotaque Cajun estava fraco, mas ainda assim lá. Diferentemente de Kell, Aaron nunca podia completamente suprimi-lo, o sotaque com o qual tinha sido criado.

Emily olhou para expressão fechada de Kell e então para o casal mais velho uma vez mais.

"Kell. Faz tanto tempo". Patricia o alcançou então, os olhos verdes, não tão escuros quanto os dele, não tão brilhantes, com um vislumbre de brilho úmido enquanto a mão frágil tremia.

Ela estava ainda mais minúscula do que na última vez em que ele a havia visto. Ainda mais delicada.

"Esse tempo todo?", ele perguntou a ela então. "Isso foi longo o suficiente para você?".

Ele odiava isto. Por quinze anos ele tinha evitado qualquer coisa que o fizesse ter contato com eles, que permitisse uma cena como essa.

"Chega uma hora na vida de um homem que tem que fazer decisões duras", Aaron disse então, a voz áspera. "Quando ele deve ver os enganos do passado. Porque estamos mais velhos, não significa que não cometamos mais enganos".

Enganos. Era assim como eles viam. Como tinham visto o casamento dele com Tansy. Como eles



tinham visto a criança que ele tinha dado vida com ela.

"E chega uma hora em que um homem tem que admitir que nenhuma quantia de remorso pode mudar certos enganos ou seus resultados". Ele manteve a voz fria, tão sem emoção quanto sua expressão. "Essa não é a hora nem o lugar, Sr. Beaulaine. Nós teremos que falar mais tarde".

Grand-mère²⁶ choramingou. Antes que Kell pudesse impedir, ele estendeu a mão, mas depressa a puxou para trás, uma fúria interna chicoteando por dentro com a resposta instintiva.

"Kell, nós iremos logo". Patricia manteve a voz baixa, a consciência daqueles ao redor deles evidente. "Eu te imploro, permita que a gente faça uma indenização".

Ele agitou a cabeça. "A indenização não é necessária". Algumas coisas não podiam ser consertadas.

Com isto, ele soltou a mão de Emily, agarrou a parte superior do braço dela, e se moveu para longe do casal, levando-a de volta para a casa e rumo à porta da frente.

Ela não estava falando. Mas ele teve um vislumbre do rosto dela, viu a suspeita nos olhos e a raiva.

Maldita, ela pensava que ele gostava de dar as costas a eles? Eles eram velhos. Tão velhos que o conhecimento de seu tempo limitado na terra o atingiu com uma força surpreendente cada vez que pensava neles.

E cada vez que ele pensava em vê-los novamente, se aproximar deles, ele se lembrava da criança que tinha morrido com a mãe. A criança que ele nunca tinha abraçado, nunca tinha conhecido, e ainda assim tinha amado com todo seu coração.

Enquanto eles diziam adeus aos Dunmores e Emily deu uma desculpa de enxaqueca e efusivas graças a Wilma por organizar a festa, Kell assistiu enquanto Ian se movia para a limusine que estava parada na parte inferior dos degraus que levavam a calçada circular.

A nuca dele ainda estava coçando. Ele olhou em torno do chão bem iluminado, os olhos estreitando para as sombras que tocavam o bosque ao redor deles.

Enquanto ele movia Emily degraus abaixo, ele viu. A pequena luz vermelha que começava a dançar sobre seu peito, a mira do rifle do assassino.

Ele a empurrou para o lado da coluna de cimento atrás deles, e Ian saltou em ação. Ele se apressou pelos degraus da porta da limusine aberta, se colocou na frente de Emily enquanto Kell agarrava a cintura dela e todos eles se jogaram na limusine. Kell saltou ao lado dela.

Dentro de segundos, o veículo estava indo longe da casa enquanto Ian passava seu relatório para Reno no celular seguro que carregava.

²⁶ Grand-mère – 'avó' em francês.



Emily olhou para Kell, os olhos largos, o rosto pálido.

"Eu vi", ela sussurrou, o horror na voz apertando a alma dele. "Fuentes decidiu me matar? Eu pensava que ele queria me sequestrar".

"Se o assassino te quisesse morta, ele não usaria uma porra de mira a laser", ele grunhiu, as mãos apertando com força enquanto ele se impedia de puxá-la para ele, de não devorá-la apenas para estar certo de que ela estava verdadeiramente bem lá com ele. "O filho da puta está fazendo dos jogos dele novamente e rindo de nós enquanto tentamos compreender o que diabo está acontecendo. Na hora em que eu perceber, vou assistir aquele bastardo sangrar".

Capítulo Dezessete

Emily escapou para o quarto no momento em que Kell anunciou que a casa estava limpa e segura. O pai dela estava no andar de baixo com o resto do time de SEALs, planejando, tentando compreender o que o cartel de Fuentes estava fazendo e qual seria seu próximo movimento.

Tudo o que Emily pôde ver foi o pequeno ponto saltar do peito dela para o de Kell. O conhecimento de que a visão a laser estava apontando para ele, não para ela, e a realização surpreendente de que sua vida nunca mais seria a mesma sem ele.

Ela não seria a mesma sem ele.

Ela o amava.

Ele era reservado. Misterioso. Sensual e manipulador, e ela sabia disto. Ele a tinha manipulado desde o dia em que tinha entrado em sua vida. Mas a manipulação era projetada para arrancar dela toda a lutar que ela desejava. Não para conter essas necessidades.

Ele sondava e forçava, e cada vez que ele a tocava, ela ficava em chamas.

No momento ela estava furiosa com ele. E ela sentia dor por ele. Ela viu a dor nos olhos dele quando os avós o haviam abordado na festa.

Oh, sim, ela conhecia os Beaulaines, e ela sabia uma parte de sua história. O único neto deles que tinha sido deserddado anos antes, antes da morte da esposa. No dia em que a esposa tinha morrido eles tinham tentado remendar o problema, devolvê-lo à família. Mas o garoto que eles tinham expulsado tinha se tornado um homem, e o homem tinha se recusado a reconhecê-los.

Não era um segredo na esfera política e social na qual ela se movia. Os Beaulaines eram contribuintes pesados do capital político do pai dela. E pensando nisto, assim como seus bons amigos Douglas e Mena



Kreiger.

Emily congelou no centro de seu quarto. Por que ela não tinha juntado tudo? Claro, ela tinha encontrado Kreiger somente uma vez e Douglas não se parecia com Kell de qualquer forma. Kell parecia com o avô materno, o olhar penetrante, o formato dos lábios.

Eles o tinham deserdado porque ele tinha engravidado a namorada, uma jovem garota negra que tinha vindo das ruas, sem família, sem casa, e mais importante, sem fortuna para cobri-la.

Ela se sentou na cama com um suspiro cansado.

Ela tinha visto os olhos dele quando ele tinha dado as costas ao casal. Eles estavam assombrados, tão desertos e cheios com desespero dolorido que ela não pôde protestar contra sua rudeza.

Ele os amava. Ele amava os avós, e queria tê-los por perto, mas o que quer que tivesse acontecido todos aqueles anos atrás tinha criado um abismo entre eles.

Era por isso que ele a forçava a declarar a independência do pai? Para ergue-se para ele em vez de tentar se comprometer entre o que ela queria e o que ele queria? Porque ele sabia do perigo inerente, da dor que poderia resultar quando ela finalmente decidisse que já chega e pronto?

Ela encarou as mãos, percebendo que elas estavam tremendo enquanto as realizações despejavam por ela.

A última semana tinha sido cheia com tantas emoções tumultuosas que ela não teve nenhuma chance de questioná-lo sobre seu passado. Mas ela tinha visto o homem que ele era. Forte. Determinado. Ele ia pelo caminho que tinha escolhido por si mesmo há anos, e caminhava só. Por sua escolha. Melhor saber que não tinha ninguém para depender do que depender deles e perder algo tão precioso quanto à mulher que amava e o filho que eles tinham criado.

O que havia acontecido?

Ela cruzou os braços acima dos seios, os dedos apertando na parte superior dos braços enquanto ela os agarrava firmemente, e ficou de pé para compassar pelo quarto uma vez mais.

O que o tinha feito negar a si mesmo a família que ele amava por tanto tempo?

E o que tinha acontecido aos pais dele? Ela sabia que eles estavam mortos. Lisa e Sturgill Kreiger tinham morrido quando ela era criança. Um acidente de carro, ela acreditava. Pelos rumores, isso tinha acontecido logo após o filho deles ter desaparecido de Louisiana.

Ele não tinha feito como eles queriam. Ele não tinha dado as costas à garota que eles consideraram inferior a ele e não tinha seguido o caminho que as gerações antes dele tinham seguido. O caminho que levava a mais poder, mais riqueza, casar dentro da classe social da qual eles eram parte.

"Oh, Kell", ela sussurrou. "O que eles fizeram a você?".



"Eles a mataram".

Ela virou, os olhos alargando enquanto percebia que ele silenciosamente tinha aberto a porta do quarto.

"O quê?".

Ele fechou a porta atrás de si, movendo os dedos para os botões do uniforme que usava, soltando-os para tirá-los pelos ombros largos e jogá-lo ao pé da cama.

"O nome dela era Tansy", ele disse começando a conversa, o tom era suave, em contraste direto com a dor que enchia os olhos verdes. "Ela estava carregando nosso filho. Tansy me deixou escolher seu nome. Eu queria dar a ele o nome de Aaron Douglas Kreiger, assim como meu avô".

Ele pausou, olhando fixamente para a jaqueta refletindo antes de dar um puxão rápido com a cabeça e a encarar por longos momentos, mudo.

"Você sabe quem os Beaulaines são?", ele perguntou então.

"Seus avós", ela sussurrou, os braços abaixando, as mãos segurando a barra do vestido de gala que ela ainda vestia.

Ele concordou com a cabeça devagar. "Pais da minha mãe. Aaron e Patricia Beaulaine da Louisiana Beaulaines. Nova Orleans para ser exato. Você sabia que o Furacão Katrina destruiu a propriedade deles?".

Ela concordou com a cabeça. Ela não sabia o que dizer, quais perguntas fazer.

"Eles amavam aquela merda de mansão. As terras que a cercam. A história que eles reivindicam como deles e o poder que eles construíram por gerações. Eles eram os Beaulaines. E por causa de uma monstruosidade da natureza, eles não tinham nenhum filho para continuar, apenas uma filha. Até que me tiveram. E estavam certos de que eu continuaria a tradição. Kellian Beaulaine Kreiger". Um gesto marcou os lábios. "A última grande esperança da Louisiana Beaulaines se casou com um lixo das ruas e tentou manchar para sempre a linhagem impecável que eles haviam estabelecido".

Deus, a dor nos olhos dele. A expressão suave, clara, sem lágrimas arruinando o olhar, nenhuma marca de ira no rosto. Mas seus olhos estavam vivos com ela.

"Como Tansy morreu?".

Ele correu a mão grosseiramente pela mandíbula.

"Eles me expulsaram. Eu tinha dezessete anos, sem dinheiro, sem trabalho, tinha me formado no segundo grau nesse ano mas ainda não sabia das coisas da vida. Eu comecei a trabalhar em Nova Orleans em uma casa de café que era frequentada pelos amigos dos meus pais". Os lábios dele se moveram zombeteiramente. "Meus pais me chamaram de vergonha. Eu ria de noite com as expressões nos rostos dos meus amigos quando eles percebiam que eu estava trabalhando lá. E a piedade nos olhos quando me



viam lá. Eu sabia do que eles estavam falando. Eu sabia que os meus pais estavam pagando". A expressão dele mudou de novo, a dor um gesto duro no rosto enquanto ele deixava de olhar para ela.

"O café era usado por outras pessoas além dos amigos dos meus pais. Era o início do reinado de Diego Fuentes no cartel. Seus fornecedores estavam lá. Eles eram fanfarrões e não se davam ao trabalho de esconder o que estavam fazendo. Eu levantava informações durante o dia e as vendia para o detetive da polícia que tinha me abordado uma noite após o trabalho".

"E eles descobriram".

"Descobriram". Ele concordou com a cabeça. "Eles atacaram um juiz local. Eles iam atrás dele naquela noite. Eu liguei para o meu amigo, eles me pegaram no ato, e eu tive que testemunhar".

As mãos passaram pelo cabelo. "Eu tive que testemunhar".

Ele agitou a cabeça antes de se voltar para ela.

"Você testemunhou?".

"Eles ameaçaram Tansy. Eu recebi uma mensagem no trabalho, se eu não retratasse a minha declaração, eles a fariam pagar. Eu parti do trabalho e fui para a mansão dos Beaulaine. As chaves para um barco velho estavam lá. Eu precisava daquele barco para esconder Tansy. Nós tínhamos uma cabana de caça em uma região pantanosa. Ninguém sabia onde ela estava, exceto a família. Ninguém sabia".

Ela podia sentir vindo. Podia sentir a dor, o horror se formar no corpo.

"Eles a acharam?".

Ele concordou com a cabeça desoladamente. "Minha mãe me pegou roubando as chaves. Ela me advertiu de que se eu não deixasse Tansy, ela se certificaria de que Tansy pagasse por isto". A voz dele abaixou. "Ela enviou uma mensagem para os fornecedores, e ela disse a eles onde Tansy estava escondida. Disse a eles que eu estava com ela, embora eu não estivesse. Ela sabia que eu não estava. Eu tinha que trabalhar porque o doutor queria o dinheiro adiantado para o bebê, e quanto mais ela crescia com a nossa criança, mais Tansy parecia ficar fraca. Eu não podia me dar ao luxo de me esconder".

Emily estava muda enquanto ele terminava de falar. Ele parecia olhar para um horizonte distante por um longo momento.

"Eu não tinha que me esconder", finalmente ele disse suavemente. "Eu sabia que algo estava errado quando saí do barco naquela noite. Eu sabia que ela estava morta. Os crocodilos estavam se debatendo na água, até eles podiam sentir o cheiro do sangue dela. O sangue do meu neném. E eles estavam com fome". O olhar dele pareceu gelar então, ficou glacial, duro. "Eles a comeram naquela noite, Emily", ele grunhiu então. "Eu os alimentei com os corpos daqueles malditos animais que mataram a minha família".

Emily sentiu as lágrimas deslizando dos olhos e lutou para conter o soluço. Kell não estava chorando.



Ele era como uma pedra fria, dura e glacial.

"A mulher que me deu a luz, que jurou por dezessete anos da minha vida que eu era a luz do coração dela, traiu a minha família. Ela assinou a morte do neto sem mais do que um segundo de remorso. E quando estava terminado, quando eu estava ao pé do maldito túmulo da minha esposa, a porra do advogado dela veio até mim e me informou que se eu desejasse, eu seria reabilitado dentro da família". O riso dele era zombador. "Como se as mortes deles não significassem nada mais do que uma inconveniência apazível. Como se os seis meses que eu fiquei juntando dinheiro para pagar a um doutor e a alimentar minha esposa não fossem mais do que uma pane momentânea no mundinho deles".

"Oh, Deus. Kell". Ela se esticou para ele, vendo o horror lembrado daquele tempo no seu rosto.

Ela esperava que ele a rejeitasse, empurrasse-a para longe, mas ela precisava tocá-lo. Ela precisava aquecer aquela ira glacial nos olhos dele.

Ela andou para ele, deitou a cabeça em seu tórax, e passou os braços ao redor das costas dele. Ele enrijeceu, as mãos apertando os ombros, antes de um tremor duro agitar o corpo e ele se envolver ao redor dela.

Ele a balançou. Os lábios apertando contra o pescoço enquanto ele respirava roucamente.

"Eu não fui estúpido quando casei com a Tansy", ele disse suavemente. "Ela me amava, mas eu sabia que a isca das drogas a teria levado de volta. Mas o bebê. Era o meu filho, Emily. Meu filho".

E ele teria morrido por isto. Ele tinha matado por ela. E tinha dado as costas à família cuja traição tinha mudado sua vida para sempre.

"Eu sei", ela sussurrou em pranto.

O tórax dele abafou as lágrimas enquanto ela ouvia a aceitação cansada finalmente obscurecer a ira e a dor na voz dele.

Então as mãos dele prenderam na cabeça dela, puxando-a para trás, o olhar ardente no dela, cheio com tal possessividade, tal calor, levando sua respiração.

"Eu não vou te perder". Ele jurou roucamente então. "Você me entendeu, Emily? Algo se partiu dentro de mim quando eu perdi a minha família, mas se eu te perder, eu não poderia sobreviver à ira. Você está me ouvindo?".

"Kell—", ela sussurrou em surpresa com a declaração dele.

"Você pode ir embora se não for o que quer, mas terá a minha alma com você para sempre. Não importa aonde você vá, ou o que faça, ou quem ame, Emily. Você sempre será uma parte de mim".

Os lábios se separaram como se um peso que enchesse sua alma parecesse se erguer.

"O garoto que eu era, amava Tansy", ele sussurrou então. "O homem que eu sou, ama você, Emily. O



pensamento de te perder me deixa amarrado em tantos nós que eu deixei uma reunião no andar de baixo com o seu pai para me certificar de que você está segura. Para ver por mim mesmo. Para tocar em você. Deus me ajude, apenas para tocar em você”.

As mãos deslizaram fechando em torno do rosto dela, segurando-a enquanto os lábios se abaixavam sobre os dela.

"Eu me lembro da visão daquela meia-calça embaixo do vestido", ele grunhiu. "Armas amarradas com correia na coxa, e eu pensei que ia gozar no meu uniforme. Meu pau apenas ficou mais duro hoje à noite, Emily. Eu apenas fiquei mais faminto”.

As mãos dele cobriram as delas, o olhar dela procurando o dele com um prazer erótico começando a formigar pela circulação sanguínea. Ele abaixou a testa para a dela e olhava fixamente de volta para ela com aquele maldito movimento sensual dos lábios.

"Eu devia estar no andar de baixo. Devia estar conspirando e planejando. Em vez disso, estou me torturando com o seu odor, a lembrança do seu gosto”.

"Não me deixe", ela sussurrou. "Fique”.

"Deixar você?", os dedos polegares dele deslizaram pelas maçãs do rosto dela. "Emily, como eu poderia, se tudo que eu faço é pensar nisso quando estou ao seu redor. Te deixar rasgaria a minha alma do corpo”.

Antes que ela pudesse achar as palavras para falar, fazer sentido das emoções que repente a inundavam, o braço dele abaixou, deslizou ao redor dos quadris dela e então a puxou para perto, angulando o corpo dela contra seu membro, apertando contra o montículo dolorido de sua buceta.

Os lábios dela se separaram. Uma respiração dura rasgou de seus pulmões com o calor e a antecipação que giravam por ela.

"Eu preciso de você. Agora”. A voz dele era um estrondo sensual de calor erótico.

Emily podia sentir o desespero nele, a determinação de aço enquanto ele a erguia uma vez mais, deixando-a de pé, e girando-a, apenas para cobri-la contra a parede.

Os lábios dele cobriram os dela, a língua passando entre eles para devorar a necessidade que se erguia dentro dela. Não devia ser tão bom. Ela estava brava com ele. Ela estava hipnotizada por ele. O gosto de seu beijo era tão selvagem quanto o vento, as mãos uma força da natureza enquanto a saia do vestido subia rápido pelas coxas.

Ela tinha tirado as armas, mas ainda usava as meia-calças. As meias-calças que deslizavam sobre as coxas dele enquanto ele a erguia e as pernas dela envolviam os quadris dele.

"Sim. Assim”. Ele gemeu, a mão indo prontamente para o zíper das calças, empurrando-a para as



coxas enquanto o comprimento inchado de seu membro ficava livre.

Ele estava duro. Espesso. Quente.

O som de um plástico rasgando chamou sua atenção; o conhecimento de que ele estava encapando a ereção pesada com um preservativo a fez ter uma pontada de remorso. Mas durou por apenas um segundo.

O ferro coberto de seda de repente mergulhou dentro dela enquanto os lábios dele pegavam o incrível grito dela de prazer extático.

Ela podia sentir a carne pesada estirando sua buceta, a dor ígnea da mistura da penetração com a sensibilidade das terminações nervosas de repente expostas e o tecido se apertando.

"Por Doce, você é apertada", ele grunhiu. "Eu podia morrer feliz te fodendo, Emily. Enterrado dentro de você. Exatamente assim".

Os quadris dele empurraram, trazendo outro grito desesperado aos lábios dela, enquanto o zíper das costas dela de repente abria e ele deixou os seios dela livres da seda que os cobria.

"Mamilos perfeitos". A língua dele acariciou um e outro enquanto uma estocada pesada dentro dela a fez se segurar, física e emocionalmente.

"Doces mamilos apertados. Um inocente e perfeito roa se erguendo maduro, como bagos amadurecidas ao sol". Os lábios dele cobriram o cume, puxou-o para dentro e então começou a sugar fundo, sugadas fortes enquanto seus quadris fixavam um ritmo duro entre as coxas dela.

"Doce Emily". O sotaque estava de volta. "Ah, chère, segure-me apertado. Assim mesmo, bébé".

Ela gemeu enquanto as pernas apertavam ao redor da cintura dele, sentindo as mãos segurando o traseiro, os dedos apertando as nádegas enquanto ele empurrava dentro dela, duro e fundo.

Ela estava tão molhada que as coxas estavam ficando úmidas. Tão perto do clímax que podia senti-lo se formando, inchando seu clitóris, queimando seu útero, apenas para facilitar o caminho para ele. As estocadas ficaram mais gentil enquanto ela se contorcia contra ele.

"Não me provoque", ela clamou, as mãos prendendo em seus ombros, as unhas apertando na carne.

"Não me provoque", ele sibilou. "Doce chère. Deixe-me te sentir. Tão apertada e doce no meu pau. Sugando tão docemente".

A respiração dela prendeu quando o ar ficou saturado com o odor e o som de sexo, de prazer. As palavras eróticas e explícitas a chocaram e excitaram. Puxaram o erotismo que erguia bem dentro dela e alimentava a fome que apenas ele podia saciar.

Apenas se ele a deixasse gozar. Apenas um golpe um pouco mais duro, mais rápido.



"Ah, bébé, essa doce buceta gosta de lento e fácil, não é?".

Ela agitou a cabeça. Era como se o escuro macho predatório dentro dele tivesse de repente sido solto, recebido liberdade.

O olhar dele era mais afiado, mais quente. Os lábios estavam mais famintos. O membro provocava e acariciava indo dentro dela com estocadas irregulares que a fizeram tentar gritar seu nome com a necessidade em chamas. Tentando, porque ela não tinha a energia para fazer mais do que se agarrar ao orgasmo, resistir ao prazer insuportável que a rasgava.

"Kell. Por favor". Ela arqueou os braços enquanto sentia o espaço súbito atrás, sentiu-o se mover.

Ela esperava a cama. Não esperava o chão. Ele a afundou no tapete, vindo atrás dela, a ereção ainda enterrada dentro dela enquanto ele se despiu das calças, então o vestido dela.

O tecido foi arrancado pela cabeça, tafetá e seda sussurrando enquanto ele a jogava de lado, deixando-a vestindo nada além das meias-calças pretas e sandálias de salto alto que ela usava sob o vestido.

"Foda. Isso". A satisfação nítida na voz enquanto ele se debruçava de volta de joelho, trazendo as pernas dela para cima das coxas dele antes que as mãos dele cerrassem nos quadris dela.

Duro. Os quadris dele empurraram enquanto ele mergulhava duro dentro dela. Fundo. De uma vez.

"Oh, Deus, você vai me matar, Kell", ela gemeu, as mãos agarrando os pulsos dele enquanto ele segurava os quadris dela no lugar.

"Eu te amarei, chère". A expressão dele era erótica, cheia com sensualidade e prazer pesado que perfuraram o útero dela.

"Você me amará?", ela ofegou sem ar, olhando-o fixamente, sentindo não apenas a necessidade de prazer continuamente nascente, as estocadas pesadas de seu membro, ou o toque de suas mãos. Mas o toque de algo de longe menos definido. O toque de seu coração.

"Ah, chère". Ele entrou mais perto, curvando sobre ela então, as mãos dele segurando as dela para segurá-los no chão enquanto os lábios tocavam os dela. A língua acariciando os lábios. "Não sabia? Você possui a minha alma, como eu poderia evitar além de te amar?".

Três punhaladas duras, furiosas de seus quadris seguiram suas palavras, lascando o prazer dentro dela enquanto ela começava a cantar seu nome, voar, se formar com êxtase.

E ainda assim ele estava duro dentro dela. Brutalmente duro. O membro pulsando dentro dela enquanto os músculos internos cerravam ao redor dele com uma força que a fez puxá-lo de volta com a pressão contundente.

"Segure-se, docinho", ele gemeu, indo de volta uma vez mais, segurando os quadris dela no lugar



enquanto ele a perfurava até o limite.

Ela gemeu. Pedindo, sons desesperados enquanto os tremores se juntavam sobre as terminações nervosas, o prazer a rasgando enquanto o orgasmo parecia sem fim.

Se ele apenas se segurasse um pouco mais. Se ele parasse com aqueles empurrões lentos, gentis contra ela, acariciando-a interiormente, construindo seu prazer novamente até que as pulsações finais do orgasmo aliviassem.

Ela estava erguendo novamente. Ela clamou, a voz trêmula com a sensação de prazer que se erguia dentro dela.

"Isso, chère. Deixe te tomar". A mão grande na barriga dela, os dedos estendidos, apertando contra os músculos dobrados enquanto a cabeça apertava contra o chão, as unhas cravando no tapete, arranhando-o enquanto ela lutava para se segurar no meio das sensações que começavam a rasgar por ela uma vez mais.

Deixá-lo tê-la? Isso a estava destruindo. Ela podia sentir o fogo chicotear por seu corpo novamente, apertando os músculos enquanto ele começava a se mover novamente.

Dessa vez, havia um ritmo nas punhaladas. Uma batida dura enquanto ele enterrava seu membro dentro dela com cada estocada desesperada. A expressão atenta, os olhos escurecendo, os músculos apertando.

Emily se arqueou embaixo dele novamente, o prazer a tomando, lançando-a em outro orgasmo brutal enquanto um gemido duro ecoava ao redor dela, e sentia o membro pulsando violentamente dentro dela enquanto a liberação o varria e o nome dela saía ofegando dos lábios dele.

Ela estava tão apertada ao redor dele que podia sentir o membro dele flexionando. O puxão de suas bolas contra seu traseiro, o pulsar da ereção dentro dela, e o som de seu nome saindo dos lábios dele.

"Chère. Doce, doce Emily..."

Capítulo Dezoito

Emily estava sobre o tórax dele horas mais tarde, o esgotamento a tornando um peso úmido flácido sobre ele enquanto os braços dele cercavam-na. As chamas escuras do cabelo cascadeando sobre o tórax dele enquanto os pelos faziam cócegas nos seios dela.

Ele deu uma olhada rápida no relógio ao lado da cama e estremeceu. Duas horas. Duas horas com o aperto da buceta e os gritos suaves que rasgavam os lábios dela cada vez que ele a tocava.



Mas havia coisas para completar hoje à noite. Planos que deveriam ser feitos antes que eles voltassem para Geórgia. O time se separaria novamente de manhã e Kell queria se certificar de que ele tinha todas as informações envolvidas antes de partir.

Enquanto ele estava deitado lá, as memórias dos avós oscilavam em sua memória. Sua mamère, tão leve e delicada agora. Ela tinha um dia governado a mansão dos Beaulaine com mãos de aço. Ou ela pensava que tinha. Até que a mãe dele tinha se casado com o herdeiro dos Kreiger e sistematicamente começado a puxar esse poder ao redor dela.

E papère. Ele respirou fortemente com o pensamento. Ele tinha sido muito próximo de seu papère. Eles iam pescar e caçar. Ele tinha tentado ensinar a Kell a arte de pegar uma raposa e rir com afeto a cada fracasso.

Tantas memórias. Ele tinha lutado contra elas por tanto tempo, e agora eles vinham ao redor dele como um aguaceiro em um pântano. Duro, rápido, encharcando suas emoções com tristeza.

Ele tinha perdido os pais não muito depois da morte de Tansy. Kell tinha lamentado pelo pai, e pela mãe que tinha acreditado que tinha existido, em vez da pessoa que o havia traído.

Diferentemente dos pais, que não tinham ido ao enterro de Tansy, Kell tinha aparecido no enterro deles. Ele estava cuidadosamente longe das vistas, assistido o lacrar da cripta com o coração pesado, e se lembrou de que não poderia voltar atrás. Ele não podia trazer Tansy e sua criança de volta, e não podia retornar às memórias da mãe que tinha estimado.

Seu amor por Tansy, como ele tinha dito a Emily, tinha sido o amor de um garoto. Ele tinha sido determinado a salvá-la, cheio com a paixão pela garota exótica, bonita e jovem e certa de suas habilidades de protegê-la. Ele era um Beaulaine-Kreiger. Era invencível. Não era isso o que a mãe dele tinha ensinado?

Em vez disso, ele tinha aprendido como era verdadeiramente impotente, e o seu filho tinha pagado o preço.

Seu filho. Inocente. Sangue de seu sangue. Um ser indefeso que teria olhado para Kell como ele tinha olhado para o próprio pai por quase dezoito anos.

Algumas noites, ele sonhava com aquela criança. Sonhava que ela tivesse sobrevivido naquela noite. Que ele ria para ele com olhos verdes e um sorriso vibrante. E às vezes ele sonhava com o garoto olhando para ele com os olhos cheios de lágrima enquanto ele tentava alcançá-lo tentando salvá-lo.

Sacudindo a cabeça, ele tirou Emily de seu peito, quase sorrindo com o pequeno suspiro antes de ela se mover contra o travesseiro e voltar a dormir.

Ele jogou o cabelo dela para trás e se debruçou para mais perto, respirando o odor dela antes de beijar a testa suavemente.



Os olhos dele fecharam enquanto os lábios ficaram parados.

Deus o ajudasse. Ela estava se tornando mais importante do que qualquer outra coisa na vida dele. Ela não estava apenas invadindo a alma dele, estava se tomando sua alma.

Ele tinha que se forçar a recuar dela, deixar a cama antes de colocar a calça de volta, juntando o resto das roupas, e voltando para seu próprio quarto para um banho.

Ele precisava conversar com Reno e o time antes da manhã. Retornar à Geórgia não era algo que ele queria que Emily fizesse. Ela ficaria muito vulnerável lá. Seus assassinos estavam muito certos de achá-la. Como ele tinha visto mais cedo naquela noite, balas poderiam passar por ele.

O pensamento fez os intestinos dele se apertarem em ira. Deus ajudasse o assassino de Fuentes se Kell conseguisse colocar as mãos nele.

Saindo do chuveiro, ele se vestiu depressa, colocou as botas de cadarço e as amarrou, então colocou o coldre com a arma ao lado do corpo e entrou no quarto para encontrar com sua visita.

Ele tinha ouvido Ian entrar apenas alguns minutos antes, sozinho. O homem estava sentado na poltrona num canto junto com uma luminária para leitura e uma mesa pequena. As pernas longas estavam esticadas diante do corpo e as sobrancelhas loiras escuras estavam abaixadas fortemente enquanto ele assistia Kell entrar vindo do banheiro.

"Podia ser outra pessoa". A voz de Ian era baixa e meditativa, quase brava, enquanto Kell se sentava ao lado da cama, assistindo-o curiosamente.

"Então você teria sido morto". Kell encolheu os ombros.

Ian não riu silenciosamente como normalmente fazia. Em vez disso, sua expressão pareceu ficar mais sombria.

"O que está fazendo?", o toque crioulo de seu sotaque estava ficando cada vez mais duro de disfarçar, mais duro de conter.

Os lábios de Ian se moveram de forma peculiar com o som.

"Ela relaxa você", Ian observou. "Isso é uma coisa boa, mano". Ele suspirou fortemente então se debruçou adiante na cadeira. "Reno e o time dele acabaram de partir com o senador. Ele terá sua primeira reunião de manhã para tentarem entender o que o espião de Fuentes tão obviamente não quer passar. Com as novas informações que Macey recebeu enquanto estávamos na festa, pensei em te atualizar antes de irmos para a cama".

"Ele recebeu qualquer outra coisa de Judas? Aquele garoto certamente está se interessando nisso". Kell bufou.

O olhar de Ian relampejou perigosamente. "Macey conseguiu localizar a transmissão de dentro da



mansão. Quem quer que seja Judas, estava lá”.

Uma imagem relampejou na mente de Emily. Kira Porter. Havia algo que ele via em seu rosto, nos olhos, por um segundo através da pista de dança, ele a lembrou alguém.

"Porter?", ele perguntou.

Ian agitou a cabeça, um sorriso brincando nos lábios enquanto humor iluminava seus estranhos olhos castanhos azulados.

"Nossa deleitável Senhorita Porter é da Segurança Interna", ele disse lentamente. "Ela é também a filha de um dos melhores amigos do senador de seus dias de SEAL”.

As coisas se encaixavam então. Ele a tinha visto duas vezes, um dia na Rússia onde ela tinha sido uma gatinha do sexo loira trabalhando em um coquetel para o embaixador Americano, e então alguns anos mais tarde na América do Sul ela carregava um rifle automático letal tão facilmente quanto outras mulheres carregavam uma bolsa. O cabelo estava marrom claro então, os olhos da mesma cor e uma fina cicatriz de navalha arruinando a bochecha macia.

"Eles a chamam de Camaleão", Ian meditou. "Ela tem uma aparência diferente para cada trabalho. A cicatriz na Bolívia era real, a propósito. A segurança interna pagou para fazerem a cicatriz e pagou para consertarem após a missão. Ela é pouca coisa, normalmente apenas na posição de observadora somente, mas o arquivo do senador nos mostrou que ela é assustadora, cara. Realmente assustadora”.

O tom de Ian não estava nem um pouco intimidado. Estava— cheio de antecipação.

"Alguma suspeita nos convidados da festa quanto ao Judas?”.

Ian encarava a parede do outro lado do cômodo, o olhar pensativo. "A mensagem que ele enviou dizia que o espião estava lá. Macey está trabalhando na lista de convidados procurando pelo nosso amigável informante. Ele agarrará Judas mais tarde, eu suspeito”.

Ian cruzou os pés lentamente. "Nós voltaremos a Atlanta de manhã, seguindo as ordens do senador. Com a garota Porter no lugar, eu do outro lado, e você no condomínio com Emily, ele acredita que ela estará segura o suficiente em casa. Eu acho que ele é um bobo, mas isto é cá entre nós dois”.

"O único jeito de eliminar a ameaça é fugir com ela”, Kell disse pensativamente.

"Reno disse isto também”. Ian concordou com a cabeça. "Mas, como Macey disse, isso alertará o informante de Fuentes de que nós estamos nos aproximando dele. E Macey está se aproximando dele. Aquele garoto é um gênio com o computador”.

A voz sombria de Ian estava cortante, cheia com escárnio.

Ira bateu na cabeça de Kell antes de ele se forçar a se virar. Ele se forçou a pensar logicamente. Se ele fugisse com ela, eles sempre teriam que fugir. Fuentes veria isto como um sinal de fraqueza, fugir do jogo,



e com certeza isso o enfureceria. Neste momento, eles não tinham nenhuma escolha a não ser agir como estavam e se certificar de que ele não ganhasse.

"Se nós pegarmos o espião dele, então a ameaça contra a sua mulher terá acabado". Ian encolheu os ombros. "Isto é tudo o que importa".

"Quero as coisas no lugar caso eu precise fugir", Kell sibilou. "Fuentes não vai tocar Emily, Ian. Eu não deixarei que isso aconteça".

Ian concordou com a cabeça devagar enquanto ficava de pé. "Durma um pouco, cara. Vamos tomar um voo com a Navy para Geórgia e uma caminhonete nos levará de volta ao condomínio. A próxima festa dela é em três dias e Judas reportou que todos os jogadores estarão lá no lugar também. Se nós o acharmos, salvaremos sua mulher e acharemos Nathan".

Deus, Nathan. Ele não tinha pensado nisto. As informações que nenhum deles podia acreditar, mas tinha vindo com um retrato como prova. Nathan Malone, o SEAL que acreditavam morto durante o salvamento de Emily, estava vivo. Vivo mas próximo da morte sob o controle do espião conhecido como Sr. White.

"Organize uma reunião com Kira quando voltarmos para Atlanta", Kell ordenou. "Eu quero as informações dela e quero saber seus planos".

Ian concordou com a cabeça antes de pausar. "Eu te vi conversando com seus avós", ele disse então.

Kell congelou. "Eu não tenho avós".

"Sussurros passaram pela festa. Interessantes pequenos rumores sobre os Beaulaines de Nova Orleans e seu neto desaparecido. Um herdeiro das duas maiores fortunas da nação. Isso seria muito mal para um SEAL. Vivemos uma vida perigosa".

"Pare com isso".

"Sangue é mais espesso do que água, meu amigo", Ian murmurou. "Às vezes, um homem tem que revelar os enganos do passado e de todo mundo envolvido com ele. Algumas coisas não se pode apenas jogar fora".

Kell o encarou calado, frio.

Ian ergueu o ombro desdenhosamente. "Apenas pensei em mencionar. Te dar uma luz, mano".

Kell se ergueu do colchão e foi ao armário enquanto Ian deixava o quarto. Ele terminou de pendurar o uniforme cuidadosamente em sua capa protetora, deixando-o de lado. Do chão ele pegou uma sacola que tinha trazido de Atlanta consigo e a verificou depressa.

Tudo o que ele precisava estava lá. Dinheiro, identificações alternativas, uma muda de roupas, armas e munição. Sempre preparado. Ele estava sempre preparado. Até que se encontrou com Emily.



Ele não estava preparado para o que ela faria com ele. Como ela o faria sentir.

Ela o tinha feito sentir coisas que ele nunca tinha acreditado pudesse sentir, mesmo depois de Tansy. O amor que ele sentia por Emily era tão fundo, tão apertado ao redor de seu coração e alma que ele se perguntava se sobreviveria se qualquer coisa acontecesse a ela.

Era assustador demais. O tempo passado com ela tinha sido tão curto. E ainda assim ela o tinha prendido de tal maneira que ele não podia ter esperado.

Seu Papère Beaulaine o havia advertido um dia que homens Beaulaine se apaixonavam rápido, firme e para sempre. Quando um macho Beaulaine achava sua mulher, sabia imediatamente que ela mudaria sua vida para sempre.

E Kell tinha ridicularizado. Ele era jovem. Muito arrogante. Muito certo de que nenhuma mulher completaria tanto um homem. E seu grand-père²⁷ tinha sorrido. Aquele sorriso quieto e conhecedor que Kell viu no reconhecimento do ancião que jovens são apenas jovens. Que eles sempre ridicularizariam a sabedoria dos anciões.

Deus, ele sentia tanta falta daquele velho bastardo. Apesar da traição dos pais de deserdá-lo, os avós dele se recusaram a tomar seu lado, ajudá-lo, isso o machucou ainda mais. Seu Papère tinha sido seu herói. Seu grand-père um anjo.

Os Kreigers sempre tinham sido mais distantes, então a reação deles não tinha sido uma surpresa. Mas os Beaulaines, sempre se reuniam, o idoso um dia tinha dito a ele, que isso aconteceu porque o sangue era mais espesso do que a água. E sangue importava.

Enquanto ele suspirava, uma batida leve soou na porta, suave, hesitante. Emily.

Ele jogou a sacola de volta no armário enquanto a porta abria e ela entrava, vestindo nada além de uma bata sedosa que não podia competir com a sensação de sua pele.

Ela tinha colocado uma mecha do cabelo ruivo atrás da orelha enquanto ficava de pé na entrada, a expressão pensativa quando viu o que ele estava vestindo.

Ele conteve o sorriso. Ele podia ver as emoções se formando pelo olhar dela. Hesitação, excitação, a necessidade de senti-lo ao redor dela.

Ela ainda estava nova com esta intimidade, a de ter um homem capaz de controlar sua sensualidade, e ainda assim de lhe permitir ter liberdade.

"Eu iria me encontrar com Reno para uma atualização", ele disse suavemente enquanto se sentava na cama e removia as botas uma vez mais. "Mas parece que ele já foi".

²⁷ Grand-père – 'avô' em francês. Papère – 'papai' em francês.



"Eu vi lan indo no andar de baixo". Ela brincou com o cinto de sua bata, os dedos esbeltos tensos.

"Ele estava me dando uma atualização". Ele deixou as botas e meias de lado. "Eu voltaria para a cama em alguns minutos".

Ela concordou com a cabeça aos arrancos. "Tudo está bem? Com a missão, eu quero dizer".

"Tudo certo".

Ela lambeu os lábios nervosamente enquanto ele ficava de pé e ia na direção dela.

"Vai acabar logo?", ela perguntou.

"Logo", ele prometeu, então ignorando o arfar dela, ele a ergueu nos braços, assistindo enquanto a bata se abria acima das pernas e caía de lado. "Vamos voltar para a cama. Você precisa descansar".

Os braços dela embrulharam ao redor dos ombros dele, mas os olhos azuis estavam escurecidos com preocupação enquanto ela o encarava de volta.

"Nós precisamos conversar", ela o lembrou.

"Haverá bastante tempo para conversar mais tarde, chère". Ele não se preocupou em tentar domesticar seu sotaque agora. Ele estava muito ocupado tentando domesticar a luxúria que se erguia no corpo. "No momento, eu preciso te tocar novamente. Te sentir contra mim".

Ele entrou no quarto, chutando a porta para fechá-la atrás de si antes de trancá-la. Um segundo mais tarde ele estava deitado de costas para a cama, olhando a bata branca enquanto os duros pequenos mamilos apertavam contra ela, a sombra do rosa do mamilo apenas discernível abaixo do tecido.

Ele arrancou a camisa pela cabeça antes das mãos irem para a calça jeans, e ele a arrancou depressa da mesma maneira.

Ele estava tão duro que doía. Tão cheio de fome que sentia como se nunca tivesse gozado na vida. Seu membro estava puxando para fora do corpo, furioso com a demora de Kell em tê-la.

Um sorriso mau marcou os lábios de Emily enquanto os dedos esbeltos puxavam o cinto da bata, soltando o nó e permitindo que a roupa abrisse enquanto ela ficava de joelhos e soltava a roupa.

Kell sentiu a respiração fugir do corpo. O sangue se mover quente e espesso no membro e apertar suas bolas. Ela era como o nascimento da Vênus²⁸. Como cada sonho sexual que qualquer homem já tivesse imaginado nas horas solitárias no escuro da noite.

E ela pertencia a ele.

"Venha aqui, chère". As mãos dele emolduraram o rosto dela antes delas deslizarem nas

²⁸ Nascimento de Vênus - pintura de Sandro Botticelli. Consiste de têmpera sobre tela e mede 172,5 cm de altura por 278,5 cm de largura. A pintura representa a deusa Vênus emergindo do mar como mulher adulta, conforme descrito na mitologia romana.



profundidades ricas e sedosas de seu cabelo ígneo enquanto ela se ajoelhava na cama.

Emily o encarava, afogando nas profundidades esmeraldas de seu olhar, sentindo o ar espessar com sensualidade, com a fome que se erguia entre eles.

Ela não esperava isto. Ela nunca tivera dificuldade de afastar seus guarda-costas anteriores. Eles eram capachos de seu pai. Ela tinha dificuldade suficiente com o pai protetor; ela não queria criar mais ao aceitar um de seus candidatos a genro escolhidos a dedo.

Mas Kell era diferente.

Por uma coisa, ele era mais duro. As mãos apertavam contra o tórax dele, alisando sobre os músculos enquanto os lábios cobriam os dela. Ele era mais forte, mais firme; a aura de confiança e competência que o cercavam a atraía. Seu ar de domínio e sexualidade estava em harmonia com seus próprios desejos sensuais, que ameaçavam queimá-la cada vez que ele a tocava.

Como ele estava fazendo agora. Movendo os lábios sobre os dela, abrindo-os para imergir a língua de brincadeira antes de puxá-la de volta e puxar o lábio inferior entre os seus ligeiramente, sugando, sexualmente.

As mãos subiram nas costas, então desceram. Agarrando os quadris e puxando-a para mais perto, apoiando a ereção contra sua barriga.

"Você está dolorida?", ele sussurrou enquanto a puxava para trás, uma mão correndo em seu quadril e se movendo confiantemente entre as coxas. Ela ofegou ao sentir a palma da mão, os dedos correndo sobre a carne úmida de sua buceta.

Os dedos esfregando contra as dobras, movendo de forma circular pela abertura sensível.

Kell sentiu a cabeça dela cair para os ombros. E Kell estava lá para tomar vantagem. Os lábios se movendo junto à mandíbula, abaixo do pescoço.

"Nunca muito dolorida", ela gemeu. "Isso é tão bom, Kell".

"Bom demais, amor". A voz dele aprofundou, tornando um murmúrio sensual junto a sua clavícula enquanto o dedo deslizava dentro da entrada aquecida.

"Oh. Sim. Muito bom". Abrindo mais as coxas, ela lutava por uma penetração mais funda, abrindo-se para ele, desesperada para experimentar mais do prazer incrível que o toque dele trazia.

"Você é tão suave quanto seda. Tão quente quanto fogo", ele sussurrou contra a curva de seu seio antes de dar a ela uma gentil e erótica mordida com dentes fortes.

Emily estremeceu com a carícia. A combinação de fome primitiva na mordida, o movimento firme do dedo acariciando dentro dela, provocando-a.

"E você é duro", ela gemeu, erguendo a cabeça, os lábios achando a coluna dura de seu pescoço.



Kell a deixou fazer o que queria quando sentiu os dentes dela em seu pescoço. Pequenas sensações afiadas se movendo junto à carne antes de apertar seu membro e bolas pela sensação dos dentes dela.

As mãos dela eram como um voo livre de cetim sobre a carne e a almofada gentil de sua barriga esfregava contra seu membro, fazendo seus dentes friccionarem com a excitação primitiva que crescia dentro dele.

Ele queria jogá-la na cama e montar nela até o êxtase.

Em vez disso, ele se segurou e a deixou explorá-lo. Como a raposa que ele tinha sonhado em pegar quando garoto, ela era curiosa, inquisitiva. As unhas deslizavam junto ao tórax até o abdômen, fazendo com que os dentes dele apertassem enquanto ele lutava por paciência.

Os lábios passavam rapidamente do pescoço para o tórax. Ela mordeu. Lambeu. Fez eletricidade banhar seu corpo, apertando suas terminações nervosas e caindo como uma cascata em cada célula com um prazer que ele não estava certo de poderia resistir.

Ela era como uísque. Potente. Ígneo. Queimando até a alma com sua demanda feminina, afiadas pequenas mordidas e lambidas acetinadas.

"Ah, docinho. Continue com isso e eu vou perder a cabeça", ele disse, a mão no cabelo dela, os dedos através das mechas enquanto ela beliscava o tórax dele.

Ela estava indo mais para baixo. Indo perto de seu membro, os lábios e a língua faminta apertando os músculos em uma massa de antecipação.

"Eu quero te sentir", ela sussurrou enquanto os lábios desciam, lambendo centímetros da cabeça do pau. "Na minha boca. Contra a minha língua. Eu quero te sentir como não posso sentir dentro de mim. Sem um preservativo. Com nada além da sua carne contra a minha".

Merda. Inferno. Foda. Ele iria gozar antes que ela o tocasse. Se ele não a segurasse—

Ao invés disso, ela que o segurou. A língua deslizou sobre a cabeça do membro, a boca o cercou, e Kell soube que estava perdido. As mãos dele apertaram mais no cabelo dela e por longos segundos enquanto ele lutava com a necessidade de se controlar, de impedi-la de fazê-lo gozar tão cedo.

A boca cercou a cabeça pulsante, levando-a fundo, e começou a sugar com tal prazer inocente que ele jurou sentir os olhos encherem d'água.

Ele nunca tinha sido saboreado, tomado com tal prazer. Ele nunca teve uma mulher adorando seu corpo, seu membro, como sua doce Emily o estava adorando.

"Chère. Docinho. Doce, doce Emily", ele gemeu, empurrando contra ela com os quadris em um pequeno empurrão que não pôde evitar. "Você terá problemas com essa boca má".

Ela estremeceu com a ameaça sensual, então de novo, um tremor maior enquanto a mão dele se



moveu do cabelo, desceu pela espinha então cerrou na curva arredondada do traseiro.

"Assim, raposinha?", ele sussurrou.

A vibração dela aprovando o gemido contra a carne de seu membro fez a carne dele ter um duro espasmo em advertência de sua liberação.

Os dedos cerraram novamente, os lábios curvando em um sorriso apertado enquanto o movimento de sugar hesitava. Mas o gemido era da mesma maneira perigosamente excitante.

Os dedos esbeltos envolveram as bolas agora enquanto os dedos da outra mão agarravam a vara. E acariciavam.

Kell retraiu uma respiração dura.

"Vamos ver se você gosta disto?", ele deu uma leve bofetada no traseiro dela. Assistido seu puxão. Sentido seu gemido.

Não podia ser duro. Emily não gostaria de uma carícia dura. Ela era delicada apesar de forte. Mas sua carne era sensível, se contundia e marcava facilmente.

Ele queria dar o toque mais leve. Apenas o suficiente para fazê-la sentir as chamas, tentá-la, ver o quanto mais ela poderia aguentar antes de ele ir além.

Ela meneou o atrevido pequeno traseiro e abocanhou a cabeça do membro dele com fome suficiente para enviar uma corrida de chamas por sua espinha. Maldição. Ela o mataria antes que ela terminasse hoje à noite.

Ele deu outra tapa no traseiro dela, fazendo careta enquanto ela se apertava, então permitiu que seus dedos se arrastassem ao longo da racha rasa enquanto ela parava. Como uma pequena raposa, esperando, cautelosa, atenta.

Ele recuou, assistindo o tremor que correu por ela então sentindo sua boca puxando seu membro novamente. Ela estava chupando-o como num sonho. Como uma deusa faminta, lambendo e engolindo seu pau enquanto seus dedos brincalhões tocavam suas bolas e sua vara.

Ele bateu no quadril dela com os dedos novamente, apenas um pouco mais duro, e antes que ela pudesse sentir queimar, moveu os dedos para baixo em sua racha, curvado sob as coxas, e encheu sua apertada e quente buceta com dois dedos com uma súbito estocada a estirando.

Estava na hora de parar de provocar. Ele bombeou dentro do canal apertado com os dedos de uma mão enquanto os outros agarravam o cabelo, segurando-a para ele enquanto bombeava em sua boca com golpes lentos e fixos.

"Chega de provocação, docinho", ele grunhiu. "Você me tomará agora? Agora, antes que a gente morra de necessidade".



Capítulo Dezenove

Kell puxou o cabelo de Emily e sua boca afundou mais no pau, a expressão se transformando em prazer enquanto a pressão no couro cabeludo se tornava uma dor delicada.

Inferno. Mas que droga. Ele amava uma mulher que gostava de ter o cabelo puxado.

Ele o puxou novamente, sentido seu gemido, assistindo suas pestanas tremularem contra a bochecha enquanto a sucção ficava mais dura. Mais profunda. Os movimentos acariciantes dos dedos sobre a vara ficando mais firmes, mais fortes, enquanto os dedos fechavam nas bolas e crispavam e dobravam até que ele sentiu a pinicada das unhas contra a carne tenra.

Ele puxou novamente, uma mão movendo para cobrir a dela sobre a ereção enquanto os quadris começavam a se mover. Para empurrar na boca, ganhar controle antes de ser muito tarde para se controlar.

Força de vontade, ele disse a si mesmo desesperadamente. Isso era tudo o que era necessário. Puxar da sucção aquecida de sua boca quase o havia destruído.

O limite estava muito perto. A fome erguia nitidamente dentro dele e ele teve apenas tempo para empurrá-la para a cama, erguer seus quadris e começar a penetrá-la.

Emily o encarou através da cama em choque, o olhar preso em si mesma antes de erguê-lo para Kell.

Ele sabia que sua expressão era torturada? Atormentada? Quase tanto quanto a dela. Ele estava empurrando dentro dela lentamente, fazendo-a sentir cada centímetro da empalação, cada centímetro acariciando através de cada terminação nervosa.

Ele tinha uma mão presa em seu cabelo, a outra apertada no quadril, e nas costas dela, o rosto uma máscara de luxúria e necessidade. Mas os olhos. Os olhos estavam cheios com algo. Algo quente, possessivo, desafiador.

Ela resistiu ao aperto, puxando-o para longe e sorrindo com triunfo enquanto ele saía de dentro dela. Ela viu os lábios dele firmarem, viu a determinação cruzar sua expressão antes de ele parar os movimentos e começar a empurrar dentro dela novamente.

Oh, Deus, era muito bom. Era delicioso. Queimava e formigava, enviando uma corrida de sensação ao redor de seu já inchado clitóris.

"Venha aqui, chère". A voz dele era rouca enquanto ela ia para frente novamente, quase o desalojando. "Minha doce pequena raposa. Minha pequena raposa". Ele foi adiante, enterrando outros



centímetros enquanto as costas dela curvavam.

Emily viu o franco triunfo em sua expressão então. O vislumbre escuro de satisfação em seu rosto de pirata. A barba por fazer há dias e os olhos esmeralda o faziam parecer mau o suficiente. Mas aquela luxúria e triunfo em sua expressão apenas o fazia muito mais mau.

"Kell!", os pensamentos dela estavam dispersos enquanto ele ia mais fundo, os dedos puxando e soltando seu cabelo, sua possessão a enchendo, estirando.

"Diga-me o que você gosta, amor", ele gemeu, retrocedendo, penetrando, nunca a enchendo o suficiente, nunca duro ou fundo o suficiente.

Enquanto os dedos soltavam o cabelo dela e ela ia adiante novamente, desalojando-o uma vez mais. Uma carranca afiada marcou sua sobrancelha. Ambas as mãos seguraram nos quadris, e antes que ela pudesse respirar e se preparar, ele estava mergulhando dentro dela.

"Ah, Deus!", ele parou, tremendo quase tanto quanto ela. "Foda. Emily. Sem preservativo", ele arquejou, um rio de suor correndo na lateral do rosto indo desaparecer na barba.

Sem preservativo.

Ela parou, tentando respirar, tentando não apertar a carne brutalmente dura dentro dela. Ela viu o rosto dele então. Viu a luta em sua expressão, a necessidade, a força da emoção. E de repente, ela não se importava. Ela não tinha nenhuma intenção de deixá-lo ir. Nunca. Cola Super Bonder® não tinha nenhum efeito em Emily Stanton quando o assunto era Kell.

"Eu não me importo", ela sussurrou. "Eu não me importo, Kell".

Ele estava olhando para ela onde seus corpos se juntavam, suor lavando o rosto enquanto ele tragava convulsivamente. Os dedos cerrados nos quadris dela. Os músculos das coxas apertados enquanto ele começava a se retirar. Lentamente, tão lentamente.

Emily deu um gemido baixo, tanto por causa da retirada quanto das sensações. Ela não forçaria. Não exigiria. Ter um filho de Kell seria mais alegria do que ela poderia imaginar, mas—

Um roto e torturado gemido deixou a garganta dele. Um segundo mais tarde, ele estava enterrado dentro dela uma vez mais e não parou. Os quadris se moviam depressa, duros. Cada punhalada construía prazer, a sensação da carne nua dentro da dela, o estirar do calor, a necessidade de ser construído e construir enquanto ela mantinha o olhar fixo no dele.

Ela tinha que se segurar. Se não se centrasse, voaria para longe. Explodiria em fragmentos que poderia nunca mais achar forma novamente.

Ela arqueou na frente dele, os dedos afundando nos cobertores enquanto as punhaladas aumentavam. Os pequenos gemidos femininos, os grossos gemidos masculinos. Eles se misturavam,



formando uma erótica melodia sexual que chicoteava ao redor deles com uma força sempre crescente.

O prazer erguia. Queimava. Ela clamou o nome dele, desesperada para ter o alívio mesmo enquanto lutava para manter o olhar no espelho, lutando para assistir o rosto dele. Os lábios.

Lábios que estavam partindo enquanto ela começava a se dividir. Os dentes dele estavam cerrados enquanto ela começava a convulsionar ao redor dele, o prazer fragmentando dentro dela um segundo antes de ela ver a torção de sua expressão. Agonia e êxtase. O nome dela em seus lábios, e então algo mais.

Eu amo você, Emily. Ele disse as palavras apenas com os lábios enquanto os olhos fechavam e ele começou a convulsionar, e ela sentiu a liberação dele dentro dela arrancando a última ancoragem que a segurava na Terra.

Eu amo você.

Não havia som para as palavras. Apenas o mover dos lábios. Apenas os olhos fechados, a expressão absorta, apertada com emoção e um prazer muito sensual para suportar.

Emily se ouviu gritar o nome dele. Sentiu os tremores movendo o corpo enquanto tentava sair do aperto dele para escapar das sensações que de repente construíam em ambos. Prazer sobre prazer, explosão sobre explosão, até que ela desmoronou na cama, exausta. Drenada. E mantendo o próprio segredo perto do coração.

Kell a amava. Tão seguramente quanto ela sabia que o amava, ele a amava. E, por alguma razão, ele não queria que ela soubesse. Ele não queria dar voz às palavras, ao invés disso tinha se mantido mudo enquanto sua expressão marcava uma agonia interna. Enquanto ele se abaixava ao lado dela, ainda enterrado nela, ainda mantendo-a bem perto, ele a apertou nos braços como se temesse que ela fosse arrancada deles.

"Eu sinto muito", ele sussurrou na orelha dela. "Eu não deveria ter feito isto".

Emily sentiu o coração cair até o estômago. Isso era remorso na voz. Não temor. Era um arrependimento pesado e implacável.

"Não tem problema", ela sussurrou. "Na é a época certa do mês mesmo".

Que diabo ela deveria dizer? Certo, não era um método seguro, mas era verdade, todavia. A época do mês não podia ser mais segura, e a dor em seu coração não podia ser mais funda. Ter um filho dele não seria um sofrimento para ela. Mantê-lo para ela não seria aborrecido também.

Ela sentiu o movimento da mão dele sobre seu cabelo, sentiu o suspiro pesado em suas costas antes que ele lentamente aliviasse o corpo. Então ele a estava colocando sob os lençóis e se ajeitando ao lado dela; a luz ao lado da cama foi apagada antes que os braços dele estivessem ao redor dela novamente.



E Emily estava encarando a escuridão, piscando de volta as lágrimas e se perguntando o quê diabo havia acontecido.

* * *

Emily ficou surpresa quando o pai dela chegou na casa assim que eles tinham terminado o café da manhã e estavam se preparando para deixar a casa.

Ian entrou na sala de jantar e anunciou a chegada dele e então permaneceu no hall de entrada de mármore enquanto o senador entrava cercado por Reno, Clint e Macey. A expressão era sombria, e os SEALs que o cercavam pareciam—violentos.

"O que aconteceu?", ela se moveu na direção dele, reagindo à fúria em seu olhar antes de ele a pegar nos braços e a cercar em um abraço que emitia cheiro forte de medo.

"Reno?", ela ouviu a voz de Kell atrás dela, sombria, forte e preparada.

Emily encarou o SEAL atrás do pai. Macey. Com o corte de cabelo bagunçado, o brinco, camisa jeans desbotada com os braços rasgados e a calça jeans rota, ele parecia mais um motociclista do que um perito em computador. Ele tinha as mãos enormes e os ombros largos, e assim como os outros, não possuía nada de gordura.

Uma carranca pesada marcava seu rosto agora, em vez do paquerar cintilante dos olhos normalmente seguros. E um franzir arruinava sua sobrancelha. Algo estava acontecendo, e não era bom.

"Papai, o que foi?", ela perguntou enquanto ele finalmente a soltava, recuando para respirar roucamente, olhando-a como se ele não estivesse certo de que ela estava realmente lá.

"Prepare-se para dar no pé", Reno ordenou a Kell. "Você prosseguirá para a casa segura que nós instalamos para a Sra. Stanton e ficará no local até ordens adicionais".

Emily encarou os SEALs de olhos duros, então o pai.

"Papai, o que está acontecendo?".

"O assassino de Fuentes, um homem chamado Rudolph Delgado, chegou via aeroporto de Dulles esta manhã. Duas horas depois Macey foi contatado por uma de suas fontes que Delgado está aqui por sua casa. Eu quero você fora daqui".

Ele a queria escondida, ele a queria levar para longe, não importava os riscos, e forçá-la a se esconder pelo resto da vida se isso fosse necessário.

"Nós sabíamos que isto ia acontecer". Ela agitou a cabeça ferozmente. "Nós já concordamos que eu não posso fugir".



"Sra. Stanton, Delgado é o melhor homem que Fuentes tem", Reno discutiu então. "Ele chegou algumas horas depois do atentado de ontem à noite. Nós não podemos arriscar com a sua vida".

"E eu não posso fugir para sempre". O coração dela estava batendo forte contra os seios. "Eu escutei papai esbravejar sobre Fuentes. Se eu fugir, então estarei cumprindo o jogo que ele está fazendo. Ele não manterá as regras que determinou. Não é?".

Os lábios do pai dela afinaram enquanto os olhos relampejaram com ira. "Eu não vou arriscar a sua vida".

"Muito tarde". Ela se moveu para mais distante dele, a mão cortando pelo ar enquanto ela lutava para pensar. "Delgado. O que ele faz? Como ele mata?".

Seis pares de olhos a assistiram cautelosamente.

"A perícia dele é com a faca", Kell respondeu quando ficou óbvio que ninguém mais tinha a intenção de o fazer.

Ela pôde sentir a respiração ficar mais pesada, a corrida do coração acompanhando o medo e adrenalina que tomavam o corpo.

"Por que vir para D.C.?", ela trouxe firmemente. "Meus planos eram retornar para casa hoje. Todo mundo sabia disso. Por que vir para cá?".

"Ele deve imaginar que você ficará na área geral enquanto tentamos te esconder", Kell respondeu novamente. "Seria lógico manter o time junto em vez de separar nossas forças".

"Esse era o plano de vocês?".

"Não nesta vida", o pai dela respondeu. "E nossos planos não vão mudar".

"Sim. Eles vão", ela o informou nitidamente. "Eu não vou fugir. Não vou correr disso".

"Senhorita Stanton—", Reno começou a discutir.

"Ela irá ou eu a levarei", Kell intercedeu então, fazendo-a girar na direção dele, traição a enchendo.

"Por quê?", ela o questionou furiosamente. "Você sabe muito bem que é isso o que eles querem. Fuentes enviou um homem que luta com faca. Ele terá que nos enfrentar com uma faca. Se nós corrermos, ele enviará armas de fogo, e você sabe disto".

"Ele terá que te pegar primeiro", Kell disse severamente. "E eu te prometo que ele não irá".

Emily lambeu os lábios nervosamente. Ele estava diferente esta manhã, mais quieto, mais meditativo. Sombrio, da mesma maneira que sua voz estava agora. Ela tinha sentido isto nele enquanto ela estava em seus braços na noite anterior, e agora ela podia ver. As regras mudaram a partir do momento que ele derramou sua semente no corpo desprotegido dela. As máscaras estavam caindo, e agora ela tinha um vislumbre da força incrível que ele mantinha escondida.



"Eu não vou. E se você não estivesse deixando outras coisas nublar seu julgamento, você admitiria que eu estou certa", ela retrucou. "Não comece a ser minha babá agora, Kell. Eu não suportarei isto".

Ela encontrou o olhar dele, recusando-se a abaixá-lo, recusando-se a permitir que ele visse seus medos. Ao olhar para o gelo verde, uma mulher tinha que fazer mais do que suprimir seus medos de outras forças. Ela tinha que suprimir o instinto de imediatamente se submeter.

Ela tinha se submetido por muitos anos. Ela não iria retornar a isso. Não com Kell.

"Emily, pare com esta teimosia", o pai dela grunhiu. "É da sua vida que estamos falando".

"Kell". Ela sussurrou o nome dele, não pedindo ansiosamente, mas como um apelo para que ele entendesse. "Não me tire do jogo assim. Você tinha um plano, lembra? Eles querem me sequestrar, não me matar. Se você me esconder, eles irão até a jugular".

"O que você pensa que uma faca vai fazer, Emily?", ele perguntou com cortesia gelada.

"Uma faca te dará a chance de lutar", ela sussurrou de volta. "Por que se fossem balas, não teríamos nenhuma escolha".

"Emily, você não vai arriscar apenas a sua vida aqui". A voz do pai estava tranquila, indulgente. Como quando ela ainda era uma criança e tentava fazer suas próprias aventuras sem ele. "Você está arriscando a vida do Kell. Você se sente confortável fazendo isto?".

Emily vacilou.

O olhar dela foi para os homens ao redor. Eles a estavam assistindo, não com condenação, mas pensativamente, como que curiosos para saber como ela lidaria com este novo argumento.

"Você me treinou para ser cuidadosa quando eu era adolescente", ela disse então. "Você me ensinou a lutar. A fazer decisões racionais, então do nada você decidiu tirar tudo isso de mim".

"Não é hora para discutir", ele retrucou.

Ela continuou a olhar Kell. "Eu estou certa, e você sabe que estou".

"Você está pedindo a um homem para morrer por você, Emily", a voz do pai dela estava cheia com raiva agora. "Um homem muito bom".

"Não", ela sussurrou, balançando a cabeça. "Eu o estou pedindo para viver comigo. Eu não posso viver mais em uma bolha. Eu não me esconderei mais. Nós temos três noites até a próxima festa. Uma festa onde o espião de Fuentes e seu sequestrador deverão aparecer. Por que ele traria um assassino nesta data? Fuentes me quer como um seguro. Ele não me quer morta".

"Mas o espião quer, Emily". A voz do pai ergueu. "Você está agindo como uma criança agora. Você não vê o que está acontecendo aqui? Você está presa entre Fuentes e o filho da puta com quem ele trabalha. Não há nenhum vencedor aqui. Você não tem escolha".



Ela não tirou os olhos de Kell.

"Você pode me proteger fora da casa segura?", ela perguntou então. "Sem acabar se matando".

O olhar dela foi para Reno.

"Ela é uma adulta", Reno respondeu neutramente. "Eu não posso forçá-la a ficar na casa segura".

"Com ajuda". Ele concordou com a cabeça, dando uma olhada rápida para Ian.

"Nós teremos que prender o agente do senador em Atlanta", Ian respondeu. "Mas podemos fazer isso. São apenas três dias".

"E dar a Fuentes uma chance de matá-la?", o pai dela gritou. "Eu proíbo. Não permitirei".

"Você não tem escolha, papai". Ela não sentia triunfo, porque a expressão de Kell não tinha mudado. No mínimo ele tinha ficado mais frio, mais distante.

"Kell—", ele começou.

"Ela está certa". Os punhos dele estavam fechados ao lado do corpo. "Se ela se esconder agora, o jogo acaba antes de nós acharmos o espião. O único jeito de terminar isto é jogando. Nós jogaremos. Mas você protagonizará segundo as minhas regras", ele a informou. Sem expressão. Sem emoção. "Ou eu te prenderei, amordaçarei e te colocarei na casa segura mais próxima. Estamos entendidos?".

Ela nitidamente concordou com a cabeça. "Sim, estamos".

"Do que você precisa, Kell?", Reno perguntou então.

"Ele precisa de uma porra de cérebro", o pai dela retrucou. "Porque ele perdeu a cabeça com ela como todos os outros homens".

Emily sentiu o rosto queimar com embaraço. O pai estava enfurecido, e se o chamejar no olhar de Kell era uma resposta, então a fúria interna fria que ele estava mantendo mal a continha.

"Senador, essa não é sua operação", Reno o lembrou. "Você é o objetivo, não o chefe".

"Eu te excedo em importância".

"Não nesta instância". Reno nunca ergueu a voz, mas ficou firme e mais dura. "Cessar fogo, senhor".

"Emily, isso é tolice". Ele passou a mão pelo cabelo e fez uma careta. "Apenas vá para a maldita casa segura".

"Se eu for para essa casa segura então eu posso renunciar ao meu direito de viver fora dela pelo resto da vida", ela disse a ele exausta. "Porque se você pegar Fuentes ou não, não importará. Nenhum de nós saberá se eu tinha a habilidade de enfrentar a vida por mim mesma. E isso importa para mim, papai. Importa para mim mais do que você sabe".

"Você não é treinada", ele retrucou de volta.

"Porque eu te amei demais para assinar o treinamento que eu queria. E pelos anos, eu te amei



demais para lutar contra as palavras nocivas que você jogava em mim quando eu tentava me erguer contra você. Eu estou fazendo mais do que me erguer contra você agora, papai. Estou fazendo o que tenho que fazer. E minha liberdade significa mais para mim do que você jamais saberá. Mais do que qualquer um de vocês jamais saberá". Ela atirou a Kell um olhar tão glacial quanto o que ele estava atirando nela. "É fácil falar grande quando convém", ela disse a ele. "Mas vamos ver se você está sério ou se é só da boca para fora".

Os olhos dele desceram sobre ela antes de pausar sobre a barriga e então se erguer para encontrar os olhos uma vez mais. "Eu já fiz isto, Emily. Agora vamos ver se você pode aprender como seguir ordens".

Ela quase bufou. "Seguir ordens? Kell, eu não fiz mais nada por quase vinte e cinco anos. Segui-las nunca me aborreceu. Ser restrita por elas é outra coisa".

E ela estava falando sobre muito mais do que esta missão e ele sabia disto.

Começar? Você quer dizer continuar, ela disse a si mesma. Nunca deixá-lo te ver suar, e nunca retroceder quando se está certo. Ela estava certa. Ela não podia se arriscar a ter Kell vendo-a como qualquer coisa menos do que uma mulher que pudesse cuidar da própria proteção e de sua criança, se houvesse uma criança.

E isto, ela achava, era a razão inteira de sua distância agora. Havia o risco agora, de que ela estivesse carregando seu filho. Que ela estava caminhando para o perigo, recusando proteção e não arriscando apenas a própria vida mas a de seu filho.

Outro filho depois de ele já ter perdido o primeiro.

"Vamos ver as informações de Macey e discutir como prosseguir", Reno sugeriu então. "E sugeriria que nós fizéssemos isso em ambiente mais confortável do que este hall de entrada".

"Vou precisar de uma bebida", o pai dela rosnou, fez uma carranca para ela enquanto eles saíam e se dirigiam ao escritório do senador.

"É muito cedo de manhã para uma bebida, papai".

As sobrancelhas dele se ergueram quase até a linha do cabelo. "Garotinha, você não é grande o suficiente para me dizer quando eu posso beber".

"Não, mas eu sou grande o suficiente para te lembrar da sua úlcera e da sua pressão. Os próximos anos serão turbulentos, então você pode ir um pouco mais devagar agora".

"E por que isto?", ele retrucou.

Emily pausou. "Porque eu não sou mais uma garotinha. E não vou fingir que sou, nem para você nem para ninguém mais. Tenho a sensação de que isto não é algo que você vai lidar muito bem".

Ela ignorou a zomba de Macey, "Ele não é o único". Eles entraram no escritório e se sentaram.



Emily sentou em uma cadeira, diretamente em frente ao pai. Kell relampejou a ela uma expressão enfadada antes de se sentar no lado do sofá mais próximo dela, com Ian tomando o outro lado. Em frente a eles, Reno e Macey tomaram as outras duas cadeiras, com Clint pegando uma cadeira extra ligeiramente atrás do pai dela.

"Nós podemos fazer isto civilizadamente?", Reno perguntou a todos.

O pai dela fez uma carranca. Kell encarava Emily com o que ela estava começando a suspeitar fosse fúria glacial.

Um sorriso se arrastou nos lábios de Reno. "Bom, então. Estou contente por todos nós concordarmos. Agora, vamos ver o que podemos fazer para estragar o jogo de Fuentes e seu pequeno espião. É hora de acabar com eles".

Capítulo Vinte

A alegria surgiu em Diego. Era mais divertido do que qualquer droga, bombeando duro e rápido por sua circulação sanguínea e quase o deixando fraco enquanto ele encarava a mensagem em seu PDA.

Eu concordo.

Duas palavras. Uma frase tão simples e ainda assim trouxe lágrimas aos olhos, fazendo-o piscar furiosamente para conter as emoções.

Ele tinha dado ao filho apenas a ajuda mais básica nas últimas semanas, apenas o suficiente para manter a garota viva mas nunca o suficiente para levá-lo ao bastardo que estava dando nos nervos de Diego.

Era o plano perfeito. A arma perfeita para eliminar o homem que queria destruir tudo o que Diego tinha construído.

Ele não era um terrorista. Ele mexia com drogas e armas, prostitutas e artigos de mercado negro. O terrorismo não servia para tal comércio. Quebrava as finanças das muitas pessoas que dependiam dele para seu sustento. Seu espião, e o terrorista Sorrell, usariam gerações como base não para apenas destruir o cartel de Fuentes, mas a liberdade que os americanos apreciavam para comprar suas drogas, armas e mulheres.

Eu concordo.

Diego encarou a mensagem por longos momentos antes de enviar sua resposta. Ele tinha que jogar cuidadosamente. Ele não podia parecer muito ávido, muito excitado. Seria um sinal de fraqueza.



Seu irmão de armas está seguro. Prossiga para a festa de Andover. Delgado será avisado.

Diego colocou Delgado, seu homem de maior confiança, em D.C. para assistir o filho voltar. Tudo se juntaria logo. Sorrell havia exigido não apenas a morte do senador, mas do time SEAL também. Este time incluía o único filho sobrevivente de Diego. As demandas do bastardo eram insolentes, arrogantes.

Ele tinha exigido como se Diego fosse um de seus subalternos. Como se ele tivesse o direito de exigir tais coisas dele.

Grunhindo em fúria muda, Diego girou para o monitor instalado no escritório que estava usando. Lá, na cela escondida, estava deitado o amigo que seu filho estava disposto a vender a alma para resgatar.

Como seria, ele se perguntou então, comandar tal lealdade? Ter um amigo pelo qual ele daria as costas até para suas convicções para salvá-lo?

Diego nunca tinha conhecido tal lealdade. Mas aquele homem na cela, nu, estremecendo com a agonia da tentativa mais recente de Diego de quebrá-lo com as doses restantes da droga de estupro, aquele homem conhecia uma lealdade com a qual Diego apenas sonhava.

"Você vestirá o nosso amigo". Ele anuiu com a cabeça para o monitor enquanto falava com Saul. "Alimente-o. Fortaleça-o o suficiente para ajudar o garoto se for preciso quando eles vierem por ele. Delgado sequestrará a garota e a trará aqui. Nós teremos Sorrell e o nosso Sr. White no lugar para que os nossos SEALs os resgatem".

"Você dirá a ele que a garota será sequestrada?", Saul perguntou. "Sem a cooperação dele, não será possível pegá-la".

Diego agitou a cabeça lentamente. "Esta parte eu não controlo. E não haverá nenhum meio de ele e seus amigos poderem impedir isto. Este homem, nosso espião, a garota confia demais. Nosso amigo Sr. White, trará ela aqui incólume, como foi ordenado, para este tal de Sorrell. Quando eles chegarem, nosso cativo não estará drogado, e se lembrará da tortura que o Sr. White infligiu nele. Não haverá nenhuma fuga para White quando ele for salvo. Certifique-se de colocar a garota na cela dele quando ela chegar. Ela pode precisar de proteção adicional". Diego correu o dedo pensativamente sobre os lábios. "No momento em que a garota for tomada, você enviará as coordenadas deste lugar para o meu filho. Ele então cuidará do resto".

"Você pode confiar nele, Diego?", a voz de Saul sussurrou o que era o seu medo mais íntimo.

Diego encarava de volta o amigo e seu conselheiro de maior confiança.

"Eu não posso fazer nada além de me arriscar", ele disse com um suspiro pesado. "É muito tarde para começar de novo, treinar outro filho, para me preocupar com sua segurança e dar a ele a liberdade que precisa para crescer confiante. Nós devemos tentar, Saul. Devemos também proteger nossas próprias



costas. Meu filho tenta fazer parecer que ele não tem nenhuma fraqueza, mas todos os homens conhecem a fraqueza, eu tenho apenas que achar a dele”.

"Eu devia contatar Delgado?", Saul perguntou então.

Diego agitou a cabeça lentamente. "Eu o contatarei. Ele saberá que as ordens vieram diretamente de mim e que ele deve segui-las totalmente. De agora em diante, Saul, o jogo será sério. Não há espaço para erro, e não há nenhuma segunda chance. Não podemos permitir nenhum engano deste ponto em diante”.

Saul concordou com a cabeça, mas seu olhar estava preocupado. Da mesma maneira que Diego estava, apesar da fachada que apresentava. Preocupado que outros descobrissem sobre seu filho; talvez isto fosse até por que Sorrell estava mirando o time. Para achar alguma fraqueza de Diego. Para ter algo para usar contra ele nas negociações que estava tentando empreender pelo controle das redes do cartel. Um controle que Diego não deveria permitir.

Um controle que o filho dele não permitiria.

Capítulo Vinte e um

Emily estava certa de que não devia ter ficado surpresa ao achar Kira esperando por eles, nada menos do que no apartamento dela.

Ela estava espreguiçada no sofá, um pacote de um dos biscoitos favoritos de Emily no colo e a televisão ligada em um dos canais de idioma estrangeiro que ela amava tanto.

O longo cabelo preto estava puxado em um rabo-de-cavalo alto que permitia os cachos pesados caírem bem além dos ombros. O rosto estava limpo de maquilagem e ela ainda assim parecia ser cheia da grana. Usava uma calça jeans desbotada e rasgada e uma camiseta amarrotada e ainda assim conseguia parecer elegante. Mas a arma ao lado do corpo arruinava a imagem de socialite preguiçosa, descontente.

"Já era tempo de vocês dois aparecerem". A voz estava baixa enquanto Kell fechava e trancava a porta atrás deles. "Onde está aquele bonitão forte e alto, queimado e completamente anti-social que vive do outro lado?".

Ian?

"Por que a minha melhor amiga e vizinha está sentada no meu sofá, comendo meus biscoitos, e assistindo a minha TV? E por que ela está fazendo isto com uma arma?".

Como se ela não fosse muito boa em adivinhar. A suposição estava pronta para deixá-la puta. Ela tinha acabado de suportar mais tempo do que considerava como desculpável com um SEAL mudo, pouco



comunicativo. O outro, Ian, tinha sido vagamente divertido mas não tanto a ponto de se dispor a quebrar o silêncio.

Emily não tinha chegado a sentar na cadeira do co-piloto desta vez, e não podia paquerar com o piloto ou com Kell. E estava certa de que não podia aliviar a dor frustrante desta atitude de repente fria que estava recebendo do homem que tinha sido seu amante.

Tinha sido. Porque seriam— oh, pelo menos algumas boas horas antes que ela tentasse pular sobre ele novamente. Ela atirou a ele um clarão mudo antes de se voltar para Kira.

"Explicações, se você puder, por favor", ela sugeriu para uma Kira exausta, balançando a cabeça enquanto marchava em direção ao quarto. "E você pode fazer isso sem ficar com essa cara de merda para nós dois".

Kira ficou de pé, piscando para Kell, deu a ele uma pequena onda com os dedos e então seguiu Emily para o quarto.

"Bem. Tenho que dizer. Você totalmente superou as minhas expectativas com sua habilidade de lidar com aquele pedaço de homem", Kira disse lentamente enquanto fechava a porta atrás de si.

Emily estava certa de que Kell tinha ouvido cada palavra.

Ela bufou. "Sim. Certo. Eu estou manipulando ele realmente bem. Ele não fala comigo há horas e está tão frio que está para me dar uma úlcera".

"Frio?", Kira pausou na frente da porta, a mão acenando diante do rosto em um gesto breve de calor. "Neném. Aqueles olhos estão queimando e aquela calça jeans está inchando. Confie em mim, aquele homem está pronto para mandar ver com tudo".

Emily fungou com orgulho ofendido. "Então ele pode fazer isso sozinho". Por algumas horas de qualquer maneira.

Girando as costas para Kira ela jogou a bolsa pequena na cama, então sentou no colchão e respirou fortemente.

"Agora por que diabo você está na minha casa?".

"Comendo seus biscoitos, assistindo sua televisão, e cobiçando seu homem?", Kira sugeriu para ajudar.

"Com uma arma?".

"Oh, sim. A arma". Os ombros esbeltos encolheram. "Eu voei para casa ontem à noite em um voo de Segurança Interna e acampeei no seu sofá, só para ver se alguém ficava curioso ou algo do tipo enquanto você não estava".

Emily saiu da cama, olhado o teto, e tentando não se sentir traída. Não teve sucesso. Ela se sentia



traída. Ela conhecia Kira por dois anos e nunca tinha suspeitado que ela fosse uma agente Interna, ou que estava com Emily mais por causa de uma tarefa do que por amizade.

"Você é uma agente do Segurança Interna". Não era uma pergunta. "Como papai conseguiu fazer isso? Te colocar aqui em uma missão tão extensa?"

"Porque ele está no Comitê de Segurança Nacional assim como na Força Administrativa de Narcóticos e vários comitês de omissão. Além disso, vivo em Atlanta de qualquer maneira e estou de licença me recuperando de um ferimento pelos últimos dezoito meses, então deu tudo certo".

Olhar para o teto não era uma coisa ruim. Emily olhava o efeito da pequena borboleta acima e se lembrou de que não era jovem o suficiente para poder desculpar um acesso de raiva de temperamento.

Mas ela queria ter um. Queria gritar, esbravejar e exigir que todos os malditos seguidores de seu pai dessem o fora da vida dela. Ela já tinha aguentado o suficiente deles. Estava cansada deles nas costas dela.

Ela tinha esse problema aborrecido de amizade com Kira para lidar e o maldito problema de sexo com Kell. Ela não podia exatamente dizer a eles para sumirem, será que podia?

"Você viveu aqui por dois anos", ela assinalou para Kira.

"É. Isso mesmo". O peso de Kira foi para o outro lado da cama antes de se deitar de volta também, a cabeça contra o colchão a vários centímetros da cabeça de Emily. "Seu pai sugeriu o condomínio quando descobriu que eu estava procurando um apartamento na cidade. O resto são detalhes".

"Eu sabia que havia uma razão pela qual eu não devia gostar de você". Emily queria fazer beicinho, mas realmente não fazia há anos, e o esforço de se lembrar parecia muito cansativo agora.

"Sim, você lutou bem". Kira riu. "Mas eu sou persistente. Além disso, nós somos amigas, Emily. Eu sou uma boa amiga também. Sei como usar uma arma de fogo".

"Eu também sei".

O silêncio encontrou a declaração dela.

"Legal". Era óbvio pelo tom de Kira que ela não acreditava.

"Escola de tiro de Mac Tackett e teste de proficiência", Emily declarou.

Ela sentiu a virada da cabeça de Kira, sentiu os olhos nela.

"O senador não me disse nada sobre isto", Kira meditou.

"O senador não sabe. Os lacaios dele sim. Mas é espantoso como Mac pode convencer aqueles sujeitos enormes cordialmente como eles detestariam perder um membro".

"Hm-hmm. Eu conheço Mac". Kira girou a cabeça de volta. "Bem, eu estava cuidando das suas costas".

"Você estava seguindo ordens".



Kira ficou quieta por longos momentos. "Eu era sua amiga também, Emily".

Amizade. Relações. Havia várias viradas que ela estava achando inaceitáveis. Todo mundo a amava contanto que ela fosse agradável. Todo mundo exceto ela mesma. E agora que ela não era mais agradável? O que haveria agora?

"Nunca mais entre na minha casa assim", Emily disse a ela, sentindo a decisão que começava a endurecer dentro dela. "Não sem minha permissão ou meu conhecimento".

Kira suspirou fortemente. "A menos que eu seja ordenada?".

"Se ordenada, melhor informar ao meu pai que você vai precisar de pagamento. Porque da próxima vez, eu farei com que você deseje ter esperado nos degraus da frente".

Ela devia se levantar. Devia tomar banho. Devia arrumar o almoço porque estava com fome. Mas ao invés, estava deitada lá, olhando fixamente para o teto e tentando não pensar em armas, balas e facas vindas da escuridão.

"Aposto que poderia te pegar", Kira decidiu de repente. Sentindo a virada da cabeça de Emily que a fez conter o sorriso.

"Seria interessante descobrir". Emily concordou a cabeça. "Eu posso parecer um marshmallow, mas tive algumas lições de autodefesa".

"Para pesquisa, é?", Kira estava rindo.

"Ah, o cruzado do Gator Jack". Ela amava Gator Jack, lutador de lama e sarjeta. Ela tinha aprendido bastante ao longo dos últimos anos enquanto ia lá entre um guarda-costas e outro.

Certo, ela poderia não ser capaz de pegar um agente Interno de cara limpa numa luta, mas havia uma chance de que ela pudesse se soltar de uma chave, e realmente sabia como correr rápido.

"Você é assustadora", Kira murmurou. "Seu pai não tem nenhuma ideia de como você é assustadora".

"Nem Kell". Emily sorriu com satisfação. "Ele ficou agitado pela arma nas ligas junto com a faca".

Satisfação aguda a tomou com a memória.

"Falando nisso", Kira disse lentamente. "Por que ele está louco de raiva?".

"Ele esqueceu de usar um preservativo ontem à noite". Emily franziu o cenho para o teto. Esse tinha que ser o problema.

"Você o lembrou?".

"Ele me lembrou. E eu não me importei". Ela fez uma carranca. "Talvez eu devesse me importar?".

Ela tornou a girar a cabeça e olhou para a expressão surpresa de Kira.

"Kreiger fez sem proteção?", ela sussurrou. "Isto é muito assombroso. Eu li o arquivo dele e fiz



algumas investigações quando ouvi que o Time Durango estaria nesta operação. Ele é um fanático com proteção. Paranóico sobre isto”.

"Hm-hmm", Emily murmurou, com um suspiro afiado de acordo enquanto voltava a observar o teto.

"Uau". Kira se moveu na cama, ainda assistindo-a. "Então, nós ainda somos amigas, certo?".

"Não". Emily agitou a cabeça. "Eu odeio cadelas magrelas. Eu vivo te dizendo isto”.

Um bufar de riso veio da outra mulher. "E eu, pequenas Vênus cheias de curvas, mas eu tolero seu traseiro arredondado”.

"Morda-me".²⁹

"Nem mesmo de brincadeira. Você poderia gostar”.

Eles estavam dando risadinhas como adolescentes quando a porta do quarto foi aberta e Kell estava na entrada, olhando para ambas com uma carranca pesada.

"Se você duas puderem sair da cama, Ian está aqui. Nós precisamos examinar cuidadosamente os planos para os próximos três dias e nos preparar para a festa em Andover”.

"Ta vendo?", Emily murmurou. "Úlceras”.

Kira suspirou com compaixão. "Eu tinha tantas esperanças para você, amiga”.

"Eu também. Eu também”.

* * *

Ele estava furioso consigo mesmo. Furioso com Emily, e lutando contra a necessidade de fazer um pouco de caça particular. O tipo de caça que um SEAL ficava com a mira do rifle na testa de Diego Fuentes. Fuentes e seu maldito espião. Deus ajudasse o bastardo se Macey algum dia compreendesse quem ele era, porque Kell jurou que iria estripar o cara ele mesmo.

Ele se obrigou a manter o autocontrole, conter a necessidade de se mover, de estirar os músculos que pareciam coçar embaixo da carne e usar a ereção o torturando.

Usá-lo em uma teimosa, independente e voluntariosa pequena raposa ruiva que estava perto de deixá-lo louco.

Deus, ele lamentava pelos guarda-costas que tinham vindo antes dele. Aqueles homens devem ter gasto muita energia por horas incontáveis lutando para acompanhar Emily a cada dia. Era apenas impossível.

²⁹ Bite me = literalmente é 'morda-me' mas é um trocadilho da autora porque a expressão equivale em português a 'não enche'.



Ela era como o vento. Selvagem. Livre. A presença dela acariciava sua carne até quando ela não o estava tocando e isso era muito perigoso. Especialmente agora.

O olhar dele deslizou junto ao corpo dela, indo para a pequena barriga arredondada, e o coração dele fez algo derreter no tórax novamente. Onde ficou quente. Onde corria. Onde apertava com emoções e ele de repente se viu incapaz de lidar com isso. As emoções que rasgavam por sua alma desde o minuto em que ele tinha despejado sua semente dentro dela.

Ela estava desprotegida. As chances de deixá-la grávida apenas cresceriam se ele continuasse com essa loucura. Ele não podia se permitir a deixar isso acontecer novamente. Ele não podia se arriscar. Deus o ajudasse se o teste de gravidez que ele tinha a intenção de conseguir para ela antes daquela maldita festa desse positivo. Porque ele não sabia se poderia aguentar. Se ele poderia deixá-la arriscar sua vida e a vida da sua criança, não importando a situação.

Agora, ele a assistia enquanto ela voltava para a sala de estar com Kira. A visão dela deitada naquela cama, dando uma risadinha com outra mulher, havia enchido seus intestinos com ciúme irracional.

Ele queria estar deitado lá com ela. Ele queria ouvir seu riso, sentir o calor que era tanto uma parte dela, aquele calor que derretia o gelo no espírito dele que estava há tanto tempo só.

E ainda assim, era própria culpa dele se ele não estava lá ao lado dela. A necessidade de se defender contra o que podia acontecer estava rasgando suas entranhas. Ele tinha que parar com isso. Ele tinha que se controlar ou destruiria para sempre esse frágil sentimento que ela estava desenvolvendo por ele agora.

Ele precisava do amor dela. Ele estava certo de que tinha sido premiado por ele até esta manhã. Até que ele se forçou a esconder as emoções em sua alma a fim de fazer o trabalho que sabia que tinha que fazer.

Ele tinha que deixar sua mulher ajudar em sua própria defesa. Exatamente aquilo que ele estava tão certo de que precisava em uma mulher. Sua habilidade de enfrentar adversidades. Para ajudá-lo a protegê-la. Para ser forte o suficiente para ficar viva se ele não estivesse com ela. Porque haveria horas em que ele não estaria com ela. Vezes em que ele estaria fazendo seu trabalho. Ela teria que fazer o dela. Proteger-se e proteger as crianças.

Deus, o que diabo ele tinha pensado?

Os punhos cerraram ao lado do corpo com a loucura de ter uma mulher tão amedrontadoramente independente quanto esta. Ela nunca iria ficar atrás dele. Ela sempre permaneceria ao lado dele enquanto ele lutaria para impedir que ela andasse na frente dele.

"Ian", Kira disse quando nem ele nem Ian falaram.

O outro homem andava à toa contra o bar que separa a sala de estar da cozinha. Os cotovelos



apoiados no bar atrás, o corpo alto e flexível parecendo relaxado. Mas como Kell, ele tinha sido qualquer coisa exceto relaxado quando Kira entrou no cômodo.

"Kira". Ian concordou com a cabeça, a expressão um pouco zombeteira. "Eu gosto do cabelo preto. Adapta melhor a você do que as outras cores que eu já te vi usando".

Ela fez uma careta e revirou os olhos enquanto Emily assistia com interesse.

"Então, o que você dois garotos fortes e grandes planejaram?", Kira perguntou enquanto passava por Ian e ia para a cozinha até a geladeira.

Ela tirou uma garrafa da cerveja, girou a tampa e a levou até os lábios enquanto Ian girava para assisti-la.

"Uma gaiola de aço, chicotes e correntes aveludadas", Ian disse lentamente, surpreendendo Kell com o fato de que Ian estava totalmente sério.

"Para nós, eu imagino". Kira sorriu sarcasticamente. "Continue desejando, marinheiro, e você poderá conseguir apenas sonhar".

Ian bufou.

Emily agitou a cabeça enquanto se movia para o sofá e se sentava no canto.

Ela estava cansada. Ele podia ver em seu rosto, as sombras embaixo dos olhos, a palidez da pele. Ele a tinha mantido acordada a noite toda. Mas ele tinha esquecido o preservativo apenas uma vez, ele não tinha ficado de modo algum saciado.

Ele ainda não estava saciado.

"A festa de Andover acontecerá em menos de três dias", Kell lembrou a todos. "Estamos todos juntos e sabemos que é o quê e quem é quem". Ele olhou de Kira para Emily. "Não podemos arriscar deixar nada a sorte. É a última festa de Emily na temporada, e é grande. Nosso contato disse que Fuentes não esperará mais. É definitivo que o homem que ele enviou para fazer o sequestro estará lá".

Ele assistiu enquanto o rosto de Emily parecia empalidecer mais, mas ela ergueu o queixo desafiadoramente enquanto o olhar reluzia de volta com raiva.

"Jansen Clay e sua esposa, Elaine, estarão lá. A filha era uma das garotas sequestradas da última vez também. O meu pai o deixou saber o que está acontecendo?".

Jansen era um dos amigos do pai dela em seus dias de SEAL e um dia tinha sido parte do time de operações de elite que o senador comandava.

"Nós não informamos ninguém". Kell agitou a cabeça firmemente. "A única coisa que alguém sabe do lado de fora do time, o seu pai e o almirante, é que você estará na festa. Ponto final".

Emily concordou com a cabeça. Fazia anos desde que ela tinha visto Jansen. Ele era vários anos mais



jovem do que o pai dela, e muito influente dentro de D.C. e do Pentágono. O trabalho dele com a CIA³⁰ e a Segurança Interna também o faziam um amigo muito bom de ter. Ele ficaria chateado ao descobrir que o pai estava conduzindo uma operação sem ele. Mas, isso aconteceria também com o resto do time do pai dela que ainda estava vivo.

Ela assistiu Kell, deixando o olhar ser pego no dele enquanto ele continuava a encará-la. Ele não tinha tirado os olhos dela desde que ela tinha retornado à sala de estar.

"Ian, leve a senhorita Porter de volta ao condomínio dela e a traga depois onde estamos agora. Reúna as informações e nós nos encontraremos de novo aqui amanhã à noite para olhar tudo. Emily está muito cansada para isso".

Muito cansada uma ova. Ele estava excitado, era por isso que ele estava enviando Ian e Kira para longe. Ele obviamente pensava que ela se importava com aquela barra de aço que ele carregava por aí dentro da calça jeans.

"Saquei, Kell". O sorriso de Ian era conhecedor, enquanto Kira acabava de agitar a cabeça e piscar de volta para Emily com uma pesada sugestividade antes de seguir Ian para a porta.

"Amiga, boa sorte". Kira balançou as sobrancelhas sugestivamente. "E lembre-se, homens gostosos são difíceis de aparecer. Aprecie enquanto vale a pena".

Aprecie enquanto vale a pena. Emily bufou com o pensamento enquanto relampejava a Kell um olhar irritado. Seria bom se o homem gostoso em questão fosse mais fácil de entender quando colocava os próprios shorts na frente da história. Não era como se ela tivesse esquecido a camisinha.

Enquanto Ian e Kira passavam pela porta, Kell a pegou com a mão e a fechou com um estrondo. As sobrancelhas de Emily curvaram enquanto ele dava as costas para ela, arrumava o alarme e então a enfrentava uma vez mais.

Ele cruzou os braços sobre o tórax e uma escuridão meditativa marcou sua sobrancelha. Oh, sim, um doce de homem. Como ela não tinha percebido isso antes?

"Sabe, você poderia evitar esse mau humor bem facilmente", ela disse a ele zombeteiramente.

As narinas dele chamejaram e sua carranca afundou. "E como você sugere que eu faça isto?"

Ela deu de ombros. "Não esqueça a camisinha da próxima vez; então você não terá que se preocupar com todos os poderosos pequenos soldados vagando ao redor soltos".

Emily não pensou que a expressão dele não poderia ter escurecido mais. Mas aconteceu.

³⁰ CIA - Central Intelligence Agency (CIA), em português Agência Central de Inteligência, é um serviço de inteligência (serviço de informações) dos Estados Unidos.



"Você acha que estou chateado porque me esqueci de colocar uma camisinha?", ele sibilou.

"O que mais eu pensaria?", ela descruzou as pernas e ficou de pé. "Você tem sido como um urso de mau humor o dia todo. Que eu saiba, a única coisa que eu poderia ter feito para te deixar puto foi a minha inabilidade de te dizer não enquanto você estava enterrado dentro de mim".

O olhar dele chamejou. Escureceu.

"Eu não estou bravo por causa do preservativo". Um músculo sacudiu em sua mandíbula. "Eu não estou contente com a minha própria falta de autocontrole".

Ela concordou com a cabeça como que em compreensão. "Sim. Posso ver onde isso te aborreceria".

"Eu estou apaixonado por você, Emily".

"Controle é impor—", ela parou. Piscou. "O que você disse?".

"Estou achando que sou apaixonado por você há anos". Ele deu uma sacudida dura e furiosa com a cabeça. "Você acha que o seu pai tem te espionado ao longo dos anos? Você devia ter me visto ao redor do seu apartamento e então neste condomínio. Te seguindo para a biblioteca e para a escola e me dizendo que eu fazia isso só porque não tinha nada melhor para fazer. E sabendo desde o princípio que eu estava mentindo para mim mesmo".

Emily de repente se sentiu fora do eixo, como se andasse em uma realidade que não fazia nenhum sentido para ela. Esse era o mesmo Kell que ela conhecia por tanto tempo. O que ela tinha desejado, ansiado, fantasiado. Pelo qual ela tinha se apaixonado, e de repente ele era o homem que ela tinha sonhado.

"Eu não entendo". Ela agitou a cabeça aos arrancos. "Por que você não me disse?".

"Eu não podia dizer a mim mesmo, Emily". Ele passou os dedos pelo cabelo enquanto mantinha uma distância cuidadosa entre eles. "Eu não podia admitir para mim mesmo que eu estava tão desesperado por você, que eu era pior do que qualquer perseguidor poderia ter sido. Porque eu estava tão assustado de te perder. Quando Fuentes te pegou" – uma careta contorceu seu rosto enquanto os punhos cerraram ao lado do corpo por longos segundos. "Quando ele te pegou, eu fiquei louco. Quando eu entrei naquela suja e pequena choça e te vi, drogada com aquele maldito Pó das Prostitutas e tentando tão duro manter as outras garotas tranquilas, uma parte de mim soube que eu não poderia correr mais".

Ela não se lembrava disto. Durante os últimos meses, havia memórias vagas, cenas escuras na mente sobre aquele tempo, mas nunca nada sólido.

"Eu soube quando a limusine foi forçada a sair da estrada que você viria por mim", ela disse a ele então. "Eu me lembro disso. Algo dentro de mim me dizia que você me salvaria".

"Eu te salvei". Os olhos dele estavam tão escuros que eram como pedras preciosas que reluziam no



rosto enquanto ele ia para ela então, as mãos emoldurando seu rosto, os dedos polegares deslizando sobre os lábios. "Mas você estava lutando para se salvar também. Você não se acovardou, e quando eu vi, você roubou o resto do meu coração, Emily. Minha pequena raposa, você me fez queimar por você até o ponto de eu pensar que viraria cinzas".

Emily sentiu os lábios tremer, sentiu a emoção surgir na alma com as revelações dele.

"Então por que você está tão bravo?".

"Eu não estou bravo, chère", ele sussurrou. "Eu tenho que te proteger. Logo isso tudo estará terminado. Eu tenho que manter a minha cabeça clara. Eu tenho que manter distância suficiente para me certificar de que não há nenhum engano feito. Eu sobrevivi à morte de Tansy e à morte da criança que ela carregava. Mas Emily, se eu perdesse você, não sei se poderia sobreviver".

Ela via isso nos olhos dele agora. Via em suas ações anteriores. Ele tinha se distanciado de suas emoções, não dela. Sempre a assistindo. Tenso. Pronto.

Oh, Deus, o que ela tinha feito ao forçá-lo a retornar para cá, se recusando a se esconder?

"Eu me esconderei", ela chorou entrecortadamente. "Nós iremos para a casa segura". Ela podia sentir os lábios tremendo, sentir o medo por ele de repente a oprimindo. "O que quer que você quiser que eu faça".

Não havia nenhum gelo naqueles olhos verdes agora. Eles estavam mais escuros, sombrios, cheios com fome e tormento.

Ele agitou a cabeça enquanto o braço fechava ao redor dos quadris dela e apertavam, puxando-a para ele, enquanto os dedos da outra mão deslizavam no cabelo dela e agarravam as mechas com força sensual.

"Sem medo", ele grunhiu, a cabeça abaixando até que os lábios estavam quase, bem próximos de se tocarem, mas ainda assim não tocando os lábios dela. "Não mostre medo, Emily. Eu vou tirar a gente dessa".

"Não". Ela agitou a cabeça com a confiança sombria que via nele agora. "Você não tem que ir para a mansão em Andover. Nós iremos para a casa segura. Eu me esconderei. Eu prometo, Kell". As unhas dela cravaram nos ombros dele em desespero. "Eu me esconderei".

Por ele. Ela faria qualquer coisa, até se esquecer da própria liberdade para protegê-lo.

Ele não a respondeu. Os lábios tocaram os dela. Como veludo áspero acariciando os lábios, ele a acariciou e atormentou, recusando-se a aprofundar o contato apesar da abertura dos lábios.

"Eu te protegerei, Emily". Uma sugestão de Cajun entrou na voz. "Não há como esconder. Nós dois sabemos disso".



Porque ele tinha tentado esconder há anos a esposa, ela sabia. Ele tinha tentado e seus inimigos a acharam.

"Diga-me o que fazer". A respiração dela estava entrecortada. "Diga-me como te manter seguro".

Ele congelou, olhando-a enquanto as pupilas dilatavam e algo chocante começava a brilhar em seu olhar.

"Raposinha". Os dedos deslizaram do cabelo até a bochecha, o dedo polegar correndo nos lábios. "Apenas seja você. Teimosa. Selvagem. Viva. Eu farei o resto".

Ela tentou agitar a cabeça novamente, tentou negar que levaria tão pouco para protegê-lo.

"Venha, chère". Os lábios dele tocaram os dela novamente, pegando a curva inferior antes de se mover para a superior. "Seja selvagem comigo no momento. Mais tarde. Mais tarde nós nos preocuparemos, certo?".

Antes que ela pudesse fazer mais do que gemer, ele estava prendendo o cabelo dela novamente, puxando-a de novo, e os lábios tomando o que ele precisava enquanto a erguia nos braços e a levava para o quarto.

Dar e receber. Paixão, fome, calor e necessidade. E amor. Ela podia sentir o amor, quente e desesperado, ligando-os agora, mas não dito e guardado.

Enchia cada toque. Fazia os músculos apertarem com prazer e sensibilizava cada célula de carne cobrindo o corpo. Como um chicote de sensações, o prazer serpenteava ao redor dela, por ela, afundando através da roupa e da pele para a alma.

Ela se contorceu contra ele, os dedos correndo no cabelo, prendendo-o, tentando puxá-lo mais para perto enquanto os lábios e as línguas se prendiam, enroscavam.

Os gemidos desesperados enchiam o quarto enquanto a roupa era derramada. As botas dele, os sapatos dela. A calça jeans e a calcinha com um golpe liso das mãos. A calça jeans e a cueca dele, os movimentos dela aos arrancos e desesperados.

Ele rasgou a camisa dela dos ombros. Ele teria que começar a substituir as roupas dela logo. Na sua vez, ela rasgou os botões da camisa dele e a empurrou acima dos ombros poderosos.

Carne com carne agora. Ela clamou com o beijo dele, beliscado os lábios enquanto os mamilos dela desciam pelo tórax dele. Chiando com a sensação que a rasgou através das terminações nervosas. Queimando-os. Ela se aproximou, desesperada por mais enquanto o empurrava em direção à cama.

"Eu", ela gemeu grosseiramente enquanto eles caíam no colchão e ela lutava para rolar embaixo dele. "Minha vez".

Ela se ergueu sobre ele, ansiando por ar, abrindo as coxas duras dele enquanto a cabeça abaixava



para mais de seus beijos intoxicantes. Para saborear da luxúria e necessidade.

A buceta estava molhada. Tão molhada que ela podia sentir o calor úmido cobrindo as dobras enquanto ela a esfregava contra a cabeça do membro. A cabeça espessa era com um suave veludo, aço duro, pulsando. Quente. Deslizando pela racha de sua buceta, acariciado seu clitóris, e a fez ofegar por respiração enquanto ela se ajoelhava sobre ele.

Ela pensava que tinha as coisas nas mãos, por assim dizer. Ela pensou que podia controlar a necessidade que espiralava dentro dela. Ela estava segura de que podia. Até que ele encheu as mãos com os seios, ergueu a cabeça, e capturou um mamilo duro e sugou.

Emily se curvou para trás, a cabeça caindo para os ombros enquanto os quadris viravam, e em uma única punhalada dura, ela a empalou com o comprimento de seu membro.

Um grito frenético deixou sua garganta enquanto um estouro de prazer e fogo estiravam seus músculos internos até o limite e expunham a ultra sensibilidade dos nervos finais para o calor feroz de sua ereção.

"Prends-le"³¹. Tome ele", ele grunhiu, a cabeça empurrando de volta no travesseiro enquanto ele empurrava os quadris para cima, acariciando o clitóris, empurrando mais fundo dentro dela. "É isto o que você quer?".

Ele então mergulhou fundo, empalando-a com uma ferocidade que a fez tremer na extremidade do orgasmo. "Tome, chère, tome tudo de mim".

"Sim. Sim. Eu quero". Ela se contorceu sob o aperto dele, movendo sobre ele enquanto ela apertava as mãos em seu tórax para se segurar e revirar os quadris contra ele.

Ele a segurou, puxou-a para trás, e bateu violentamente dentro dela novamente antes de retroceder completamente.

"Oh, Deus. Kell. Não". As unhas cravaram no tórax dele enquanto ele apalpava para pegar o preservativo que tinha colocado na mesa ao lado da cama e depressa o deslizou em sua ereção furiosa.

"Espere aí, chère", ele gemeu rouco. "Segure um pouco, heim. Eu darei mais a nós dois, bébé".

Ele ajustou a cabeça larga contra a entrada de sua buceta, pausou, e então começou a empurrar dentro dela com uma lenta e agonizante punhalada. Ele a empalou pouco a pouco, ignorando seus gritos, ignorando sua própria necessidade violenta.

A expressão dele estava consumida com luxúria. Emily se forçou a assisti-lo, forçando os olhos a ficarem abertos. Ela não queria esquecer um momento. Ela queria a memória com ela para sempre.

³¹ Prends-le – 'tome-o', em francês.



Essa era a parte de Kell que ele mantinha tão cuidadosamente escondida. Seu corpo grande dobrando, as punhaladas indo bem no fundo dela, os olhos com um excesso de emoção e fome. Os olhos reluziam, fundos, escuros, um verde esmeralda tão intenso que eles ardiam dentro do rosto queimado pelo sol rosto e a sombra de uma barba cor da meia-noite.

Enquanto ela olhava para ele, a respiração ficou afiada e irregular com o prazer das punhaladas dentro de si. O prazer em chamas, a tensão se formando no útero, o roçar da pélvis contra o nó apertado de seu clitóris. As sensações inflamando-a, consumindo-a.

"Tão sedosa e quente", ele sussurrou, olhando-a, a voz gutural. "Eu posso sentir a sua buceta me acariciando, Emily. Me apertando. Tão apertada e um líquido quente que eu poderia queimar dentro de você".

O tom áspero dele fez o útero dela apertar.

"Você gosta disto, é?", ele perguntou a ela com um sorriso apertado. "Ouvir o que você faz comigo. Saber que você pode queimar a minha alma até cinzas".

A voz. Oh, Deus, a voz dele destruía-a tanto quanto as punhaladas duras dentro dela acariciavam-na para mais perto do orgasmo.

"Sinta, Emily". Ele surgiu dentro dela, pausou, ficou quieto enquanto seu membro pulsava dentro do calor de sua buceta. "Sinta o que você faz comigo, bebê. Mesmo dentro de um preservativo eu sinto o seu doce calor, chère. O aperto de sua buceta—", ele gemeu então, empurrado mais fundo dentro dela. "Oh, céus. Salvem-me".

Antes que ela pudesse pará-lo ele a virou para baixo, os braços por baixo dos ombros dela enquanto ele a segurava para ele, o corpo duro a cercando, segurando-a antes que ele começasse a bater dentro dela. Desesperadamente. Trabalhando o membro com golpes rápidos e duros enquanto ela sentia as explosões que começavam a rasgá-la.

Ela foi tomada. Subjugada. Estava perdida dentro do inferno de sua possessão e dentro de segundos arqueando contra suas punhaladas enquanto o orgasmo se desvendava dentro dela.

O calor radiante despejado por suas veias enquanto ela gritava seu nome, os braços ao redor das costas dele, as coxas apertando-o enquanto ele endureceu em cima dela e começava a estremecer com sua própria liberação.

"Amo você, Emily". A declaração não mais do que um suspiro entre gemidos de êxtase, sussurrada em sua orelha, entrando na alma.

As palavras saíram arrastadas dele, não solicitadas, de dentro sua alma, e ainda mais preciosas pelo fato de que ela podia sentir o controle debilitando até mesmo quando ela sentia o membro dele empurrar



sua liberação dentro dela.

Ele não estava pronto para dar suas emoções livremente. Não ainda. Enquanto ela o segurava para ela, sentindo sua carne lisa de suor ondulado sob a tensão nos ombros, ela sabia que ele não estava pronto para enfrentar as emoções.

Ele era tão forte. Tão certo. Sempre tão certo, mas ela estava aprendendo que Kell não lidava bem em reconhecer a fraqueza. E ele via suas emoções por ela como uma fraqueza. Um risco.

"Eu amo você, Kell", ela sussurrou em pranto contra o tórax dele, sabendo que ele não possuía apenas seu coração mas sua alma. Ele a enchia. Completava. "Eu te amo tanto".

Emily tentou pegar a respiração enquanto as pernas deslizavam pelas coxas de Kell e seus braços soltavam de seu aperto da morte. O coração estava correndo fora de controle, as próprias emoções um caos, enquanto ele lentamente saía dela e rolava para o lado.

"Você vai me matar", ele grunhiu enquanto lutava para respirar. Mas ainda assim seu braço foi ao redor dela enquanto ela se movia para deitar através do peito dele. E isso custou muito esforço, porque seus músculos ainda estavam moles.

Imediatamente, o calor e a vitalidade dele envolveram-na. Força. Determinação. Ele era como uma força tão grande que ela se perguntou como ele conseguia manter o controle sobre si mesmo como fazia.

Ou talvez fosse seu controle, a essência de quem era, que criava a vitalidade. Alguns homens eram naturalmente contidos. Homens fortes, arrogantes, determinados. Homens que conheciam a força e entendiam os próprios limites.

Kell conhecia a realização horrorizante de que não era o Super-homem. Que às vezes as probabilidades estavam contra ele, e tinha aprendido com uma idade muito jovem que os resultados fatais podiam estar no lado errado das probabilidades.

As probabilidades tinham que estar ao lado deles, ela rezou enquanto ele a puxava contra o tórax e a cercava com o calor e a força de seu corpo. Elas tinham que estar, porque Deus a ajudasse se ela o perdesse.

Capítulo Vinte e dois

Era tarde quando Kell e Emily deixaram a cama para ir em direção à cozinha para um jantar tarde. Enquanto Emily ligava as luzes da sala de estar baixa e se movia para a cozinha, a música do AC/DC "Hells Bells" soava no celular de Kell, trazendo um sorriso aos lábios dela.

Ela deveria ter imaginado que a escuridão, a letra e a música dura daquele grupo em particular atrairiam Kell. Mas ela sabia que o gosto dele por música era eclético, simplesmente por causa dos CDs que



ele carregava no Bronco estacionado na calçada.

"Venha então. Use a entrada do pátio e tente não criar um maldito engarrafamento", ela ouviu o murmúrio de Kell. "Isto é loucura".

Ela girou enquanto ele desligava e a olhava com irritação ofendida.

"Quem está criando o engarrafamento?", ela perguntou enquanto dava uma olhada rápida nas roupas que tinha vestido. Calças de algodão soltas e a camiseta de Kell—porque ela queria manter o odor dele envolta dela.

"Seu pai". A voz dele chiou com frustração. "Almirante Holloran e o Capitão Malone".

"Capitão Malone?", ela franziu o cenho enquanto tirava o pacote de carne envolto em papel filme da geladeira antes de tirar o resto dos ingredientes para o sanduíche. "Esse é o tio de Nathan Malone. Ele estava com o papai e o Tio Sam antes de deixar os SEALs".

Os três homens tinham sido parte de uma força de elite de ataque, junto com mais dois. Um tinha morrido há vários anos, mas Jansen Clay, um dos melhores amigos do pai dela, e o pai de uma das garotas sequestradas com Emily, ainda era próximo dele também.

Enquanto ela dava aos ingredientes do sanduíche uma carranca entre as sobrancelhas ao pensar nos homens. Por que Jordan Malone estaria com o pai dela e o almirante?

Ela temia vê-lo. Ela ainda se sentia vagamente responsável pelo SEAL que havia morrido ao salvá-la. Quando ela soube que aquele SEAL era Nathan Malone, seu pesar tinha sido quase insuportável.

Ele era da idade de Kell, mas ela o conhecia pela vida toda, da mesma maneira que conhecia Risa Clay por toda a vida. Risa ainda estava no hospital, a mente jovem danificada pelos efeitos do Pó das Prostitutas que ela tinha recebido durante o sequestro.

Jansen não a havia contatado desde seu salvamento, e ela não o havia visto ou a Risa. Os doutores apenas permitiam visitas supervisionadas para os membros de família.

"... relatórios de que Nathan está vivo".

A cabeça dela virou ao ouvir a voz dele.

"O que você disse?", ela estava tão envolvida com suas memórias de Risa que não tinha pegado a última frase dele.

Ele a encarava, o olhar sombrio.

"Nós recebemos um relatório de que Nathan ainda está vivo e sendo mantido cativo pelo espião de Fuentes. Os retratos foram enviados para Macey, e é definitivamente Nathan".

Ela parou, a alface que tinha despedaçado, esquecida enquanto choque ressoava pelo corpo.

"Faz quase dois anos", ela sussurrou.



"Dezenove meses, e pelos retratos, Nathan sofreu cada dia". Fúria relampejava nos olhos de Kell, e Emily sabia que se ele conseguisse colocar as mãos em quem estava espionando para Fuentes, o homem morreria. Dolorosamente.

"Como um espião poderia segurar Nathan por tanto tempo?", ela agitou a cabeça em confusão. Nathan não era um homem fraco. Era um dos mais forte que ela conhecia. "E onde?".

"Onde, nós não sabemos". Ele passou os dedos agitadamente pelo cabelo longo enquanto um gesto apertado como um de uma fera marcava suas feições. "Mas nós o acharemos".

Os lábios dela se separaram em surpresa com a violência que cintilava nos olhos dele antes da cabeça dela virar para as portas do pátio com o golpe suave no lado de fora do vidro.

Kell acendeu as luzes da sala de estar antes de verificar o lado de fora e abrir a porta o suficiente para os homens entrarem.

O pai dela passou primeiro, seguido pelo almirante, Capitão Malone, e então o resto do time SEAL com o qual Kell estava trabalhando.

Eles todos olharam para o bar onde Emily estava fazendo a comida.

"Façam sanduíches para vocês". Ela acenou com a mão para a carne de almoço e legumes antes de partir dois pães e tirar chá gelado da geladeira. Ainda bem que ela tinha feito compras no supermercado antes de ir para D.C.

Ela não via Jordan Malone há anos. Ele era vários anos mais jovens do que o pai dela; deveria ter uns quarenta e cinco anos. Ele tinha acabado de sair do time no ano em que o pai dela foi ferido e forçado a ficar em posição de treinamento.

O cabelo ainda estava principalmente preto, mas havia mais cinza do que ela havia notado na última vez. Ele tinha pouco mais de um metro e oitenta, olhos azuis cinzentos escuros e uma expressão que lembrava um falcão. Nascido e criado no Texas, ele tinha um comportamento áspero e seco ainda hoje.

Era um viúvo sem filhos e ela sabia que ele amava o sobrinho como se fosse seu próprio filho. O relatório da morte de Nathan o havia golpeado com força.

Enquanto Emily arrumava os pratos de papel e as xícaras grandes de plástico que mantinha pelas raras ocasiões em que tinha companhia, ela assistiu os homens encherem sua sala de estar, junto com Kira. Eles eram homens duros, perigosos, mas eram homens cujas expressões também eram suaves com compaixão e amizade.

Servindo-se de sanduíches e chá gelado, eles puxaram as cadeiras da cozinha disponíveis para a sala de estar, se organizaram em torno dela, e se sentaram examinando cuidadosamente os detalhes das informações que tinham contra Fuentes, seu espião e o SEAL desaparecido pelo qual todos eles



lamentaram.

As fotos que o contato de Macey havia enviado eram horrorizantes. Era Nathan, mas não era o Nathan que Emily havia conhecido um dia. Seu corpo poderoso e grande estava magro agora, suas costelas distinguíam sob a carne do abdômen. O rosto estava inchado, contundido. Os ferimentos novos eram cortes nas pernas, braços e tórax. O rosto era apenas reconhecível, e os olhos, olhos de safira, azul profundos, estavam vítreos e brilhantes com violência.

"Nós recebemos um pouco mais de informações de Judas", Macey murmurou enquanto os retratos eram espalhados sobre a mesa de café. "A última transmissão foi várias horas atrás. Nós a localizamos aqui, em Atlanta, mas isto foi até onde eu consegui chegar. Ele tem sido atacado com o Pó das Prostitutas durante o cativeiro. O espião, que apenas podemos identificar como Sr. White, está determinado a quebrá-lo. Ele pensa que pode fazer Nathan quebrar seus votos de casamento fudendo com outra mulher, que sob a influência de drogas Nathan dará a ele as informações que ele quer".

"E o que ele quer?", a voz de Jordan era letal, áspera com fúria.

"Informações". Macey suspirou enquanto enxugava o rosto severo, cansado. "Nathan era da elite, como você sabe, Jordan. Ele tinha informações que pouquíssimos homens têm. Até agora, ele não sucumbiu, mas o nosso Sr. White acha que é apenas uma questão de tempo".

Emily vacilou enquanto se sentava no chão ao lado da cadeira de Kell. Aquele nome, Sr. White. Ela franziu o cenho, sentindo as áreas escuras da mente se movendo inconstantemente, sombras dentro de sombras e um grito assustador. Quem estava chorando?

"Tudo bem?", a mão de Kell caiu em seu ombro enquanto ela concordava com a cabeça depressa.

Os médicos estavam confiantes de que essas memórias nunca retornariam. Elas estavam bloqueadas para sempre pelos efeitos da droga.

Ela ergueu o olhar, encontrando os olhos do pai enquanto ele se sentava na cadeira em frente a eles. A expressão era sombria, e cheia com pesar por Nathan, ela sabia. Ele tinha ajudado a treinar Nathan, amava-o como amava todos os homens com os quais tinha treinado e lutado.

"Nosso Sr. White está por aí", Jordan cuspiu com abominação. "Ele conseguiu trair as identidades de vários SEALs em missão assim como agentes de Segurança Interna e do DEA durante o último ano sozinho. Ele está alimentando Fuentes, mas minhas fontes dizem que ele está alimentando o terrorista Sorrell também, e traindo Fuentes com cada virada da faca".

"Ele também pegou vários Agentes do ESI³²", Kira confirmou de onde estava sentada no bar.

³² ESI - Escritório de Segurança Interna.



Havia impressões em mesas de vários arquivos. Transmissões e relatórios da agência que tinham sido reunidos durante vários meses.

"Fuentes não negocia com terrorismo", Ian murmurou então, a voz arruinada grave e áspera. "As informações que nós reunimos dizem que ele está lutando contra a fusão que Sorrell está tentando fazer".

"Porque não é uma fusão, é se submeter com Fuentes como cobertura para o terrorista. Pegará o poder de Fuentes e seu controle e o deixará vulnerável contra as agências de execução da lei que o estão procurando", Jordan meditou, enquanto os outros iam por documentos, olhando as informações, então as colocavam de volta nas pastas de papéis.

"Então nós temos Fuentes, seu espião Sr. White e Sorrell todos com seus dedos envolvido em nossa operação agora", Emily sibilou. "Fuentes definitivamente enviou um sequestrador. Há alguma outra ameaça?".

Emily viu o pai vacilar antes de responder.

"Há informações de que Sorrell pediu para tomar posse de Emily assim que ela for sequestrada".

Emily esticou a mão, tocando na perna de Kell onde ela tinha ficado tensa ao lado dela. Ela tinha ouvido falar de Sorrell. O terrorista não identificado que negociava regularmente carne humana. As jovens sequestradas eram mantidas drogadas e usadas como brinquedos sexuais dentro de sua organização.

"Sem a rede de Fuentes e seus contatos, Sorrell não poderá alcançar a posição segura que quer aqui nos Estados Unidos", Macey interrompeu nesse ponto. "E sem Fuentes, o Sr. White não pode eliminar a ameaça que o senador está impondo".

"Nós ganhamos algumas informações sobre que ameaça é essa?", Kell perguntou.

"Quem quer que seja o Sr. White, é alguém bem próximo a mim", o pai dela respondeu, a mandíbula apertando com raiva. "Isso eu percebi. E ele tem que ser um dos senadores ou membros privados dos comitês aos quais estou ligado. A conta que estou tentando conseguir no Congresso enfoca em um controle mais forte dos sistemas para assegurar de que os comitês não sejam infiltrados por homens como o Sr. White. A conta tem um plano investigativo preso a ela. Se ele for passado pelo Senado, então o Sr. White não poderá mais se esconder".

"Bingo", Kell murmurou. "Então isso não tem nada a ver com a destruição da base de Fuentes durante o salvamento ou as novas leis que você está tentando pôr contra os fornecedores de droga e os negociantes pegos?".

Richard Stanton agitou a cabeça exausto. "Eu suspeitei que fosse isto, até a última transmissão que Macey recebeu. O Sr. White concordou com as demandas de Sorrell de que ele seguraria Emily em troca do meu bom comportamento", ele grunhiu, o tom cortante. "Se ele quisesse vingança, eles já a teriam



matado e aquela conta é a única coisa que podia interessar a Sorrell, Sr. White e Fuentes de uma vez só”.

O que significava que os muros eram muito mais altos do que qualquer um deles tinha percebido. Se o sequestrador de Fuentes realmente conseguisse levá-la, então a vida dele também poderia ser considerada acabada.

Kell apertou a mão no ombro de Emily brevemente enquanto encarava o senador, encontrando o olhar do outro homem diretamente.

Ele tinha que lutar para se impedir de puxá-la agora, levá-la às escondidas para aquela casa segura que sabia estar disponível. Ele a manteria lá, a protegeria ele mesmo, faria sombra em cada movimento. Mas por quanto tempo? Sem ela, o sequestrador enfraqueceria, e Fuentes se certificaria de que no próximo golpe fosse um que eles não pudessem se proteger.

E com todos os jogos, ele estava fazendo um conjunto predeterminado de regras. Mantendo a rainha na casa, o jogo progrediria. Tirando o prêmio, ele imediatamente os atingiria.

"Judas está certo de que a tentativa será feita no baile em Andover", Ian disse então. "O espião de Sorrell e Fuentes, Sr. White, estará em assistência. Haverá mais de seiscentos convidados nessa festa. Nenhum modo de distinguir quem é quem com a quantidade de tempo que temos, ainda que buscássemos as informações”.

"Então estamos andando no escuro", Emily disse então, olhando para cada um dos homens, enquanto Kell lutava para conter a fúria que podia sentir brotando nas próprias vísceras.

"O Time Durango estará na festa", Reno disse então. "Todos nós estaremos lá antes de você chegar e a nossa prioridade será nos certificar de que você não seja levada. Kira Porter também foi atribuída para a missão. White não terá a chance de te pegar, mas ele e seus comparsas e se sentirão confiantes o suficiente para fazer a tentativa. Então nós o pegaremos. E nossas fontes dizem que ele saberá quem White é”.

White. O nome martelava dentro da cabeça dela, enviando uma dor de tensão centrada atrás dos olhos. Por que diabo esse nome continuava a afetando?

"Emily?", o pai dela perguntou então.

Ela agitou a cabeça. "Sr. White". Ela se preocupava com o nome que passava pela mente. "Cada vez que você o menciona, eu juro que fico com calafrios e enxaqueca". Ela esfregou a testa.

"O Pó das Prostitutas faz isto". O pai dela fez uma careta. "Você provável ouviu o nome enquanto estava lá, amor. É um nome código que Fuentes deu ao seu espião. E Fuentes gosta de alardear para as vítimas. Foi provavelmente assim que você ouviu”.

Era uma explicação razoável. Ela tinha estado na base de Fuentes por quase quarenta e oito horas



antes de seu salvamento; ele podia ter feito muito alarde durante esse tempo.

"A festa será em duas noites", Kell declarou atrás dela, a voz sombria, a sombra de seu sotaque Cajun apenas colorindo as palavras—mas o fato de que ela estava lá dizia tudo. "Há algumas coisas que preciso. Farei uma lista e a darei para Ian hoje à noite".

"Você terá tudo o que precisar, Kell". O almirante falou mais alto naquele ponto. "Eu mesmo e o Capitão Malone fomos convidados para a festa. Forneceremos o auxílio que pudermos".

"E quanto a Jansen Clay?", Emily perguntou. "Ele vai querer ajudar, por causa de Risa".

O pai e o almirante agitaram as cabeças juntos. "Esta informações são muito importantes, Emily", o pai dela disse. "Por mais que eu tenha Jansen em estima, não posso confiar em seu temperamento. Risa está mal, foi o que eu ouvi. Ele é mais provável que ele fique vigilante do que siga ordens".

Papai! Ajude-me! Emily se moveu violentamente com o grito que rasgou por sua cabeça e a sensação de terror que a tomou até os pés, quase tropeçando antes de Kell se erguer e a tomar nos braços.

"Emily?", ele a questionou roucamente. "O que foi?".

Ela tragou firmemente, lutando contra a bÍlis em chamas que subiu à garganta.

"Eu sinto muito". Ela agitou a cabeça ferozmente enquanto lutava contra a repugnância que se formava dentro dela. "Eu não queria fazer isto". Ela se sentia com vontade de arrancar os cabelos como uma tentativa de arrancar as memórias.

"É a discussão. Conversar sobre isso trás fragmentos de memória que não fazem nenhum sentido". A voz do almirante era um grunhido maligno. "Aquele bastardo do Fuentes terá muita coisa para responder".

Emily concordou com a cabeça aos arrancos. Os doutores e psicólogos tinham páginas com informações que deram a ela, o suficiente para um livro, com os efeitos colaterais da droga sintética que o cientista gênio de Fuentes havia criado. O bastardo louco tinha sido pelo menos paranóico o suficiente para manter o segredo de como fazê-la escondido de Fuentes. Com sua morte, o segredo morreu com ele, fazendo o Pó das Prostitutas restante ser um artigo desaparecido no mercado das drogas.

"Eu ficarei bem". Ela se soltou de Kell lentamente, evitando seu olhar, sentindo-se fraca, ineficaz de se defender agora.

"Sim, você ficará". As mãos dele apertaram nos ombros dela antes de se ergueram e moveram para sua mandíbula, forçando-a a olhar para ele. "Não é sua culpa, Emily".

Ela estava ciente dos outros homens no cômodo e o fato de que eles, junto com o pai dela, estavam testemunhando sua fraqueza. E ela odiava isto. Apenas provava ao pai dela que ela não era tão forte ou tão valente quanto pensava que era.

"Eu sei disto". O sorriso dela era apertado enquanto ia para trás. "Se você me dá licença, acho que



preciso ir lavar o rosto”.

Ela precisava escapar. Precisava recuperar a compostura antes de conversar mais sobre Fuentes.

Kell a assistiu partir, a mandíbula firme com o esforço que precisou para não segui-la, não confortá-la. Ele virou a cabeça para olhar para os homens que o encaravam pensativamente antes de passar os dedos pelo cabelo e começar a ir atrás dela.

"Kell. Dê um minuto a ela", o senador disse, a voz áspera. "Apenas alguns minutos". Kell girou. "Por quê?", o outro homem agitou a cabeça. "Ela está se sentindo fraca. Se você entrar lá e a confortar, você a fará parecer mais fraca, e ela odiará isto”.

"Isso vindo de um homem que tenta acorrentá-la a qualquer controlador imbecil que conseguisse achar?", Kell retrucou furiosamente. "Como você saberia o que a faz fraca ou forte?”.

Ao invés de ficar bravo, os lábios do senador crispavam com uma ponta de humor.

"Fica entre nós dois, filho, eu sabia que aqueles controladores imbecis não tinham nenhuma chance. Da mesma maneira que sabia que, eventualmente, você ficaria cansado de me assistir mandá-los para ela e faria o trabalho você mesmo. Exatamente como fez”.

Os olhos de Kell estreitaram enquanto Richard se debruçava de volta em sua cadeira e o considerava com um sorriso leve.

"Ela é melhor que a maioria dos homens que conheço no tiro”. Ele esticou um dedo. "Ela vai ao Gator Jack para aprender a lutar. Quase convenceu o instrutor de tiro a deixá-la praticar armas normalmente reservadas para os executares da lei e o exército, e a mulher pode manobrar pela hora do rush como uma instrutora de direção defensiva”. Ele continuou a enumerar com os dedos. "Ela pensa que aquela maldita pesquisa a ajudará a escrever um livro, quando o livro é apenas uma desculpa de merda para me deixar puto e os guarda-costas loucos de raiva. Em cima disso tudo, você a tem seguido pela maior parte dos últimos cinco anos sempre que está em casa de licença, e tem o hábito aborrecedor de ameaçar os guarda-costas dela sempre que os pega olhando para ela com qualquer coisa diferente de interesse cortês”.

Kell se sentiu com vontade de se contorcer.

"Posso não estar mais em ação, filho, mas não fui um SEAL à toa. Minha filha é muito forte, mas não aceita ordens nenhuma. E quando o assunto é mulheres, nem você. Os dois precisavam de um chute forte na bunda há anos. E eu acabei de te dar um”.

"Você não podia ter previsto isso”, Kell retrucou, referindo-se às tentativas de Fuentes sobre Emily.

"Não, é verdade”. O senador respirou exausto enquanto agitava a cabeça então. "Mas eu não tive que predizer. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes de você aparecer”.

Kell encarava os homens ao redor, os esforços para conterem a diversão trazendo um grunhido aos



lábios dele.

"Sente-se, Kell". O almirante acenou com a mão em direção à cadeira. "Richard está certo. Dê à garota uma chance de achar sua compostura antes de você ir até ela. Ela é uma mulher; melhor aprender agora quando confortar suas lágrimas e quando não as confortar".

Ela estava chorando? O olhar dele foi para a porta fechada. Deus o ajudasse se ela estivesse lá chorando sozinha.

"Eu posso fazer disso uma ordem, Tenente", o almirante o lembrou. "Dê-nos mais dez minutos e então você poderá ir até ela. Nós ainda temos algumas coisas para discutir aqui".

Cerrando os punhos, Kell se sentou de volta lentamente, determinado a ouvir mas se ouvisse algum gemido de choro do banheiro então as ordens que se danassem, de maneira nenhuma ele ficaria lá.

Enquanto dava um suspiro frustrado, o olhar ergueu, preso no de Ian onde ele estava de pé atrás do senador, debruçado casualmente contra a parede. Por um momento, apenas um momento, ele podia jurado ter visto pesar refletido nos olhos do homem. Não teria sido a primeira vez que ele tinha pegado aquele flash de emoção. Da mesma maneira que veio, se foi, e a diversão zombeteira sempre presente tomou seu lugar.

"Assegurar a mansão de Andover vai ser uma merda", Reno disse, interrompendo os pensamentos de Kell, trazendo o olhar de volta para o grupo e uma planta da casa e da vizinhança que Reno colocou na mesa. "É uma mansão antiga com várias alas e adições. Não há nenhum sinal de entradas ou túneis escondidos, então temos sorte nisso". Uma casa de fazenda do Sul sem túneis ou entradas escondidas. Inferno, alguém tinha sido confiante quando eles tinham construído aquela casa.

"O que nós temos"—Macey se sentou adiante para apontar para a região ao redor—"são terrenos sem cerca, bosques espessos, e tantos malditos convidados que vamos querer começar a dar tiros a esmo. Olho vivo, garotos, e eu os mostrarei o que fiz". Ele esfregou as mãos juntas todo contente enquanto dava uma olhada rápida para Kell. "Procurei um transmissor pequeno e do tom de pele para você colocar em Emily. E conseguir isso com aqueles garotos malvados não foi fácil, deixe-me te dizer. Se—e eu destaco o se—ela for tomada, então nós ao menos teremos uma chance de conseguir as coordenadas. É chamado restringir as apostas. Eu também mexi nas câmeras de segurança dos Andovers e os garotos do Serviço Secreto trabalhando conosco verificarão os monitores. Nós podemos examinar cuidadosamente as gravações depois da festa e ver o que precisarmos. Vamos pegar este filho da puta, e quando o fizermos, ele vai nos dizer onde o Nathan está. Deus o ajude então, porque não haverá nenhum Sr. White remanescente na hora em que terminarmos com ele".

Violência chiava no ar, relampejava no olhar de cada homem lá. Sr. White, quem quer que fosse,



havia torturado Nathan ao ponto de que não havia nenhuma chance de que fosse o mesmo novamente.

O Irishman³³ sorridente, eles o haviam chamado assim um dia. A mãe tinha vindo da Irlanda com os pais, e o sotaque do avô havia influenciado a fala de Nathan quando criança. Com os olhos azuis claros e sorriso largo e divertido, encantava as mulheres e entrava em mais enrascadas do que qualquer homem tinha o direito de poder.

Sua sorte tinha acabado quando Fuentes o havia capturado. Não havia nenhuma diversão nos olhos do homem nas fotografias que Macey havia imprimido. Havia loucura, ira – morte. Não havia nada do homem que Emily havia conhecido e frequentemente chamado de irmão.

Sobraria ainda menos de Emily se Sorrell conseguiu colocar as mãos nela. As lendas de suas torturas, as vidas que as mulheres tinham, eram o próprio pesadelo. Fuentes era fichinha se comparado a Sorrell.

"O último contato de Judas prometeu auxílio se ela for tomada", Macey declarou. "Se nós podemos confiar nele ou não, não sei dizer. Sei que nos últimos dois anos ele ainda não nos ferrou totalmente".

"Ela não será tomada", Kell os informou, o tom gutural da voz quase chocando a si mesmo. "Nós a cobriremos e ela não será tomada. Então nós assistiremos as gravações de segurança que Macey fará e acharemos o bastardo lá. Emily não será deixada desprotegida".

"Nós protegeremos Emily e acharemos Nathan", Ian disse então. "Não importa o custo".

"Não importa o custo", eles repetiram.

Mas a extremidade na voz de Ian fez o olhar de Kell retornar a ele uma vez mais. Nathan tinha sido o amigo mais próximo de Ian, mesmo quando adolescentes, e Kell sabia que Ian lamentava mais do que o resto deles quando eles perderam o outro homem.

Ian morreria por alguns de seus irmãos, mas por Nathan, ele venderia a própria alma. Um frio correu pela espinha de Kell com o pensamento. Se Ian chegasse ao Sr. White ou a Sorrell antes que o resto do time conseguisse tirá-lo, só Deus sabia o que aconteceria.

Capítulo Vinte e três

Pesadelos marcaram a noite de Emily naquela noite, fazendo-a dormir inquieta apesar das melhores tentativas de Kell de ajudá-la a descansar. Quando ela despertou na manhã seguinte, estava cansada, moída, pânico nervoso enchia o estômago fazendo-a parecer mais fraca do que nunca.

Ela odiava este sentimento. Ela nunca tinha conhecido medo de verdade até Fuentes a sequestrar, e desde então, tinha jurado que nunca mais sentiria isto novamente. Agora, quanto mais perto ficava a festa

³³ O apelido de Nathan é 'Irish', Irlandês.



de Andover, mais os nervos apertavam o estômago e mais os pesadelos a deixavam preocupada.

Porque ela não podia se lembrar deles. Eles estavam ali mesmo, na extremidade da memória à medida que ela despertava, mas nunca saíam das sombras o suficiente para ela pegá-los.

E eles nunca a haviam deixado lutando com o sentimento doente de pânico que se erguia dentro dela esta manhã.

Amanhã à noite, eles chegariam ao baile de Andover, e ela tinha a sensação de que o que quer que acontecesse lá, nada mais seria igual.

Sacudindo a cabeça com o pensamento, Emily terminou o banho antes de depressa secar o cabelo e colocar um short de algodão suave e uma camiseta por cima. O tecido leve era fresco e confortável, roupas que ela normalmente usava quando estava organizando as notas das pesquisas no computador e conspirando sobre seus livros.

Ela deu uma olhada rápida no laptop enquanto deixava o quarto, e deu um suspiro de remorso. Teria que esperar apenas um pouco mais. O livro que ela estava quase terminando e que sua agente estava tão excitada parecia ser parte de outro mundo agora, um mundo que ela não podia voltar até depois do dia seguinte à noite. Tudo se resolveria amanhã à noite.

O odor de café a saudou enquanto ela entrava na sala de estar, e a visão de Kell sem camisa e com os pés descalços se movendo em torno da cozinha trouxe uma dor ao peito.

Ele tinha tentado confortá-la todas as vezes que ela despertava dos pesadelos, mas ela sentiu sua raiva chiar pelo quarto. Muda. Mortal. Cada vez que a voz áspera dele a arrastava para fora de qualquer pesadelo que a atormentasse, parecia que a raiva dele apenas crescia.

"Eu pedi a Ian que saísse para comparar para você alguns pãezinhos frescos de canela", ele anunciou enquanto colocava uma xícara de café para ela. Então, como fazia todos os dias de suas vidas juntos, ele colocava açúcar e creme no café antes de colocar a xícara na mesa da cozinha.

"Então é assim que você consegue os pãezinhos de canela sem sair de casa", ela disse. "Eu devia ter imaginado".

Um sorriso rápido relampejou através do rosto dele antes de ele abaixar a cabeça para roubar um beijo. "Eu gosto de doce".

"Sem brincadeira". Ela se sentou, pegou a xícara de café, e deu um suspiro de encanto antes de tomar seu primeiro gole.



Ele fazia uma xícara de café perfeita.

"Kira passou aqui enquanto você estava no chuveiro", ele disse a ela enquanto se movia para o outro lado da mesa com sua própria xícara. "Ela se ofereceu para pegar seu vestido para a festa e trazê-lo para você. Acho que você deveria deixar".

Ela encontrou o olhar dele cautelosamente. "As alterações finais foram terminadas". Ela finalmente encolheu os ombros. "Mas ela terá que escolher os acessórios para mim. Eu não tinha chegado nesse ponto ainda".

"Estou certo de que ela poderá cuidar disto", ele disse.

Emily concordou antes de abaixar a cabeça e olhar para o pãozinho de canela no pequeno pires ao lado de seu café.

"Em. Tudo vai dar certo", ele disse a ela novamente.

"Eu sei". Ela relampejou a ele um sorriso confiante. "Sei que você cuidará de mim, Kell".

Ele era tão feroz, tão determinado. Ela podia ver nos olhos, no conjunto duro de sua expressão.

"Sobre o que eram os pesadelos então?", ele bebericou o café, assistindo-a sobre a beira da xícara.

"Eu não sei". Ela podia sentir a sensação sufocante de medo que se erguia dentro dela novamente.

"Eu não posso me lembrar delas depois que desperto".

"Você os tem frequentemente?", a pergunta foi dita casualmente, mas Emily viu o escrutínio afiado em seu olhar.

"Depois do sequestro, sim". Ela esfregou o rosto antes de agitar a cabeça, exausta. "Por meses seguintes eu não pude dormir de noite. A escuridão era apavorante".

"Você estava provavelmente vendada quando foi sequestrada", ele disse suavemente. "Fuentes entende disto. Quando sequestra uma de suas vítimas, ele as mantém vendada por horas. Tira seus sentidos de equilíbrio e deixa o medo mais forte".

"Foi o que o psicólogo disse". Ela fez careta. "Levou dias antes que eu pudesse fazer sentido do que estava acontecendo ao meu redor depois do salvamento. Eu não me lembro de muita coisa naquela semana e não me lembro de nada do sequestro propriamente dito depois que a limusine foi pega na estrada e fomos levados".

Ela e as outras duas garotas estavam a caminho de casa voltando de uma festa em D.C. Duas filhas de senadores e a filha de Jansen Clay, Risa. O pai de Emily e o Senador Bridgeport, pai de Carrie Bridgeport, tinham sido firmes em várias contas que davam liberdades aos agentes do DEA a descobrir os transportadores e fornecedores das drogas que entravam nos Estados Unidos.

Carrie Bridgeport tinha morrido com a dose do Pó das Prostitutas que tinha recebido, e Risa Clay



estava atualmente em uma instituição privada devido ao dano mental que a droga havia infligido nela.

Deus, aquelas garotas eram tão jovens. Carrie tinha dezesseis anos, Risa apenas dezoito.

O olhar dela voltou para o café, o vapor da bebida cremosa e fermentada subindo, espessando, e antes que Emily pudesse parar, um grito horrorizado rasgou sua mente.

Papai, ajude-me!

"Emily!", a voz de Kell quebrou a memória súbita que estava lá, e então sumiu.

De modo selvagem, ela olhou em torno da cozinha, percebendo que não estava mais em sua cadeira. O café pingava da mesa onde a xícara havia virado e os braços de Kell estavam ao redor dela, arrastando-a de volta do líquido quente, segurando-a para ele enquanto ela tentava lutar.

"O que foi?", ele a girou para enfrentá-lo, a expressão feroz, o olhar exigindo enquanto ele a encarava abaixo, forçando-a a olhar para ele. "O que você viu, Emily?"

A voz dele era alta, batendo em sua mente, rouca e dominante, enquanto ela lutava para se impedir de ser arrastada de volta para a escuridão que aguardava dentro de suas próprias memórias.

"Gritos". Ela agitou a cabeça, saindo de perto dele pra pôr distância entre si mesma e o abrigo de calor que precisava tanto.

Ela não podia deixá-lo abraçá-la. Ela agitou a cabeça, tremendo enquanto os sussurros tomavam sua mente.

"Ele virá por você?", uma zombaria, uma voz que a enchia com terror. *"Diga-me. Diga-me como contatá-lo".*

Ela agitou a cabeça furiosamente enquanto olhava para Kell. "Como você sabia que eu fui sequestrada?", a pergunta saiu ofegante dos lábios. Ela o havia traído?

Kell franziu o cenho. "Eu estava em uma tarefa prévia no Golfo. Estava dando o relato da minha missão quando o meu comandante me disse sobre o sequestro. Eu solicitei um voo imediato para o transporte até as águas da Colômbia onde os times de salvamento estavam sendo transportados. Quando cheguei lá, quase exigi ser uma parte do salvamento. Por quê?"

Ela agitou a cabeça. Não fazia sentido.

"Por que, Emily?", ele retrucou.

"Eu me lembro de sussurros", ela ofegou. "Gritos. Eu não sei de quem eles eram. Se meus ou das outras garotas. Um grito pelo pai. Alguém sussurrando perguntas. Perguntando se alguém viria. Como contatá-los. E tudo tão escuro...", ela estremeceu enquanto se movia nos braços dele novamente.

"O estresse está contra você". A mão dele cobriu a cabeça dela, segurando-a para ele. "O Pó das Prostitutas é destrutivo. Nada do que as vítimas se lembravam do passado tinha qualquer coisa a ver com a



noite em que elas estavam drogadas. Tudo é destruído na sua cabeça desde a hora em que recebe a droga até a hora em que ela está completamente fora do sistema. Dias para alguns. Semanas para outros. Alguns nunca se recuperam, Emily”.

Como Risa Clay. Ela não havia se recuperado. Não ainda.

"Você tem todo o direito de estar assustada", ele disse a ela então. "Você sabe o que Fuentes pode fazer. Seu subconsciente sabia como apavorada você ficou quando foi tomada pela primeira vez. O subconsciente pode ser mais destrutivo do que a realidade. Cria demônios, pesadelos e sussurros de memórias que você não pode estar certa de que são verdade ou não”.

Ela respirou roucamente. "Eu não tinha pesadelos desde as primeiras semanas”.

"E quando isso estiver terminado, elas desaparecerão novamente", ele prometeu, puxando-a para trás para assisti-la com olhos tão fundos, tão escuros, que eram como charcos infinitos de emoção.

Como ela poderia ter pensado um dia que ele era frio? Que não havia nenhuma emoção, nada gentil, para cobrir a extrema sexualidade que era tanto uma parte dele?

"É apenas medo", ela disse então, engolindo com força, tentando se convencer disto.

"Apenas medo", ele concordou, mas ela jurou que viu suspeita relampejar nos olhos dele. A mesma suspeita que a enchia.

"Mas você vai querer saber se eu me lembrar de mais", ela adivinhou.

Os lábios dele apertaram. "Por via das dúvidas”.

Emily inalou profundamente. "Nenhuma outra vítima já se lembrou de qualquer coisa?”.

Ele agitou a cabeça enquanto segurava o rosto dela entre as mãos. "Mas você não é as outras", ele disse a ela então. "Se você se lembrar de qualquer sussurro, uma voz, um rosto, qualquer coisa, eu quero saber”.

"Eu te informarei”.

"E amanhã à noite, você ficará perto de mim", ele ordenou. "Você seguirá as ordens. Prometa-me”.

"Prometo", ela respondeu com um sorriso trêmulo. "E irei mesmo, Kell, porque não tenho nenhum desejo de perder os seus braços ao meu redor. Eu não me arriscarei permitir qualquer dano a algum de nós”.

A mandíbula dele cerrou bem apertada, o músculo trabalhando furiosamente antes de uma careta apertada cruzar seu rosto e seus braços se apertarem ao redor dela.

"Emily, você sabe o que faz comigo?”.

Ela podia sentir a ereção dele contra sua barriga, os braços apertados ao redor dela, flexionando para conter sua força, conter a necessidade de puxá-la para perto para que eles pudessem derreter um com o



outro.

"Eu sei o que você faz comigo". As mãos dela estavam ao redor das costas dele, alisando-a, sentindo a ondulação poderosa dos músculos sob as palmas. "Eu sei que sonhei com você por anos. Fantasiei e desejei. E sei que te amo mais do que pensei que poderia amar alguém. Eu te amei desde o princípio, Kell, eu apenas não queria admitir".

"Você não queria dar ao seu pai o que achava que ele desejava", ele a acusou suavemente, uma curva triste arrastando os lábios.

"Como você sabia disso?", ela não admitia isto completamente nem para si mesma.

"Porque essa é a razão pela qual eu ficava longe de você, chère. Se eu tivesse tomado o que eu queria, então eu teria dado aos Kreigers e aos Beaulaines o que eles sonhavam. Uma mulher que eles aprovavam, e eventualmente os netos que eles sonhavam para continuar com sua linhagem. Foi necessário Fuentes me mostrar o que eu estava jogando fora e esta nova ameaça para me fazer mover o meu traseiro e te reivindicar. E eu nunca te deixarei ir, Emily. Lembre-se disto. Aonde quer que você vá em vida, eu irei atrás de você. Assim como na morte".

Ele tinha perdido tanto, tão jovem. E essa perda o havia cicatrizado, havia feito ele ficar mais duro e amargo por tanto tempo. Agora, ela via o homem que ele era por dentro enquanto o calor aquecia os olhos cor de esmeralda que a encaravam.

Ele era um guerreiro. Feroz. Determinado e forte. E ele era seu amante.

Enquanto os lábios dele pegavam os dela em um beijo maravilhoso e gentil, Emily sentia a respiração prender na garganta. Ela precisava dele. De um modo que nunca tinha sabido que precisaria de um homem, ela precisava de Kell.

Ele precisava dela.

Enquanto ele erguia Emily nos braços e a levava de volta para a cama, ele admitiu para si mesmo que o coração e alma ela conhecia por anos. Ela era a outra metade dele. Corajosa, valente, desafiante e encantadora. Ela era cada sonho que faiscava em sua mente enquanto ele vivesse.

Seu Papère Beaulaine disse um dia que os homens Beaulaine achassem a outra metade de si mesmos, então saberiam. Não havia nenhuma dúvida. Não havia nenhuma dúvida na sua mente por anos que a mulher era ela. A dúvida tinha estado nele mesmo, em sua própria teimosia e inabilidade de alcançar para si o que queria sem o passado interferir.

Enquanto ele a deitava na cama e a despia, ele sabia que o passado nada tinha a ver com isso. Emily era seu futuro.

"Eu vou te amar até o esgotamento hoje", ele disse a ela. "Quando a noite cair, você não terá



nenhuma escolha além de dormir”.

Ele segurou a base do membro, os dedos enrolando ao redor dele enquanto o olhar dela descia, a quente e pequena língua deslizando sobre os lábios inchados. Os olhos azuis estavam escurecendo, aquecendo enquanto ela se movia no colchão, abrindo as coxas.

E o olhar de Kell foi descendo. Dos mamilos duros e apertados como o paraíso. A carne cremosa e suave brilhando com os sucos doces que atraíam sua língua como um ímã e um duro pequeno clitóris que espiava das dobras com fome tímida.

"Pode ser difícil de me deixar exausta", ela sussurrou então. "Eu estou te esperado há muito tempo, Kell”.

"Ah chère, não mais do que eu sonhei com isso”. Ele acariciou o membro, deixando a antecipação erguer, sentindo o calor do olhar dela na carne dura enquanto apertava mais, uma gota de pré-sêmen cremoso brilhando na ponta.

Ele assistiu enquanto o olhar dela estreitava para a pequena pérola de líquido antes de ela ficar de joelhos, se movendo com tal graça e intento sensual que roubou a respiração dele.

O pouco oxigênio remanescente nos pulmões foi arrancado enquanto a língua dela enrolava sobre a cabeça do membro, trazendo o sedoso fluido para ela antes da boca cobrir a cabeça inchada.

"Bébé”, ele gemeu, a voz severo. "Inferno, sim, chupe bem fundo”.

Ela o estava sugando junto com a língua, enchendo a boca com a carne enquanto a cabeça do membro pulsava em antecipação ávida.

Ele soltou os dedos, correndo-os no fundo da cascata ruiva que emoldurava o rosto dela, puxando-a para trás e assistindo os lábios dela enquanto eles se estiraram ao redor de sua carne e o chupavam até as profundidades ricas de prazer de sua boca.

"Emily, doce”. Ele deixou os sentidos irem, deixou-os se encherem com a visão e a sensação dela enquanto ela trazia a ele mais prazer do que ele já tinha conhecido.

As bolas apertavam ao final da base de sua vara, o prazer lavando sua espinha e chiando por seu couro cabeludo com pulsações sem fim de sensações quentes, elétricas.

Ela fazia isso com ele cada vez que o tocava. Debilitava seus joelhos com um prazer que ele nunca sabia que poderia experimentar. Ela enchia sua cabeça com pensamentos de um futuro e seu corpo com uma luxúria que quase o fazia ficar de joelho.

Apertando os dedos no cabelo dela, ele a puxou de volta, sorrindo com o prazer no arrastar dos lábios dela sobre sua carne e o brilho da umidade de sua boca que agora cobria seu membro.

Ele puxou a cabeça, deixando-a livre, a mandíbula apertando com o prazer primoroso da língua sobre



ele e o gemido de negação dela vibrando ao seu redor.

Segurando a cabeça dela para trás, ele encarava as profundidades aveludadas dos olhos tão azuis que o hipnotizavam. Segurando sua ereção, ele a colocou nos lábios uma vez mais, afundou, e então a deixou livre enquanto ele ficava tenso com a necessidade de foder sua boca até que ele derramasse cada gota de sêmen torturando suas bolas na profundidade aquecida.

"Você está brincando comigo", ela gemeu enquanto os dedos deslizavam pelas coxas dele e então se moviam para envolver em torno da base da vara pesada. "Isto não é legal, Kell".

"Foder a sua boca deve ser feito lenta e facilmente", ele disse arrastado, segurando a cabeça dela para trás com as mechas espessas do cabelo. "Deve ser saboreado, chère. Tal prazer nunca deve ser apressado".

Ele assistiu os olhos dela dilatarem e escurecerem com o Cajun espesso que ele não podia esconder quando estava com ela. Ele retumbava em seu tórax, tanto quanto uma parte da educação dele tinha sido.

"Eu também não deveria ser provocada". Ela estava respirando mais duro quando ele colocou o membro nos lábios dela uma vez mais, assistindo os olhos dela tremularem fechados, sentindo as mãos apertarem na base enquanto ele ia adiante uma vez mais.

Lentamente. Ele entrou no calor molhado de sua boca, sentindo a lambida e o golpe contra o lado inferior sensível, sentindo uma mão segurar suas bolas enquanto a outra começava a deslizar na vara enquanto ele movia os próprios dedos.

Ele soltou a cabeça dela, assistindo em êxtase enquanto ela começava a sugar seu pau com doce abandono. As mãos acariciando a cabeça dela em vez de puxá-la, deslizando na seda do cabelo, tocando sua bochecha, a concha de suas orelhas, desesperado para tocá-la de qualquer forma enquanto ela dava a ele um prazer que ele nunca poderia descrever. Um prazer que ele mataria para preservar.

"Ah, doce Emily", ele sussurrou. "Uma boca tão quente, suave. Uma pequena língua provocante". A língua provocante em questão estava chicoteando a cabeça do pau a cada movimento lento da boca. Curvava sob a cabeça pulsante e ondulava contra o lado inferior com um prazer ígneo.

Se ele não fosse cuidadoso, derramaria entre os lábios dela, e não era isso o que ele desejava para eles. Ele precisava estar dentro dela quando sua liberação viesse. Sentir a pulsação quente de seu sêmen enquanto a buceta contraía ao redor dele.

Ele preferiria senti-la sem a proteção do preservativo, mas não era um risco que ele poderia correr novamente. Não ainda. Que Deus o ajudasse, ele não poderia levá-la para aquela festa com o risco de que ela pudesse ter concebido seu filho.

"Chega, Emily", ele gemeu enquanto sentiu o sêmen borbulhante nas bolas. O saco estava tão



apertado, tão perto de seu corpo que ele estava em agonia.

Indo para trás, ele saiu de seu aperto, os dentes do fundo machucando com a necessidade de foder. Tomá-la. Possuí-la. Marcá-la como sua para sempre.

Em vez disso, os lábios pegaram os dela enquanto ele se movia sobre ela, apertando-a na cama e enchendo seus sentidos com o odor de excitação feminina e o som de gemidos que ecoavam em sua garganta.

Sua doce pequena raposa.

As mãos acariciavam os braços, prendendo os pulsos para puxá-los acima da cabeça enquanto ele saqueava os lábios com uma fome que o teria chocado a qualquer outro tempo.

Ele não a estava tomando suavemente, mas precisava. Queria. A fome estava subindo dentro dele como uma tempestade selvagem, esmurrando seu controle enquanto ele lutava para tocá-la e saboreá-la tanto quanto possível.

"Kell—", o grito suave de necessidade, que saiu dos lábios enquanto ele se movia para saborear a carne sensível de seu pescoço fez uma corrida de tremor passar por ele.

Ela estava ligeiramente úmida com o calor furioso dentro do corpo, e ele podia saborear a doce perfeição dela na curva de seu pescoço, acima de sua clavícula.

Seios inchados se erguiam nitidamente, os mamilos apertados e corados com a necessidade de serem tocados. Serem saboreados.

Com um gemido faminto ele encheu a boca com um mamilo túrgido, a língua enrolando ao redor dele enquanto segurava o montículo com a mão.

Cada passada da língua fazia com que ela empurrasse contra ele, empurrando seu mamilo mais fundo na boca dele enquanto ela arqueava contra ele. A coxa esfregava contra seu membro inchado, arrancando um gemido do tórax dele enquanto ele se movia de um mamilo para o outro. A resposta da sucção faminta chicoteava por ele.

Se ele não a tocasse mais, saboreasse mais, então ele ficaria louco com necessidade. Controle? Ele ridicularizou o pensamento enquanto os lábios se moviam para baixo do torso dela com beijos famintos e estalidos rápidos da língua. Cada carícia chicoteava por ela, empurrando-a contra ele, assegurando-o de seu prazer.

"Eu preciso te saborear". Ele beliscou a pele lisa do quadril dela. "Enterrar a minha boca na sua buceta e ficar embriagado com o seu gosto. Você é como o uísque mais suave, doce, quente e tão potente que rouba a minha mente".

Ele abriu as coxas dela, movendo depressa entre elas enquanto olhava para ela, enchendo seus



sentidos com a visão dela, os braços estendidos na cama, os dedos apertando os cobertores enquanto a cabeça dela ia para trás com o prazer.

Ele correu os dedos pela racha molhada e ela gemeu e se curvou. Ele abriu as dobras frágeis lentamente, a carne interna suave brilhando com sua camada de mel, e um apelo roto rasgou a garganta dela.

Quando a cabeça dele abaixou e ele retraiu o primeiro gosto dela, Kell deixou a fome tomá-lo. Ele lambeu ao redor do clitóris enquanto as mãos envolviam as coxas por baixo e as ergueu, empurrando-as para perto do tórax dela e deixou a carne corada e molhada mais próxima de sua boca. Segurando as coxas bem firmes enquanto ele as abria mais, o olhar dele preso na abertura das dobras, revelando a entrada delicada além da carne misteriosa.

Era um mistério que a língua dele estava determinada a resolver. A primeira punhalada fez o sabor dela explodir pelos seus sentidos. Doce, tempestuoso, marcado com o gosto de mel e algo como fogo, e intoxicante como um moonshine³⁴ que ele havia bebido quando jovem.

Ela drogava seus sentidos. Chacoalhava sua mente. E possuía sua alma.

Ele a fodia com a língua, sentindo o aperto de sua buceta enquanto ela tentava arquear para mais perto, sentindo os dedos dela mergulhando em seu cabelo enquanto ele empurrava a língua bem no fundo dela.

Rápidas e furiosas punhaladas faziam o corpo dela se contorcer sob ele e seus sucos fluíam para a língua dele com uma abundância que o fez gemer com êxtase.

O tecido delicado que cerrava ao redor da língua com ferocidade fez o pau dele empurrar, exigindo se libertar. Suor banhava o corpo dele, molhando o dela, e enchia o ar de fome como um vapor enquanto ele depressa erguia a cabeça e se movia sobre ela.

Ele tinha se forçado até onde ousava. Esticando a mão para a mesa ao lado da cama, ele pegou um preservativo da gaveta, depressa encapou o membro, e com um golpe liso se enterrou dentro dela.

Quente. Deus, tão quente e apertado. As bolas dobravam enquanto ele entrava na carne molhada e seu membro flexionava em advertência primitiva enquanto a buceta apertada dela causava uma sobrecarga sobre seus sentidos.

Ele não podia se conter. Puxando com o esforço de fazê-la gozar antes de ele também o fazer, Kell começou a se mover com uma velocidade suave. Golpes fáceis. Contendo a necessidade agonizante de

³⁴ Moonshine - licor contrabandeado ou ilicitamente destilado, especialmente licor de grão destilados ilicitamente em áreas rurais do Sul dos Estados Unidos.



ceder à liberação que seu corpo demandava.

Embaixo dele, Emily estava empurrando, arqueando, lutando contra o aperto dele em suas coxas enquanto as mãos se moviam nos ombros dele, as pequenas unhas em sua carne enquanto ele bombeava seu membro dentro dela.

Ela o estava apertando. A voz cheia com luxúria enquanto ele sentia a carne dela ondular ao seu redor, apertando, tendo espasmos, antes de um lamento forte deixar os lábios dela e explodir ao redor dele.

"Foda, sim. Goze por mim", ele gemeu. "Tão apertado. Tão quente. Neném, eu vou te foder até que nós dois estejamos agonizado com isto".

A liberação dela fez em fiapos o resto do controle dele. Os quadris dele martelavam-na, empurrando o membro dentro dela com rápidos golpes como uma britadeira que separavam a carne em espasmos enquanto ela lutava para segurá-lo dentro dela.

Ele friccionou os dentes. A cabeça agitou em negação desesperada, mas conter sua própria liberação era impossível.

Ele não sabia o que dizia, as palavras derramavam dos lábios enquanto ele bombeava dentro dela, sentindo seu membro estourar e seu sêmen sair em um jato forte de seu corpo.

Tudo o que ele sabia era o calor e a fome, a liberação e o desespero.

"Je t'aime. Eu amo você. Bébé. Minha doçura—tão doce".

Ele veio sobre ela, ainda enterrado dentro dela, lutando para respirar enquanto os braços a cercavam e os lábios estavam enterrados em seu pescoço.

"Minha preciosa. Minha vida", ele gemeu no pescoço dela, ouvindo a voz dela em sua orelha, ofegantes gritos de amor.

"... meu". O grito de possessão que saiu dos lábios dela foi acompanhado por seus pequenos e afiados dentes no ombro dele, enviando outra labareda de calor rasgando pelo corpo dele.

"Nós não estamos acabados", ele gemeu no pescoço dela, dando beijinhos embaixo da orelha dela. "Chère, de modo algum nós terminamos". Ele ainda estava duro, faminto.

Ele ficou livre, colocou outra camisinha no membro ainda duro antes de puxá-la para ele e a erguer nos braços enquanto ele ficava de joelhos, empalando-a uma vez mais com seu membro espesso.

Os olhos dela arregalaram, então ficaram sonolentos novamente enquanto os braços o envolviam, e ela se debruçou para trás apenas o suficiente para se dar alavanca suficiente antes de começar a montá-lo.

"Foda, sim", ele grunhiu. "Foda-me, ma bien-aimée". Ele sussurrou uma estima que nunca tinha usado, nunca tinha permitido passar pelos lábios. Sua doce. Sua querida. "Ça c'est bon, tão bom. Monte



em mim, duro". Ele agarrou os quadris dela, persuadindo-a, sentindo o aperto de sua buceta e o calor o cercando enquanto ele se perdia na vontade de possuí-la uma vez mais.

Ele a assistiu enquanto ela o montava, as pernas apertadas ao redor de seus quadris, o torso curvado, empurrando os seios para ele, os mamilos duros atraindo sua boca enquanto ele a segurava, fodia, se perdia para ela.

"Ma bien-aimée—meu amor".

Eles explodiram juntos, a exclamação severa dele misturada com os gemidos dela enquanto eles caíam no meio da cama e enroscavam os membros e a carne banhada de suor.

"Dê-me um minuto", ele gemeu, morto, apenas capaz de respirar. "Nós iremos novamente, eh amoureuse?", seu amor. Ela era sua alma.

O suave e desafiante bufar trouxe um sorriso aos lábios dele.

"Toque-me e morra", ela murmurou, a buceta flexionando ao redor do membro dele enquanto ela o segurava dentro dela.

"Morrerei se não o fizer", ele murmurou, apenas capaz de ir para trás e desmoronar para o lado antes de trazê-la contra ele. "Posso precisar de comida primeiro".

O murmúrio dela, nem de encorajamento, nem de negação fez um sorriso se arrastar nos lábios dele. "Você vai cozinhar, certo?".

"Você está sonhando", ela murmurou.

Sim, ele estava. Com ela. Sempre com ela.

Ele a trouxe para mais perto, deixando-a sobre seu tórax com um suspiro de satisfação e fechou os olhos para um cochilo rápido. Apenas rápido, antes que ele fizesse para ambos algo com proteína suficiente para passarem pelo dia. Hoje à noite, ela dormiria. O esgotamento sexual podia fazer maravilhas para pesadelos, ele sabia. E ele veria que nenhum pesadelo a chamaria. Que hoje à noite ela dormiria, porque amanhã os dois precisariam de todos os sentidos descansados. Amanhã, eles enfrentariam seus demônios.

* * *

Judas encarava o celular seguro na mão e a mensagem que tinha apenas que clicar em um único botão para enviar. Apenas um movimento do dedo polegar, e estaria terminado. Ele tinha feito sua escolha dois anos antes; e não sabia por que estava pensando duas vezes agora. Depois de anos ignorando a verdade, o conhecimento de que este dia viria, ele havia aceitado que não havia mais nenhuma chance de



lutar.

Mas ainda assim, ele hesitava.

Ele tinha aceitado as demandas do pai há dias. Ele tomaria seu lugar dentro do cartel em troca do Sr. White, a segurança de Emily, e mais especialmente em troca de Nathan.

Ele correu a mão pelo rosto ao pensar em Nathan. O único homem que sabia a verdade sobre ele e nunca havia dito, nunca o havia julgado por isto.

A mensagem esperava. Ele já havia concordado, não havia nenhuma razão para se conter agora. Tudo estava nos devidos lugares e o pai dele estava lhe dando Sr. White em uma bandeja de prata. Tudo o que ele tinha que fazer era esta última coisa. Apenas enviar esta mensagem final. A mensagem que levaria Macey a ele dentro de alguns dias. Mas também terminaria esta batalha entre os homens do Time Durango e o Sr. White. White seria apenas história.

Ele apertou enviar, fechou o telefone, e se sentou de volta para olhar a escuridão do cômodo que o cercava. Ele desejava que isto valesse a pena. Que a escolha que tinha feito o desse eventualmente as recompensas com as quais sonhava. E, oh, como ele sonhava. Mas ultimamente, ele começava a sonhar com mais também. Com olhos cinza e cabelo preto longo. Um sorriso escondido e o sussurro de desejo de uma mulher. Ele estava jogando isso fora e sabia.

Judas. O traidor. Era assim que ele seria visto, e ele podia lidar com isto. Ele tinha apenas que se lembrar que as recompensas valiam a pena. Ele tinha que manter as recompensas em vista. Caso contrário, os segredos o matariam.

Capítulo Vinte e quatro

O baile em Andover estava no auge quando a limusine passou pelos portões pesados da plantação do Alabama. Árvores com hera pendurada forravam o passeio em torno da frente da casa e sombras pesadas chamejavam entre as luzes posicionadas em torno do chão.

A casa propriamente dita estava brilhantemente iluminada, com convidados do lado de fora na varanda assim como em torno da propriedade. A banda posicionada nos jardins atrás da casa podia ser ouvida da frente; a melodia do jazz era calmante e sombriamente sensual enquanto vagava pela noite.

Muitos dos convidados estavam na varanda da larga entrada dianteira onde portas duplas davam acesso; a iluminação sombreada sutilmente dando um brilho dourado ao gramado dianteiro, deixando os convidados com uma aparência etérea.



Havia vestidos de baile misturados com tubinhos e vestidos de estilistas famosos ultracurtos. Homens usando fraques, e muitos estavam de uniforme, mas Kell e Ian haviam optado usar ternos. Era mais fácil esconder o equipamento, Kell a informou.

Sob o vestido bronze de seda e a anágua dura, Emily usava um coldre na coxa e a arma, mas ela havia optado em deixar o punhal na gaveta porque a anágua atrapalhava o coldre.

Os nervos tremulavam em seu estômago enquanto a limusine parou lentamente e ela inalou roucamente para ganhar coragem.

Macey havia recebido outra mensagem de Judas no final da noite anterior, informando-o de que todas as partes definitivamente estariam no lugar e a tentativa de sequestrá-la estava prosseguindo como planejado.

"Fique próxima, amor", Kell murmurou enquanto o chofer do Serviço Secreto dava a volta na limusine para abrir a porta. "Nós a cobriremos".

Emily concordou com a cabeça aos arrancos.

"Lembre-se de ficar perto de mim. Eu te quero protegida o tempo todo. Se você tiver que ir ao toilet, Kira irá com você. Ian e eu ficaremos perto das portas na ocasião. Reno e os outros estão próximos e ficarão em contato íntimo conosco".

Emily agarrou a bolsa pequena enquanto o encarava, tomando força dele. "Nós apenas vamos apreciar a festa". Ele manteve a voz tranquila, o timbre fixo aliviando os nervos dela. "Pronta?".

Ela concordou com a cabeça depressa.

Abaixo do vestido, nas costas, havia uma pequena fita circular harmonizada com o tom da pele que ele chamava de etiqueta de pele. Por via das dúvidas se eles se separassem, ele havia dito a ela. Ele tinha tomado todas as precauções para protegê-la, ainda assim uma consciência de perigo a envolvendo não fazia nada para confortá-la.

Emily inalou profundamente enquanto a porta da limusine era aberta. Kell saiu primeiro, então estendeu a mão para ela.

Emily saiu da limusine, mantendo a cabeça erguida enquanto várias cabeças giravam para ela e ela reconhecia a maioria dos rostos. Ela conhecia estas pessoas. Ela havia examinado cuidadosamente a lista de convidados com Kell e Ian, e eles perceberam que a maior parte dos nomes listados ela havia conhecido pela maior parte de sua vida. Ela não podia acreditar que um deles pudesse ser um assassino ou um espião, ou Deus proibisse, um terrorista internacional. Não, o enganoso Sr. White e sua contraparte, o terrorista Sorrell, tinham que invadir a festa. O que seria muito fácil de fazer com esta multidão.

Segurando o braço de Kell, ela o seguiu pelos degraus largos para a varanda e entrou no espaçoso



hall de entrada de mármore. Lustres brilhavam acima, prismas de cristal armazenando e refletindo o brilho de volta em décuplo, aumentando seu sentimento de vulnerabilidade. Todos, todo mundo podia vê-la.

"Senhorita Emily Stanton e Sr. Emilyan Kreiger", o porteiro anunciou ruidosamente enquanto eles entravam e Emily entregava a ele seu convite.

Grande. Nenhum modo de entrar sorrateiramente aqui.

"Emily. Emily". Seu anfitrião e anfitriã, Markwell e Catarina Andover, estavam na casa dos quarenta. Markwell tinha quase um metro e oitenta, olhos castanhos tranquilos e finos cabelos castanhos. A esposa, Catarina, era alguns centímetros mais baixa de salto e tinha o cabelo curto e vermelho e olhos azuis bem claros. Emily nunca tinha se importado muito com Catarina, mas os Andovers contribuíam fortemente para o capital da eleição do pai e eram influentes dentro dos círculos políticos e financeiro que o pai dela frequentava.

"Markwell". Emily aceitou o beijo na bochecha enquanto continha uma antipatia instintiva. Ele era um tubarão, e tomava cada oportunidade para tocar onde não devia.

Desta vez, porém, ele manteve as mãos no ombro dela antes de recuar e agitar a mão de Kell.

"Catarina". Sem problema aqui. A outra mulher beijou o ar próximo à bochecha dela com distância suficiente para assegurar a Emily de que a outra mulher pensava dela o mesmo que ela pensava de Catarina.

"É tão bom te ver, Emily", Catarina disse lentamente. "Você faltou as nossas últimas pequenas festas. Nós nos preocupamos que o sequestro a houvesse afetado".

E como diabo ele supostamente deveria afetá-la?

Emily sorriu friamente. "Eu só tenho estado ocupada, Catarina", ela a assegurou.

"Ah, sim, escola e você gosta de escrever algumas coisas, não é, querida?".

Emily manteve o sorriso colado no rosto. "Algo assim", ela concordou.

"E Kellian Kreiger". Catarina girou para Kell, seu sorriso felino rangendo os nervos de Emily enquanto o olhar dela chamejava pelo tórax e as coxas de Kell. A bruxa. Ela estava gostando do que via e Emily não estava gostando nada disso.

"Sra. Andover". Kell aceitou a mão dela antes de erguê-la e dar um beijo cavalheiresco através dos nós dos dedos. "É um prazer".

"Faz muito tempo desde que o vimos, Kell". Ela suspirou. "Você não frequenta o suficiente os pequenos eventos para os quais somos convidados".

"Eu tenho estado ocupado. A voz de Kell era fria.

"Ah, sim". O sorriso de Catarina era como uma sugestão de malignidade. "O herdeiro dos Kreiger



arriscando seu pescoço como um SEAL. É uma vergonha”.

"Se você nos dá licença, Catarina". Emily colocou os dedos ao redor do braço de Kell. "Vejo alguns amigos com os quais gostaria de conversar”.

Ela levou Kell para longe de seus anfitriões, ciente da tensão no corpo dele.

"Você os conhece?", ela perguntou, mantendo a voz baixa.

"Amigos do Beaulaines e dos Kreigers”. A voz dele estava fria, severa. Ela tinha o pressentimento de que isso não era um elogio pela ideia dele.

"Então você vem a estas festas frequentemente?", ela perguntou enquanto eles se moviam pelo grande salão de baile.

"Às vezes”. Ele estava em modo SEAL. Tenso, preparado.

"Você fica relaxado com eles?”.

Ele imergiu a cabeça para mais perto da dela. "Não, eu normalmente crio um muro ao meu redor e fico maldizendo Reno por me fazer aceitar o convite”.

"Hmm, sim, eu deveria frequentar mais festas”. Ela concordou com a cabeça enquanto deixava um sorriso puxar os lábios. "Eu deveria te mostrar como se deve fazer”.

"E como é que se faz?”, não havia nenhum sotaque agora, mas a voz dele ainda tinha o poder de fazer o estômago dela se apertar em uma excitação de advertência.

"Você não cria muros, levanta árvores nos jardins”. Ela riu silenciosamente. "Elas são mais fáceis de se esconder dentro”.

A mão dele apertou no quadril dela, mas enquanto ela dava uma olhada rápida para cima, viu o sorriso arrastado nos lábios dele.

"Eu poderia ter te ajudado a levantar as árvores”, ele murmurou enquanto eles começavam a fazer a passagem pela multidão. "Mas, para ser sincero, se fôssemos pegos, poderíamos ser presos”.

"Duvido”, Emily sussurrou em resposta. "Eu assisti muita monstruosidade naqueles jardins, Kell. Ninguém jamais foi pego”.

Ele esfregou a mão ao longo da nuca dela enquanto a encarava surpreso. "Deus, você me apavora. Você não deveria assistir”.

Nisto, Emily parou e o encarou com tal expressão de inocência falsa que ele apenas agitou a cabeça.

"Lembre-me de te bater por isso”.

Emily suspirou. "Eu continuo sendo má e você nunca morde a isca. Eu preciso botar um anúncio?”.

Ela amava o modo como os olhos dele escureciam, o modo como eles deslizavam pelo seu rosto, os seios, então voltavam a encontrar os dela com intenção malvada.



"Eu não me esquecerei novamente".

"Kell Kreiger!", descrença encheu o grito feminino que veio da direita de Emily. Emily o sentiu enrijecer novamente, viu o olhar dele ficar frio logo antes de ele girar e saudar uma das poucas pessoas que Emily realmente detestava.

Tabby Deaton.

"Kell. Oh, meu Deus, faz tanto tempo".

Emily encarava a fenda do vestido de gala exclusivo de um estilista famoso quase até o topo das coxas de Tabby e foi até seus seios obviamente falsos. Emily tinha ouvido que Tabby tinha colocado silicone nos seios mas não tinha conseguido acreditar nisto.

O cabelo escuro de Tabby fluía ao redor dos ombros e emoldurava o rosto pálido e brilhantes lábios vermelhos. Lábios vermelhos rechonchudos. Maldição. Tabby tinha colocado silicone nos lábios também.

"Tabby". Kell concordou com a cabeça friamente.

Tabby deu uma olhada rápida para Emily. "Oh, Emily, eu não havia te visto". Ela olhou para ela diretamente através de seu nariz aristocrático. "Que legal Kell ter te trazido. Ele adora fazer esses pequenos favores ao seu pai".

Emily sentiu um de seus molares ameaçar rachar enquanto friccionava os dentes. "Tabby, você está tão encantadoramente cortês quanto sempre", ela declarou.

Os olhos de Tabby estreitaram. "Claro que estou, querida. É a marca de uma lady". Ela fungou, fazendo os seios balançarem inquietantemente enquanto se voltava para Kell e estendia as mãos para ele. "Nenhuma saudação para uma amiga, Kell?".

Ele inclinou a cabeça educadamente. "Oi, Tabby".

Nenhum amor perdido aqui, Emily pensou com satisfação.

Tabby teve uma tentativa de fazer beicinho; mas pareceu um pouco ridículo nela. Tabby, apesar do silicone nos peitos e aumentar os lábios, estava incrivelmente bem, tanto que Emily ficava fora de lugar cada vez que estava próxima a ela. O vestido tomara-que-caia devia ficar solto em torno do tornozelo da mulher, mas ficava no lugar. A fenda até em cima na coxa nunca se movia mais do que devia, e seu cabelo escuro artilosamente organizado emoldurava seu rosto graciosamente.

E ela estava olhando para Kell como se conhecesse mais do corpo dele do que devia.

Tabby suspirou sombriamente. "Você apenas desapareceu de Atlanta no ano passado como se nunca tivesse estado lá. Eu fui ao seu apartamento várias vezes, sabe".

"Eu estava em viagem".

Emily sentiu os dedos de Kell em seu quadril, as pontas roçando contra a seda de seu vestido



agitadamente.

Tabby fez beicinho novamente antes de relampejar Emily um olhar de antipatia sob as pestanas.

"Eu ouvi dizer que você se mudou para a casa de Emily", ela disse lentamente então. "Nós todos ficamos terrivelmente surpresos, sabe".

Ah, D.C., fofoca, era necessário amar. Ou no caso de Emily, odiar.

"Por quê?", a pergunta de Kell foi afiada, cheia de intento.

Êpa, Emily podia sentir a tensão subindo agora. Não em Kell—ele estava tranquilo, alerta, perigoso—mas em Tabby. Os dedos apertaram a pequena bolsa preta que ela carregava enquanto os lábios escarlates afinaram marginalmente.

"Nós ficamos apenas surpresos", Tabby murmurou então. "Emily é sempre tão quieta". Era óbvio que não era exatamente essa a palavra que ela queria usar.

"Ela é revigorante", Kell disse suavemente. "Diferentemente de outras pessoas. Agora, se você nos dá licença".

"Não fuja, Kell", Tabby pleiteou suavemente então, a mão no braço dele, os dedos enrolando contra a seda do tecido. "Acredito que vários amigos de Emily estão aqui hoje à noite também. Nós podíamos nos reunir".

Emily sabia que devia ter esperado por isso. Tabby era arroz de festa, e não era a única.

"Creio que realmente posso conhecer a maioria das pessoas que estão aqui", Emily declarou com um sorriso. "Considerando a multidão, isso não é assombroso, Tabby".

Satisfação cintilava nos olhos de Tabby.

"Deuter Meyers pareceu bastante surpreso por você e Kell estarem vivendo juntos", Tabby disse com um sorriso presunçoso. "Ele voou para fora de D.C. esta manhã e estava quase decidido a não vir para a festa. Mas quando mencionei que você estaria aqui, ele sentiu que deveria aparecer".

Os braços de Emily doeram. Ela podia sentir a corrida de frio sobre eles, o eco das contusões que os marcaram por semanas depois que ela havia deixado outra festa que Deuter Meyers tinha frequentado.

"Deuter Meyers?", houve uma ponta de suspeita enquanto Kell dava uma olhada rápida para ela.

"Eu o conheci na faculdade". Emily encolheu os ombros, cuidadosa em controlar suas reações agora.

"Muito bem, pelo o que eu sei". O sorriso de Tabby era de puro despeito. "Muito bem".

Neste momento, Emily quis revirar os olhos. Mas em vez disso se debruçou adiante. "Diferentemente de alguns de nós, quando Kell veio para a minha cama, ele sabia exatamente que eu não a havia dividido com ninguém e com quem ele a havia dividido. Você está redondamente enganada a respeito da situação". Cadela.



Os olhos de Tabby estreitaram enquanto ela dava uma olhada rápida para Kell. "Oh, por favor, diga-me que você não se apaixonou pelo estratagema da virgem".

"Acho que Kell é mais esperto do que isto, Tabby", Emily assinalou. "Ele raramente se apaixona por qualquer coisa, e nós duas sabemos".

Da mesma maneira que ele evidentemente não tinha se apaixonado pela outra mulher ou sua sexualidade cuidadosamente praticada.

Tabby relampejou um olhar hostil e então deslizou a mão no braço oposto de Kell. "Você devia dançar comigo. Faz muito tempo desde que dançamos".

Oh, putz, dá um tempo.

"Tabby, eu acho que você sabe que isso não vai acontecer". A voz de Kell era muito mais agradável do que a outra mulher merecia. Claro, Kell sabia da inimizade entre ela e Tabby poderia ter algo a ver com os sentimentos dela na questão.

Fúria relampejou nos olhos da outra mulher então. "Pobre Kell". Ela suspirou. "É óbvio que você está ainda preso às pobres pequenas criaturas fora da sua classe social. Meus pais estavam tão certos de que você perderia esse hábito".

A pequena cadela.

"Com licença, Tabby". A voz de Kell era gelada agora. "Mas acho que Emily precisa de ar fresco. Boa noite".

Kell a levou depressa para longe da outra mulher, mas não antes de Emily se virar, o olhar preso no de Tabby com vingança prometida. Ela poderia não frequentar as festas frequentemente, mas tinha seus próprios amigos. Amigos que podiam se certificar de deixar partes da vida de Tabby desconfortáveis.

"Aposte comigo que Drage Masters vai rescindir a sociedade dela nos clubes pelo resto do ano", ela murmurou, lembrando do tempo em que havia visto a outra mulher nos clubes quando tinha ido lá para fazer pesquisas nas sociedades de BDSM³⁵.

Kell a levou depressa ao longo da parede, dando uma olhada rápida para ela em choque. "Como você conhece Drage?".

"Drage gosta de mim". Ela encolheu os ombros. "Quando eu quis usar seus clubes para pesquisa, marquei uma hora com ele e Jayne Doe de cara em vez de apenas tentar me infiltrar. Ele acha que fui muito cortês. Até se ofereceu para me deixar ir ao andar de baixo se eu estivesse disposta a fingir ser sua

³⁵ BDSM (Bondage – Domination – Submission – Masochism). Em português: Escravidão – Dominação – Submissão – Masoquismo.



sub”.

Ele murmurou algo. Algo a ver com morte, desmembramento e Drage na mesma frase.

"Ele é encantador". Ela encolheu os ombros.

"Ele é um vagabundo", ele discutiu de volta.

"Esses são os mais encantadores de todos", ela o assegurou com um sorriso. "Eles apreciam a atenção”.

E a conversa paralela não estava fazendo nada para ajudá-la a esquecer o fato de que Tabby e Deuter estavam aqui. Juntos.

Malditos Tabby e Deuter Meyers. Ela não precisava disso. Ela ainda não havia se recuperado dos pesadelos que aquele pequeno evento havia produzido antes de Fuentes a sequestrar. Ela não precisava se encontrar com aquele bastardo novamente, especialmente não quando Kell estava em qualquer lugar por perto.

"Quer me contar sobre Meyers?", ele perguntou enquanto eles uma vez mais começavam a se mover pelas portas francesas abertas para as luzes de vela dos jardins além.

"Não há nada para dizer", ela o assegurou antes de bebericar o vinho novamente e desejar ter pensado em conseguir um refil.

"Sabe, Em, eu te conheço há muito tempo", ele disse lentamente. "Eu podia dizer quando você estava mentindo mesmo quando criança. Isso não mudou”.

"Então talvez isso não seja da sua conta”. Ela tinha conseguido manter aquele pequeno evento quieto pela maior parte. Poucas pessoas sabiam sobre isto, e até mesmo o pai dela não tinha ouvido mais do que um rumor.

"Eu poderia aceitar isso se não fosse pelo fato de que eu poder sentir o cheiro de ódio e raiva se erguerem em você”, ele grunhiu. "Você escondeu muito bem de Tabby lá, mas eu te conheço muito melhor do que ela. Devo perguntar a Deuter sobre isto?”.

Por Deus, não.

"Sabe, Kell, eu não fico questionando as suas ex-amantes”, ela assinalou. "Por que você deveria questionar homens que deveria ter noção o suficiente para saber que não são meus ex-amantes?”.

Ele ficou mudo por longos momentos, trazendo-a através das multidões enquanto ela encarava os rostos e tentava dar nomes a eles.

"Porque eles te assustam”, ele disse finalmente. "Eu quero saber o porquê”.

"Talvez ele fosse apenas estranho”.

"E talvez eu sabia que ser estranho não te assustaria”, ele retrucou. "Teria que ser muito mais do que



estranho para te perturbar e nós sabemos disto. Então, que porra que aconteceu?"

Emily vacilou. Ele estava ficando seriamente puto. Não que ela realmente se importasse se Kell estava puto. Não havia nenhuma chance de que ele a machucasse. Mas se eles dessem de cara com Deuter, ela não podia exatamente prever o que poderia fazer.

"Nada aconteceu", ela retrucou de volta. "Ele queria, eu disse não, fim de história. E você não deveria se preocupar tanto com um maldito passado que não é da sua conta".

Antes que ela pudesse prever o movimento dele, Kell a puxou entre os arbustos altos que floresciam limitando a passagem, e então a empurrou contra a coluna de pedra e a escondeu lá.

O corpo dele foi contra o dela, as mãos segurando ambos os pulsos e prendendo-os sobre a cabeça dela com uma mão larga.

"Agora. Eu gostaria de te perguntar novamente. O que aconteceu com Deuter Meyers?"

Capítulo Vinte e cinco

"Já te disseram alguma vez que você é arrogante ao extremo?", Emily perguntou normalmente enquanto se derretia contra o corpo dele.

Ele estava duro. O corpo dela notou no momento em que ele se apertou contra ela. O membro apertava contra sua barriga insistentemente, lembrando-a dela de que ela ainda não experimentara sua dose diária de Kell ainda.

"Você menciona isto frequentemente", ele sibilou. "Agora me fale sobre Deuter".

"Olhe, não foi nada. Ele estava em uma festa e me assustou um pouco. Deuter gosta de pensar que todas as mulheres são loucas por ele, fim de história".

"Como ele te assustou?"

Ele não estava acreditando e não estava se preocupando em esconder. Droga, por que a cadela da Tabby tinha que interferir? Ela tinha conseguido manter Deuter vivo pelo simples fato de que nunca tinha permitido ao pai saber o que havia acontecido. A vida dele seria extinta muito rápido se Kell descobrisse.

Em um único estúpido momento, a outra mulher havia ignorado toda a descrição cuidadosa de Emily. Não que ela se importasse se Deuter morresse; ela apenas se importava com o tempo que o pai dela ou Kell passariam na cadeia pela morte dele.

Emily lambeu os lábios nervosamente. Ela realmente não queria mentir para Kell. Além disso, ele sempre parecia saber quando ela estava mentindo.



"Ele foi um pouco rude". Ela encolheu os ombros. "Isto é tudo. Ele tinha bebido um pouco além e—"

"Não desculpe porra nenhuma que ele fez", Kell grunhiu. "Apenas me diga que porra que aconteceu".

Deuter havia acontecido. Ele estava determinado a estuprá-la e pensava que podia mantê-la quieta quase quebrando seus braços. Se ela não tivesse recebido o treinamento do pai quando adolescente, ele teria conseguido.

"Ele apenas me assustou um pouco". Os lábios dela tremiam. Ele a havia apavorado. "Isto é tudo".

Kell já havia sofrido um ataque em uma mulher que havia sido importante para ele. Uma esposa que havia morrido—como também seu filho por nascer. Se ela dissesse a ele o que Deuter havia feito, ele o mataria. A voz dele estava torturada, gutural com dor, quando havia descrito o que havia feito aos assassinos de Tansy naquela noite.

"Você vai me fazer perguntar a ele o que aconteceu. Emily?", ele a perguntou suavemente. "Eu deveria te advertir, sou treinado para conseguir as respostas que quero. Eu conheço Deuter, não levará muito tempo para ele ceder".

Emily estremeceu. Não, fazê-lo ceder seria fácil, mas Kell se certificaria de que matá-lo fosse lento. E seria doloroso. Muito doloroso.

"Pelo amor de Deus, Kell", ela retrucou. "Deixe para lá. Você não acha que eu teria te dito se eu quisesse que você soubesse?".

"Não, eu não acho", ele grunhiu. "Porque você sabe que eu provavelmente mataria o filho da puta".

"E ele não vale a pena", ela declarou ferozmente. "Agora pare de me maltratar antes que eu realmente fique puta. É muito sensual quando você faz isso para o sexo, mas usar isso para me fazer te dar uma resposta quando deveria ser minha escolha dá-la a você, é muito errado".

Ele fez uma carranca com a declaração dela, soltando seu aperto. "É isso que você acha que estou fazendo?".

"O que mais poderia ser? Você não me controla então pare de tentar me convencer de que o faz".

"Eu não quero controlar você". Os lábios dele se moveram de forma peculiar. "Mas estou começando a ver os méritos onde você está preocupada. E não pense nem por um minuto que eu não descobrirei o que você está escondendo".

"Certo, por que eu apenas não começo a mexer no seu passado?".

"É como sexo, Emily. Se você quer saber, apenas pergunte. Qualquer coisa do dia em que eu te conheci até agora, eu não me importo de responder. Da mesma maneira que qualquer coisa que aconteceu desde o dia em que eu te conheci é com certeza da minha conta".

"O que significa a maior parte da minha vida". Ela fez beicinho enquanto ele soltava as mãos dela,



assistindo enquanto ela começava a esfregar os próprios braços.

Ela parou com o movimento. Ele não havia tocado os braços dela.

E ele era muito esperto quando queria pegar pistas.

"Ele é a razão pela qual você sempre roça os braços quanto está tentando se limpar de algo sujo?".

Maldição, maldição, maldição. Ela o encarou. "Eu fico com frio facilmente, e às vezes você me deixa nervosa".

Os lábios dele afinaram. "Não minta para mim, Emily. Eu não gosto disto".

Ele repugnaria a verdade ainda mais.

Emily suspirou. "Eu deixei meu vinho cair. E nós não estamos aqui por uma razão?".

"Uma razão que eu estou começando a acreditar que é muito estúpida". Ele retrucou. "Ninguém pode fazer um movimento nesta multidão, e definitivamente ninguém tem a intenção de sequestro".

"Nós podíamos achar uma árvore para nos esconder", ela sugeriu, lutando contra os nervos começando a atacar dentro dela.

"Você está me deixando louco". Ele suspirou então, abaixando a testa para a dela enquanto as mãos deslizavam acima dos quadris, os dedos prendendo firmemente, segurando-a contra ele.

"Não, há pessoas aqui", ela sussurrou, tentando injetar apenas um pouco de humor na situação. "Todas aquelas mulheres aborrecidas querem um pedaço de você. Ouvi dizer que isso deixa o homem um pouco tenso".

"Um dia destes, eu realmente vou bater no seu traseiro por ser tão teimosa", ele sussurrou.

O traseiro dela apertou com o pensamento do prazer que isso poderia trazer.

"Você continua dizendo", ela sussurrou de volta, um sorriso verdadeiro arrastando nos lábios. "Acho que você está com muito medo de que eu goste".

"Eu sei que você gostará". Os lábios dele abaixaram para o pescoço dela. "Muito".

Emily inalou roucamente enquanto os lábios dele desciam sobre seu pescoço, a língua deslizando, acariciando.

"Kell". Ela estava respirando fortemente agora. "Hmm, talvez nós devêssemos nos misturar um pouco mais com as pessoas".

Se ela realmente iria protestar, então não deveria jogar o pescoço para o lado para dar a ele maior acesso à carne sensível. Mas isso foi o que ela fez, as pestanas tremulando enquanto lutava para mantê-las abertas contra o prazer de repente se formando.

Ela amava quando ele a tocava, se deleitava e a desejava. Era a culminação de cada sonho, cada fantasia, que ela já havia conhecido.



"Talvez", ele grunhiu no pescoço dela um segundo antes dos dentes afiados a beliscarem com calor erótico. "Em um minuto".

Ele lambeu a pequena ardência enquanto ela fluía contra ele, o corpo dela amolecendo, se movendo contra ele, sentindo o desejo subir quente e rápido dentro do corpo.

Entre as coxas, ela podia sentir o aquecimento da carne, preparando-a para ele. Assim, rápido e fácil. E agora, apenas se o mundo desse a ela um pouco de tempo aqui, e desse a eles apenas alguns minutos para apreciar...

Mas parecia que o mundo trabalhando contra ela tinha outras ideias.

Kell endureceu, a cabeça erguendo perigosamente enquanto girava protetoramente, encarando um arbusto que sussurrava enquanto uma figura feminina deslizava vindo de lá de dentro.

"Problemas", Kira sussurrou, fazendo careta enquanto dava uma olhada rápida para Emily. "Reno e os outros lá fora pegaram o mais atraente assassino Sul-americano. Todo cheio de cicatrizes e ameaças sórdidas. Ele disse que o Sr. White não está aqui. Acho que Judas pode ter nos enganado".

Emily ficou tensa, apertando a cabeça contra as costas de Kell enquanto Kira dava o relatório.

"Vamos dar o fora daqui", Kell grunhiu, colocando o braço ao redor das costas de Emily e a puxando para mais perto. "Onde está Ian?".

"No outro lado". Ela jogou a cabeça em direção ao arbusto. "Ele não queria interromper vocês".

Kell colocou a mão no bolso, tirando o rádio e o pequeno comunicador de ouvido. Colocando-o no lugar, ele o ligou.

"Macey, você está aí? Estamos saindo, traga a limusine".

Desconectando o comunicador da orelha, ele colocou o rádio no bolso uma vez mais e foi pelo jardim antes de girar e avançar em direção à casa. Kira caminhava à frente deles, com Ian atrás de Kell.

Eles formavam um grupo estranho. Emily usava vestido bronze de seda, a saia sussurrando sobre a anágua que usava por baixo. Kira de cetim preto justo, e Kell e Ian em seus ternos. E ela percebeu que estava focando em roupas quando seu estômago estava torcendo com tensão.

O vestido tinha uma fenda até os pés saindo do joelho, com a saia mostrando a anágua mais escura por baixo.

Tomara-que-caia, justo dos seios até as coxas, era mais revelador do que o vestido que ela havia usado na festa anterior. Ainda assim, seu vestido era um dos menos reveladores, com exceção das matronas que ainda se cobriam dos pulsos aos tornozelos. Não que ainda houvesse muitas dessas.

"Vamos nos mover", Kell a persuadiu.

"Eu não posso ir tão rápido de salto", ela o informou, a voz tremendo.



"Então tire essas malditas coisas". Ele a parou, ajoelhou, e tirou as sandálias dela dos pés antes de colocá-las no bolso da jaqueta e se apressar para as portas francesas abertas.

"Nós vamos diretamente para a limusine, sem parar".

"Certo". Ela não estava com vontade de ficar.

Eles entraram no salão de baile, cortando caminho direto pela pista de dança para as portas abertas no outro lado.

Ele manteve se movendo pela multidão, ignorando os poucos convidados que tentaram pará-los e puxar conversa. Com Kira à frente deles e Ian atrás, era fácil manter o passo rápido sem parecer estar com pressa.

"Kell". Uma voz os parou dentro do hall de entrada. "Drage disse que você estava aqui".

Emily parou, fazendo Kell amaldiçoar atrás dela. Ela se virou e encarou os gentis olhos azuis pálidos do homem que os assistia, os braços ao redor dos ombros da esposa.

"Jansen, nós estávamos de partida", Kell anunciou enquanto Emily encarava o amigo de juventude do pai.

Seu rosto era tão gentil. Pés de galinha enrugavam os cantos dos olhos e os lábios mantinham um sorriso paternal.

"Entendo". Ele concordou a cabeça. "Eu estava apenas levando Elaine para o lavabo para se refrescar; ela não estava se sentindo bem". Jansen Clay deu uma olhada rápida para a cabeça curvada de Elaine. "Nós acabamos de receber algumas notícias infelizes sobre Risa".

Emily sentiu a boca secar. Elaine estava pálida, os olhos úmidos com lágrimas.

"Risa está bem?", ela perguntou, temendo o pior.

"Ela está viva". A expressão de Jansen apertou enquanto Emily piscava de volta para ele. Sua expressão pareceu relampejar com algo, temor talvez.

"Ela teve um retrocesso?", Emily perguntou a Elaine, a mão tocando seu ombro. Elaine era madrastra de Risa. Mas praticamente a havia criado após a morte da mãe.

Elaine cessou bruscamente um soluço enquanto saía dos braços de Jansen e colocava os braços ao redor dos ombros de Emily, "Tem sido tão duro", ela soluçou. "Oh, Deus. Eu tenho que ir ao lavabo. Emily, por favor, vá comigo".

Emily deu uma olhada rápida para Kell, vendo a careta que marcava sua expressão.

"Kira, poderia me ajudar?", Emily colocou um braço na cintura do ao redor de Elaine enquanto elas se dirigiram ao banheiro das damas.

"Acharei Markwell e direi a ele que iremos embora logo, amor". Jansen beijou a cabeça da esposa



enquanto dava uma olhada rápida para Emily novamente.

Por um momento, seus olhos pareceram frios, duros.

Emily agitou a vista para longe. Jansen era qualquer coisa exceto frio e duro. Ele sempre era cheio com riso, sempre repreendendo o pai dela pelos guarda-costas e excesso de proteção.

"Apreste-se", Kell a persuadiu, seguindo atrás dela. "Eu esperarei do lado de fora. Kira, entre com elas".

Emily levou Elaine pelo hall de entrada enquanto a mulher mais velha fungava e enxugava os olhos.

"Risa é uma garota tão gentil e pequena", Elaine sussurrou. "Quase destruiu Jansen colocá-la naquela instituição".

Papai, ajude-me! Os apelos assustados de Risa ecoaram pela cabeça de Emily enquanto ela e Kira ajudavam a outra mulher a entrar no banheiro das damas.

Eram os gritos de Risa, não os dela mesma. Cheios com horror, dor, e realização—

O banheiro das damas estava vazio. Mudo.

Papai, por que...?

Emily tropeçou enquanto a memória dos gritos assustados de Risa parecia envolvê-la.

Por que, papai?

Um gemido súbito a trouxe da memória.

A cabeça de Emily se moveu na hora certa de ouvir o suave estalar de uma pistola com silenciador e assistir Kira deslizar para o chão.

"Kira", ela gritou, indo em direção à mulher caída, assistindo com horror enquanto sangue manchava seu peito.

"Fique onde está, sua puta", Elaine retrucou, apertando a arma na cabeça de Emily, a expressão marcada com raiva enquanto Emily a encarava.

"Isso é realmente ruim". Elaine não estava mais chorando. Estava encarando Emily com ódio frio enquanto se virava lentamente, mantendo a arma mirada nela.

"Você nunca vai passar por Kell", ela disse a outra mulher. "Ele vai te parar".

"Aquele rato de sarjeta". Ela disse, zombando. "Ele nunca saberá o que aconteceu. Nem ninguém mais. Estas casas velhas estão cheias de passagens escondidas". Uma dessas passagens abriu para revelar Jansen.

Emily abriu a boca para gritar quando ele chegou na frente dela, apenas para ter o som cortado pelo lenço fedorento que ele apertou contra a boca e o nariz dela.

"Isso mesmo, garota bonita", ele sussurrou. Era a voz de seus pesadelos. "Apenas vá dormir".



A escuridão a tomou enquanto os gritos e memórias ecoavam em sua cabeça.
Jansen Clay. Tinha sido Jansen desde o princípio e ela se lembrou tarde demais.

Capítulo Vinte e seis

Kell compassava no corredor, verificando o relógio, enquanto Ian assistia a porta com olhos de águia. Não era como se eles pudessem ouvir qualquer coisa se houvessem quaisquer problemas no banheiro. A música e as malditas conversas da festa eram tão altas no corredor que as armas poderiam pipocar e se misturariam ao som.

"O banheiro das damas é um vórtice como uma outra dimensão", Ian grunhiu. "Eles desaparecem lá e levam horas para voltar".

Kell o encarou surpreso. Ian não era um grande falador. A voz áspera, quase arruinada anos antes pelo ataque de um garrote sempre parecendo fazê-lo desconfortável.

Kell verificou o relógio novamente.

Dez minutos. Dez minutos era muito tempo.

"Eu nunca deveria tê-la deixado entrar lá", ele disse a Ian ferozmente. "Ela sabe que nós precisamos dar o fora daqui".

Ele marchou para a porta enquanto Jansen entrou no hall de entrada e olhava para ele com uma carranca.

"Elas estão lá há muito tempo", Kell explicou enquanto ia abrir a porta.

Jansen agitou a cabeça com um sorriso sombrio se arrastando nos lábios.

"Você não conhece as mulheres", ele disse rindo. "Eu vi Elaine desaparecer no toilet das damas por mais de meia hora simplesmente para arrumar a maquilagem. Dê alguns minutos, Kell. As notícias sobre Risa realmente a agitaram".

Kell voltou, a mandíbula ficando tensa enquanto encarava a porta.

"Ela está diferente, não é?", Jansen disse então, descansando contra a parede ao lado dele.

Kell jogou o olhar de volta para o homem mais velho.

"Emily", Jansen explicou. "Ela é diferente para você. Eu disse a Richard anos atrás que ele teria que ficar de olho nela. Eu podia dizer que você tinha alguma coisa por ela".

Kell olhou para ele com uma carranca. "O que você quer dizer?".

"Bem, filho, sem ofensa, mas sem o apoio da sua família, você não está exatamente na esfera social



dela”, ele disse amavelmente. Mas algo em seu olhar refletia duro, perigoso.

"Kell!", a voz de Ian fez a cabeça dele virar. "Olhe para seus pés".

Kell deu uma olhada rápida para baixo e foi como se uma ira fria e assassina agitasse sua alma. Sangue passava por baixo da porta.

Afastando-se de Clay, ele agarrou a maçaneta, puxou-a, e então jogou o ombro contra a porta. Esta rachou e abriu revelando Kira ao alcance, os olhos ofuscando enquanto o sangue derramava do peito.

"Ambulância", ele gritou enquanto Ian se apressou para o lado de Kira, tentando parar o sangue de escorrer do ferimento. Kell tirou o rádio do bolso interno e saiu apressado para o corpo de Elaine.

"Elaine!", a voz de Jansen cheia com medo ecoava pelo quarto.

"Macey. Ambulância. Reno, venha. Emily está desaparecida e Kira está caída".

O olhar dele foi em torno do cômodo pequeno desesperadamente. Tinha que haver uma entrada escondida. Tanta porra de relatório dizendo que não havia nenhum túnel secreto nesta casa velha.

Jansen estava latindo ordens para um empregado enquanto Ian trabalhava para salvar Kira, e Markwell estava gritando ordens da entrada para seu pessoal da segurança.

"Markwell, onde está a porta escondida?", Kell girou, fúria queimando no peito enquanto o outro homem andava para a entrada. "'Onde está a porra da porta escondida?".

"Atrás do armário", o outro homem retrucou.

"Maldição, por que vocês bastardos não me contaram a respeito da merda dos refúgios?", ele grunhiu, empurrando a porta e entrando apressado no armário para verificar a parede.

Ali estava. O armário de mogno estava apenas um pouco desconjuntado. Enquanto ele o puxava, a porta deslizou na parede, revelando um pequeno túnel.

"Onde está a saída?", ele retrucou, tirando o rádio uma vez mais para reportar as coordenadas para Reno e os homens lá fora.

"O dreno ficava a mais ou menos um quilômetro e meio à frente. O túnel começa no bueiro e leva à galeria", Markwell explicou depressa. "Mas os portões que levam para lá foram fechados anos atrás".

Kell enviou por radio as informações para Reno. "Estou indo agora, encontre-me na saída. Quem quer que a levou tem uma vantagem enorme sobre nós".

"Ian?", Kell deu uma olhada rápida em torno da porta enquanto ele depressa deslizava o comunicador da orelha e colocava o rádio na manga.

"Ela está viva. Eu a manterei desse jeito", Ian retrucou. "Ache Emily".

"Você precisará de luz". Markwell mostrou uma lanterna na mão. "Vamos".

Kell deu uma olhada rápida para a mão de Markwell. "Eu não preciso de você aqui".



"Porra!", o lábio do outro homem ergueu em um grunhindo zomba. "Foi da minha casa que eles decidiram levá-la e por Deus eu os ajudarei a pegá-la. Agora você está desperdiçando tempo".

Eles deslizaram pelo túnel, a lanterna escolhendo os caminhos na sujeira do chão arenoso assim como o coldre da coxa e a pistola de Emily. Havia dois conjuntos de pegadas, ambos de homem, um de bota e o outro de solado suave.

"Dois atacantes". Ele ergueu o pulso para falar no rádio. "Emily não está caminhando".

Kell podia sentir o medo no intestino agora. Ela tinha que estar inconsciente, ele se assegurava. Se eles a tivessem matado, teriam deixado o corpo dela com o de Kira e de Elaine; eles não se preocupariam em sequestra-la.

"Nós estamos rumo ao dreno", Reno latiu no receptor. "Quanto de cabeça na frente?".

"Mais de dez minutos e estamos a uns oitocentos metros da saída".

"Estamos indo", Reno declarou friamente. "Te encontraremos lá".

"Vamos". Kell deu uma olhada rápida sobre o ombro com raiva para a expressão de Markwell. Por toda sua pompa e arrogância sociais, o homem era conhecido por sua rapidez em pensar e honestidade.

"Havia alguém no banheiro quando vocês entraram?", Markwell ganiu enquanto eles corriam pelo túnel.

"Kira disse que não antes de fechar a porta", Kell declarou, lembrando o aceno com a cabeça de Kira de que tudo estava limpo antes de ela fechar a porta.

"Como você soube que havia problema?".

"A porra do sangue da Kira estava escorrendo por baixo da porta", Kell retrucou.

Kira teria sorte de se safar disso. O maldito tiro tinha sido perto do coração. Alguém queria matar, não ferir.

"Ninguém sabe sobre este túnel", Markwell o informou enquanto eles faziam outra curva. "Eu nem mesmo disse a Catarina sobre ele quando o achei. Acabei de mandar soldar o portão e me esqueci disto".

"Cale-se, eu não posso ouvir nada".

Era uma desculpa. Ele podia ouvir muito bem, e o problema era que não havia nada para ouvir. Nem um gemido, conversa ou som de ordens. Neste túnel o som viajaria longe.

"Há outra saída?".

"Não", Markwell respondeu depressa.

As mulheres estavam lá por mais ou menos quinze minutos. Os sequestradores teriam um veículo esperando. Maldição, ele não chegaria a tempo. Uma vez mais, ele não poderia salvar a mulher que amava.

Ele mesmo mataria Fuentes, Kell jurou. Se Emily tivesse uma maldita contusão sequer então ele iria



caçá-lo quando tudo estivesse terminado. Quando isso estivesse terminado e ele tivesse Emily nos braços, na sua cama. Quando ela estivesse segura.

Ele não podia considerar qualquer coisa menos. Deus o ajudasse, se ele a perdesse, nunca sobreviveria. Ele não podia viver com o conhecimento de que tinha falhado com ela, que não a havia protegido bem o suficiente.

As visões de Tansy começaram a correr por sua cabeça então. Seu corpo frágil curvado no colchão velho onde ele tinha tentado escondê-la.

Ela havia gritado seu nome? Ele sabia que tinha. Às vezes ele ouvia a voz dela em seus pesadelos, gritando para ele, implorando para salvá-la. Ele não poderia acrescentar a voz de Emily àqueles sonhos demoníacos.

Ele não podia deixar acontecer. Ela era a vida dele. Ela era cada sonho que ele não tinha ousado permitir a si mesmo e não podia se impedir de desejar.

Dando uma olhada rápida na sujeira arenosa do túnel, as sobrancelhas dele marcaram uma carranca. Areia. Enquanto encarava o corpo de Kira, ele havia visto areia nos sapatos de Jansen Clay. Não muito, tão pouco que o olhar dele a princípio tinha ignorado. Mas estava lá. E ao lado do corpo de Kira e de Elaine ele tinha visto a mesma areia.

Jansen Clay saberia de cada movimento de Kell e seu time. Ainda que Richard e o almirante não o informasse sobre a natureza exata do que estava acontecendo, ele teria sido esperto o suficiente para perceber. Um ex-Navy SEAL, e um dos melhores, Jansen podia ter acessado via sua posição no Pentágono e na Defesa Interna e o que quer que ele não tivesse compreendido por si mesmo.

"Macey". Ele ergueu o pulso para a boca e ativou o rádio.

"Aqui", Macey retrucou no receptor.

"Onde está Clay?".

"A limusine dele acabou de partir. A Sra. Clay finalmente veio a si e ele a estava levando para seu médico particular".

"Onde você está?".

Houve um silêncio pesado.

"Macey?".

"Estou na galeria, Kell. Não há nenhum veículo, nenhum corpo, mas há a evidência de que ambos estavam aqui. Eles se foram".

Kell grunhiu. "É Clay".

"Você está louco?", Markwell murmurou atrás dele.



"Pegou seu laptop?", Kell perguntou a Macey.

"Está na limusine, estou voltando para lá agora. Nós ligamos o rastreador?".

"Negativo", Ian retrucou na linha. "Não ative a etiqueta de pele. Não ainda".

"Kell?", Macey o questionou.

"Olhe no radar", Kell o ordenou. "Faça buscas. Quero saber se qualquer coisa partir de um aeródromo privado em qualquer lugar nas redondezas".

"Certo".

O odor de ar fresco ficou mais forte enquanto Kell examinava através do túnel. Ele entrou na galeria minutos mais tarde pela tribuna espessa dos arbustos cobrindo enquanto Reno e o resto do time materializava ao redor do bosque, seguido pelos agentes do Serviço Secreto atribuídos para cobri-los.

"Como você com os perdeu na galeria?", Kell grunhiu para o agente em carga. "Era seu trabalho conter o perímetro".

"Sem desculpa, senhor", o agente rosnou. "Nós o perdemos".

"Tava tudo feito para ele perdê-los", Markwell discutiu. "Inferno, Kell. Eles estão bem escondidos".

"Sem desculpa, senhor", o agente repetiu.

"Macey está no laptop. Jansen Clay é o nosso Sr. White", Kell retrucou.

Silêncio atordoante encontrou as palavras enquanto a cabeça de Reno virou e seu olhar alfinetou Kell.

"Você está certo disso?".

"Havia terra arenosa no túnel. Este chão é cheio com grama. Clay estava com aquela areia nos sapatos, eu mesmo vi quando estava de pé sobre Kira. Há algum relatório sobre ela?".

"A ambulância a está levando agora", Reno reportou. "Ela está viva mas mal".

"Consciente?".

"Negativo", Reno declarou enquanto eles se apressavam do declive para a limusine.

"Ian", Kell retrucou no rádio. "Faça-a ser levada e então roube um dos veículos de Markwell e os siga".

"Certo!".

"Pelo menos eu tenho seguro". Markwell suspirou.

"Kell, a filha de Jansen foi estuprada durante aquele sequestro", Reno grunhiu. "Você tem que estar errado sobre isso".

"Eu não estou errado".

Kell estava ciente da implicação. Jansen Clay havia causado a morte da filha de um de seus amigos,



Carrie Bridgeport. Mas Risa era sua própria filha.

"O bastardo está morto", Reno grunhiu. "Com toda a certeza".

"Kell, tenho uma imagem no radar", Macey chamou de dentro da limusine. "Há três aeródromos privados; um foi fechado no ano passado quando os donos deixaram a propriedade".

"Esse é o que queremos, subam".

A limusine não era o caminho mais rápido para chegar aonde eles precisavam ir, mas era a única escolha. Os seis homens subiram, as expressões barbaramente atentas, as armas seguras e prontas.

"Onde está o bastardo do Reno com a arma?", Kell perguntou enquanto a limusine queimava a borracha ao sair.

"Presa do Aligátor", Reno respondeu. "Ele está a uns dois metros do chão e esperando o almirante pegá-lo. Nós não devíamos chamar o almirante?".

"Ele chamou", Macey o informou. "Eu liguei para o celular seguro quando estava vindo. Eles está fazendo arranjos caso a gente não consiga pegá-los antes de eles partirem".

"Não é uma opção", Kell sibilou. "Eles não vão fugir".

Ele estava ciente dos olhares que estava recebendo dos outros homens. Jansen o havia feito demorar muito tempo fora do banheiro; os sequestradores tinham vantagem sobre eles, assim como ele. O aeródromo estava na direção oposta da galeria e eles estavam planejando capturar com um veículo que não era feito para isso.

"Nós temos um Gulfstream³⁶ saindo", Macey reportou, a voz pesada com remorso e resignação enquanto a limusine deslizava sobre a estrada lateral na hora certa para ver o jato particular erguendo no ar.

"Estão mudando o sinal. Filho da puta, a Segurança Interna tinha acabado de designá-lo como um transatlântico".

"Acompanhe ele", Kell retrucou.

A limusine parou violentamente.

"Leve-nos de volta para a casa do senador", Kell comandou. "Macey, mantenha aquele avião em vista, está me entendendo?".

"Entendido, Kell", ele respondeu brevemente.

Colocando o celular na calça, Kell digitou o número do senador depressa.

³⁶ Gulfstream - sofisticada aeronave executiva bimotor a jato de médio-porte e alcance intercontinental, com capacidade para transportar 15 (quinze) ou 20 (vinte) passageiros, fabricada nos EUA pela Gulfstream Aerospace.



"Encontre a casa. Você ainda tem os seus suprimentos?", armas, munição, tudo que um SEAL precisaria para se defender.

"Isso e mais", o senador retrucou, a voz cascuda. "Nós estamos arrumando tudo e esperando por você".

"Limpe nosso caminho, vamos voltar em velocidade máxima e eu não tenho tempo para lidar com os policiais neste estado".

"Tenham cuidado", o senador retrucou. "Eu tenho equipamento, apenas digam o que querem. Rápido".

"Diga a ele, Macey", Kell exigiu, forçando-se a relaxar de volta contra a cadeira. "O senador vai nos armar, vamos esperar o almirante para ter equipamento do ar no lugar na hora que chegarmos. Macey, mantenha-me atualizado do Gulfstream. Quero saber onde e quando será a maldita terra quando ele descer".

"Seguindo o caminho, chefe, mas ele tem ajuda. A Segurança Interna está mudando seus sinais enquanto eles estão livres. Vamos desejar que este programa ajude".

"Desejar?", Kell grunhiu.

"Vai dar certo. Vai dar", Macey prometeu desesperadamente. "Inferno, ou eu atirarei".

Kell arrastou os dedos pelo cabelo e estourou com uma respiração instável enquanto o olhar encontrava o de Reno.

"Nós a acharemos, Kell". Reno o encarava com determinação selvagem. "Nós chegaremos a tempo".

Eles tinham que achá-la. Pela primeira vez em quinze anos, Kell começou a rezar.

Capítulo Vinte e sete

Emily sabia exatamente o que havia acontecido quando despertou. O conhecimento estava lá, certo, doloroso.

Os olhos tremularam e abriram e ela deu uma respiração funda e fortalecedora. Ela esteve obviamente por bastante tempo dentro de um carro ou um avião, e estava deitada em uma cama em um quarto escuro que cheirava a terra molhada e desespero.

Era muito semelhante ao primeiro sequestro, mas desta vez Jansen não estava de pé sobre ela, o sorriso compassivo, os olhos duros. Ela se lembrava disto agora, claramente. Enquanto ele entrava na



choça logo após ela ter sido empurrada dentro dela com as outras garotas. Ele agitou a cabeça para ela e disse a ela que o pai dela deveria ter escolhido os amigos mais sabiamente.

E a filha dele, sua própria filha, Risa, o encarava, ofuscada, em choque, porque ele tinha permitido a um daqueles bastardos tocá-la. Estuprá-la.

Lágrimas encheram os olhos dela com a memória. Enquanto Risa gritava por ajuda, implorava que ele fizesse o estuprador parar de machucá-la.

Por favor, papai. Por favor, ela gritou. Mas Jansen não os fez parar. Ele tinha ficado mudo, indiferente, permitindo aos homens estuprar ambas Risa e Carrie, enquanto ordenava que ficassem longe de Emily. Dizendo que ele pessoalmente cuidaria dela.

Ele havia traído a própria filha.

Ele havia ajudado os homens de Fuentes a segurá-las no chão enquanto o outro enfiava uma seringa no braço de cada garota.

Ela gemeu com a memória. Por que ela não se lembrava? Como ela podia ter se esquecido completamente do monstro que ele era? Como podia ela já ter se esquecido do monstro que havia permitido a outros homens estuprar a própria filha enquanto salvava a virgindade de Emily para si mesmo?

Na hora eu que eu tiver terminado com você, você me pertencerá. Você implorará pelo meu pau. Implorá-la pelo meu toque. O bicho de estimação perfeito para mim e Elaine. Ela vai saborear cada centímetro do seu corpo antes de eu te tomar.

Emily quase vomitou com a memória. Ela ainda podia ver olhos de Risa, a ira em chamas nas profundidades azuis pálidas, o ódio assassino e horror chocado.

Não era nenhuma maravilha Clay ter sido forçado a fazê-la ser internada. Risa devia ter se lembrado de alguma maneira. Carrie havia morrido, não tinha sido uma ameaça, mas Risa, Risa nunca havia esquecido. A traição completamente horrorizante do pai a negociando tinha sido demais até para a droga apagar.

Se levantando na cama onde estava deitada, Emily gemeu enquanto o estômago tinha espasmos e náusea espessava sua garganta.

"Não se mova muito rápido. Essa droga vai estalar na sua cabeça como um tiro", uma voz sombria a advertiu.

Era muito tarde. A cabeça dela virou enquanto um tiro de dor ofuscava através de seu crânio. E ela devia ter imaginado. Ela devia estar preparada para a dor, porque não era a primeira vez que acontecia.

"Vá com calma, garota". A voz era cansada, apertada. "Eu não posso te ajudar. Apenas se acalme. Eles deixaram um pouco de água na mesinha ao seu lado. Vai ajudar".



Segurando a cabeça, Emily se ergueu novamente no colchão fino e alcançou tremendo o copo ao lado em um jarro de barro. A água estava velha, mas limpa, e apesar de não aliviar a dor, aliviou a seca horrível da boca.

Ela tinha que pensar agora, ela se lembrou. Tinha que achar uma saída disso. Kell poderia não a salvar desta vez. Desta vez, Jansen se certificaria de que ele não pudesse achá-la. De alguma maneira, eles haviam achado a arma que ela havia prendido com a correia na coxa, porque ela não estava mais lá. Mas a etiqueta da pele ainda estava. Ela podia sentir. Era sua única esperança.

"É duro de acreditar que Kell a deixou fora da vista o suficiente para você ser sequestrada". Um suspiro pesado seguiu as palavras. "Inferno, eu pensei que ele já tinha compreendido quem era o Sr. White e viria correndo te salvar".

Ela ergueu a cabeça, perscrutando através da luz escura para o homem abaixado no canto do cômodo, os olhos azuis brilhantes ardendo pela escuridão com um brilho quase endiabrado.

Ela conhecia aqueles olhos. Ela tinha ido ao funeral dele quando os resultados do DNA de um corpo recuperado tinham saído semanas após ela ter saído do hospital.

"Nathan?", ela sussurrou. "Você é amigo do Kell? Nathan Malone? O sobrinho do capitão Malone?".

Um sorriso louco abriu seus lábios.

"Sim. Esse sou eu". Um suave ritmo animado acompanhou a reflexão zombeteira. "O que sobrou de mim. Creio que você seja Emily. Já faz algum tempo e a luz não é das melhores aqui".

Emily deu uma olhada rápida em torno do cômodo. Havia uma lasca de luar brilhando de um buraco acima da cama e uma brisa carregando o cheiro do mar.

"Onde estamos?", não era onde ela tinha estado antes. Na época, ela podia cheirar a vegetação apodrecida da selva e ouvir o cantar de pássaros exóticos. Nada disso estava presente agora.

"Não estou certo". Houve um encolher de ombros com as palavras. "Próximo ao oceano. Acho que na Califórnia por causa de algumas gírias que ouvi dos guardas, mas não tenho nenhuma ideia de qual parte".

Emily massageou a testa lentamente, lutando contra a vertigem que ameaçava superá-la e a náusea tomando o estômago.

"Eles te verificaram toda", ele a informou. "Eles já devem estar para voltar. Jansen parece muito preocupado por você não ter despertado ainda".

Jansen. Emily cerrou os dentes contra a náusea que ameaçava sufocá-la. Ela confiava nele. O pai dela confiava nele. A filha confiava nele.

Deus, por que ela não havia se lembrado? Com exceção dos pesadelos, ela percebeu. Até Kell aparecer, ela tinha pesadelos cada vez que se encontrava com Jansen. E agora ela sabia por que.



"Bastardo", ela murmurou.

Um bufar veio do canto. "Kell me disse uma vez que você não amaldiçoa ninguém".

"Bem, Kell estava errado", ela murmurou. "Eu apenas não vejo nenhuma necessidade de inserir palavras de cinco letras em cada frase que eu falo".

Ela inalou devagar enquanto a dor na cabeça começava a diminuir um pouco.

Ela se lembrava de Jansen e Fuentes discutindo naquela noite, fora da choça. Jansen queria se mover imediatamente, voar com ela para a Suíça onde eles poderiam escondê-la. Então as outras garotas, Carrie e sua filha Risa, seriam recebidas por Sorrell.

Oh, Deus. Jansen tinha feito planos de ter Carrie e sua filha carregadas para aquele terrorista. Em um harém onde elas nunca mais seriam vistas ou ouvidas novamente. Tinha que fazer isto antes que Richard Stanton e o Almirante Holloran pudessem fazer uma tentativa de salvamento.

Fuentes tinha ficado furioso. Eles tinham discutido, com Jensen acusando o senhor das drogas de ficar babando atrás de um filho.

"Você acha que aquele pequeno bastardo vai se importar com o que você faz?", Jansen silvou. "Ele é um SEAL, seu bastardo estúpido!".

"E você é pouco mais do que um laçao no cio de um terrorista", Fuentes disse. "Eu te disse, ainda não me decidi se o meu cartel vai lidar com aquelas víboras. Não me force".

"Está muito tarde para dar o fora, Diego".

"Eu não fiz esse acordo com Sorrell, meu amigo", Diego se esquivou. "Até que eu decida que é do meu interesse, Sorrell pode chupar o meu pau. As garotas ficam. Elas me farão milhões no mercado negro. Os vídeos dos estupros dela beneficiarão o cartel. Dá-las ao terrorista apenas irá beneficiar os bolsos deles".

"Você é bonita". Nathan suspirou. "Mais bonita do que as outras garotas que eles trouxeram aqui para me torturar".

"O quê?", Emily o encarou, confusa, vendo a loucura vítrea em suas feições muito-magras, a dor agonizante nos olhos.

"Você acha que Kell virá por você?", havia uma veia estranha de esperança na voz dele enquanto fazia a pergunta.

Emily suspirou roucamente. "Se ele puder me achar".

"Clay o enganou. Clay engana todo mundo, moça". Irlandês. Esse era o sotaque que ela ouviu. Era lânguido, apenas um sabor suave de um sotaque.

"Sim, Clay nos enganou a todos". Ela debruçou a cabeça contra a parede atrás de si, a respiração



engatando com o conhecimento de que Jansen podia ter muito bem ganhado dessa vez. A etiqueta na pele das costas tinha alcance limitado, Kell a havia advertido. O quão limitado era, ela não estava bem certa.

"Não o descarte". Os ombros magros encolheram exaustos. "Ele é um assassino filho da puta, nosso Kell. Ele te achará. Ele me achará. Ele vai estripar Jansen como fez com aqueles bastardos que mataram a esposa dele".

"Ele nos salvará. Ele deixará Clay para a justiça. O meu pai e o Almirante Hollaran se certificarão disto". Ela tinha que acreditar nisto. O pai dela, o almirante e o Capitão Malone estariam com eles, não havia dúvida na mente dela.

"Não se engane, moça", um flash de dentes em um sorriso zombeteiro. "Meu tio o dará a faca. Jordan Malone não é nada além de um sanguinário dos infernos. Confie em mim, Clay não sairá daqui vivo".

E ele estava certo. Ela sabia que estava. Kell abriria uma trilha da morte até este lugar.

"Por que Fuentes te mantém assim?", ela finalmente perguntou a ele. "O cientista foi morto há mais de um mês".

"É essa, querida, a pergunta do milhão", ele grunhiu. "Bem-vinda ao meu inferno. Conheça o irlandês Nathan Malone, atual cobaia de Diego Bastardo Fuentes e Jansen Filho da Puta Clay. Eu sou a experiência do Pó das Prostitutas, querida. Veja o quanto leva para quebrar um SEAL. Eu já quebrei?".

A amargura e ira refletiam em sua voz rouca enquanto ele ponderava a pergunta. Os olhos reluziam na semi-escuridão, cheio de uma resolução glacial e brutal.

"Eu não entendo", ela sussurrou.

"Junte-se ao clube". A cabeça dele foi para trás, e enquanto fazia isso, Emily notou que ele estava nu. Ele estava sentado no chão, as pernas puxadas para o tórax, os braços ao redor do corpo para esconder sua nudez.

Puxando o cobertor fino que a cobria quando despertou, ela o jogou para ele. A cabeça dele moveu, um grunhido parcial enrolando os lábios antes que percebesse o quê o havia tocado.

A mão esticou, puxando o cobertor estreito sobre as pernas enquanto os dedos pareciam acariciá-lo.

"Não ficarei com ele por muito tempo", ele disse antes de encará-la. "Eles voltarão logo".

Havia um ar de consciência predatória sobre ele, uma selvageria contida que a estava assustando. Várias das palavras dele eram indistintas, mas ela não podia dizer que fosse seu sotaque ou qualquer outra coisa causando isto. Ela estava terrivelmente com medo de que houvesse qualquer outra coisa causando isto. Algo como aquela droga, se o que ele disse fosse verdade.

"Kell virá", ela sussurrou. Ela se lembrava de ter sussurrado antes. Quando ela havia segurado Carrie



contra ela, absorvendo os tremores da garota enquanto elas estavam presas na choça sozinhas, aguardando a decisão de Diego Fuentes.

Kell virá, Emily pensou. Ele nos salvará. Agente firme, Risa, apenas um pouco. Ele nos salvará, eu juro. Ele se certificará de que Jansen nunca mais poderá te machucar novamente.

Ela tinha quebrado a promessa. Emily se impediu de chorar, soluçar. Pelos dezenove meses em que Risa havia partido. Jansen havia dado ela para Sorrell afinal? A instituição era meramente uma cobertura?

Kell mataria Jansen e Emily nem mesmo poderia sentir remorso por isto. Ela queria matá-lo. Se ela pudesse apunhalar seu coração e torcer, não faria com que ela perdesse um segundo de sono. Os monstros precisavam ser destruídos, e Jansen Clay era um monstro.

"Ele virá por você", Nathan disse a ela suavemente. "Kell abrirá um caminho de sangue para este lugar que ninguém esquecerá. Espero que eles estejam prontos para a besta que acabaram de soltar".

Ela também. Ela rezou para que Kell a achasse. Quanto de vantagem Clay tinha? Não podia ser muito.

"Ian estava no time?", Nathan perguntou de repente, piscando, e por um momento, apenas um momento, a sanidade pareceu reluzir em seus olhos.

"Ian Richards?", ela concordou a cabeça. "Ele estava lá".

Nathan zumbiu enquanto concordava com a cabeça. Então encostou a testa nos joelhos e pareceu ficar se balançando.

"Eu vejo beleza, vejo prazer. Vejo a dama do dragão", ele sussurrou então. "Ah, moça, traga-me sanidade".

Uma risada seca encheu a choça enquanto Emily assistia o homem com compaixão. O que quer que Fuentes tivesse feito com ele, o havia deixado louco.

Emily encostou as costas contra a parede, olhando o raio de luar que cintilava pelas barras na parede oposta. Ela podia ver estrelas, mas não sabia sobre isso o suficiente para saber se localizar.

Ela devia ter prestado mais atenção àquelas classes de ciência em vez de se esquivar, pensou com um pequeno suspiro enquanto esfregava os braços nus.

"Você parece com a minha esposa quando se senta assim. Por favor, não faça mais isto".

A cabeça dela foi para frente com o som atormentado na voz de Nathan, os olhos alargando enquanto tinha um vislumbre da selvageria em seus olhos.

"Eu sinto muito", ela sussurrou. "Você está bem?".

"Eu nunca ficarei bem", ele disse então, friamente, a voz quase gutural enquanto a assistia. "Eu a vejo às vezes nas mulheres que eles trazem para mim. Eu ouço a voz dela. Eu a ouço chorando. Você acha que ela está chorando?".



Emily tragou firmemente. "Eles te drogaram".

Uma risada amarga deixou sua garganta. "Constantemente, garota. Eu sou um tolo com embalagem firme. Quanto tempo eu estou aqui afinal? Eles não me dizem estas coisas".

"Dezenove meses". Ela se encostou mais na parede. Ela podia se lembrar dos efeitos dessa droga, e tinha sido um inferno.

"Dezenove meses", ele disse distraidamente. "Isto é muito tempo, não é? Mais tempo do que eu pensava".

Ela assistiu enquanto ele batia o pé contra o chão. Uma batida fixa, quase inconsciente, batendo e arrastando o pé contra o chão como se procurasse por algo.

"Quando eles voltarem, trarão as agulhas novamente". A voz dele endureceu. "Quando fizerem isso, te prenderão, perto de mim. Não tente conversar comigo. Não chore. Finja de morta, você está me ouvindo? Não importa o que aconteça, finja de morta. Você consegue fazer isto, garota?".

A respiração dela prendeu em um soluço. Oh, Deus, o que eles estavam fazendo com este homem?

"Você me ouviu?", animalesca, dura, a voz exigia uma resposta.

Emily concordou com a cabeça freneticamente. "Entendi. Fingir de morta".

"Eu não quero te tocar. Deus. Eu não quero mais isto". O pé dele bateu no chão. "Putos, eles tomaram as malditas botas. Onde estão as porras das minhas botas?".

Emily colocou os braços ao redor do estômago, assistindo a raiva que construía em Nathan enquanto os minutos passavam. Ela não tentou falar com ele, ou questionar a loucura que parecia agarrá-lo.

Em vez disso, ela começou a rezar.

Capítulo Vinte e oito

Kell manobrou o Black Hawk com movimentos precisos, gentis. Eles estavam movendo rápido, abaixo do radar, o helicóptero poderoso comendo a distância enquanto eles manobravam acima das montanhas e iam em direção a San Diego. Ao lado dele estava sentado Clint McIntyre, atrás de Clint, Macey fazia suas feitiçarias no laptop usando o satélite que estava ligado.

Até agora, eles tinham ultrapassado qualquer anúncio impróprio. Ao lado de Macey, Reno Chavez verificava as armas enquanto o amigo aposentado do Senador Stanton, o Chefe Master Strepton verificava seus contatos.



O almirante Holloran e o Capitão Malone e o Senador Stanton falavam em vozes baixas, verificando suas armas e equipamento. Kell odiava tê-los aqui. A atenção dele seria distraída entre manter o tio de Nathan e o pai de Emily vivo.

Kell desejava poder conseguir passar por isso sem mais vidas perdidas. Exceto as de Clay e Fuentes. Os dois ele queria para si mesmo. Ele queria sentir o sangue lavando suas mãos, assistir a vida escurecer de seus olhos.

"Hora prevista da chegada em vinte minutos", Clint reportou enquanto verificava a navegação e repetia as instruções de Kell. "Vá o mais baixo que puder. O exército ficará de olho aqui e Clay pode estar usando aviões de reconhecimento".

A missão era tão clandestina que apenas o escritório do Almirante Holloran estava ciente dela. O conhecimento de que Jansen Clay estava envolvido com Fuentes era uma pílula amarga para tragar, mas fazia sentido. Ele tinha as conexões para ajudar Fuentes em seus negócios de armas, assim como em seus negócios de droga. Mas o que seria bom para Clay? O homem tinha mais dinheiro do que poderia gastar em três vidas. O que faria um homem tão depravado a ponto de trair seu país, assim como sua própria filha, de tal modo?

Macey tinha descoberto onde e como Clay havia escondido seu Gulfstream no tráfego aéreo comercial, o que sugeria que Clay tinha ajuda de algum lugar na Segurança Interna. A teia estava devagar se materializando, mas talvez muito tarde. A etiqueta na pele de Emily tinha sido ativada depois de uma mensagem de Judas reportando que Jansen a mantinha como refém por enquanto.

Três segundos. Macey tinha três segundos para definir o local antes que eles o perdessem para sempre. E ele fez. O filho da puta era uma porra de um milagre nisso.

O amanhecer estava começando a aparecer atrás deles, movendo-se para mais perto enquanto Kell voava no helicóptero militar com velocidade máxima, correndo sobre a terra na área designada antes da luz do dia aparecer.

"Os garotos estão no lugar", Macey disse suavemente pelo microfone do helicóptero. "As armas e os veículos estão nos aguardando".

As coisas que esse garoto podia fazer com um computador podiam gelar a espinha de um homem. Se ele permitisse. Kell firmemente empurrou para trás o homem que queria ser e permitiu ao assassino ficar livre. Cajun. Esse era seu nome de guerra. Esse era o homem indo guerrear. O Cajun Aligátor. Frio. Uma



máquina mortal. Hoje, Jansen Clay e Diego Fuentes iriam morrer. Era simples assim.

"Nós vamos arrombar a casa logo após escurecer se continuarmos no horário", Macey reportou. "O time SEAL dois tem posição na segurança e está aguardando a nossa chegada. Eles não saberão o que os abateu".

Os garotos de Macey. O time SEAL dois estava em San Diego em um exercício de treinamento. Sangue era o professor perfeito.

Emily.

"A casa ainda está quieta", Macey reportou. "Kira está fora de perigo mas ainda em condição séria. Nós estamos cobertos, carregados e preparados".

"Eu tomarei a casa", Ian anunciou de sua posição próxima às portas. "Diego terá um plano de fuga. Eu partirei atrás dele e de Clay se ele estiver nos seguindo".

"Time dois, vamos nos mover para a posição, você nos tem aí?", Kell falou no comunicador que Macey estabeleceu com o time enquanto eles se aproximavam do ponto de aterrissagem.

"Time dois pronto e esperando", o Chefe Charles reportou.

Kell manobrou o Black Hawk entre os cumes vários quilômetros além da mansão do litoral de Jansen Clay e desceu sem uma batida sequer. Ele estava tirando o equipamento de segurança e cortando a força elétrica quando as portas abriam.

"Chefe Charles". Kell fez uma saudação afetada enquanto saltava para o chão, tomando o equipamento que um dos outros SEALs vestidos de preto o deu. "O seu homem está no lugar?".

"No lugar". A cabeça escura do Chefe Charles se moveu. "A mansão está quieta com apenas alguns guardas no perímetro e um cachorro. Eles não estão te esperando, Tenente. Nós localizamos o abrigo onde os reféns estão sendo mantidos e temos um de nossos vigias no lugar. Clay e Fuentes estão no local e atualmente rumo às celas da propriedade".

Clay. Kell podia sentir o sangue ferver ao pensar no outro homem.

"Nós queremos a cela vazia de hostilidade antes de entrarmos", Chefe Charles declarou enquanto Kell se aproximava de Reno, Clint e o senador. Macey e Ian saltaram de um jipe, enquanto Macey continuava a teclar em seu laptop.

"Nos moveremos para a posição e aguardaremos a saída de Clay", Kell retrucou. "Mas eu o quero, Chefe. E o quero vivo".

"E Fuentes?", Charles perguntou, estreitando os olhos.

"Do jeito que você o conseguir, morto ou vivo". A menos que Kell o pegasse primeiro.

"Vamos subir". Charles concordou com a cabeça. "Temos um passeio de quinze minutos à frente e o



amanhecer está chegando. Vamos lá”.

Eles colocaram os jipes para correr, carregando com o resto do time dois antes de aumentar a velocidade ao longo do caminho estreito que levava à propriedade de Clay.

Não era nenhuma maravilha eles não poderem achar Fuentes. Ele não precisava comprar sua propriedade quando Jansen estava colocando o senhor das drogas em sua mansão. A fazenda com três alas estava em um precipício com vista para o oceano, cercada por cumes altos e acessíveis pelo tráfego normal apenas por uma estrada.

Tráfego normal.

Quinze minutos mais tarde os jipes estavam estacionados a uma distância pequena dos precipícios na praia e os SEALs estavam fazendo rapel pelo precipício em direção à mansão.

As paredes da mansão apenas se estendiam para o precipício em vez de cercá-la completamente. Até mesmo uma cabra das montanhas teria problemas em subir o precipício só de pedras. Mas os SEALs eram melhores do que cabras das montanhas. E Aligátor Cajun estava na dianteira, as facas prontas, a mente clara e gelo em vez de sangue no corpo.

Estava na hora da retaliação.

* * *

Emily tentou abraçar a parede, inferno, ela tentou se tornar a parede enquanto o som de uma chave girava na fechadura fazendo gelo correr pela espinha.

Nathan grunhiu do canto. O som de um lobo encurralado, apavorando pela suavidade do som.

Emily fugiu de volta para a cama, apertando-se no canto enquanto a porta abria e Jansen e Diego Fuentes entravam, seguidos por um dos guardas.

Uma pequena lâmpada elétrica iluminou o teto então. Não era muita luz, mas clara o suficiente para ver o rosto bonito de Jansen. Mesmo agora, ela não queria acreditar que ele podia ser tão ruim. A expressão era simpática, o remorso nos olhos verdadeiro enquanto ele a assistia. Fazia com que ela quisesse matar. Arrancar o véu enganoso que ele vestia tão facilmente.

"Vejo que você sobreviveu aos guardas de mão pesada de Diego mais uma vez", ele disse enquanto colocava as mãos nos bolsos da calça comprida e a assistia bem próximo. "Sua bochecha vai ficar contundida. Você tentou lutar com eles quando despertou no avião?"

Emily ergueu a mão para a bochecha, só então percebendo que estava dolorida. Ela havia lutado com eles. Agora ela se lembrava de ter acordado por pouco tempo, logo antes de eles a carregarem para o



avião, e ela tinha lutado como um animal demente. Se não estava enganada, um dos guardas estava com a marca das unhas dela no rosto. Mas ela não respondeu Jansen, meramente o encarou calada.

Os lábios dele se moveram de forma peculiar enquanto ele dava uma olhada rápida em torno da cela áspera.

"Suas acomodações são melhores dessa vez. Eu me certifiquei disto". O olhar dele atacou Nathan no canto. "Nós até nos certificamos de que você tenha um pouco de companhia".

O som que veio da garganta de Nathan era assustador. Um estrondo baixo, uma promessa de retribuição. Jansen fez careta, voltando-se para Emily.

"Eu sinto muito de verdade sobre isso, Emily", ele disse. "Se apenas o seu pai tivesse cooperado um pouco mais. Mas não teria importado, não é? Eu acho que você já estava se lembrando. Suas investigações sobre a saúde de Risa eram sempre faladas muito cuidadosamente. A droga de Diego não é tão poderosa quanto ele achou que era". Ele lançou ao Sul-americano um olhar de regozijo. "Ele cometeu vários enganos nos últimos dois anos, você não diria?".

Nathan grunhiu em fúria enquanto Emily cerrava os punhos para se impedir de gritar em afronta e horror.

"O que você está fazendo com ele?", ele era como um animal, os olhos queimando na luz escura, o rosto de cera.

Jansen sorriu enquanto se voltava para ela. "Você já ouviu falar do amor enorme que Nathan Malone tem pela esposa?", ele perguntou a ela. "Alguns dizem que há um laço entre eles que não pode ser quebrado. Vamos dizer que estamos quebrando ele. Ele tem sido um quebra-cabeça, nosso Nathan. Mas antes de morrer, o cientista que desenvolveu o Pó das Prostitutas conseguiu aperfeiçoar seu projeto. Assim que Nathan receber a nova droga, não se lembrará da esposa. Tudo o que ele conhecerá é a necessidade de foder. E aqui está você, talvez pouco disposta, mas definitivamente criada para uma foda".

"Você não pode fazer isto". O olhar dela voou para o SEAL cheio com horror antes de voltar para Jansen. "Kell te matará por isso, Jansen".

"Ele nunca saberá que eu estive envolvido". Ele encolheu os ombros negligentemente. "Você acha que eu apenas coloquei o clorofórmio sobre a sua boca e nariz? Havia outros esperando dentro do túnel para te levarem. Kell não tem nenhuma ideia de que eu estava envolvido".

"Ele é bom, não é?", Diego disse zombeteiramente enquanto a encarava. "Nós estamos associados por anos, mas os contatos dele aqui o fizeram inestimável. Não indispensável". Ele atirou a Jansen um sorriso bajulador. "Mas inestimável".

A expressão de Jansen apertou com irritação.



"Kell matará os dois", ela os informou suavemente. "Nenhum dos dois sairá daqui vivo".

"Ele vai te estripar". A voz grossa de Nathan soou como um silvar primitivo. "Ele tomará a sua faca e te abrirá como um peixe. E ele sorrirá. Sorrirá porque será bom. Oh, será tão bom. O sangue fluindo, morno e rico, os dragões se alimentam com a carne dos assassinos".

Emily estremeceu com a morte soando na voz do outro homem. Nathan estava verdadeiramente louco. O que ainda o segurava, ela não estava certa, mas o que ela estava certa, era de que este homem, se não na vida mas na morte, se asseguraria das mortes de Jansen e Fuentes.

"Creio que as drogas afetaram sua mente", Jansen disse. "Nós o drogamos demais, Fuentes".

Fuentes encolheu os ombros. "Esse pecado é seu, meu amigo. Não me afeta. Eu apenas exigi a chance de recuperar as minhas perdas antes de você pegar a deleitável Senhorita Stanton para levar para seu amigo Sorrell. Estou absolvido nisso".

Jansen grunhiu enquanto agitava a cabeça e então girava o olhar de volta para Emily. "Eu me certificarei de que você seja cuidada", ele disse a ela então. "Assim que Diego e eu entrarmos em acordo em alguns detalhes, você será transportada para aquele pequeno castelo na Suíça que eu te disse antes. Elaine já está indo para lá, amor. Ela está se preparando para você. Avidamente antecipando sua chegada. Assim que provamos do seu charme, Sorrell então te pegará".

Um soluço rasgou pelo tórax dela enquanto a mão cobria sua boca, a negação furiosa dentro de si. "Elaine sabe?", a voz dela estava crua com dor.

Jansen sorriu suavemente, com compaixão. "Foi ideia de Elaine, bem".

Ele girou para Fuentes. "Traga seus homens para injetar nele. Vamos acabar com isso para podemos partir".

Fuentes riu. "Você gosta dessa aqui, Jansen", ele comentou enquanto dava um olhar divertido para Emily. "Talvez antes de você partir com ela, eu possa ter um pouco dela também. Por que o nosso SEAL louco deve ter ela só para ele?".

Jansen parou como uma estátua. "Esse não era o trato. Drogue-o e ligue as porras das câmeras. Vamos com isso para podermos partir".

Fuentes suspirou com remorso zombeteiro. "Talvez você esteja certo. Ouvi dizer que Kreiger ficou bastante estupefato com ela. Talvez depois de eu prová-la, eu não deseje soltá-la, hmm?".

"Não me faça te matar, Diego".

O som das armas dos homens de Diego estalando preparadas enquanto Jansen se movia adiante de Diego ergueu a cabeça de Nathan novamente.

"Mate-o, Diego". A alegria fanática na voz de Nathan era apavorante. "Faça. Você ganhará pontos.



Você não quer ganhar pontos?".

Diego riu, muito como um pai super indulgente.

"Ahh, apenas se eu pudesse dar a você o seu desejo, meu triste pequeno amigo. Infelizmente, ele ainda tem seus usos". Ele girou para os guardas. "Prepare-os. Vamos acabar com isto depressa. Mas não drogue a mulher".

"Esse não era o negócio", Jansen retrucou.

Diego encolheu os ombros uma vez mais. "A vontade dele de ser estuprada por você não me dá nada. Não force a sua sorte, meu amigo, creio que você precisa da minha permissão para outras coisas também".

Emily sentiu o terror glacial que começava a se espalhar por todo o corpo. Eles realmente estavam indo adiante com isso. Jansen iria destruí-los sem uma pontada de remorso.

"Kell te matará, Jansen", ela sussurrou rouca. "Você o conhece. Você sabe que ele irá".

"Ele nunca te achará, Emily". Ele sorriu suavemente. "Eu me cobri bem dessa vez, minha querida. Não há nenhum meio de ele até mesmo suspeitar de onde você está".

"Ele não parará de buscar". O pesar a subjugou, inundando suas emoções, sua alma. Deus, perdê-lo assim. Saber que quando ele a achasse, ela provavelmente estaria tão danificada que isso não importaria. Como Nathan havia provado, a mente não poderia aguentar tanto horror.

"Ele pode nunca parar de procurar, mas a busca será em vão". A voz era gentil, a expressão quase tenra. Deus, ele estava tão doente. Havia algo tão errado nele que ele ia além do mal.

"Diego, você pode injetar no nosso SEAL relutante agora. Vamos ver se sua nova dosagem é realmente precisa".

"Não!", Emily saltou da cama enquanto Jansen girou para deixar o quarto. "Você não pode fazer isto, Jansen".

A ira batia pelo cérebro dela, chicoteando por sua circulação sanguínea, enquanto o punho dela colidia com a cabeça dele. Ela não queria bater nele. Ela queria implorar. Pedir.

"Sua cadela".

A dor ressoou pela cabeça dela enquanto o punho colidia nela, jogando-a para trás enquanto ela ouvia um rugido do canto do quarto. Emily saltou contra a parede antes de afundar no chão.

"Você não fará isto novamente, Emily". Mãos duras agarravam seus braços, erguendo-a do chão e lançando-a de volta na cama enquanto a luz dançava ao redor dela e um zumbido tímido enchia sua cabeça. "Da próxima vez, eu mesmo vou te estuprar".

A fúria enchia a voz de Jansen enquanto Emily lutava para se endireitar, forçar os olhos para focar em



seu rosto enfurecido.

"Eu prefiro morrer", ela grunhiu, a voz áspera, tremendo o atordoar balanço de seus sentidos. "Eu me mataria primeiro".

"O pó das prostitutas te fará mudar de ideia", ele retrucou. "Eu vi as fitas de sua desintoxicação, Emily. Eu vi como você gritou, enquanto implorava para ser fodida. Eles tiveram que te amarrar".

Ela saboreou o sangue na boca e sentiu o entorpecimento no lado do rosto enquanto finalmente enfocava completamente nele.

"E eu vou gritar o nome do Kell", ela sussurrou corajosamente, excessiva satisfação. "Da mesma maneira como já fiz. Imagine isso, Jansen. Bata uma punheta se é o que você quer. Você pode me forçar a te aceitar, mas sempre será o nome do Kell nos meus lábios".

Ele se virou de novo para ela, respirando roucamente, o rosto bonito corando com raiva.

"Dobre a dose desse maldito". Ele sacudiu os dedos na direção de Nathan. "Eu quero que ele a machuque. Eu quero que Kell Kreiger veja o seu melhor amigo a rasgando". Ele a atirou um sorriso triunfante. "Grite o nome de Kell agora, Emily, enquanto o companheiro de armas dele te fode o quanto pode".

Ele saiu da cela enquanto os soldados convergiam para Nathan, seringa na mão, e o seguravam. Ele não estava gritando, estava rosnando, grunhindo. Os sons animais enfurecidos rasgavam a garganta enquanto eles picavam a agulha no braço dele e enfiavam a droga diabólica em seu corpo.

Emily desmoronou na cama enquanto a porta da cela batia violentamente e era fechada a chave novamente.

"Bem. Obrigado, Emily", Nathan disse. "Acredito que eles realmente possam ter me dado uma dose dupla".

Emily abriu os olhos para olhar para ele. "Quanto tempo você acha que nós temos?".

Ela viu os vídeos também, e sabia como era horrível a luxúria enfurecida que tinha experimentado. Seria muito pior para ele?

"Que diabo, como se eu soubesse". Ele encostou na parede atrás de si. Em um segundo ele estava abaixado no chão, e no próximo estava se empurrando para mais perto da parede. "Às vezes algumas horas, às vezes alguns minutos. Eles têm mudado a dosagem e a força. Talvez dessa vez me mate".

Se possível, os olhos dele estavam mais brilhantes, ardendo, misterioso na luz escura do cômodo enquanto as mãos arrastavam sobre a parede.

"Eu sinto muito", ela sussurrou em pranto. "Sinto mesmo".

"Kell não chegará aqui a tempo". Ele fez uma careta. "Não há nenhum modo de que ele chegue aqui



a tempo. Ah, Deus. Eu não posso fazer isto”.

Ele apertou a cabeça na parede atrás de si enquanto encarava o teto.

"Você viu a minha esposa?", ele perguntou desesperadamente. "Você a encontrou?".

"Não". Ela podia vê-lo ficando tenso, senti-lo lutando contra as drogas que o rasgavam.

"Ahh, ela é pequenina e iluminada. A carne dela é agradável como o amanhecer". O sotaque espessou. "O sorriso dela é como o raio de sol. Os olhos a mais linda sombra de cinza. Como uma pomba”.

"Ela parece bonita". A respiração de Emily saiu em um soluço enquanto as costas se curvavam, as cordas do pescoço se distinguiam em um alívio afiado enquanto um gemido horrível deixava seu tórax.

"Minha linda moça iluminada. Ela se lembra de que eu a amei?".

A cabeça ergueu, os braços caindo para os lados, e em segundos uma faca apareceu em suas mãos. Era não mais do que uma tira fina de metal, mas a extremidade que cintilava embaixo da luz fez Emily engolir com força.

"Nathan?", Emily se sentou mais à direita na cama.

"Eu prefiro morrer a traí-la", ele sussurrou rouco, manipulando a faca confiantemente, correndo-a pelos dedos. "Eu a tinha já há algum tempo, contemplando, planejando. Sabe, ela preferiria que eu fodesse a morrer. Se fosse com ela, eu nunca usaria isto contra ela, não é? Eu a adoraria até a morte levar a minha última respiração”.

"Espere, Nathan", Emily soluçou. "Por favor. Por favor, espere”.

Emily o encarava com os olhos secos, o olhar preso na faca. Ela sabia o que ele iria fazer. Ele iria honrar os votos à mulher que amava do único modo que sabia. Ele acabaria matança a si mesmo ou a ela.

"Eu amo a minha dama pequenina", ele sussurrou, o olhar preso na faca. "Sabe que suicídio é pecado, Emily?".

"Sim". As lágrimas deslizavam por suas bochechas. "Ela não gostaria que você cometesse um pecado, Nathan”.

"Assim como fornicação", ele sussurrou, girando o olhar louco para ela. "Trair os votos que eu fiz a ela. Estupro é pecado. É tomar o que pertence a outro. Qual pecado é menor? Tomar a minha própria vida ou a sua? Ou cometer adultério e estupro, moça? Onde está a dor maior?".

Ira, dor e loucura estavam refletidas nos olhos. Ele havia sobrevivido por tanto tempo porque não tinha quebrado os votos com a esposa. Dezenove meses ele tinha estado neste inferno, e não havia quebrado.

"Nathan, apenas mais um pouco", ela sussurrou. "Kell virá. Ele nos tirará daqui e não vai doer mais”.

"Tudo dói", ele disse roucamente, arrastando o cobertor mais perto para seu corpo nu.



"Ela saberá que eu a amei?", ele perguntou enquanto se empurrava contra a parede.

Emily sentiu os lábios tremer. "Ela sabe".

Ele pausou, os olhos fechando brevemente antes de focar nela uma vez mais. "Eu sinto muito", ele disse então. "É a droga. É difícil achá-la quando a droga está assim. Eu procuro e procuro por ela. Eu posso ouvi-la. Mas não posso achá-la".

Por um momento, um humor torto entrou nos olhos dele antes da loucura tomar seu olhar uma vez mais.

Um grito ecoou pela cela então. A cabeça de Emily balançou em direção à porta, ouvindo o rata-ta-ta do fogo de artilharia e vozes de repente erguendo em alarme. Os olhos voaram de volta para Nathan.

"Kell". Ela se moveu cuidadosamente ao lado da cama. "Kell está aqui, Nathan. Está ouvindo?".

Ele segurava a faca facilmente, acompanhamento cada movimento dela.

"Escute, Nathan". O fogo de artilharia estava mais perto. "Ele está aqui. Você não pode desistir". As lágrimas caíam de seus olhos então, medo e dor, ira e alegria surgiam dentro dela enquanto Nathan andava mais para perto.

Nos olhos dele ela viu a morte. A droga havia roubado a pouca sanidade que Nathan Malone possuía e tudo o que remanesceu era o animal que os SEALs haviam criado. A droga podia mandar no corpo, mas o homem tinha sido treinado, afiado e moldado em uma criatura da morte. E em vez de trair tudo o que amava, ele morreria.

O homem estava longe agora, tudo que restava era a criatura.

"Oh, Deus, Nathan, por favor. Ele está aqui. Kell está aqui", ela sussurrou implorando urgentemente. "Não deixe isso te pegar. Deus, por favor, não deixe que eles roubem o seu salvamento".

Ela tinha que fazer vê-lo a razão, tinha que fazê-lo escutar. O que ele havia dito mais cedo? Uma certa posição o lembrava a esposa.

Ela deitou de volta contra a parede, revelando apenas o perfil para ele, lutando para respirar, certa de que essa era sua última chance. Se ele não visse a razão agora, então ela seria apenas uma massa sangrenta quando Kell chegasse.

"Kell está aqui", ela disse novamente, mais suave dessa vez. Ela não tinha nenhuma ideia de como a esposa dele soaria, mas estava fazendo sua melhor tentativa. "Ele está vindo para te salvar, Nathan".

Ele piscou de volta em confusão.

"Você não quer ir para casa?".

A mão dele agitou.

"Eu quero ir para casa, Nathan. Eu apenas quero ir para casa". Ela queria deitar nos braços de Kell,



queria ouvi-lo sussurrar para ela novamente. "Vamos para casa, Nathan".

"A casa se foi". A mão dele agarrou a faca com mais força. "A casa se foi. Adeus".

* * *

"Pare essa porra de helicóptero, pare com ele agora, droga". Kell deu tiros no helicóptero enquanto ele erguia, oscilando por um segundo antes de descer pela encosta e se dirigir para o mar e tomar Fuentes com ele. Ele estava escapando novamente. "Filho da puta". Jogando a arma de assalto sobre o ombro, Kell correu os poucos metros até a cela onde Emily estava cativa.

Kell arrancou a Beretta do coldre no quadril, soltou a fechadura e entrou repentinamente no cômodo. Inferno.

"Porra!".

Nu, excitado e com uma faca caseira na mão, Nathan pegou Emily da cama e a empurrou para trás de si.

Os olhos azuis do irlandês o encaravam com loucura enquanto os olhos escuros de Emily, largos com terror, o assistiam esperançosamente.

"Ele está drogado", ela ofegou. "O Pó das Prostitutas. Muito mesmo".

"Cale-se", Nathan gritou, a faca oscilando na mão. "Afaste-se dela. Deixe-a em paz".

Não é culpa dele. Ela disse movendo a boca, silenciosamente; as lágrimas descendo pelas bochechas enquanto Nathan a trazia para mais perto de si.

Essa era sua pequena raposa. Sempre lutando por outra pessoa.

"Nate". Kell manteve a voz baixa apesar do desespero que o arranhava. "Vamos, Nate. É hora de se mandar".

Nathan piscou de volta para ele. "Se mandar?".

"O helicóptero está do lado de fora, Nate. É hora de tirar a garota daqui e ir para casa. Sua esposa está esperando por você, Nate. Você vai desapontá-la?".

Por um segundo, Kell jurou ter visto uma sugestão de sanidade nos olhos de Nathan.

"Eles acharam o rastreador", Nathan grunhiu. "O solado do sapato não funciona".

Deus! Eles tinham cortado o maldito rastreador da sola do sapato. Filhos da puta.

"Nós não precisamos disto, Nate", ele disse suavemente. "Vamos, homem, vamos para casa".

"Não vou te deixar machucá-la", Nathan grunhiu. "Eles a deixaram aqui para eu machucá-la. Então você poderia machucá-la. Eu poderia machucá-la. Alguém iria machucá-la".



"Não mais, Nathan. Nós temos Fuentes e Clay", ele mentiu, os olhos fixos na faca. "Vamos para casa, homem".

"Casa?", a faca oscilou enquanto ele parecia tropeçar.

E então Emily se moveu. Enquanto ela fazia isto, como tinha feito isto, Kell não tinha nenhuma ideia. Antes que ele pudesse saltar para ela, o cotovelo dela bateu violentamente contra a barriga indefesa de Nathan e isso foi tempo suficiente apenas para dar a Kell a chance de saltar para Nathan e deixá-la livre.

Livre. Ele a empurrou para detrás de si, olhando Nathan cuidadosamente enquanto ira chamejava nos olhos dele segundos antes de ele afundar de volta para a parede.

"E eu achando que você teria o sangue frio de matar se tivesse a chance".

Kell girou, empurrando Emily atrás de si novamente para olhar para o cano da pistola que Jansen Clay estava apontando para ele.

"Filho da puta!", Kell amaldiçoou. "Estou quase ficando doente de te ver na porra da minha cara, Jansen. Há dois times de SEALs lá fora. Você realmente acha que vai cair fora dessa vez?".

"Apenas vocês três sabem sobre mim". Jansen encolheu os ombros. "Eu te mato e está acabado".

"Errado". Kell teve grande satisfação em assistir os olhos de Jansen estreitarem quase amedrontados. "Nós sabíamos que você a tinha. Nós localizamos sua esposa naquele castelo da Suíça. Ela está sendo levada por agentes Americanos agora mesmo enquanto falamos".

Ele sentia Emily atrás dele, os dedos esbeltos prendendo na Beretta que ele tinha colocado atrás nas calças. O medo bateu violentamente contra as entranhas dele.

"Não importa", Jansen declarou quietamente. "Sem testemunhas, será muito difícil de provar. Você pode assistir o seu amigo morrer, então morrerá enquanto eu mesmo tomo Emily".

A arma virou para Nathan enquanto o dedo de Jansen apertava no gatilho, e a pequena raposa que Kell teria jurado que nunca mataria uma mosca disparou a arma do lado do corpo dele.

No centro do peito de Jansen Clay.

A arma soltou dos dedos de Jansen, a mão cobrindo o ferimento enquanto ele girava o olhar surpreso de volta para Emily.

"Eu não te machuquei", ele sussurrou em choque. "Eu iria salvar você...", ele ergueu a mão e olhou para o sangue manchando antes do olhar retornar para Emily. "Eu estava vindo por você—"

Ele desmoronou no chão enquanto o Capitão Malone e o Chefe Charles entravam apressados no cômodo.

"Em". Kell girou e se preparou para pegar a arma dos dedos enervados e ver o horror nos olhos dela. Mas o que viu, enviou uma onda de calor depressa por suas veias. O olhar estava claro; apenas um



vislumbre de remorso tocava as profundidades azuis enquanto ela girava o pulso, segurando a arma, o barril apontado para baixo, para Jansen.

"Monstros não merecem viver", ela disse calmamente. "Eu não perderei meu sono por matá-lo".

Ele tomou a arma cuidadosamente, colocou-a nas calças novamente e então a puxou para os braços, apertando-a, sentindo a garganta apertar com a emoção que de repente o enchia.

"Deus, eu amo você", ele sussurrou.

Beijando a sobrancelha dela, Kell suspirou profundamente antes de soltá-la apenas o suficiente para se virar e assistir os homens que entravam no quarto. Os médicos vieram preparados para Nathan, mas Kell se perguntou se havia algo que pudesse deixar o homem normal novamente.

Ele estava afundado contra a parede, nu, os olhos cheios com loucura enquanto encarava o corpo morto de Jansen. Os músculos crispando espasmodicamente, o corpo um dia-forte quase esquelético.

"Nathan?", o capitão se moveu lentamente pelo quarto, olhando para o sobrinho enquanto lágrimas enchiam os olhos azuis claros. "Garoto, você está muito relaxado. Eu te dei a permissão para descansar?", o tom de Malone estava cheio com força.

Nathan se moveu rápido, arrastou o cobertor para mais perto enquanto tentava lutar para ficar de pé.

"Você sai daqui andando ou nós vamos carregá-lo?", o capitão ganiu.

"Faça ele parar". Emily vacilou com o tom. "Por favor, Kell".

"Não, Emily. Se ele não sair daqui andando, nunca terá chance de sobrevivente". Ele segurou-a bem perto, assistindo enquanto um vislumbre de sanidade retornava aos olhos de Nathan enquanto ele lutava para ficar atento.

"Garoto. Eu disse: nós precisamos te carregar?", o capitão gritou.

"Não, senhor". Nathan agitou a cabeça. "Não, senhor".

"De pé".

Nathan lutou para ficar de pé, segurando o cobertor ao redor dos quadris.

"Senhor". Ele parou balançando um pouco. "De pé".

"Você caminhará até aquele helicóptero. Você se submeterá ao médico aguardando. Estamos entendidos, Tenente Malone?".

Nathan estremeceu, tremeu, mas a cabeça balançou antes de cambalear para os ombros.

"Senhor. Compreendido". A voz estava fraca à medida que ele se movia. Um pé na frente do outro. Um franzir severo dobrando a sobrancelha.

Os olhos do capitão cintilavam com umidade enquanto o sobrinho se aproximava dele.



"Senhor". Nathan pausou ao lado dele.

"Sim, Tenente". O capitão firmou os lábios que tremiam.

"Senhor. Eu podia usar uma muleta". Os joelhos dele faltaram, mas o capitão estava lá, os braços indo em torno do corpo ossudo do homem mais alto, segurando-o para ele enquanto tremia com soluços mudos.

"Eu te peguei, filho", ele sussurrou. "Serei sua muleta".

Kell assistiu enquanto eles se moviam para a entrada, tio e sobrinho.

Os braços dele apertaram ao redor de Emily enquanto seu olhar era atraído uma vez mais para o corpo morto de Jansen.

"Aqueles lições de tiro foram muito úteis", ele murmurou.

"Sim, foram". A voz dela estava trêmula agora, mas inferno, ele estava trêmulo também, Kell pensou. "E eu não perderei nenhum segundo de sono por isto".

Ele encontrou os olhos dela e viu uma compreensão lá que não esperava. Uma que ele não pediria, porque o guerreiro dentro dele não seria negado. Mas ela compreendida. Pela primeira vez, ele pensou, ela entendia por que ele e o pai dela saíam para guerrear, por que eles arriscavam suas vidas e a felicidade daqueles que deixavam para trás.

Para dar uma chance ao inocente.

"Você dois estão prontos para ir para casa?", o senador perguntou na entrada. "Temos que fazer muito coisa ainda".

"Porra, isso soa muito bom". Emily suspirou. "Muito real".

"Eles pegaram Elaine?", Kell perguntou ao senador.

"Eles a levaram em custódia há um tempo" Richard fez careta. "Enviamos agentes para o hospital que Risa foi admitida e a removemos violentamente para Bethesda. Ela estava mal".

Kell sentiu a respiração trêmula que Emily retraiu.

"Jansen deixou os guardas a estuprarem no avião na vez em que fomos sequestrados", ela sussurrou, lágrimas sufocando a voz. "Ela precisará de ajuda".

Richard concordou com a cabeça. "E ela terá. Vamos, crianças, vamos subir. Estou ficando muito velho para esta merda".

Ele não era o único. Kell balançou Emily nos braços, segurando-a perto do tórax enquanto ela enterrava o rosto contra ele e deixava as lágrimas descerem livres.

Ela tinha sido forte. Tão forte. Ela nem mesmo havia hesitado em atirar em Clay. O único tiro havia perfurado o coração dele e explodido as costas. Quase à queima roupa, fria como gelo e louca de pedra,



sua gatinha havia tomado sua vingança apesar dos desejos dele ao contrário.

"Você está bem?", ele a embalou nos braços enquanto o helicóptero erguia do litoral da casa de Clay.

Ela concordou com a cabeça. "Cansada. Muito cansada".

"Durma, neném". Ele beijou a testa dela. "Apenas durma e eu cuidarei de tudo. Prometo. Eu cuidarei de tudo".

Capítulo vinte e nove

Ela não tinha pesadelos, doze horas antes ela tinha desmoronado na cama apenas ciente de Kell se movendo sobre o colchão ao lado dela e a puxando para os braços. Não havia nenhum pesadelo. Ela havia dormido profunda e imperturbavelmente até que sentiu um beijo como uma pluma através dos lábios.

Emily sentiu os cobertores caindo devagar sobre o corpo enquanto Kell a beijava com uma fome dolorida que ela nunca tinha conhecido. Beijos gentis, beliscões suaves nos lábios, a língua sobre as curvas arredondadas enquanto ele a puxava para mais perto.

"Emily". Ele respirou o nome dela em um beijo. "Acorde para mim, neném".

As mãos dele se moveram sobre o corpo dela, correndo sobre a pele e enviando labaredas de prazer que subjugaram sua mente e a fizeram despertar.

Ela tinha que tocá-lo. Para se banhar no beijo dele, se embeber o calor e poder que era tanto uma parte dele. Ela precisava dele. Aqui e agora, antes que ele tivesse tempo de se lembrar do mundo exterior e de ir embora.

Lutando no aperto dele, ela o empurrou para ficar de costas, ciente de que ele estava deitando contra o travesseiro agora somente porque queria. Qualquer que fosse a razão, ela se ergueu sobre ele, abrindo os olhos em calor sonolento para o brilho no olhar dele.

Tão verde. A expressão escurecida do sol era diferente. Mais forte. Mais cheia de intenção que ela já havia visto antes.

"Sem preservativo". Ela gemeu. "Eu quero te sentir. Todo".

"Nós faremos bebês, Emily", ele sussurrou de volta. "Lindos bebezinhos".

Emily congelou, as mãos abertas contra os ombros dele.

Ela podia se sentir tremendo então, um tremor bom, começando no coração e se espalhando pelo corpo.

"Bebês querem dizer para sempre", ela sussurrou enquanto se erguia sobre ele, abrindo as coxas até



que estava sobre os quadris dele.

"Então me ame", ele disse, guiando o membro duro contra as dobras úmidas entre as coxas dela. "O amor é para sempre, Emily. E eu amo você. Para sempre".

Ele entrou nela. A cabeça espessa abrindo a vagina, o calor ígneo começando a invadir seu corpo.

Os lábios pegaram os dela enquanto seu membro a empalava, indo até o cabo enquanto a respiração prendia em sua garganta e ela podia jurar que os olhos haviam ficado turvos com prazer.

"Você me satisfaz totalmente". Ele sorriu contra os lábios dela enquanto ele a girava para que ela ficasse com a barriga para cima antes que os lábios dele se movessem para seu pescoço, seu ombro. "Eu sou seu, Emily. Sempre fui".

Os lábios se moveram para os seios, cobrindo um mamilo, sugando-o com fome enquanto os quadris começavam a se mover, correndo o membro pelo portal liso que ela possuía, enviando sensação e prazer primoroso construindo e consumindo.

Levantando para ele, os braços de Emily foram ao redor dos ombros dele, os lábios no pescoço, saboreando-o, sentindo-o.

O calor despejava do corpo dele para o dela. Era como se a cada vez que eles se tocassem, como se nenhuma parte do corpo já tivesse sido fria. O fogo da necessidade cuidadosamente longe sempre que ele estava longe, sempre chamejava para a vida uma vez que ela o visse novamente.

As labaredas estavam construindo. Enquanto dedos maus de prazer, brancos e quentes corriam por ela, estalando e atirando nas tenras terminações nervosas, sensibilizando-a, construindo o prazer até que ela estava clamando por ele, implorando por mais.

"Ah, chère", ele gemeu na orelha dele. "Você se move como seda contra mim".

As pernas dela apertaram ao redor dele enquanto ele a fodia mais duro, mais fundo. Do modo como ela gostava, com demanda desesperada, sem controle.

Os quadris dele batiam sobre ela, punhalada e empalada, levando seu membro dentro dos músculos apertados de sua buceta enquanto ela lutava para se conter, sugar cada partícula de sensação, cada microssegundo de desejo que os rodeava.

"Eu te amo, chère", ele sussurrou na orelha dela, a voz ofegante, espessa, áspera. "Com uma alma que eu não acreditava que possuía, eu amo você. Para sempre, Emily".

"Eu amo você". Os olhos dela abriram enquanto a cabeça dele erguia dos seios dela e os olhos dele pegavam-na. "Eu amo você—Kell—amo você".

Ela estava gritando enquanto a sensação a tomava agora. O orgasmo a rasgava, passava por suas terminações nervosas, dando espasmos em seu útero, e enquanto ela sentia o esperma dele inundando



sua buceta, ela foi mais alto.

Passado e futura se desintegraram. A mente dela se desintegrou. Derreteu embaixo do calor e do poder da liberação. A liberação dela, a liberação dele. Chamuscou a alma dela enquanto ele sussurrou seu amor novamente. Fez votos e jurou. Kell desmoronou sobre ela, segurando o peso nos cotovelos enquanto o tórax erguia com a necessidade de oxigênio e algo dentro de sua alma parecia se rasgar e ficar livre. Como se ao encarar o que sentia por ela, enfrentar com ela, de alguma maneira tivesse rasgado as sombras que o seguraram por tantos anos.

Com o pau ainda semi duro dentro dela, a primeira onda de fome assentou, erguendo a cabeça do travesseiro ao lado dela, ele achou o olhar preso no dela.

Doce e suave safira. O olhar dela estava cheio com emoção, carinho. Era suave com gentileza, cheio com satisfação.

"Diga novamente", ela sussurrou, os dedos tremendo enquanto eles erguiam para os lábios dele, tocando-os, como uma seda aquecida.

"Eu amo você". Ele falou as palavras contra os dedos dela, vendo as lágrimas juntarem e transbordarem dos olhos, o brilho da umidade descendo pelas bochechas coradas.

"Você me ama". Os lábios dele tremiam.

"Eu amo você, Kell".

"Nada mais de fetiche de preservativo?".

"Nada mais de fetiche de preservativo, Emily". Ele beliscou nos dedos dela. "Apenas nós dois".

Ele estava completamente ereto uma vez mais, o membro sensível cercado pelo calor de sua buceta enquanto ele começava a se mover novamente.

"Bebês?", ela sussurrou.

"Quando você estiver pronta". A garganta dele apertou com medo enquanto ele debruçava a testa contra a dela. "Seja paciente comigo, amor. Um passo de cada vez".

"Um passo de cada vez". A respiração dela prendeu enquanto os olhos começavam a ofuscar. "Oh, Deus, Kell—", ela se ergueu para ele, movendo os quadris embaixo dele, batendo, contorcendo, enquanto as pernas erguiam para apertar suas costas uma vez mais.

Ela o cercou, segurou-o, aqueceu.

"Eu amo você", ela clamou.

Ela o amou.

"Eu adoro você", ele gemeu no pescoço dela. "Com minha vida, meu coração, minha alma. Eu adoro você, Emily".



Enquanto a respiração lentamente retornava ao normal longos minutos mais tarde, Kell rolou para as costas, arrastando Emily com ele e olhando-a enquanto ela descansava em seu peito.

"Então, o que foi agora?", ela perguntou, o olhar sonolento e repleto, apesar das perguntas que ele podia ver lá.

"O que você quer dizer?", ele estava quase hesitante em perguntar.

"É hora de deixar o passado ir", ela sussurrou então. "Todo, Kell".

Ele ergueu o olhar dela, olhando para o teto pensativamente enquanto se lembrava dos avós. A esperança e dor nos olhos, o conhecimento de que eles não estariam por perto por muito mais tempo. E Emily estava certa, estava na hora de deixar o passado para trás.

"Quer fazer uma viagem para Louisiana?", ele perguntou enquanto a encarava abaixo, antecipação de repente o enchendo, uma sensação de retidão o invadindo.

O sorriso dela iluminou seu coração. "Louisiana soa maravilhoso, Kell".

"Tenho que mostrar a grand-père que eu realmente aprendi como pegar uma raposa". Ele sorriu com afetação e então segurou o cabelo dela. "Ele não acreditará em mim se você não for comigo".

"Eu sempre estarei com você", ela prometeu.

E ele acreditou porque amá-la significava acreditar. Queria dizer confiar. E isso era vida. Queria dizer que Kell Kreiger não estava mais só.

Epílogo

Ian se moveu pelo silêncio do hospital. Eram quase três horas da manhã, a segurança estava no ponto mais fraco agora, e era fácil para ele entrar despercebido no quarto.

Ela estava dormindo. Ele ficou contente por ela não estar acordada. Dizer adeus era uma droga. Inferno, ele apenas tinha chegado a conhecê-la.

Ele se moveu para a cama, tirando as mechas de cabelo preto do rosto pálido dela.

"Eu queria dizer adeus", ele sussurrou enquanto a encarava, os lábios apertados, o franzir lânguido arruinando a sobrancelha. Inferno, ela nunca realmente descansava? Ele estava certo de que não.

"Eu queria te dizer que eu podia ter—", ele estremeceu. "Que eu podia ter gostado de você".

Ela não podia ouvi-lo, e era melhor desse modo. Fazia mais fácil dizer as palavras em vez de apenas senti-las.

"Eu não queria partir sem dizer adeus", ele disse suavemente. "Sem te ver uma vez mais".



Uma carranca marcou através da sobrancelha dela, os dedos se movendo agitadamente embaixo dos dele.

"Adeus, Agente Kira Porter".

O Camaleão. Ela era uma das melhores agentes da Segurança Interna.

Ele se debruçou para frente, os lábios tocando a sobrancelha na mais suave das carícias antes de ele endireitar o corpo e deixar o quarto. Ele se moveu depressa pelo corredor. Ele já havia desperdiçado tempo suficiente, tinha uma reunião marcada.

Enquanto as portas do elevador abriam, ele deu de cara com Macey.

O outro homem estava debruçado contra a parede da parte de trás, o olhar castanho meditativo enquanto Ian entrava no elevador.

"Você está saindo?", ele segurou as portas do elevador abertas, rezando para que Macey estivesse lá para verificar Kira.

"Não. Eu vim para te ver". Macey cruzou os braços sobre o tórax e o encarou.

Merda. Ele deixou as portas fecharem.

"Eu localizei aquela última mensagem", Macey disse. "Levou um tempo. Quase dois anos, mas eu finalmente achei você. Você é Judas".

Ian olhava a porta do elevador.

"Diga-me que porra está acontecendo, Ian. Nós somos amigos, homem. Ajude-me aqui".

Ian enfiou as mãos nos bolsos. "Deixe para lá, Macey".

"Eu não posso deixar para lá. Judas é um dos homens do Fuentes. Nós sabemos disso. Eu acabei de localizar as porras dos e-mails dele vindos de você. Diga-me que foi um engano. Diga algo, droga".

"Não foi um engano".

O avião de Diego Fuentes o estava esperando no aeroporto. Um avião privado enviado para levá-lo para o pai. Inferno, não era para terminar assim. Fuentes nunca deveria descobrir que tinha um filho. Era a promessa que o pai de Diego havia feito para a mãe de Ian quando ela havia partido. Que Diego nunca saberia que ela estava grávida. Por alguma razão insondável o homem idoso quisera salvá-la de Diego.

"Você também nos traiu, Ian?", Macey perguntou então.

Ian fez uma careta. Inferno, não. Ele nunca trairia seu país. Ele nunca trairia seus amigos.

"Tenente Richards, eu te fiz uma porra de uma pergunta", Macey grunhiu.

Ian girou e lentamente o enfrentou. "Fuentes".

"O quê?".

"Ian Richard Fuentes. Fuentes é meu pai".



Ian se aproveitou da porta do elevador aberta e entrou, o olhar preso no rosto de Macey. Na traição nos olhos do amigo, a fúria se formando no rosto.

Ele tinha acabado de fazer um inimigo. O primeiro de muitos.

FIM

